

Movimento Espírita – Novos Horizontes

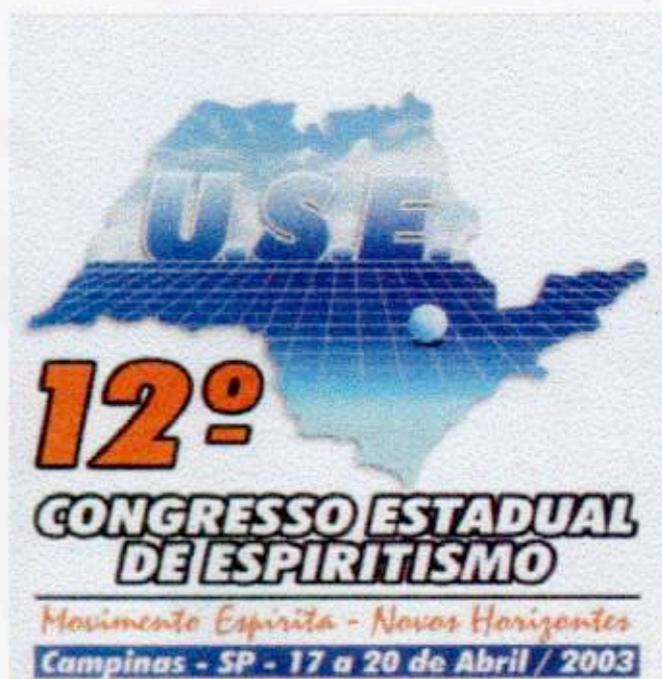


ANAIS DO XII CONGRESSO ESTADUAL DE ESPIRITISMO

PROMOÇÃO DA UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE
SÃO PAULO – USE

CAMPINAS – SP 17 À 20 DE ABRIL DE 2003

Movimento Espírita – Novos Horizontes



ANAIS DO XII CONGRESSO ESTADUAL DE ESPIRITISMO

**PROMOÇÃO DA UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE
SÃO PAULO – USE**

CAMPINAS – SP 17 À 20 DE ABRIL DE 2003

Sumário

Sumário	2
Palavras Iniciais	4
A Comissão Organizadora	4
Mensagem de Bezerra Menezes	4
Comissão Organizadora	4
Temas do Congresso	6
Temas e Sub-Temas	7
Solenidade de abertura do XII Congresso	10
O Movimento de Unificação	12
As origens do Modelo atual de atuação da USE no E. de São Paulo	12
O Estatuto da USE-SP: atendendo o ontem, desafiando o futuro	13
Modelo de rede: as exigências para uma nova estrutura funcional	14
Quebra de paradigmas no Movimento Espírita e União das Sociedades Espíritas.	20
Necessidade do diálogo entre as Casas Espíritas:	21
o fórum da USE	21
Uma análise dos problemas que impedem o trabalho colaborativo entre as Sociedades Espíritas	24
Dirigentes sem preparo. Centros sem estrutura. A qualidade em questão	25
A USE e a representatividade do Movimento Espírita na Sociedade: um espaço a ser conquistado	27
Operação Quo Vadis	28
O Acesso à informação no Movimento Espírita: saber, votar e contribuir	31
Contribuições para o planejamento trienal	32
Comunicação Social Espírita	35
O Espiritismo e a Mídia: nossa linguagem	35
A divulgação do Espiritismo, a política e as demais crenças	36
Espiritismo e radiofonia	37
Linhas mestras para uma linguagem única em todo o Estado	38
O Livro Espírita: critérios para a escolha de novas edições	43
Espiritismo abrindo fronteiras no mundo: a perspectiva do Esperanto	47
O resultado dos cursos de Esperanto no ambiente Espírita	48
A credibilidade da informação na Internet	49
Recursos didáticos na exposição: o uso do audiovisual	49
Contribuições para o Planejamento Trienal	51
Ação Social Espírita	53
O Espiritismo e a ação social: uma história de altos e baixos	53
Creches e grupos família: um posicionamento	54
Sociedades Espíritas e as terapias de apoio aos necessitados	55
Sociedades Espíritas e as terapias convencionais	56
A participação do espírita nos órgãos municipais de ação social	56
O Centro Espírita e seu envolvimento com a comunidade local	60
O Centro Espírita e as ações que alcançam presídios	61
Centro Espírita: sopa e religião. Paliativo ou solução?	62
O Centro Espírita e o drogado que lhe bate à porta: que respostas, que ações? ..	65
O Centro Espírita: a violência e o medo à sua porta	67
Contribuições para o Planejamento Trienal	70
Educação Espírita	71
Educação Espírita: situando-nos em nossa história	71

Reavaliação do ensino espírita nos Centros Espíritas.....	72
Apontando onde há problemas, levantando pontos relevantes.....	75
Reavaliação do Ensino Espírita no Centro Espírita.....	77
Tabulação do Questionário Inicial.....	77
Apontando onde há problemas, levantando pontos relevantes.....	79
Resultados do trabalho em grupo.....	79
Educação: Sentimento e Razão, a busca do equilíbrio na Educação Espírita.....	82
A Educação Espírita dos adultos.....	87
Educação Espírita da criança: novos caminhos.....	89
Evangelizadores: sua formação e como motivá-los.....	91
A Educação Espírita e a formação da identidade espírita.....	94
Mocidade Espírita: Caminhos de estudo e ação.....	94
O Espiritismo em seu triplice aspecto: científico, filosófico e religioso.....	106
A contribuição do Espiritismo a outras áreas do conhecimento humano.....	117
Contribuições para o planejamento trienal.....	122
Temas Livres.....	124
O Dirigente Espírita e suas ações pedagógicas motivadas pela Doutrina Espírita.....	124
As drogas: trabalhos especializados da FEESP.....	126
Filosofia Espírita para crianças.....	128
Além da caverna, há luz e espaço.....	130
IRC-Espiritismo: o Espiritismo na Internet.....	131
Associação Espírita Jesus e Caridade e Lar Espírita Maria de Nazaré.....	134
Feiramor - Feira Espírita Beneficente: Uma feira de amor e arte.....	134
Caos, complexidade e a influência dos espíritos sobre os fenômenos da natureza.....	136
Diskardec (Serviço de apoio fraterno através do telefone).....	138
O tempo, a arte, a Casa Espírita.....	144
Reciclagem de materiais descartáveis na Casa Espírita.....	145
Equilibrando o tripé (tríplice aspecto da Doutrina Espírita).....	147
Premissas fundamentais para se organizar o Ensino do Espiritismo.....	150
Integração: Mocidades e dirigentes espíritas podem conviver no mesmo espaço?.....	154
A importância do conteúdo doutrinário na palestra espírita e a responsabilidade do expositor na difusão do Espiritismo.....	160
Educação e identidade espírita: um binômio que precisa ser desenvolvido em conjunto.....	167
Contribuição espírita aos presidiários.....	170
Como deve atuar um Centro Espírita para ajudar a solucionar o problema da violência?.....	171
União das Sociedades Espíritas: utopia, fantasia, diretrizes equivocadas ou falta de política objetiva?.....	174
XII Congresso em números.....	181
Agradecimentos.....	181
Até Guarulhos.....	182
Considerações finais.....	182

PALAVRAS INICIAIS

O Movimento Espírita vem, ao longo dos anos, contribuindo de forma gradativa com a melhoria de nossa sociedade. Orgulha-nos positivamente o trabalho dedicado de milhares de trabalhadores da Seara do Bem que, abnegadamente, doam seu tempo e energia em prol da Causa Espírita.

Embora os muitos acertos percebe-se que muitas ações, por serem frutos de esforços isolados de companheiros idealistas, poderiam ter sido melhor realizadas se encontrassem mecanismos de colaboração desenvolvidos em nosso Movimento como um todo. Neste quadro, muitos apontam experiências positivas e negativas que precisam de reflexão e ajustes, incentivo e divulgação.

Estando este *XII Congresso* acontecendo no alvorecer de um novo milênio, justo se faça um olhar crítico para as realizações do passado e se pontuem "*Novos Horizontes*" para nosso Movimento Espírita, respeitando a realidade de todos e integrando nossos esforços de forma coerente e ordenada. Uma vez que somos espíritas sinceros, formando um movimento – o Movimento Espírita – qual seria a *facies* dominante deste movimento? Pensemos um pouco. Onde somos mais falhos? Como podemos reconhecer os acertos e desvelar os pontos a serem aprimorados?

Este é um *Congresso* voltado para dirigentes e trabalhadores, buscando desvelar nossa realidade no Estado de São Paulo, identificar questões críticas, problematizá-las e levantar pontos relevantes a serem trabalhados num plano trienal.

De certa forma, orienta-nos o pensamento de trabalho, tolerância e busca de aprimoramento do Movimento Espírita. Se buscarmos um referencial de ação, podemos observar a necessidade de compreender nossa realidade e, assim, levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade, procurando então encontrar soluções.

Ao final deste *Congresso*, equipes de participantes, que estarão presentes em todas as salas em que os sub-temas estarão sendo discutidos, terão levantado apontamentos para pontuar os horizontes de uma proposta de trabalho para o triênio que se seguirá à realização do *Congresso*.

A Comissão Organizadora

MENSAGEM DE BEZERRA DE MENEZES

“SOLIDÁRIOS, SEREMOS UNIÃO. SEPARADOS UNS DOS OUTROS, SEREMOS PONTOS DE VISTA. JUNTOS ALCANÇAREMOS A REALIZAÇÃO DE NOSSOS PROPÓSITOS. DISTANCIADOS ENTRE NÓS, CONTINUAREMOS À PROCURA DO TRABALHO COM QUE JÁ NOS ENCONTRAMOS HONRADOS PELA DIVINA PROVIDÊNCIA”

COMISSÃO ORGANIZADORA

A cidade de Campinas, cognominada Princesa do Oeste, foi eleita por unanimidade pelo Conselho Deliberativo Estadual reunido em Assembléia, no dia 1 de

maio de 2000 na cidade de Bauru, para sediar o XII Congresso Estadual de Espiritismo em 2003, o primeiro do século XXI.

Evento muito importante para a comunidade espírita do Estado de São Paulo, reveste-se também de grande responsabilidade quanto à sua organização.

Em vista desse grande desafio, a USE Campinas não quis trabalhar sozinha e num belo gesto de companheirismo e união, convocou as demais USES Intermunicipais e Regionais que formavam a antiga Zonal Bloco B, atualmente, USE Zonal Centro, para que irmanadas no mesmo ideal, formassem a Comissão e as Sub-Comissões desse XII Congresso Estadual de Espiritismo.

Assim se integraram as USES Regionais com suas respectivas Intermunicipais de Campinas, Jundiaí, Sorocaba, Piracicaba, Mogi Mirim e Rio Claro.

Falamos acima em Zonal Bloco B e Use Zonal Centro. Que entidades são essas? Vamos retroceder no tempo para saber como tudo começou. Na década de 1980, do século passado, ainda na época dos antigos CRES (Conselhos Regionais Espíritas) reuniram-se os CRES de Campinas, Sorocaba, Rio Claro e São João da Boa Vista, respectivamente com suas Uniões Municipais e Intermunicipais (antigas Umes e Unimes) a fim de constituírem uma entidade que teve o nome de Zonal Bloco B, cujo objetivo era o intercâmbio cultural de experiências entre os CRES, confraternização e o incentivo à implantação e aperfeiçoamento dos estudos e práticas espíritas. A Zonal Bloco B possuía ainda seus departamentos, a saber: Livro, Orientação Doutrinária, Mocidade, Assistência Social e Evangelização da Infância.

As reuniões eram trimestrais, cada vez em uma cidade, onde eram discutidos temas doutrinários de importância e interesse geral do Movimento Espírita da região.

Foram reuniões memoráveis! Na parte da manhã era discutido um tema pré-estabelecido, apresentado por um expositor convidado e que realmente entendesse do assunto. Seguia-se o almoço de confraternização e na parte da tarde, através de uma sessão plenária, o tema era discutido e encaminhado para as conclusões finais. E, os dirigentes dos órgãos de Unificação, encarregavam-se de levar essas conclusões para serem apresentadas e implantadas nos centros espíritas de sua jurisdição.

Como se adotava o sistema de rodízio entre as cidades, essas reuniões eram realizadas em Campinas, Indaiatuba, Rio Claro, Limeira, Piracicaba, Americana, Santa Bárbara D'Oeste, São João da Boa Vista, Mogi Guaçu, Mogi Mirim, Araras, Leme, Jundiaí, São José do Rio Pardo e Sorocaba.

Trabalhos muito bons foram elaborados através da Zonal Bloco B, os quais, posteriormente submetidos à apreciação do Departamento de Orientação Doutrinária da USE São Paulo, foram aprovados e publicados no livro Subsídios para Atividades Doutrinárias (Edições USE 1992) São eles: Organização do Departamento de Orientação Doutrinária do Centro Espírita, Atendimento Fraternal, Manual do Entrevistador do Centro Espírita e Ciclo Básico de Espiritismo. Esse livro, se bem usado pelos dirigentes espíritas, atende todas as necessidades das Casas Espíritas, contribuindo corretamente para a difusão e vivência da Doutrina Espírita.

Em 1992, com o novo Estatuto Social da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, houve a uniformização das siglas. Portanto as UMES, UNIMES, UDES e CRES passaram a chamar-se USE, Municipais, Intermunicipais, Distritais e Regionais, respectivamente. A Zonal Bloco B, mudou seu nome para USE Zonal Centro. Logo em seguida deu-se a criação da USE Regional de Piracicaba, Mogi Mirim e Jundiaí.

E a USE Zonal Centro continuou seu trabalho, com as reuniões trimestrais abordando sempre temas e problemas atuais à luz do Espiritismo.

Como é bom, de vez em quando, fazer uma viagem através do tempo! Quantas lembranças voltam e quantos fatos esquecidos vêm à tona! Muitos companheiros continuam participando até os dias atuais, outros, por motivos particulares, saíram, mas novos seareiros chegaram e o trabalho continua, com todos unidos no mesmo objetivo – a divulgação da Doutrina Espírita!

Não poderíamos deixar de registrar o nome de um seareiro, Jamil Nagib Salomão, que esteve sempre presente desde o começo da Zonal Bloco B. Além de grande lutador pela causa espírita, gostava muito de cantar músicas de serestas, nessas reuniões. Esteve conosco, fazendo parte dos preparativos para esse Congresso, até setembro de 2002, quando regressou à Pátria Espiritual.

Muito obrigado, Jamil, pelo seu trabalho, sua alegria, suas canções, suas discussões acaloradas e... suas brincadeiras.

Auspiciosa idéia teve a USE Campinas, reunindo para esse XII Congresso, todos esses companheiros de longa data. São mais de vinte anos de convivência fraterna.

Que o pioneirismo de Campinas possa servir de exemplo para os futuros Congressos Estaduais de Espiritismo!

“Unificar é reunir, para unir e produzir cada vez mais e melhor”.(Luiz Monteiro de Barros)

David Bianchini, Bemvinda Rachel B. de Oliveira, Sônia Pereira, Aécio Pereira Chagas, Raimundo Nonato Silva, Antonio Miranda Lopes Filho, Francisco Ribeiro Fernandes e Rubens Toledo (Campinas) José Francisco de Almeida e Marcelo R. C. Seoanes (Rio Claro) Luiz Lemuchi (Indaiatuba) Zildéa Aldrovandi Marques (Piracicaba) Jamil Nagib Salomão (in memoriam) Aurélio Gonçalves Robles e Valdir Farias da Silva (Americana) Jairo Silvestre Santos, Heitor Beltreschi e Lucas Yassumura (Jundiaí) Floreal Hernandez Barão (Itu) Hélio Alves Corrêa e Edmir Martinez (Sorocaba) Sérgio Villar (Mogi Mirim e Itapira) Júlia Nezu Oliveira e Atílio Campanini (São Paulo)

TEMAS DO CONGRESSO

1 – O Movimento de Unificação

Equipe do tema: Atílio Campanini, Carlos Fonseca, Donizete Pinheiro da Silveira, Francisco R. Fernandes, Hélio Alves Corrêa, José Argemiro da Silveira, Julia Nezu Oliveira e Ramatis Allan de Oliveira.

2 – Comunicação Social Espírita

Equipe do tema: A. J. Orlando, Ademir Xavier, Alexandre Zambello, Antônio C. Amorim, Fernando Correa, J. G. Pascale, Julieta Closer, Lucas Yassumura, Maria Célia Zambello, Norberto C. Weinlich, Rubens Toledo e Suzete Amorim.

3 – Ação Social Espírita

Equipe do tema: Edmir Martinez, José Carlos, Lúcia Mian, Marli Moreno dos Santos, Nilton Del Rio e Sérgio Villar.

4 – Educação Espírita

Equipe do tema: Cláudio Airoidi, Cyro Fumagalli, Maria Eny R. Paiva, Norberto Gaviolle, Wladimir Sanchez, David Bianchini e Aécio Pereira Chagas.

5 – Temas Livres

Equipe de Coordenação: José Francisco de Almeida, Marcelo Renato Seoanes e Zildéa Aldrovandi Marques.

6 – Palestras da Liga de Historiadores e Pesquisadores Espíritas

Coordenação: Eduardo Carvalho Monteiro

Temas e Sub-Temas

1 – O Movimento de Unificação

- 1.1 – A Organização do Movimento Espírita no Brasil e no mundo: uma visão abrangente: Nestor João Masotti (Brasília)
- 1.2 – As origens do Modelo atual de atuação da USE no Estado de São Paulo: José Antonio Luiz Balieiro (Ribeirão Preto)
- 1.3 – O Estatuto da USE-SP, atendendo o ontem desafiando o futuro: Joaquim Soares (São Paulo)
- 1.4 – Modelo de rede: as exigências para uma nova estrutura funcional: Julia Nezu Oliveira (São Paulo)
- 1.5 – Quebra de paradigmas no Movimento Espírita e União de Sociedades Espíritas: Antonio César Perri de Carvalho (Brasília)
- 1.6 – A necessidade do diálogo entre os Centros Espíritas: o fórum da USE: Ismael Gobi (Araçatuba)
- 1.7 – Uma análise dos problemas que impedem o trabalho colaborativo entre as Sociedades Espíritas: Aylton Paiva (Lins)
- 1.8 – Dirigentes sem preparo, Centros sem estrutura: a qualidade em questão: Orson Peter Carrara (Matão)
- 1.9 – A USE e a representatividade do Movimento Espírita na Sociedade: um espaço a ser conquistado: Altivo Ferreira (Santos)
- 1.10 – Operação Quo Vadis: Antonio Carlos Essado e Adolfo de Mendonça Jr (Franca)
- 1.11 – O acesso à informação no Movimento Espírita: saber, votar e contribuir: Neli Del Nery Prado (Bauru)
- 1.12 – Contribuições para um planejamento trienal: Equipe do sub-tema.

2 – Comunicação Social Espírita

- 2.1 – O Espiritismo e a mídia: nossa linguagem: Merhy Seba (Ribeirão Preto)
- 2.2 – A questão da ética nas comunicações: Luís Signates (Goiânia)
- 2.3 – A divulgação do Espiritismo, a política e as demais crenças: Wilson Garcia (São Paulo)

- 2.4 - Espiritismo e radiofonia: Éder Favaro (São Paulo)
- 2.5 - O jornal na divulgação espírita: linhas editoriais em questão: Ivan R. Franzolim (São Paulo)
- 2.6 - Linhas mestras para uma linguagem única em todo o Estado: Alkindar de Oliveira (São Paulo)
- 2.7 - O livro espírita: critérios para a escolha de novas edições: Alexandre Rocha (Bragança Paulista)
- 2.8 - Espiritismo abrindo fronteiras no mundo: a perspectiva do Esperanto: David Bianchini (Campinas) e Neusa Priscotin (Ribeirão Preto)
- 2.9 - A divulgação da Doutrina através do Rádio e TV: os fins e os meios: Luís Signates (Goiânia)
- 2.10 - A credibilidade da informação na Internet: Wilson Garcia (São Paulo)
- 2.11 - Recursos didáticos na exposição: o uso do audiovisual: Américo Sucena (São Paulo) e Ari Soares Sobrinho (Jundiaí)
- 2.12 - Contribuições para um planejamento trienal: Equipe do sub-tema.

3 - Ação Social Espírita

- 3.1 O Espiritismo e a Ação Social: uma história de altos e baixos: Elaine Curti Ramazzini (São Paulo)
- 3.2 A questão atual do novo pensamento da Ação Social: o terceiro setor: Adilson J. J. Pereira (São Paulo).
- 3.3 - Creches e grupos família: um posicionamento: Nedyr Mendes da Rocha (Campinas)
- 3.4 - Sociedades Espíritas e as terapias de apoio aos necessitados: Elaine Curti Ramazzini (São Paulo)
- 3.5 Sociedades Espíritas e as terapias convencionais: Nancy Pullmann Di Girolamo (São Paulo)
- 3.6 - A participação do espírita nos órgãos municipais de ação social: Neyde Schneider (São Paulo)
- 3.7 - O Centro Espírita e seu envolvimento com a comunidade local: Clodoaldo Lima Leite (São Paulo)
- 3.8 - Centro Espírita e as ações que alcançam presídios: Avildo Fioravanti (São Bernardo do Campo)
- 3.9 - Centro Espírita: sopa e religião. Paliativo ou solução? Miltes Aparecida Bonna (São Bernardo do Campo)
- 3.10 - O Centro Espírita e o drogado lhe bate à porta: que respostas, que ações? Luiz Fernando de Andrade Penteado (São Paulo)
- 3.11 - O Centro Espírita: a violência e o medo à sua porta: Miltes Aparecida Bonna (São Bernardo do Campo)
- 3.12 - Contribuições para um planejamento trienal: Equipe do sub-tema.

4 - Educação Espírita

- 4.1 - Educação Espírita: situando-nos em nossa história: Regis de Moraes (Campinas)
- 4.2 - Reavaliação do ensino espírita nos Centros Espíritas: Maria Eny Rossetini Paiva (Lins)
- 4.3 - Educação: sentimento & razão, a busca do equilíbrio na Educação Espírita: Dalva Maria B. Bonotto (Rio Claro)

- 4.4 – Educação: novos paradigmas educacionais: Cristina Mattioli e Marcos Kairala (Campinas)
- 4.5 – A Educação Espírita dos adultos: José Antônio Luiz Balieiro (Ribeirão Preto)
- 4.6 – Educação Espírita da criança: novos caminhos: Rita Foelker (Jundiaí)
- 4.7 – Evangelizadores: sua formação e como motivá-los: Élio Buin (Campinas)
- 4.8 – A Educação Espírita e a formação da identidade espírita: David Bianchini (Campinas)
- 4.9 – Mocidade Espírita: caminhos de estudo e ação: Sylvio Dionisio de Souza (São Carlos)
- 4.10 – A Doutrina em seu Tríplice Aspecto: Científico, Religioso e Filosófico: Silvio Seno Chibeni (Campinas)
- 4.11 – A contribuição do Espiritismo a outras áreas do conhecimento humano: Leila M. Rocha Abreu e Antônio Carlos D. Abreu (Campinas)
- 4.12 – Contribuições para um planejamento trienal Equipe do sub-tema.

Temas Livres

1. O Dirigente Espírita e suas ações pedagógicas motivadas pela Doutrina Espírita (enfoque espírita às atividades educacionais junto à criança e ao adolescente, educandos da casa Lar Anália Franco de Jundiaí) Ivani Padovani.
2. As Drogas: trabalhos especializados da FEESP: Zuleika Mesquita.
3. Filosofia Espírita para crianças: Rita Foelker.
4. Além da caverna, há luz e espaço: Helena D. Bragatto.
5. A participação dos espíritas em “personas”: Márcia E. de Aquino.
6. IRC-Espiritismo: o Espiritismo na Internet: Jailton P. da Silva.
7. Instituto Jesus e Caridade (trabalho realizado por espíritas de Mogi Mirim junto a deficientes internados) Emanuel Andrade.
8. FEIRAMOR (grande feira na cidade de Bauru) Neli Del Nery Prado.
9. Caos, complexidade e a influência dos Espíritos sobre os fenômenos da natureza: Alexandre F. da Fonseca.
10. DISKARDEC (Serviço de apoio fraterno através do telefone, realizado em Ribeirão Preto) Adilce Alves Fontes Teixeira.
11. O tempo, a arte, a Casa Espírita: Moacyr Camargo.
12. Reciclagem de materiais descartáveis na Casa Espírita: Cecília Luchesi.
13. Equilibrando o tripé (tríplice aspecto da Doutrina Espírita) Cristina H. Sarraf.
14. Pesquisas fundamentais para se organizar o ensino do Espiritismo: Claudine T. Carneiro.
15. Mocidades e dirigentes espíritas podem conviver no mesmo espaço? Irene W. Gaviolle.
16. A importância do conteúdo doutrinário na palestra espírita e a responsabilidade do expositor na difusão do Espiritismo: Norberto Gaviolle.
17. Educação e identidade espírita, um binômio que precisa ser desenvolvido em conjunto: Paulo de Oliveira.
18. Contribuição espírita aos presidiários: Arnaldo V. Carneiro.
19. Como deve atuar um Centro Espírita para ajudar a solucionar o problema da violência? Sonia M. de Oliveira.
20. União das Sociedades Espíritas: utopia fantasia, diretriz equivocada ou falta de política objetiva? Wladimir Sanchez.

Solenidade de abertura do XII Congresso

RUBENS TOLEDO (Campinas)
APARECIDO J. ORLANDO (São José dos Campos)

Uma festa para Campinas

As mais de três mil pessoas presentes à cerimônia de abertura do XII Congresso Estadual de Espiritismo, realizada no Ginásio de Esportes do Guarani Futebol Clube, viveram momentos de emoção superior. À noite de 17 de abril, véspera do longo feriado da semana santa, foi marcada por um manifesto pela paz, protagonizado por vários grupos musicais e também por uma belíssima conferência do tribuno Divaldo Pereira Franco.

Na platéia, representantes de 10 Estados e 79 cidades, incluindo uma comitiva da Federação Espírita do Paraguai, que veio divulgar o seu primeiro congresso espírita, previsto para setembro deste ano, em Assunção. A comitiva foi saudada no idioma hispânico, arrancando aplausos da platéia. Os esperantistas presentes também ouviram uma saudação na língua internacional pelo mestre de cerimônias e integrante da Comissão Organizadora, Lucas Yassumura, que também fala o idioma da paz. A Rádio Boa Nova transmitiu a cerimônia ao vivo, para ouvintes no Brasil e no Exterior, além da cobertura da TV Fênix, para o programa espírita *A Vida Continua*.

“Agora a vez é nossa”. O presidente da USE, Attilio Campanini, ao declarar abertos os trabalhos do Congresso, concitou os espíritas ao trabalho sob a bandeira da Unificação. “Agora a vez é nossa. Não podemos desperdiçar esta oportunidade”, disse Campanini, que encerra seu mandato em junho próximo. Segundo ele, o Movimento de Unificação vive um grande momento, em que o ideal espírita se sobrepõe às questões materiais e ao personalismo, sempre prejudiciais à causa.

O presidente da FEB, Nestor João Masotti, contextualizou o congresso paulista num período de lutas, contramarchas e também de muito progresso e felicitou a USE pela iniciativa. Na qualidade de secretário-geral do Conselho Espírita Internacional (CEI) Masotti reforçou o convite para o IV Congresso Mundial de Espiritismo, que se realizará na cidade de Paris, em 2004, dentro das comemorações do bicentenário de nascimento de Allan Kardec.

Também pela FEB, estiveram presentes à cerimônia o vice-presidente e editor da revista *O Reformador*, Altivo Ferreira, e o assessor de Comunicação do CEI e ex-presidente da USE, Antônio César Perri de Carvalho.

Duas entidades especializadas foram representadas no evento. Eder Favaro, ex-presidente da Associação Brasileira dos Divulgadores do Espiritismo (Abrade) e membro da ADE-SP, e Zalmir Zimmermann, fundador e presidente da Associação

Brasileira de Magistrados Espíritas (Abrame), compuseram a mesa principal, ao lado das entidades federativas Liga Espírita, Sinagoga Espírita, União Federativa e Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP).

A escritora e oradora Therezinha Oliveira, diretora do Departamento de Orientação Doutrinária do Centro Espírita Allan Kardec, que no ato representava as Casas Espíritas de Campinas, proferiu uma prece, pedindo dos congressistas “comunhão com o Alto e isenção de ânimo nos debates”. O presidente da Comissão Organizadora do XII Congresso, David Bianchini, justificou o tema central – Movimento Espírita – Novos Horizontes – evocando uma frase do grande educador Paulo Freire: “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções”

Em seguida, Paula Zamp, professora de canto e expositora da Federação Espírita do Estado de São Paulo, cantou *AMAI*, uma linda composição de sua autoria, preparando o ambiente para a conferência de Divaldo Pereira Franco.

O orador falou dos “Novos Horizontes da Ciência” ao evocar a obra de Daniel Coleman sobre Inteligência Emocional (QE) e o trabalho da física Ana Sorrah, sobre Inteligência Espiritual (QS) dos indivíduos. Divaldo Franco lembrou também o nome do cientista inglês Firssof e suas investigações acerca do Espírito. Como sempre, o público aplaudiu de pé. Num encontro mais íntimo com a Diretoria Executiva da USE, Divaldo fez algumas observações sobre o momento de “comunhão espiritual”, no Ginásio de Esportes, e desejou sucesso aos trabalhos do XII Congresso.

A música com temática espírita deu o tom da solenidade e foi também presença constante ao longo do Congresso. Rubinho e seu neto Renan, de 12 anos, abriram a noite, com uma canção de apelo à Paz, e Carlinhos Rosa, músico profissional de Campinas, homenageou Francisco Cândido Xavier, patrono do Congresso. O médium mineiro e outros grandes vultos do Espiritismo no Brasil e no mundo foram lembrados também em número apresentado por Ana Ariel e mais de 40 crianças do Educandário Francisco Cândido Xavier. Caio Blatt, ator da Rede Globo de Televisão e esposo de Ana Ariel, leu um texto de Allan Kardec – Credo Espírita – constante de *Obras Póstumas*, enquanto eram projetadas imagens de Léon Denis, Bittencourt Sampaio, Gandhi, Herculano Pires, Yvonne Pereira e outras importantes personalidades do Espiritismo. Mais tarde, o médium Divaldo Pereira Franco, confidenciaria a uma dirigente da USE, o que lhe era mostrado à sua visão psíquica naquela noite, dizendo que muitos desses companheiros, inclusive Cairbar Schutel, encontravam-se presentes à cerimônia.

O patrono do XII Congresso, Francisco Cândido Xavier, seria lembrado ainda na noite da palestra de Carlos Baccelli, no anfiteatro do Centro de Convenções do Hotel Nacionl Inn, pela própria Ana Ariel e também em um número do nosso companheiro Rubinho, cantando uma faixa do seu CD *Paz na Terra*, dedicada ao Chico.

O Grupo Renovação, do Rio de Janeiro, apresentou-se na solenidade de abertura do XII Congresso e também em duas Casas Espíritas da cidade de Campinas. Todos mostraram, além do talento natural, o seu perfil verdadeiramente espírita espelhado nas atividades de assistência e evangelização que realizam no Lar de Tereza, zona norte do Rio de Janeiro. O grupo é vencedor do Prêmio Revelação no Festival de Música de Franca.

As cantoras Triana, Luciana e Silvia, do Vozes do Amanhã, encantaram o público interpretando Sol de Primavera: “Quando entrar setembro, e a Boa Nova andar nos campos ...” e alguns números do seu primeiro CD, cuja venda tem seus resultados revertidos para a Creche Gustavo Marcondes, no distrito de Sousas. O Vozes apresentou-se também na Noite Artística, no anfiteatro do Nacional Inn, ao lado de Lino

Bittencourt, membro do Grupo de Mocidade Espírita da USE-Campinas. Juntamente com o Renovação e os jovens da Mocidade, eles disseram adeus aos congressistas.

O cantor espírita Moacir Camargo, responsável pelo tema livre que mostrou a música como instrumento de divulgação doutrinária e de evangelização no XII Congresso de Campinas e também na Comecelep (Encontro de Mocidades em Limeira) falou com entusiasmo sobre os grupos musicais e apoiou a idéia do vice-presidente da USE-Campinas, Décio de Oliveira, em organizar um festival de arte espírita na cidade.

O Movimento de Unificação

As origens do Modelo atual de atuação da USE no E. de São Paulo

José Antonio Luiz Balieiro

Fundação da USE – 05 de junho de 1947, data acordada, em que foi encerrado o I Congresso Estadual de Espiritismo (01 a 05/06/1947). O exame do panorama da época, as entidades patrocinadoras e o seu perfil, os objetivos visados, os pontos básicos do projeto, as situações a serem trabalhadas, os antecedentes marcantes, as realidades do movimento interiorano, são fatores importantes para se entender a ação da USE no trabalho de Unificação.

Ação interna e externa - O papel desempenhado pela USE no âmbito nacional, bem como as teses e trabalhos de unificação e doutrinários contribuíram para o desenvolvimento do anseio de unificação em nosso país. Mas, no Estado, desde o início, aconteceram empecilhos na ação interna, controvérsias e dificuldades surgiram, alimentadas por posicionamentos equivocados em relação aos pressupostos iniciais traçados como objetivos. A nova razão social, na década de cinquenta, foi entendida como mudança destes objetivos e foi ponto de afastamento. A teoria e a prática apresentaram os seus choques.

Sonhos de federar – As patrocinadoras da USE apresentaram problemas em relação à atuação federativa. A idéia da fusão da USE-FEESP vista por alguns como solução, não se concretizou, entraves e personalismo no movimento aconteceram, propiciando a reafirmação dos caminhos da USE: uma imagem e identidade para a tarefa de unificação, uma federativa que não é um centro espírita. A partir deste momento, a busca do fortalecimento de ações em pólos do interior e na capital, a união sempre pelo e para o trabalho, não por ações burocráticas e administrativas.

Novos tempos – No último quarto do século passado, aconteceu à amplitude para a sigla USE, projetada para todos os órgãos de unificação; os congressos ganharam

um novo significado, voltado para as necessidades da casa espírita; houve a criação das Edições USE e do jornal Dirigente Espírita, este especialmente voltado aos trabalhadores e dirigentes; foram criadas e revitalizadas campanhas voltadas ao social e à divulgação; atenção maior foi dedicada à adequação de casas e de seus dirigentes para atendimento das necessidades dos que procuram a instituição espírita; o trabalho de educação foi realizado; aconteceu a análise e reflexão sobre a realidade dos órgãos.

Como estamos – As necessidades e experiências, bem como a modernidade e avanços sociais, originaram o planejamento estratégico para a USE. O estabelecimento de missão; objetivos a serem alcançados, com a avaliação de pontos positivos e negativos de ações; a busca de uma postura espírita com visão de futuro; a unificação como processo gerado na fraternidade, respeitando diversidade e liberdade de manifestação, visando convivência solidária e plural no movimento espírita; marcam o momento. **Momento de avaliação. Hora de rever a origem. Aprender com os erros. Segurança para o serviço. Depende de ação pessoal.**

Bibliografia

MONTEIRO, Eduardo Carvalho. D'OLIVO, Natalino. USE 50 anos de unificação. São Paulo, Edições USE, 1997.

DIRIGENTE ESPÍRITA.

Documentos Administrativos da USE-SP.

O Estatuto da USE-SP: atendendo o ontem, desafiando o futuro

Joaquim Soares

Desde a sua formação o estatuto da USE, foi elaborado visando a participação de todas as casas espíritas que a compõem, no sentido de que as decisões fossem tomadas sempre das bases para o topo e retornando às bases para sua aplicação de acordo com as condições, necessidades e conveniências de cada instituição.

Ao longo do tempo o estatuto sofreu alterações que sempre visaram adequá-lo às novas situações, sem perder porém sua característica essencialmente democrática.

No início a representação junto ao CDE – Conselho Deliberativo Estadual – era feita pelos Conselhos Regionais (hoje USES Regionais). Em uma das reformas a representação passou a ser das UDES (Uniãoes Distritais) UMES (Uniãoes Municipais) e UNIMES (Uniãoes Intermunicipais) ficando então os Conselhos Regionais sem nenhum fórum de debates, dificultando a comunicação entre a DE (Diretoria Executiva) e os Conselhos Regionais. Posteriormente, em nova reforma mudou-se a nomenclatura dos órgãos de unificação, passando todos a serem USES, ou seja USES Regional, Distrital, Municipal e Intermunicipal, criando-se então o CA – Conselho de Administração – formado pelas USES Regionais e que teria como foco principal a discussão das questões

administrativas, auxiliando assim a Diretoria Executiva na tomada de decisões e execuções das tarefas administrativas.

Na prática porém, percebe-se ainda muita dificuldade na aplicação em sua totalidade desta estrutura, sendo então necessário que se estude a partir desse XII Congresso, a melhor adequação dos órgãos naquilo que propõe o estatuto, inclusive a posição do CA (Conselho de Administração) no organograma da USE-SP.

No plano de trabalho que se propõe a partir desse XII Congresso, este deve ser um item muito importante a ser analisado.

Modelo de rede: as exigências para uma nova estrutura funcional

Julia Nezu

O desenvolvimento de organizações articuladas em redes deve-se as transformações na economia e no meio empresarial que fizeram surgir novas formas de gerenciamento e atuação empresarial. As organizações de Terceiro Setor do Brasil têm percebido que o impacto social gerado pela sua atuação pode ser muito potencializado se suas ações forem articuladas em redes de maior abrangência técnica ou geográfica.

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo (USE-SP) possui um estatuto que admite uma administração descentralizada, onde cada órgão possui uma abrangência técnica e geográfica.

Organizações como a RITS (Rede de Informações do Terceiro Setor) têm programas específicos de sensibilização e apoio a formação de redes organizacionais no Terceiro Setor brasileiro. Segundo a RITS, existem hoje, no Brasil, uma grande variedade de redes organizacionais do Terceiro Setor sendo articuladas.

Relações conceituais entre rede e informação – Desde a década de 20, quando ecologistas começaram a estudar teias alimentares, o padrão de rede foi reconhecido como único padrão de organização comum a todos os sistemas vivos: “Sempre que olhamos para a vida, olhamos para redes”. (Fritjof Capra, em *A Teia da Vida*) Este padrão tem algumas propriedades principais, dentre elas está a não-linearidade (ela se estende por todas as direções) e a existência de laços de realimentação, que proporcionam a capacidade de auto-regulação.

Utilizando um exemplo citado em Capra, estes conceitos de laços de realimentação e auto-regulação ficam mais claros: em uma rede ativa de comunicação, uma comunidade pode aprender com os próprios erros, pois as conseqüências dos mesmos se espalharão por toda a rede e o aprendizado proporcionado por estes erros será conhecimento adquirido não só de seu gerador (aquele que errou) mas da rede inteira.

Quando a USE funcionar, de fato, como uma rede, os laços de realimentação proporcionarão a capacidade de auto-regulação, como conseqüência da experiência de todos que formam a equipe e compartilham da rede.

A capacidade de auto-regulação/auto-organização é um ponto central para a compreensão da dinâmica das redes. Este conceito foi um dos pilares da cibernética, disciplina nomeada por Norbert Wiener, que a definiu como a ciência do “controle e da comunicação no animal e na máquina”.

A palavra cibernética deriva do grego *kybernetes* (timoneiro) No exemplo original de Wiener, do timoneiro, os laços de realimentação são descritos na seguinte situação: quando um barco se desvia de um curso prefixado, a percepção do desvio pelo timoneiro (informação) o faz imprimir a correção movendo o leme para o lado oposto. Esta correção, por sua vez, gera um novo desvio para o outro lado, que é novamente corrigido pelo timoneiro e assim por diante – até que as oscilações ficam cada vez mais suaves e até imperceptíveis. Esta auto-regulação é possibilitada pelo que Wiener chamou de laços de realimentação.

A cibernética de Wiener alegava que o mundo natural não consiste apenas de matéria e energia, mas também de um terceiro componente básico: a informação. Podemos, por exemplo, considerar uma rede de organizações em que as informações que fluem pela rede circulam em laços de realimentação. Estes laços produzem auto-regulação, assim possibilitando “desvios de rota” cada vez menores. Esta capacidade de correção de rumo possibilitada pela informação remete ao conceito de informação como redutor de incertezas (ou de entropia) defendido matematicamente por Claude Shannon (Shannon, Claude. *A Mathematical Theory of Communication*)

Ainda é interessante observar que no conceito de informação de Belkin & Robertson, que identificou uma noção básica comum a várias definições de informação – a de estruturas sendo mudadas – é proposto que: “informação é o que é capaz de transformar estruturas”.

Quando a informação flui em todos os pontos da rede USE, aquela será capaz de transformar estruturas, que ainda estão lentas, desconectadas. As informações não fluem e não transformam as estruturas.

Redes e transformações organizacionais – O surgimento de uma economia informacional global deve-se a transformações profundas ocorridas no ambiente econômico nos anos 80 (Manuel Castells in *A sociedade em rede*) mais especificamente, na organização da produção e na configuração dos mercados ao redor do mundo. Apoiadas na tecnologia da informação, estas mudanças eram uma resposta das organizações ao acelerado ritmo dos acontecimentos. Este novo ritmo, em última análise, aumentava o nível de caos e incerteza dentro das organizações e era extremamente prejudicial à manutenção de altos níveis de racionalidade e ordem demandando para melhor desempenho destas. (Idalberto Chiavenato in *Introdução a Teoria Geral da Administração* e Bruno R. C. in *Manual de procedimentos para execução de pesquisa de mercado*)

Para reduzir o nível de incertezas causado pelas constantes e abruptas mudanças no mercado, as organizações e seus processos produtivos tiveram de se transformar. De processo de produção de massa, para produção flexível; do paradigma da empresa de grande porte independente, para interdependência e flexibilidade apoiadas em redes de pequenas empresas fornecedoras; e a ascensão de novos modelos de gerenciamento aplicados em empresas japonesas.

As organizações sejam empresariais ou não, estão constantemente em busca de estruturas capazes de enfrentarem ambientes de maior complexidade. Uma das respostas a esta busca por estruturas e estratégias alternativas de trabalho é o surgimento de uma forma de atuação que articula organizações e pessoas em um padrão de rede.

Técnicas para a articulação de uma rede organizacional –

Explorando o meio empresarial, temos a possibilidade de conhecer experiências de aplicação concreta desta lógica organizacional. Stamps (Jeffrey Stamps, in Rede de Informações) apresenta alternativas concretas para a estruturação e operacionalização de organizações em rede. Este autor explora o conceito de redes de equipes que são utilizadas por empresas para conduzir seus negócios transpondo fronteiras internas e externas. Segundo Stamps, redes de equipes reúnem duas idéias fortes: “equipes, nas quais pequenos grupos de pessoas trabalham com objetivo, motivação e destreza para atingir metas compartilhadas, e redes, nas quais diferentes agrupamentos de pessoas e grupos” ligam-se “para trabalhar em conjunto com base em um propósito comum”.

A USE necessitará de homogeneizar equipes, nas suas bases e na coordenação central, pessoas que trabalhem com objetivo, motivação e destreza para atingir metas compartilhadas, e **REDES**, nas quais diferentes equipes estejam ligadas, unidas, com base em um propósito comum.

A transposição de fronteiras é um requisito cada vez mais importante devido ao surgimento de novas formas de conexão entre pessoas, onde organizações aparentemente isoladas passam a ocupar um espaço maior no mercado global. Cada órgão da USE deve transpor as fronteiras de sua jurisdição territorial e trabalhar uma visão de conjunto.

Difícilmente uma organização pode isoladamente fazer tudo por todo o tempo, pois isso é demasiadamente complicado, dispendioso e arriscado em longo prazo. Redes de equipes podem ser utilizadas na composição de redes entre organizações de todos os tamanhos e para propósitos diversos. Mesmo em uma situação de competitividade, organizações ainda podem, com transparência, chegar a um acordo de cooperação onde se compartilham apenas as informações pertinentes ao projeto em questão.

Redes de equipes são baseadas em: I) objetivos específicos em comum; II) participantes definidos; III) pessoas interligadas com ampla utilização da tecnologia da informação; IV) multiplicação de lideranças; V) interligação e livre trânsito entre os níveis hierárquicos da organização.

Participar de uma Rede Organizacional envolve algo mais do que apenas trocar informações a respeito dos trabalhos que um grupo de organizações realiza isoladamente. Estar em rede significa realizar conjuntamente ações concretas que modificam as organizações para melhor e as ajudam a chegar mais rapidamente a seus objetivos.

Para que uma Rede Organizacional exerça todo o seu potencial é preciso que sejam criadas equipes de trabalho que atendam a alguns princípios: I) Existência de um propósito unificador. É o espírito de uma rede. Pode ser expressado como um alvo unificador e um conjunto de valores compartilhado pelos participantes, de forma esclarecedora, democrática e explícita. II) Participantes independentes. Fazer parte de uma rede não quer dizer deixar de lado sua independência. Ao contrário, uma rede requer participantes independentes, auto-motivados, não limitados por hierarquias. Cada participante possui talentos únicos, diferentes e valiosos para trazer ao grupo e para exercer sua criatividade é preciso independência. É o equilíbrio entre a independência de cada participante e a interdependência cooperativa do grupo que dá força motriz a uma rede. III) Interligações voluntárias: Os participantes da rede se relacionam e realizam tarefas de forma voluntária e auto-motivada, podendo escolher seus interlocutores e optar por trabalhar em projetos que os ajudem a cumprir seus objetivos pessoais e organizacionais. IV) Multiplicidade de líderes. Uma rede possui menos chefes e mais líderes. Líderes podem ser caracterizados como pessoas que assumem e mantêm compromissos, mas que também sabem atuar como seguidores – se deixar ser

liderado. Como cada participante traz seus talentos à rede, estes vão ser utilizados para a resolução dos complexos problemas trazidos pelo grupo. Descentralização, independência, diversidade e fluidez de lideranças são atestados de autenticidade de uma rede que visa a transposição de fronteiras. V) Interligação e transposição de fronteiras. Redes pressupõem transposição de fronteiras, sejam geográficas, hierárquicas, sociais ou políticas. O alcance dos objetivos e propósitos são prioridades, não importando se para isso seja necessário que o gerente delegue uma tarefa ao diretor, ou se à pessoa que melhor complementa a sua aptidão para um determinado projeto, esteja trabalhando a 2000 km de distância.

Tipos de articulação de redes – Pode-se observar dois tipos de articulação muito comuns: I) Articulações sistemáticas/orientadas, ou seja, as ações empreendidas pela rede como um todo, definidas a partir de consensos e demandas estratégicas dos participantes. II) Articulações pontuais/livres, aquelas ações empreendidas pelos participantes de forma não necessariamente coordenada, em pequenos grupos, geralmente de curta duração e para cumprimento de objetivos e necessidades pontuais, por vezes estanques.

As articulações sistemáticas surgem com naturalidade a partir do momento em que os integrantes da rede têm clareza dos objetivos da mesma e do benefício concreto de sua participação. São ações como o desenvolvimento e utilização de uma determinada ferramenta de comunicação, a composição de uma agenda de encontros e eventos para os integrantes da rede ou a organização de grupos de trabalho focado nos assuntos de interesse de seus participantes.

As articulações pontuais são fruto do natural crescimento do fluxo de informações entre os integrantes; são baseados mais nos laços e afinidades dos participantes do que nas estratégias do grupo. Com o maior conhecimento que um participante tem da operação de outro, surge oportunidade de colaboração que representam sinergia ou ganhos de escala. São atividades como o compartilhamento de uma determinada estrutura operacional para atividades semelhantes, troca de bancos de dados ou exploração conjunta de uma oportunidade de ação, por exemplo.

Barreiras para a articulação de redes – Participar de uma rede e promover a articulação da mesma, algumas vezes é uma tarefa inglória. Esta tarefa geralmente fica a cargo de uma pessoa envolvida na rede e é cada vez mais comum (e necessária) a figura do articulador de redes nas organizações do Terceiro Setor. Porém, há um paradoxo na tarefa do articulador de redes. Se dizemos que uma rede depende de interligações voluntárias e que seus participantes devem ser auto-motivados, surge uma questão: como promover uma participação que se pretende que seja espontânea? Temos, portanto, que conviver com esta pergunta e entender que o sucesso ou fracasso de uma rede depende menos do desempenho de seu articulador (que não é dotado de mais poderes ou capacidades do que outros participantes da rede) e mais da percepção de que a atividade de enredar-se agrega valor às demais atividades do dia-a-dia de cada um dos participantes de uma rede.

Podemos identificar algumas barreiras comuns à articulação de redes organizacionais. Estas barreiras podem ser classificadas em três tipos de limitações: I) Barreiras políticas; II) Barreiras Técnicas. III) Barreiras internas.

Barreiras políticas – Uma rede pode facilmente esbarrar em problemas relacionados a formas de exercício da liderança entre seus participantes. Não é possível pensar em uma rede horizontal, sem liderança. Parece mais apropriado usar a imagem

de uma rede não horizontal, mas **encarçada**, onde a própria dinâmica de relacionamento entre os integrantes fortalece a todos para proporem e empreenderem ações de acordo com suas habilidades e objetivos.

Porém esta liberdade pode gerar conflitos e dependendo do nível de entendimento e harmonia entre os participantes, isso pode se tornar um obstáculo muito oneroso para a rede. Mesmo assim, uma rede possui seus mecanismos de regulação e defesa. Quanto mais uma rede for coesa e dotada de um propósito claro e unificador, mais preparada ela estará para lidar com eventuais problemas de relacionamento entre seus integrantes. Portanto, em um ambiente confiável de troca entre pessoas, uma característica como a diversidade, por exemplo, pode funcionar como um impulso para uma interação mais rica e criativa; por outro lado, em um grupo dividido em seus propósitos e com elos fracos de confiança, a diversidade pode ser um terreno fértil para conflitos e conseqüente desagregação.

Barreiras internas – Como barreiras internas, podemos entender as dificuldades que são originárias na estrutura operacional e/ ou cognitiva da cada organização participante de uma rede. Ou seja, podem haver barreiras relacionadas a estrutura de trabalho da organização ou, ainda, problemas na compreensão que cada participante tem dos conceitos de uma rede. Dentre as barreiras internas estão: I) Confusão conceitual: muitos participantes têm certa dificuldade em entender a dinâmica de funcionamento de uma rede de organizações. Isso pode ser decorrente de uma cultura baseada em estruturas hierarquizadas e pouco flexíveis, em que somos inseridos desde a infância. II) Problemas internos de cada organização: alguns fatores relacionados à gestão atrapalham especialmente o potencial de uma organização para atuar em rede. Falta de direcionamento estratégico da organização: para a atuação em rede, um aspecto facilitador é que os participantes tenham claros os seus objetivos e interesses organizacionais (internos). Isso proporciona um melhor posicionamento dos membros na cadeia de valor de uma rede. III) Falta de tempo: para atuação em rede é preciso entender as atividades relativas à manutenção da comunicação entre seus membros como uma tarefa de rotina, mesmo que os resultados não sejam tão perceptíveis a curto prazo. IV) Foco em outras atividades mais urgentes: esse item é muito relacionado com os dois, anteriores. Dentre as atividades que substituem as articulações da rede, estão as tarefas relacionadas à captação de recursos ou outras atribuições prioritárias/emergenciais que aparecem com freqüência.

Dicas para a articulação de redes – A articulação de uma rede pode dar ênfase a: A) Incentivos a articulações regionais: estas articulações podem render bons frutos, pois organizações de uma mesma região tendem a ter problemas similares e por estarem geograficamente próximas têm maiores possibilidades de realizarem reuniões presenciais. B) Encontros presenciais: estes encontros reforçam os elos de confiança da rede e a tornam mais propícia a comunicação e trabalho conjunto. Embora nem sempre todos os integrantes de uma rede possam comparecer a reuniões presenciais, as comunicações aumentam significativamente após os encontros. Se houver tecnologia disponível, é interessante transmitir estes encontros via Internet para toda a rede e ainda estimular a participação on-line. C) Construção de um informativo: O objetivo é manter os participantes atentos às ações da rede.

Questionamento para o desenvolvimento de uma rede – Em algum momento, uma rede enfrentará alguns questionamentos em relação ao seu desenvolvimento. Podem ser identificados dois caminhos possíveis: a rede poderá optar

por maior controle e formalização, caminhando para sua institucionalização, ou pode escolher uma alternativa onde se tenha mais flexibilidade, abrindo mão do controle e contando com resultados mais a longo prazo.

A USE caminhou para a sua institucionalização, mas não tem maiores controles ou formalizações, o que dificulta o acompanhamento dos órgãos que formam a sua rede.

As vantagens de se ter uma estrutura mais controlada para uma rede é a possibilidade de obter resultados a mais curto prazo, porém o preço que se paga por isso é alto: a possível perda do calor humano existente nas relações informais e voluntárias entre seus membros. A formalização tende a esfriar as relações pessoais e isso pode ser fator desagregador e até representar a descaracterização de uma estrutura de rede.

Por outro lado, o descontrole em excesso também pode ser danoso e até desagregador. Mas uma rede que tem propósitos convergentes possui, embutida em si, uma estrutura de auto-regulação. Os problemas que aparecem em um determinado ponto de rede, reverberam pela sua extensão, e a tendência é que de dentro dela mesma saia uma solução. Devido a este fator, somos sempre inclinados a uma condição mais flexível para uma rede, mas para isso não há regras e a única forma de decidir é levando este tipo de discussão aos próprios integrantes da rede, no momento oportuno.

Porém, uma forma de manter uma certa formalização e controle é através da constante ativação do fluxo de informações que existe na rede. Uma rede de organizações pode ser visualizada como uma teia, onde os pontos são as organizações (e seus participantes) e as teias que ligam os pontos, os fluxos de informação. Portanto, quanto mais ativo esse fluxo, maior a força da rede.

Conclusões – O modelo organizacional da USE dada à própria característica de seu Estatuto que é descentralização, permite a visualização em forma de uma teia, onde os pontos são os seus órgãos com seus participantes e que se ligam uns aos outros formando uma rede. Este emergente modelo organizacional será capaz de aprender mais rapidamente com os próprios erros, reduzindo incertezas em seus processos e promovendo constantes transformações em suas estruturas.

O sucesso do funcionamento do modelo em rede dependerá de uma troca mais freqüente de informações e a cooperação em níveis operacionais como também no âmbito estratégico de cada órgão. Dependerá da capacidade de cooperação da equipe de cada órgão, do compartilhamento e da competência da Diretoria Executiva da USE Estadual.

Bibliografia

AYRES, Bruno R C. Manual de procedimentos para execução de pesquisa de mercado. Monografia não publicada. Brasília, Universidade de Brasília, 1999.

BOS, Lex. Doze dragões em luta contra as iniciativas sociais. São Paulo, Editora Antroposófica, 1994.

CAPRA, Fritjof. A teia da vida. São Paulo, Editora Cultrix, 1996.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1999. Vol. 1.

CASAROTTO FILHO, Nelson. PIRES, Luiz Henrique. Redes de pequenas empresas e desenvolvimento local. São Paulo, Editora Atlas, 1998.

FREIRE, Isa. Informação; consciência possível. Ciência da Informação. Vol 24, número 1, 1995.

SCHLITHLER, Célia R. Belizia. Grupalizar para transformar [Trabalho não publicado]

SHANNON, Claude. A mathematical theory of communication. The Bell System Technical Journal. Vol 27, jul-out 1948, pags 379-423, 623-656.
STAMPS, Jeffrey. Redes de informações. São Paulo, Makron Books, 1994.

Quebra de paradigmas no Movimento Espírita e União das Sociedades Espíritas.

Antonio César Perri de Carvalho

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo tem quebrado paradigmas desde a sua origem. Surgiu especificamente para atuar como entidade federativa e unificacionista, sem se caracterizar como um centro espírita, e como fruto de elaboração coletiva, fundada em função de tese aprovada durante o I Congresso Estadual de Espiritismo, em 1947.

Suas primeiras ações, além de ser organizar em órgãos de unificação descentralizados no Estado, foi promover o I Congresso Brasileiro de Unificação Espírita (1948) e seus dirigentes estimuladores e signatários do "Pacto Áureo" (1949) originando o Conselho Federativo Nacional da FEB.

Desde sua origem, estimula e patrocina cursos e reuniões sobre atividades doutrinárias e infanto-juvenis. Iniciou campanhas históricas como a "Comece pelo Começo". Marcou posição com a "Carta aos Centros Espíritas" e propondo a "Campanha Viver em Família".

A Editora da USE e o jornal "Dirigente Espírita" mantém linha editorial especializada, com ênfase a temas dedicados aos dirigentes e colaboradores das instituições espíritas.

Realiza estudos sobre a realidade do Movimento Espírita paulista. Promove Congressos Estaduais trienais com temática direcionada às Instituições e ao Movimento Espírita.

Estimula a convivência fraterna entre as instituições espíritas com base em proposta unificacionista de evitar interferências, respeitar as desigualdades e estimular a difusão da Doutrina Espírita.

Necessidade do diálogo entre as Casas Espíritas: o fórum da USE

Ismael Gobi

O sub-tema "NECESSIDADE DO DIÁLOGO ENTRE AS CASAS ESPÍRITAS - O FORUM DA USE", desenvolvido no 12º Congresso Estadual de Espiritismo, demonstra uma preocupação da USE no sentido de encontrar a forma mais adequada para promover o diálogo entre as Casas Espíritas.

E se o próprio título da proposição carrega a expressão **necessidade**, emerge a evidência de que o diálogo pode estar aquém das expectativas que o movimento espírita requisita no processo da construção de uma família espírita unida, fraterna e solidária.

Compulsando algumas páginas do Novo Testamento, sobretudo as epístolas grafadas por Paulo, destacamos ótimos exemplos da solidariedade reinante entre a família cristã dos primeiros dias como, também, as providências que o apóstolo dos gentios colocou em prática para que esse diálogo que a USE ora fomenta, se estendesse pelas várias comunidades que fundara ao longo do Mediterrâneo histórico:

"E todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E perseveravam unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração.

(Atos 2- 44 a 47)".

"Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer.

(I Coríntios 1 a 10)

Assim, considerando que as Casas Espíritas são as células que compõe o movimento espírita, movimento este que a USE tem por missão manter coeso, indispensável se torna a promoção do diálogo entre as mesmas, sempre de maneira respeitosa, salutar e sem ingerências, como soe acontecer nas iniciativas desse órgão unificacionista, a fim de que todo o conjunto atue de forma eficiente na tarefa de difusão da Doutrina Espírita.

O fórum ou fóruns adequados para esse mister são todas as atividades que a USE encetar em parceria com suas filiadas, esmerando-se o mais que possa na criação do clima favorável à pretendida aproximação entre as mesmas.

KARDEC E BEZERRA

O bom relacionamento e o intercâmbio entre as Casas Espíritas precisam ser bem trabalhados pela USE a fim de que o Movimento Espírita tenha uma visão mais universal do seu papel. É comum detectar-se Casas e Entidades espíritas atuando de forma muito isolada, sem a percepção de que precisamos

preconizado por Allan Kardec, o insigne codificador da Doutrina Espírita que, sábio como sempre, observa:

“Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã”.
(O Livro dos Médiuns, cap. XXIX, item 334)

Quanto ao avanço do movimento unificacionista faz-se necessário o interesse e preocupação constante dos órgãos que para ele se dedicam, porém, sem precipitação, agindo com respeito e tolerância, pregando a fraternidade, estendendo a mão àqueles que ainda esposam algumas diferenças de cunho doutrinário, mas tentam se aproximar do órgão unificacionista em busca das orientações que lhes faltam, enfim, deve-se levar em conta e compreender as características individuais e coletivas, preservando a pureza doutrinária sem vaidade ou agressão, fazendo-nos reconhecidos pelo exemplo e não pela força. É essa visão que nós dá o querido Bezerra de Menezes, nosso “Kardec Brasileiro”, em oportuna e ponderada orientação:

“O Serviço da Unificação em nossas fileiras é urgente mas não apressado. Uma afirmativa parece destruir a outra. Mas não é assim. É urgente porque define o objetivo a que devemos todos visar; mas não apressado, porquanto não nos compete violentar consciência alguma”.

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo, surgida em 05 de junho de 1947, tem buscado trilhar esse caminho, tendo sempre presentes as oportunas ponderações de Kardec e Bezerra que sempre nos levam a considerar os meios para justificar os fins.

O DIÁLOGO. ALGUMAS AÇÕES CONHECIDAS

A etimologia da expressão “Diálogo” contida no Novo Aurélio se amolda perfeitamente ao sentido que se busca formular para a promoção do diálogo entre as Casas Espíritas: *“Troca ou discussão de idéias, de opiniões, de conceitos, com vista à solução de problemas, ao entendimento ou à harmonia...”*

O movimento espírita é rico de experiências e sua atuação se dá em todos os sentidos: no campo doutrinário, no assistencial, nas artes, no convívio social.

Porém, como a comunidade espírita, a exemplo das demais, é formada por individualidades com características próprias, com peculiaridades e pendores não necessariamente iguais, essas diferenças se refletem no trabalho do grupo a que se vinculem e, por via de consequência, nem sempre esses grupos caminham obedecendo exatamente o mesmo diapasão.

A essas diferenças é que os órgãos da unificação precisam direcionar ações de harmonização para justificar as suas próprias existências.

Pela sua Diretoria Executiva e todas as suas projeções no Estado, a USE tem ensejado inúmeras atividades direcionadas à

aproximação das Casas Espíritas, promovendo tarefas que ensejam oportunidade do diálogo, convivência fraternal, auxílio mútuo, entendimento e harmonização de ações.

Dentre elas podemos destacar:

- **Escala de oradores**. Esse trabalho consiste na elaboração de uma escala que pode ser mensal, trimestral, semestral, etc, onde o órgão municipal, regional ou estadual, serve como intermediário para atender as necessidades de expositores para as casas espíritas, cadastrando oradores com condições para desenvolver palestras, seminários, cursos, etc... É uma oportunidade valiosa para fazer a aproximação das Casas Espíritas filiadas a USE entre si, através dos oradores e seus eventuais acompanhantes, e atender aqueles núcleos que são simpáticos ao trabalho do órgão, requisitam sua ajuda e dele estão procurando se aproximar.

- **Confraternizações locais e regionais** com ampla participação das Casas Espíritas;

- **Clubes do Livro Espírita** que atenda centros filiados e núcleos simpáticos com engajamento de trabalhadores responsáveis pela admissão de sócios e distribuição dos livros;

- **Corais Espíritas**; com abertura à participação de interessados de todas as Casas;

- **Jornais e Revistas Espíritas**; se possível com distribuição ampliada a todas as Casas;

- **Promoção de eventos como a FEIRAMOR, Mês Espírita, Comemorações, Palestras, Seminários, etc...**

- **Ajuda mútua entre as Casas** com possível intermediação da USE para atender necessidades (Ex: Seminários, Cursos, Evangelização, Mocidade, Assistência Social, orientações administrativas, etc).

- **Reuniões Administrativas dos órgãos locais** com ampla participação.

PROPOSTA DO CONGRESSO ESTADUAL

Como parte da programação do XII Congresso Estadual de Espiritismo foi desenvolvido o subtema "Contribuições para um planejamento trienal", onde se buscou trabalhar todas as alternativas apresentadas no conclave para elaboração do plano de trabalho da USE para o triênio 2003/2006 inclusive elencando as atividades que possibilitem a promoção do "Diálogo entre as Casas Espíritas", objeto deste subtema.

Embora conheçamos as dificuldades orçamentárias da USE, sempre trabalhando com reduzido quadro de colaboradores e mantendo uma estrutura extremamente limitada, sentimos uma entusiasmada disposição para vencer os obstáculos e darmos início a uma etapa de promissoras realizações.

É o que desejamos e, para tanto, mãos à obra.

Uma análise dos problemas que impedem o trabalho colaborativo entre as Sociedades Espíritas

Aylton Paiva

Estabeleceu Allan Kardec como lema: “Trabalho, Solidariedade e Tolerância”. Com relação à necessidade da união, da convivência solidária e colaborativa entre as Sociedades Espíritas, afirmou: “Esses grupos, correspondendo-se entre si, visitando-se, permutando observações, podem, desde já, formar o núcleo da grande família espírita, que um dia consorciará todas as opiniões e unirá os homens por um único sentimento: o da fraternidade, trazendo o cunho da caridade cristã”. (O Livro dos Médiuns, capítulo XXIX, item 334).

Encontramos no documento A Adequação do Centro Espírita para o Melhor Atendimento de suas Finalidades, produzido e aprovado pelo Conselho Federativo Nacional (CFN) da Federação Espírita Brasileira (FEB) ... V) ATIVIDADE DE UNIFICAÇÃO: a) Participar efetivamente das atividades do Movimento de Unificação; b) Conjuguar esforços e somar experiências com as demais Instituições Espíritas de uma mesma localidade ou região de modo a evitar paralelismo ou duplicidade de realização”. (Orientação ao Centro Espírita – FEB/CFN)

Ainda, no documento Orientação ao Centro Espírita, no capítulo XII – Atividade de Unificação do Movimento Espírita, item 2 – “Conseqüência da Integração do Centro Espírita nas Atividades de Unificação: a) Beneficia-se das experiências, atividades e realizações das demais Instituições Espíritas; b) Colabora com o desenvolvimento das demais Instituições, direta ou indiretamente”.

No Estatuto Social da USE, encontramos: “Capítulo I, art 3º, item II – Promover a união das sociedades espíritas sediadas no território do Estado, propiciando-lhes a troca de experiências”. (Estatuto Social da USE)

Assim, temos desde as propostas do Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, até as orientações dos Órgãos de Unificação, nos âmbitos estadual e nacional, o objetivo da colaboração entre as Sociedades Espíritas.

Por que isso ainda não ocorre com a amplitude e intensidade desejadas? Vamos refletir: a) Os grandes centros espíritas colaboram com os pequenos? b) Os pequenos centros espíritas aceitam a colaboração dos centros maiores? c) A falta do conhecimento doutrinário dificulta essa colaboração? d) Os Órgãos de Unificação estão sendo eficientes nessa integração? e) Os Centros espíritas que não colaboram uns com os outros estão interessados no trabalho da União e Unificação? f) O personalismo de médiuns e dirigentes dificulta a interação entre os centros para a necessária colaboração? g) A dificuldade da colaboração estaria no isolacionismo ou na auto-suficiência?

As respostas adequadas são fundamentais para o Centro Espírita e o Movimento de Unificação.

Dirigentes sem preparo. Centros sem estrutura. A qualidade em questão.

Orson Peter Carrara

Dirigentes sem preparo

Desconhecimento doutrinário

Postura autoritária, centralizadora e sem psicologia de relacionamento.

Isolamento ou não participação/integração com o movimento

Ausência de visão e/ou planejamento

Excesso de zelo ou excesso de confiança

Centros sem estrutura

Sem planejamento

Sem vinculação/fidelidade à Doutrina Espírita

Isolados ou fechados em si mesmos

Sem colaboradores

Descuidos nos aspectos físico, administrativo e de integração de seus tarefeiros.

Contaminados pelas disputas, ciúmes, melindres, fofocas, intrigas, personalismos...

As duas situações sugerem que há – **dificuldades do Espiritismo prático** – (não restrito à prática mediúnica)

Os espíritas trabalham muito. O isolamento de dirigentes que se julgam dispensados da participação no movimento, causam desestrutura nas casas espíritas. Observando o que os outros fazem temos um padrão para comparar o que fazemos. Ausência de visão, excesso de confiança causam problemas. Não há planejamento, mas sim, personalismo. Os participantes dos centros espíritas notam a qualidade do trabalho realizado.

Quando há dirigentes sem preparo, temos que focalizar o espiritismo prático. Kardec já coloca essas dificuldades e erros. No Livro dos Médiuns, temos vasto material para superar essas dificuldades. Nas casas onde há estudo temos o progresso social e espiritual. A ausência do estudo causa os maiores problemas.

Veja: a) Introdução de O Livro dos Espíritos – item XII – último parágrafo (sobre a questão das mistificações, erros, equívocos) b) Introdução de O Livro dos Espíritos – item XVII – fim dos estudos: o progresso individual e social.

Exemplos na prática mediúnica: insegurança dos novatos, ausência de estudos, indisciplina nos horários e assiduidade; rivalidades, priorização do fenômeno em detrimento do estudo; endeusamento de médiuns, confiança cega nos espíritos, obsessão; liderança distorcida, mistificações, introdução de práticas estranhas, entre outras questões.

Solução: Veja O Livro dos Médiuns – introdução e capítulos específicos, como o XXIV (da identificação dos espíritos) e o XXVII (Das contradições e mistificações).

Exemplos na vivência espírita: (dificuldades na aplicação da teoria): carência moral do orgulho, da vaidade, do egoísmo, da inveja, do ciúme, da maledicência, do desrespeito

às diferenças; tentativas de domínio e posse, ausência da solidariedade, mas acima de tudo, a ausência da caridade.

Solução: Veja conclusão de O Livro dos Espíritos, mensagem de Santo Agostinho, item IX, parágrafo 4º. Espíritas devem unir-se no objetivo comum: **O amor a Deus e a prática do bem.**

O que fazer?

Oficina de idéias, ou seja, a troca de idéias ou levantamento dos problemas existentes e procurar solucioná-los de acordo com as prioridades.

Integração ao Movimento Espírita – aqui entra a importância da USE como órgão congregador, jamais impositivo ou fiscalizador. O intercâmbio entre casas espíritas cria referencial de observação mútua. Uns contribuem com os outros e vice-versa. Permite realizar fatos que isoladamente seriam difíceis de resolver.

A qualidade em questão

Qualidade = resultante da equação: pessoas+percepções+processos

a) Considerar a variedade nas **pessoas** (particularidades, personalidade, caráter, temperamento, antecedentes, etc) b) Experiência viva altera **percepção** (em fatos e situações reais) é preciso proporcionar vivência, que é possível encontrar no movimento extra casa espírita. É imprescindível participar de eventos em outros centros espíritas. A experiência viva vai despertar valores que o isolamento não faz. c) **Processos** têm por base a ação humana (ainda que tecnologicamente gerenciados e aplicados)

Foco de qualidade – O foco de qualquer qualidade é o **ser humano**. Se não procedermos assim estaremos decretando a falência do centro espírita. **Foco: afeto** – Veja questões 938 e 980 de O Livro dos Espíritos. Veja também O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 28 – item 4.

Humanização do Centro Espírita – Joanna de Angelis, através de Divaldo Pereira Franco, faz uma proposta para espiritizar, qualificar e humanizar o centro espírita. “Começamos a ver o problema do próximo, e a melhor maneira de senti-lo é colocar-se no seu lugar, fazendo por ele o que gostaria que lhe fosse feito. Com esse exercício, nasce uma onda de ternura, um sentimento de solidariedade e a partir daí começa-se a dizer: Meu Deus, eu sou gente, eu sou uma célula do organismo universal: a sociedade caminha na vida”. (Palavras de Divaldo no livro – Novos rumos para o centro espírita – Editora Leal)

Com essas palavras, Divaldo interpreta o **humanizar** proposto por Joanna, ou seja, tudo realizar com amor, com sentimento, colocando-se no lugar do outro para sentir seus dramas e suas alegrias. É o fim das fofocas, das intrigas, dos ciúmes, dos personalismos, dos “achismos”, da centralização do poder, dos melindres e tantos outros males que fazem estragos consideráveis na seara espírita.

O quesito fundamental: Participação (que qualifica)

Proposta: a) Humanização do Centro Espírita; b) Participação(interna e externa) que produz vivência e experiência ; c) Permanente atualização de conhecimento e vivência.

Veja item 350 de O Livro dos Médiuns.

A USE e a representatividade do Movimento Espírita na Sociedade: um espaço a ser conquistado

Altivo Ferreira

A projeção do centro espírita na sociedade tem sido conquistada gradativamente. Na década de 1940, com o regime político existente, o centro espírita realizava exclusivamente, reuniões mediúnicas, vindo depois iniciar a mudança com a atividade social. O centro espírita é um prestador de serviços, que substitui a sociedade em suas carências, no atendimento fraterno e na assistência social. Precisa partir da condição de célula, para a unidade fundamental do movimento espírita. Precisa ter a consciência da finalidade maior, que é a integração e a interação na sociedade, através do movimento espírita.

Em Kardec, já encontramos o pensamento de que o espírita não pode permanecer isolado. Kardec coloca a importância de pequenos grupos, que compõem a família espírita para agir dentro da sociedade. No projeto 1868, deixa as matrizes para esse processo.

Para fazer valer o peso do Espiritismo na sociedade é imperiosa a reunião das casas espíritas. Kardec fala em mudança, que parte do indivíduo para a sociedade. Se o Espiritismo não atuar para mudar a sociedade, acabando com o egoísmo, não haverá a solução para os problemas. Toda casa dividida rui, mas ninguém consegue quebrar um feixe de varas.

Tiramos Deus de nossas vidas. Há uma grande carência de auto-ajuda e o que se nota nas livrarias é o grande volume de vendas de livros desse conteúdo, inclusive livros espíritas.

O que é uma ONG? É um processo de conscientização da sociedade de que não pode continuar amorfa. O movimento espírita poderia ser uma ONG da sociedade para agir nesse processo.

A Federação Espírita Brasileira (FEB) já iniciou campanhas levando o pensamento espírita ao Congresso Nacional, onde lançou a Campanha Viver em Família, e a, da Valorização da Vida. O lançamento da Campanha Conheça o Espiritismo, já foi levada pela FEB, ao Conselho Espírita Internacional, e vista como o "ovo de Colombo". Já corre o mundo em 15 idiomas. É uma forma dos espíritas, mostrarem-se presentes na sociedade. Recentemente, foi lançada a Campanha Promovamos a Paz, praticando o Bem.

Outros processos que podem ser realizados por todos os órgãos de unificação: feiras de livros espíritas, simpósios, congressos, encontros regionais, etc. São várias formas de atuar na sociedade, como agentes de mudança.

Kardec fala que só poderemos extirpar o egoísmo e o orgulho do homem e da sociedade, através da educação. É preciso ter a visão social de todos os problemas.

Devemos participar de Conselhos, nos âmbitos municipal, estadual e federal, para fazermos nosso papel e mostrarmos nossa capacidade.

Precisamos estimular nossos órgãos de unificação a abrir canais para estarmos presentes na televisão, radio, jornais e eventos públicos.

Operação Quo Vadis

Antonio Carlos Essado e Adolfo de Mendonça Júnior

Quando Pedro estava desertando da sua missão e lhe foi perguntado por Jesus: "Quo Vadis?" (Onde vais?) e Pedro, desde então, trabalhou no cumprimento de sua missão, com todo entusiasmo.

1. CENÁRIO

ÓRGÃOS INDEPENDENTES

AUSÊNCIA DE CONSCIÊNCIA DE REDE

FALTA DE INTEGRAÇÃO

VISÃO ADMINISTRATIVA VOLTADA PARA A ESTRUTURA E NÃO PARA O CLIENTE.

ATENDIMENTO PRECÁRIO AOS CENTROS ESPÍRITAS

SITUAÇÃO FINANCEIRA DA USE

CONCORRÊNCIA DE OUTRAS ORGANIZAÇÕES

CAUSANDO:

BAIXA PRESENÇA DOS REPRESENTANTES NO CDE E NOS ÓRGÃOS

IMAGEM DE ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA

COBRANÇA DOS DIRIGENTES DE CENTROS ESPÍRITAS: O QUE A USE TEM FEITO PELO CENTRO ESPÍRITA?

DESMOTIVAÇÃO DO PAGAMENTO DA CONTRIBUIÇÃO SOCIAL

DESINTERESSE DE NOVOS TRABALHADORES NO MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO

INSATISFAÇÃO DOS DIRIGENTES E TRABALHADORES

2. MISSÃO DA USE:

CONTRIBUIR PARA A UNIÃO E O APERFEIÇOAMENTO DAS INSTITUIÇÕES ESPÍRITAS.

3. SERÁ QUE A USE ESTÁ CUMPRINDO SUA MISSÃO?

OS DIRIGENTES E OS TRABALHADORES DOS CENTROS ESPÍRITAS ESTÃO SATISFEITOS?

O QUE A USE TEM FEITO PELO CENTRO ESPÍRITA?

PARA ONDE ESTAMOS INDO?

4. OPERAÇÃO QUO VADIS

O CUMPRIMENTO DA MISSÃO

OBJETIVOS:

RECONHECIMENTO PELA COMUNIDADE ESPÍRITA, DA USE COMO ENTIDADE QUE ORGANIZA O MOVIMENTO ESPÍRITA NO ESTADO DE SÃO PAULO, E O REPRESENTA NO MOVIMENTO ESPÍRITA NACIONAL.

AUMENTAR O ÍNDICE DE PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE ESPÍRITA NO MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO.

ESTRATÉGIA:

O QUE DEVE SER FEITO?

FLEXIBILIZAR A ESTRUTURA E DINAMIZAR A USE, PARA SERVIR O CLIENTE (CENTRO ESPÍRITA), DA MELHOR MANEIRA POSSÍVEL EM "TODOS" OS SENTIDOS.

"A USE SERÁ RESPEITADA SE ELA SERVIR BEM E MELHOR"

ANTÔNIO CARLOS ESSADO – ASSESSOR DE MARKETING

5. BASE ESTRUTURAL

ORGANOGRAMA OPERACIONAL: SISTEMA USE

DE: ADMINISTRAÇÃO

UNIDADE DE APOIO (DEPARTAMENTOS): PRODUÇÃO

REGIONAL: SUPERVISÃO

ÓRGÃO: ATENDIMENTO

6. Diretoria executiva:

Responsável pela administração do sistema USE. Trabalhar informações.

Contato permanente com a unidade de apoio, regionais e órgãos.

Visitas, mala direta, jornal, internet, reuniões, fone.

Trabalhar para atingir resultados: o cumprimento da missão

7. UNIDADE DE APOIO:

RESPONSÁVEL PELA PRODUÇÃO DE PRODUTOS E SERVIÇOS AOS DIRIGENTES.

PRIORIDADE: RELACIONAR OS PRODUTOS E SERVIÇOS EXISTENTES PARA OFERECER JÁ: CURSOS, SEMINÁRIOS, OFICINAS, ENCONTROS, PROGRAMAS, APOSTILAS, LIVROS, INFORMAÇÕES, ETC.

VERIFICAR, POR DEPARTAMENTO, O QUE É NECESSÁRIO PROVIDENCIAR DE MATERIAL BÁSICO DE APOIO.

LEVANTAR AS EXPERIÊNCIAS BEM SUCEDIDAS NO ESTADO E NO PAÍS PARA OFERECER AOS DIRIGENTES E TRABALHADORES.

TRABALHAR PERMANENTEMENTE EM FUNÇÃO DO ATENDIMENTO DAS NECESSIDADES DOS DIRIGENTES DAS CASAS ESPÍRITAS.

8. ÓRGÃOS:

O órgão oferecerá os produtos e serviços existentes aos dirigentes de sociedades espíritas e *identificará outras necessidades.*

Receberá treinamento e apoio da de unidade de apoio e regional.

Usará de todos os meios e recursos para chegar aos dirigentes e trabalhadores: reuniões, encontros, eventos, visitas pessoais, fone, internet; usando material de propaganda: mala direta, jornal dirigente espírita, site da use.

O órgão também venderá assinaturas do "dirigente espírita", fará cobrança das contribuições, preenchimento de cadastro, etc.

Relacionamento direto com os dirigentes e trabalhadores.
Conhecimento profundo dos dirigentes e suas necessidades.
Conhecimento profundo do movimento de unificação
Se possível ter uma sede com um mínimo de equipamentos necessários ao bom atendimento dos dirigentes.
Ter material de propaganda.
Fornecerá informações aos dirigentes e ao sistema.
Solucionar problemas.

9. REGIONAL:

Supervisionará o trabalho dos órgãos identificando suas necessidades e dos dirigentes de centros, auxiliando a de, os órgãos e a unidade de apoio, empenhando para o seu bom funcionamento do sistema.
Será um solucionador de problemas para o sistema.
Fornecerá informações à de e à unidade de apoio.
Fará contato permanente com os órgãos: fone, correio, internet, pessoal, visitas.

A AÇÃO MAIS URGENTE

Relacionar os produtos e serviços que a use tem para oferecer e, de imediato, colocá-los nas mãos dos órgãos, orientando-os como proceder no atendimento aos dirigentes e trabalhadores espíritas.

- A de se reunirá com os departamentos e assessorias para fazer este levantamento que deverá ser entregue ao cde e ca, dia 9-12-2001.
- Preparar os meios de comunicação: jornal, site, folder, e-mail, órgãos.
- Jornal, site, folder e e-mail: mostrar nossas ofertas com mais clareza, mais estímulos; dizendo que os dirigentes devem fazer contato, procurando os órgãos de suas cidades, e, se inativo, procurar o da cidade mais próxima ou direto com a central (de), que indicará um assessor para efetuar o atendimento.
- Preparar os órgãos e as regionais conjuntamente para esta tarefa.
- Controle: a de fará o acompanhamento geral de tudo juntamente com as regionais.

“O MAIOR NO REINO DOS CÉUS É AQUELE QUE SE CONVERTER EM SERVO DE TODOS”

JESUS

**A USE DEVE VIVENCIAR A MÁXIMA DO CRISTO:
“EU VIM PARA SERVIR E NÃO PARA SER SERVIDO”**

*(OPERAÇÃO QUO VADIS – CDE 9 DE DEZEMBRO DE 2001.
COMISSÃO DE REESTRUTURAÇÃO DA USE)*

O Acesso à informação no Movimento Espírita: saber, votar e contribuir.

Neli Del Nery Prado

“A informação e a comunicação publicitária passam a ser uma estratégia para promover a união dos espíritas e de suas instituições, dinamizar o trabalho de Unificação e fortalecer o Movimento Espírita de modo geral; a comunicação interna deve, pois se caracterizar pela fraternidade, pela solidariedade, pela compreensão, pela tolerância e pelo apoio recíproco entre irmãos que compartilham o mesmo ideal”. Assim se expressou Merhy Seba durante o XI Congresso Estadual de Espiritismo, na cidade de Bauru, quando apresentou o módulo Comunicação, propondo uma reflexão sobre o comportamento do líder na Casa Espírita e no Movimento Espírita.

O Movimento Espírita, que é formado pelos homens, é feito por nós e o grande desafio que enfrentamos na atualidade é o de motivar as pessoas a participar efetivamente das ações, dos problemas e das dificuldades enfrentadas pela Casa Espírita, pelos Órgãos de Unificação, pela USE, pelo Movimento Espírita.

De um lado a apatia, a indiferença e o comodismo do freqüentador; de outro, a falta de interesse do dirigente em abrir espaço para que outras pessoas participem da direção da casa ou do órgão.

Será que o dirigente deseja realmente que todos saibam o que se passa na Casa Espírita e no Órgão de Unificação?

E o voto? Quem tem direito a voto tem também o direito de ser votado. Isso não incomoda? Muitos falam que não encontram colaboradores, candidatos a cargos eletivos, mas o dirigente realmente deseja dividir? Passar o cargo a alguém? São os eternos “donos dos centros espíritas”, “donos das USES”....

E a contribuição? Contribuição de idéias, no trabalho e a financeira. Que dificuldade! Como diz um excelente orador espírita: “os espíritas parecem que têm escorpião no bolso”.

A nossa realidade é que dependemos da moeda para sobreviver; a Casa Espírita, os Órgãos de Unificação precisam saldar seus compromissos, pagar suas tarifas de água, de energia, comprar material de limpeza, material didático, despesas com pessoal e tantas outras. Como é difícil arrecadar as contribuições mensais dos sócios! A saída tem sido a realização de eventos como venda de pasteis, pizzas, lanches, feijoadas, jantares, etc...

Onde somos falhos? Preparamos pessoas? Ouvimos? Aceitamos sugestões? Envolvermos as pessoas no trabalho? Incentivamos e valorizamos as participações permanentes de todos? Damos responsabilidades? Damos oportunidades para apresentação de novas idéias? O que desejamos? O que fazemos? O que oferecemos?

Pessoas com novas idéias incomodam ...

“Individualizados seremos pontos de vista, mas unidos seremos força”. (Bezerra de Menezes)

Contribuições para o planejamento trienal

O MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO

A Organização do Movimento Espírita no Brasil e no mundo: uma visão abrangente.

- a) Desenvolver mecanismos para auxiliar o centro espírita a se integrar na USE.
- b) Trabalhar em cima das realidades consolidadas pelas experiências.
- c) Promover a liberdade de ação, mas com a segurança das bases kardequianas.

As origens do modelo atual de atuação da USE no Estado de São Paulo.

- a) Atender a vocação e a missão da USE, com os compromissos: Codificação Kardequiana, Educação e Promoção Humana. Entender como vocação a tarefa de unir, unificar e preparar as casas espíritas para o trabalho de divulgação do Espiritismo.
- b) Rever as origens da USE e buscar atender as suas propostas iniciais, atendendo as necessidades do momento atual.
- c) Preparar os trabalhos e atividades da USE com planejamento estratégico atendendo as sugestões das bases (órgãos) para atingir todo o território paulista.
- d) Propostas de participantes: 1) Fortalecer os órgãos; 2) Trocar trabalho nos municípios e distritos; 3) Estudar situações das Regionais que são órgãos virtuais.
- e) USES Regionais: 1) Diminuir o número de Regionais; 2) Transformar as Regionais em Assessorias.
- f) Envolvimento de órgãos nas situações financeiras da USE.
- g) Estabelecer missão e finalidades da USE: 1) unir centros; 2) Prepará-los para o Trabalho.
- h) Divulgar aos órgãos os itens referentes ao planejamento estratégico e visão do futuro. Montar em vídeo, multimídia, etc.

O Estatuto da USE, atendendo o ontem e desafiando o futuro.

- a) Análise da atual estrutura da USE.
- b) Divulgar mais a USE.

O modelo de rede: as exigências para uma nova estrutura funcional.

- a) Difusão da cultura da idéia de Rede na estrutura administrativa da USE para realização conjunta de ações concretas que modificam os órgãos da USE para melhor e os ajudam a chegar mais rapidamente aos seus objetivos.
- b) Aperfeiçoamento da estruturação organizacional em Rede, considerando que a USE está concebida para funcionar em rede.
- c) Os articuladores devem ser os facilitadores de relacionamento; 1) O alvo deve ser unificador e os valores compartilhados pelos participantes de forma esclarecedora, democrática e explícita; 2) Os órgãos serão independentes, auto-motivados, não limitados por hierarquias, mas todos serão interdependentes de forma cooperativa, força motriz da rede "useana".

Quebra de paradigmas no movimento espírita e união de Sociedades Espíritas.

- a) Divulgação das atividades da USE, como fez, faz e o que pode fazer.
- b) Conscientização da importância dos materiais e produtos desenvolvidos e distribuídos pela USE, FEB, e seus órgãos.
- c) Difundir os antecedentes da USE que são a base de novos rumos, novas experiências.

A necessidade de diálogo entre os centros espíritas: o fórum da USE.

- a) Ações que aproximem os Centros Espíritas.
- b) Escala de expositores nas Casas Espíritas.

Uma análise dos problemas que impedem o trabalho colaborativo entre as Sociedades Espíritas.

- a) Abrir pequenos centros autônomos nas periferias urbanas com orientação dos centros maiores.
- b) Conscientizar a Diretoria e os participantes dos centros para o movimento de unificação.
- c) Promover reuniões de confraternização entre os centros para unificá-los.
- d) Levantamento das necessidades através de oficinas e promover seminários, cursos, palestras e outros eventos para suprir as questões surgidas.
- e) Preparar os jovens no trabalho de Unificação e de atividades doutrinárias no movimento de união das Sociedades.

Dirigentes sem preparo, centros sem estrutura: a qualidade em questão.

- a) Promover oficina de idéias na Casa Espírita para apurar dificuldades.
- b) Estimular o trabalho em conjunto nas tarefas que não permitem sua realização isoladamente.
- c) Promover a participação para qualificar a humanização.

A USE e a representatividade do movimento espírita na sociedade: um espaço a ser conquistado.

- a) O movimento espírita deve aproveitar os espaços que são oferecidos pela sociedade para atuar e levar a contribuição espírita para os homens. Participar consciente, responsável e eficiente em Conselhos Municipais, Estaduais e Federais.
- b) Estimular os órgãos para abrir canais a fim de estarmos presentes na mídia.
- c) Criação pelos Centros Espíritas nos horários de almoço, de reuniões de preleção evangélica, passes e atendimento fraterno, para atender pessoas que trabalham no comércio e em empresas, naquela região.
- d) Publicar artigos espíritas nos periódicos locais.
- e) Participação dos dirigentes nos Conselhos Municipais e de Bairros. Exemplo: Conselho de Cidadania, Conselho de Saúde, etc.
- f) Capacitação de expositores e disponibilizá-los aos Centros Espírita

Operação QUO VADIS

- a) Dar continuidade à Operação Quo Vadis (aonde vais?) que é a prateleira de “produtos USE”, tais como cursos, seminários, fóruns, livros para orientação de Centros Espíritas, apostilas, etc., acrescentando as experiências bem sucedidas no Estado de São Paulo e encaminhá-las aos órgãos da USE para serem disponibilizadas às Sociedades Espíritas de sua jurisdição.

O acesso à informação no movimento espírita: saber, votar e contribuir.

- a) Saber motivar as pessoas a participar efetivamente das ações, soluções dos problemas, das dificuldades enfrentadas pela Casa Espírita e pelos órgãos de Unificação.
- b) Promoção de palestras onde tenha público consagrado pelas reuniões das Casas Espíritas.
- c) Pesquisar para saber o que o freqüentador pensa das atividades do centro e no que pode colaborar.
- d) Formar equipe para traçar planos de ação para resolver problemas detectados pela pesquisa.

Comunicação Social Espírita

O Espiritismo e a Mídia: nossa linguagem

Merhy Seba

OBJETIVOS: 1) Proporcionar reflexões sobre algumas estratégias de como otimizar a visibilidade do pensamento espírita no contexto social, via Comunicação Social Espírita. 2) Que este trabalho constitua uma possível contribuição ao plano trienal de atividades, cogitado pela USE.

INTRODUÇÃO: Estamos apresentando uma ligeira abordagem sobre a estrutura da linguagem, no aspecto doutrinário espírita, bem como uma proposta de adequação desta linguagem a especificidades de cada modalidade de comunicação (Relações Públicas, Assessoria de Imprensa/Jornalismo, Propaganda/Publicidade, Promoção Institucional e de Vendas, Marketing Direto, Telemarketing e GRP-Gerenciamento de Relacionamento com o Público), e de cada meio de comunicação (televisão, rádio, cinema, internet, videoconferência, jornal, revista, propaganda ao ar livre, mala-direta e outros meios).

DESENVOLVIMENTO: Comunicar-se socialmente significa estarmos em relação a alguém, comunicando algo (com palavras, gestos e sons), predispostos a ouvir o que o outro tem a nos dizer, de tal forma que possamos dialogar fraternalmente.

Em se tratando de uma ou poucas pessoas, devo utilizar a comunicação interpessoal; quando nos deparamos com um grupo maior de pessoas, em que a nossa forma de expressão é incapaz de atingi-lo, recorreremos aos meios de comunicação de maior alcance, chamados VCM- Veículos de Comunicação de Massa, fazendo-os a extensão de nosso corpo, segundo McLuhan.

A estrutura da linguagem sob o ponto de vista doutrinário espírita deve guardar relação íntima com o espírito de Doutrina: *“... mas, ensinai a exemplo de Jesus, servindo-vos da doçura e da persuasão e não da força, o que seria pior do que a crença daquele a quem desejaríeis convencer. Se alguma coisa se pode impor, é o bem e a fraternidade. Mas não cremos que o melhor meio de fazê-los admitir seja obrar com violência. A convicção não se impõe.”*

CONCLUSÃO – Otimizar os esforços para que o Espiritismo eleve a sua visibilidade na Mídia, talvez seja um dos maiores anseios dos espíritas e das instituições espíritas em geral. Mas acreditamos também que este venha a ser um dos maiores desafios neste século. Independente do formato ou modelo que venhamos a utilizar na comunicação com os públicos interno (ambiente da casa espírita) e/ou externo a sociedade como um todo), a “nossa linguagem” deve ser embasada em conceitos

doutrinários autênticos, elaborada de maneira ética, clara, concisa, precisa e vigorosa e que priorize a interatividade entre as partes.

Pense Nisso. Pense Agora.

A divulgação do Espiritismo, a política e as demais crenças.

Wilson Garcia

O tema é apresentado a partir dos seus três aspectos básicos, já referenciados no título: a divulgação do Espiritismo, a questão política e as crenças que permeiam a sociedade.

Trata-se de uma reflexão que coloca a divulgação sob o enfoque da comunicação, procurando verificar que em Espiritismo o termo “divulgação” tem quase sempre a acepção de “comunicação” em virtude de uma tradição cultural que deu à palavra comunicação uma correlação íntima com a mediunidade.

Entretanto, a preferência pelo termo divulgação tem, de um lado, outras influências, notadamente aquelas provenientes das mensagens dos Espíritos e, por outro lado, mantém muitas vezes o sentido que nos estudos teóricos da comunicação se denomina instrumental.

O segundo aspecto do tema, a questão política, implica uma reflexão de ordem sociológica, uma vez que tradicionalmente em Espiritismo se alimenta a noção de que em assunto de espiritualidade os temas da “mundanidade” não devem encontrar abrigo. O núcleo desse raciocínio estabelece que indivíduos e organizações que cuidam de ensinar sobre espiritualidade devem manter distância da política, não apenas no que diz respeito aos partidos políticos, mas, também, de tudo aquilo que significa poder político.

O terceiro aspecto do tema diz respeito à convivência dos espíritas no espaço social com os adeptos das diversas religiões, onde se desenvolvem influências mútuas de diversas naturezas.

Os espíritas lutam, contudo, contra diversos preconceitos e às vezes contra ações deliberadas promovidas por certos credos com o objetivo de diminuir a valor do conhecimento doutrinário.

Essas e outras situações relativas precisam ser convenientemente analisadas sob o foco da comunicação, uma vez que o esforço para tornar o Espiritismo conhecido se reflete, particularmente, nas relações sociais e interativas com os indivíduos e organizações religiosas diversas.

Espiritismo e radiofonia.

Éder Favaro

Quando observamos o desenvolvimento do Espiritismo no Brasil, percebemos claramente que os setores do livro, das revistas e dos jornais já atingiram um bom índice de aprimoramento, cumprindo funções básicas importantes na difusão da Doutrina Espírita.

Todavia o mesmo não se deu com a radiodifusão, e o veículo rádio é o meio de comunicação mais popular e o de maior alcance público. Têm características exclusiva de imediatismo, instantaneidade, com penetração geográfica, mobilidade de emissão e recepção, além do baixo custo. Desde seu surgimento, em 1920, vem se mantendo com vitalidade indiscutível, apesar do aprimoramento tecnológico em tantas áreas de comunicação e do entretenimento eletrônico.

Importante salientar que essa vitalidade tem muito a ver com a linguagem que se utiliza, adequando-se ao grande público que se deseja atingir e às mudanças dos usos e costumes sociais. Pode-se se sintonizar em estilo, assunto, linguagem, como livros e revistas, ou pode-se manter-se eclético e impessoal falando a cada um e a todos de uma vez só.

O rádio, como veículo de divulgação, tem sua didática própria. Escritores e jornalistas ao atuarem no rádio, precisam utilizar a linguagem ajustada a esse veículo. Haja visto que as histórias, hoje televisadas com maior índice de audiência e antes radioteatralizadas, sensibilizam o grande público, porque abordam temas da vida e usam linguagem do cotidiano. Pesquisas revelam que entre os assuntos de maior interesse da população está a religião e as respostas às clássicas perguntas: De onde viemos? Para onde vamos? Por que estamos aqui?

Abordar o tema religião com a argumentação do Espiritismo, dentro do contexto apresentado, não é tarefa das mais fáceis. As pessoas demonstram vivo interesse pela filosofia espírita e o rádio devidamente utilizado, seria uma forma de ampliar esse interesse, motivando ouvintes a buscar o conhecimento das idéias espíritas, pois o Espiritismo possui potencial esclarecedor.

Uma programação espírita bem feita desperta interesse e concorre para a obtenção de melhores índices de audiência. Pelos exemplos que temos na radiofonia, os parâmetros para a comunicação radiofônica global, precisam ser aqueles que sensibilizem o maior número de pessoas.

O rádio como veículo de divulgação da mensagem espírita – A finalidade do rádio sob o enfoque espírita é fazer refletir nos conceitos e princípios espíritas, visando declarar a qualidade doutrinária das programações, sem exageros, ufanismos e fantasias.

O ideal é criar uma programação planejada, de modo a adequarmos programa, conteúdo, linguagem, espaço, horário e frequência a vários níveis de entendimento. Programas doutrinários, evangélicos, informativos, de debates, exposição, musicais. Tudo isso em torno do Espiritismo, mas inserido em uma programação normal no campo da música, informação, notícias e serviços, etc.

Como se pode observar, a difusão do Espiritismo através do Rádio, tem certas peculiaridades e particularidades que precisam ser consideradas. O rádio exige uma

linguagem nítida, simples, rica (em variações) repetitiva, mas não desestimulante. Forte, concisa, correta, invocativa e agradável aos ouvidos. Como conciliar tudo isso ao uso da comunicação da cultura espírita pelo rádio?

O Espírito André Luiz, no livro *Conduta Espírita*, através da psicografia de Waldo Vieira, edição da FEB (Federação Espírita Brasileira) ofereceu-nos há mais de quatro décadas, em síntese, um verdadeiro tratado sobre a utilização do rádio na difusão espírita, alertando-nos para a importância e cuidados nas atividades espíritas de radiodifusão.

Sobre o assunto existe um trabalho denominado “Espiritismo e Radiofonia” no site da ADE-SP (www.sp-ade.org.br) que trata de maneira ampla da questão.

Linhas mestras para uma linguagem única em todo o Estado.

Alkindar de Oliveira

Linguagem – Maneira particular de se exprimir de um grupo, julgada em relação à uma norma, à forma ou ao sentido.

O título desse texto, aliado à estrita definição da palavra *linguagem*, logo acima, podem levar-nos a um equívoco: a de julgar que seja lícito exigir padrões de comportamento e de linguagem aos seguidores da Doutrina Espírita. Exigir, nunca. Haja vista que o mal mais fácil de ser alastrado em qualquer grupo, por mais sério que seja este, é a institucionalização de normas, que se tem o seu parcial mérito, tem também o grande demérito de burocratizar o que não deve e não pode ser burocratizado: o trato com a alma.

Sobretudo, respeitemos o livre-arbítrio. Também afastemo-nos, com todas as nossas forças, da descabida vestimenta de defensores da pureza doutrinária nos outros. Defendamos, sim, a pureza doutrinária em nós, através do empenho em aplicarmos os conceitos espíritas. Que nunca esqueçamos que a melhor forma de educarmos ou deseducarmos o próximo, é o exemplo de nossa conduta.

Percebe-se que infelizmente o Movimento Espírita está em parte burocratizado. A institucionalidade é uma realidade. Em determinadas instituições representativas o culto ao externo prevalece ao interno. O personalismo é um fato. Felizmente chegou a hora da Transformação do Movimento Espírita. **Atenção!** As afirmações desse parágrafo não são minhas, são do Dr Bezerra de Menezes.

Portanto para não burocratizarmos ainda mais o Movimento Espírita, as idéias abaixo jamais podem ser confundidas com exigências. Devemos vê-las no campo de sugestões. Não de exigências.

Sobre o atual terceiro período do Espiritismo, que tem por meta transformarmos nossos excelentes discursos, para os outros, em novas atitudes, em nós – É preciso que divulguemos intensamente o propósito desse terceiro período que ora vivemos. Entendamos melhor qual é esse período, para que, enquanto trabalhadores errantes, melhor nos situemos em relação ao Espiritismo, e para

que possamos agir em consonância com o atual período, é importante que propaguemos os comentários do Dr Bezerra de Menezes, sobre os períodos a que se refere, dando ênfase ao atual, o terceiro.

“Os primeiros setenta anos do Espiritismo constituíram o período da consagração das origens e das bases em que se assentam a Doutrina, que lhe conferiram legitimidade. Heróis de tenacidade e fibra moral, dispostos a imolar-se pela causa, venceram o preconceito do tempo e a pressão da inferioridade humana no resguardo e defesa da empreitada de Allan Kardec. O último lance que delimitou esse período foi o Congresso Internacional realizado em Paris, onde o arauto do bem, Leon Denis, suportou a lâmina sutil da mentira e consolidou o perfil definitivo do Espiritismo como Doutrina dos Espíritos, eximindo-a de desfigurações que em muito prejudicariam sua feição educativa e conscientizadora.

O segundo período de mais setenta anos, que coincide com o fechamento do século e do milênio, foi o tempo da proliferação. Uma idéia universal jamais poderia ficar confinada a grupos de estudo ou experimentos de fenomenologia mediúnica de materialização; fazia-se necessária a intensificação dos conhecimentos dentro de um crescimento ordenado e defensivo na elaboração de um perfil filosófico. Eis o mérito das entidades promotoras da Unificação e da multiplicação de centros espíritas. Sob o regime de controle e zelo foram predicados os seus objetivos primaciais. A literatura subsidiária provocou o questionamento, a discussão, o estudo, e com isso o aprendizado dilatou-se.

A primeira etapa consagrou o Espiritismo como ideário do bem, atraindo a simpatia e superando o preconceito, e a segunda ensejou a difusão. Penetramos agora o terceiro portal de mais setenta anos, etapa na qual pretende-se a maioria das idéias espíritas.

Esse **novo tempo** deverá, igualmente, conduzir a efeitos salutares a nossa coletividade espírita, criando entre nós, seus adeptos, o período da **atitude**. O velho discurso sem prática deverá ser substituído por efetiva renovação pela educação moral. É a etapa da fraternidade na qual a **ética do amor** será eleita como meta essencial, e a **educação** como o passo seguro na direção de nossas finalidades.

Jesus definiu seus discípulos por muito se amarem, o Espírito Verdade assinalou o “amai-vos e instrui-vos” como plataforma do verdadeiro espírita, e esses ensinamentos deverão constituir a base do programa transformador para nossas metas ante a **era nova**”.

Sobre o atual personalismo no Movimento Espírita – O personalismo é uma das mais fortes manifestações negativas do ego. Ouvi certa vez de um budista que quando não estamos bem com os outros é o ego manifestando-se. Disse ele que o ego é irreal, não existe. É como a escuridão, só existe na ausência da luz. Quando bem nos conhecermos, quando a luz divina for nossa manifestação natural, o ego não terá espaço para manifestar-se.

Sobre o personalismo no Movimento Espírita, diz o Dr Bezerra de Menezes: “Ninguém pode vender os olhos a título de caridade, porque deliberadamente o apego institucional marcou esse segundo período de nossas lides, em muitas ocasiões, com enfermias atitudes de desamor como forte influência atávica de milenares vivências. Isso era previsível e, por fim, repetimos velhos erros religiosos...”

Há de se ter em conta que nos referimos ao institucionalismo como grilhão pertinente a todos nós, sem jamais vinculá-lo a essa ou àquela entidade organizativa em particular, porque semelhante marca de nosso psiquismo, por muito tempo ainda, criará reflexos indesejáveis na obra do bem.

O institucionalismo é fruto da ação dos homens; ele em si não é o nosso adversário maior e sim os excessos que o tornam nocivo.

Mesas Girantes & Mesas Gigantes – às vezes (é importante não generalizar) vê-se, em tradicionais encontros espíritas, uma pomposidade que mancha a simplicidade do Espiritismo. Parece ser encontros de grandes empresários. Cada um revestido do seu “alto cargo” na instituição por ele representada.

Às vezes, no palco do auditório destes encontros existem **mesas gigantes** onde nominalmente as autoridades espíritas são convidadas a sentarem-se à frente das mesmas. Já participei de eventos onde essas mesas abrigavam número superior a vinte pessoas!!!

Nesses casos, enquanto o orador profere sua palestra, as **autoridades** ficam ao lado do palestrante e à frente do público em vez de sentarem-se junto com o público. Neste procedimento estão presentes duas falhas. Primeira: a grande presença de pessoas ao lado do orador dispersa a atenção do público, pois é sempre conveniente que o orador seja a única pessoa visível no palco. Qualquer presença estranha ao mesmo atrapalha a concentração (geralmente 30% do público é especialista em analisar as reações corporais das pessoas que estão sentadas no palco) Segunda: o fato das autoridades estarem à frente do público e, muitas vezes, num nível físico mais elevado (palco) transmite ao subconsciente do ouvinte uma diferença do “nível representativo”, situação não adequada à visão kardequiana do Espiritismo.

Em tempos passados as **mesas girantes** tiveram o **mérito** de despertarem a curiosidade científica de Allan Kardec, que o levaram ao estudo e ao assentamento das bases do Espiritismo. Nos tempos atuais, as **mesas gigantes** têm o **demérito** de despertar em nós o personalismo que herdamos de nossas existências passadas.

Lembrando Bezerra de Menezes, que disse estarmos vivendo o terceiro período do Espiritismo, e que este atual período representa a etapa da fraternidade, reflitamos que estes novos tempos devem inspirar-nos a não criticar as pessoas que, de uma forma ou de outra, são as principais representantes do institucionalismo que reina e coloca sombras no movimento doutrinário. Não é lícito criticar esses líderes, pois, é bem provável que se estivéssemos no lugar deles, da mesma forma agiríamos, pois que trazemos de existências passadas este ranço, esta vaidade pessoal, esta necessidade de mostrar aos outros o que fazemos, esta necessidade de revestirmo-nos como pessoas com “autoridade”.

Certa vez li inteligentes frases de um grande advogado criminalista: “Condenar a prostituição, sim, mas ajudar a prostituta”. “Condenar o crime, sim, mas ajudar o criminoso”.

Por que criticar pessoas, por que criticar líderes espíritas que agem como provavelmente nós teríamos agido?

Não critiquemos as pessoas, mas critiquemos veementemente o institucionalismo. E, em vez de criticar os líderes que ajudam o nefasto institucionalismo ser uma realidade, oremos por eles, para que enxerguem em si as grandes mudanças pessoais a que são compelidos a exercerem.

É lícito criticar uma criança de seis meses que para se locomover rasteja-se pelo chão? Temos o direito de exigir que uma criança de seis meses locomova-se andando de pé, de forma ereta, como um adulto?

Na longa escala evolutiva da qual todos nós fazemos parte, a grande maioria de nós ainda pode ser representada por essa criança de seis meses. Temos o direito de criticar os outros?

Portanto, repetindo, critiquemos veementemente o institucionalismo, lutemos para essa chaga acabar, mas, não preguemos na cruz os responsáveis por essa fase do Movimento Espírita.

Sobre a importância do afeto – Grande parte dos Centros Espíritas não demonstram alegria e entusiasmo em receberem novas pessoas. Sabemos que é significativo o número de pessoas que chegam ao Centro Espírita pela DOR, isto é, em momentos em que estão fragilizadas e carentes. Por isto necessitam sentirem-se acolhidas. Acolhidas com o real afeto, afeto verdadeiro. Receberem um “seja bem vindo” dito com um sorriso no rosto é muito importante. Na saída do passe sentirem a energia positiva de frases, como: “Vá, com Deus” é estimulante. É essencial que a pessoa sintam-se especiais, pois na verdade todos somos especiais, o problema é que muitos de nós esquecemos o nosso lado divino no decorrer da caminhada na terra.

O Centro Espírita tem como uma das funções “relembrar” aos visitantes o quanto são especiais e poderosos. Não seria ótimo em um primeiro contato, mostrar ao outro o quanto ele é especial? E mais...o afeto deve existir sempre. Não apenas em uma primeira visita feita pela pessoa ao Centro Espírita...

Sobre as orações de abertura das atividades espíritas – Nas orações iniciais ou finais de um evento espírita, temos por hábito começar dizendo: “Neste instante deixemos os nossos problemas fora deste ambiente...”.

Por que deixarmos nossos problemas fora do ambiente espírita? Por que exigir que aquela pessoa que chegou com um grande problema tenha ela a força para esquecê-lo imediatamente, mesmo que seja de forma momentânea ?

Confesso que recebi essa sugestão de um confrade espírita (não me lembro quem, nem onde) E esse pensamento é muito lógico. Se o ambiente espírita é apropriado para orientar, consolar e encaminhar, por que não adotamos uma outra maneira de iniciar nossas orações?

Poderíamos, por exemplo, adotar essa forma: “Irmão amigo, se você tiver algum problema que o atormente, vivencie-o em sua mente. Traga-o para este ambiente. Sinta como ele lhe faz mal. Perceba como ele lhe prejudica. Agora, lembre-se de Jesus, o Mestre que disse “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida”. Lembre-se de que nosso Mestre por nada nos censura, que Deus nosso Pai, nos aceita como somos, com todos os nossos acertos e com todos nossos erros. Repita mentalmente, irmão amigo, as palavras que vem a seguir. Repita-as com muita emoção, pois quando colocamos emoção no pensamento mais facilmente abrimos o canal da oração. Fale mentalmente como se Jesus estivesse à sua frente, pois de fato Ele está “.

“Jesus, Mestre querido, tu que disseste “Não Temas Eu Estou Contigo”, dê-me forças para que eu também possa estar contigo. Sei que estás sempre próximo, mas sei que tenho que fazer minha parte, caminhando em sua direção. Dê-me forças para que eu possa ir ao seu encontro e que essa oração inspire-me para que eu encontre a melhor maneira de resolver esse problema que tanto me atormenta”.

“Agora, ainda mentalizando Jesus, continuemos nossa oração, agradecendo por tudo de bom que Jesus e os bons amigos nos propiciam...” (a partir desse momento o dirigente ou orador, profere as mais apropriadas palavras de ânimo e agradecimento para a ocasião e circunstância).

Um dos motivos de pedir ao irmão que se lembre do seu problema, em vez de esquecê-lo, é que a psicologia afirma que só vencemos um problema vivenciando-o. Por exemplo, quem tem medo de falar em público (e a maioria das pessoas o têm) só irá dominar esse medo começando a falar em público. Desta forma, esquecer dos nossos

problemas – no momento inicial da oração – parece ser uma forma inadequada de enfrentar a questão de frente.

Sobre os textos de divulgação distribuídos nas entradas dos Centros Espíritas – Há panfletos de divulgação de nossa Doutrina, geralmente distribuídos na porta de entrada, que traz as seguintes informações: “Espiritismo, a terceira revelação”; “A doutrina que responde aos questionamentos fundamentais do ser humano”; etc. etc.

Expressões como as, acima não são necessariamente atraentes para quem visita um Centro Espírita pela primeira vez. Elas passam uma imagem de prepotência, de ares de superioridade. A linguagem que atrai o visitante é aquela em que, mais do que valorizar o Espiritismo, valoriza-se a grata presença dele no recinto. É o necessário afeto inicial.

Sobre o pedido feito aos freqüentadores dos Centros Espíritas: “Nosso Centro Espírita está precisando de trabalhadores voluntários”- Muito mais produtivo do que divulgar “Nosso Centro Espírita está precisando de trabalhadores voluntários” é mudar para “Nosso Centro Espírita, através da oferta do trabalho voluntário, está propiciando oportunidade a quem procura um sentido para a vida”. O que além de ser um comunicado mais atrativo, traduz a mais pura realidade e tira do Centro Espírita a imagem de “pedinte”, substituindo-a pela imagem de “ofertante”.

Sobre a linguagem utilizada em entrevistas em rádio, jornal e TV- “Conhecereis os meus discípulos por muito se amarem”. Tem sido comum nas entrevistas de confrades espíritas, os mesmos colocarem ênfase nas questões científicas e filosóficas de nossa Doutrina, em detrimento ao aspecto religioso da mesma. Se Jesus, na frase acima, evidenciou a importância do amor, é porque os aspectos amoroso, religioso e transcendental mais nos aproximam de Deus. Os espíritas, sem ser regra geral, são conhecidos por serem pessoas boas e caridosas. No entanto, quando entrevistados, projetam a imagem de pessoas que mais valorizam o conhecimento do que o amor ao próximo. Discute-se a reencarnação, o intercâmbio com o mundo espiritual, mas, muitas vezes, nas entrevistas, não são abordados a importância do afeto, o fato de que somos todos irmãos, o fato de que todas as religiões têm sua importância e valor, etc.

O “amai-vos e instrui-vos” do Espírito Verdade, foi por muitos de nós simplificado para “instrui-vos”. Chegada é a hora de do retorno ao original “amai-vos e instrui-vos”.

Para que estejamos em sintonia com a mensagem do Cristo, importante é, nas entrevistas em rádio, jornal e televisão: a) Ser sobretudo amável; b) Ser humilde, sem ser submisso; c) Mencionar sempre o nome de Jesus. Pois, muitos não espíritas consideram-nos, não cristãos, e surpreendem-se quando mencionamos o nome do Mestre; d) Respeitar as instituições em geral, pois, respeitando a religião alheia, abrimos portas para que a nossa, também seja respeitada; e) Ser sincero, sem ofender; f) Ser objetivo, sem ser agressivo.

Sobre a afirmação “o serviço de Unificação é urgente, porém, não apressado” – Recente pronunciamento do Dr Bezerra de Menezes, autor da frase em destaque, logo acima, esclarece-nos como podemos estar interpretando-a de

forma muito equivocada. Vamos ao seu pronunciamento: “ Afirmamos outrora que o serviço da Unificação é urgente, porém não apressado. Verificamos no tempo que alguns corações sinceros e leais, entretanto, sem larga vivência espiritual, inspirados em nossa fala, elegeram a lentidão em nome da prudência e a acomodação passou a chamar-se zelo, cadenciando o ritmo das realizações necessárias ao talante de propósitos personalistas na esfera das responsabilidades comunitárias. O receio da delegação, a pretexto de ordem e vigilância, escondeu propósitos hegemônicos em corações desavisados, conquanto amantes do Espiritismo. Em verdade, a tarefa é urgente, não apressada, mas exige ousadia e dinamismo sacrificial para encetar as mudanças imperiosas no atendimento dos reclames da hora presente, e o hábito de esperar a hora ideal converteu-se, muita vez, em medida emperrante”.

Bibliografia

OLIVEIRA, Wanderley Soares de. Espírito Ermance Dufaux. Laços de afeto. Belo Horizonte, Editora Inede, 2002.

OLIVEIRA, Wanderley Soares de. Espírito Ermance Dufaux. Mereça ser feliz. Belo Horizonte, Editora Inede, 2002..

OLIVEIRA, Wanderley Soares de. OLIVEIRA, Maria José C. Soares de. Seara Bendita. Belo Horizonte, Editora Inede, 2002.

O Livro Espírita: critérios para a escolha de novas edições

Alexandre Rocha

Definição de literatura espírita – “é o conjunto de obras que versam sobre a Doutrina Espírita, ou foram escritas sob sua inspiração ou modelo, ou ainda que foram incorporadas por lhe serem concordes”.(Aécio Pereira Chagas)

Definição de área de atuação de uma editora – visando à estruturação interna de modo a realizar uma atividade editorial de qualidade os setores de uma editora são os seguintes: a) Setor editorial, onde são analisados os originais, preparação do texto, revisões, marcação do texto, composição digital e arte-finalização; b) Setor de produção ou industrial onde é feita a fotolitagem, compra de matéria prima para produção e contratação de impressão; c) Setor administrativo que cuida de recursos humanos, e atendimento a necessidades físicas e legais; d) Setor comercial responsável pela divulgação e venda de livros; e) Divisão didática das áreas de publicação de obras espíritas: obras básicas, complementares, literárias e didáticas.

Metodologia para análise de original com vistas à publicação – a) Recebimento do original, entrevista com o autor, análise superficial da obra, sumário, bibliografia e abordagem em geral; b) Distribuição dos originais entre “leitores profissionais”; c) Análise do editor, atualidade e importância do conteúdo, ineditismo do assunto ou da abordagem, excelência das qualidade literárias da obra, relevância

cultural e educativa, precisão e correção dos assuntos desenvolvidos, viabilidade econômica ou comercial. Se a obra tem patrocínio ou pode receber subsídios e se tem perspectivas de venda no mercado.

Metodologia para preparação de original com vistas à publicação de um livro espírita - obras básicas e outros textos de Allan Kardec ou do professor Rivail: a) Estabelecimento do texto original (último texto em vida do autor) b) Seleção de tradutor competente, revisores de textos e técnicos em conhecimento da língua francesa e das áreas de conhecimento envolvidas no texto; c) Preocupação em manter a fidelidade precipuamente ao conteúdo original e posteriormente à forma; d) As notas não devem ter caráter opinativo, mas de esclarecimento; d) em caso de dubiedade no texto original, não se deve fazer a opção de tradução, mas deixá-la, através de esclarecimento em nota de rodapé, a cargo do leitor; e) Caso haja divergências ou alterações do texto estabelecido como base para outras edições anteriores ou posteriores, esses fatos devem ser observados à margem do texto ou em notas de rodapé; f) As notas de rodapé que não constem no texto original devem ser obrigatória e claramente assinaladas como notas do tradutor ou da editora.

Obra complementar (obras de domínio público) a) Estabelecimento do texto original (último texto em vida do autor) b) Manter a fidelidade ao texto original, fazendo necessariamente as correções gramaticais e a atualização ortográfica; c) As palavras em desuso poderão ser esclarecidas em notas de rodapé e em caso de tradução, devem ser tomados os mesmos cuidados; d) Conferir a veracidade das informações disponibilizadas na obra; e) Divergências explícitas com os textos de Kardec poderão ser observadas em notas de rodapé; f) Divergências do texto com a crença comum dos espíritas também poderão ser observadas em notas de rodapé; g) As notas de rodapé que não constem no texto original devem ser obrigatória e claramente assinaladas como notas do tradutor ou da editora.

Obra complementar (obras onde se detém o direito autoral) – a) Realizar correções gramaticais e ortográficas; b) Procurar tornar o texto compreensível para o leitor sem alterar o estilo do autor; c) Conferir a veracidade das informações disponibilizadas na obra; d) Questões doutrinárias divergentes devem ser discutidas francamente com o autor, ou médiuns, ou herdeiros; e) Em caso de o autor não desejar alterar o texto, prevalece a sua vontade, restando ao editor a opção de não publicar a obra; f) Não se pode colocar quaisquer textos como notas de rodapé, apresentações, posfácios, contra a vontade do autor.

Obra literária – a) em caso de autor espiritual é importante a identificação autoral como por exemplo casos de *Parnaso de além-túmulo*, *Cristo espera por ti* e *O mistério de Edwin Drood*; b) O Editor deve ter experiência em publicação de literatura; c) Prevalência da forma ao conteúdo; d) Apresentação de textos críticos chamando a atenção do leitor para aspectos literários da obra, se de autor espiritual, comparados ao autor quando encarnado; e) Flexibilização para aceitar “licenças poéticas”; f) Em caso de “absurdos doutrinários”, o autor ou médium deve ser questionado e, sob sua aceitação, pode ser acrescentada uma nota de rodapé para esclarecer o leitor.

Obras de divulgação ou didáticas – a) Adequação da linguagem ao público alvo, como por exemplo, crianças, adolescentes ou grupos de estudo; b)

Programação visual condizente com proposta da obra; c) Zelo absoluto com o aspecto doutrinário do livro, pois obra didática não é obra de especulação ou para se desenvolver teorias mirabolantes.

Componentes do livro: Parte pré-textual – Folha de falso rosto, folha de rosto, verso da folha de rosto, dedicatória, epígrafe, sumário ou tábua de matéria, listas de ilustrações, listas de abreviaturas e siglas, prefácio, nota prévia, prólogo, proêmio, advertência, preliminares, apresentação, preâmbulo (escrito pelo próprio autor ou por outra pessoa) agradecimentos, introdução (autoria obrigatória do próprio autor, apresentando ou introduzindo o conteúdo da obra)

Componentes do livro: Parte textual – Parte, página capitular, página sub-capitular (com titulação interna) fôlios (numeração de páginas) cabeças, cabeçalhos ou cabeços (nome do autor, título do livro, título do capítulo ou subtítulo) notas marginais, de rodapé, de fim de capítulo, elementos de apoio (quadros, tabelas gráficos, mapas, pinturas, gravuras e fotografias)

Componentes do livro: Parte pós-textual – Posfácio, apêndice, glossário, bibliografia, índice, colofão (do grego colophón, coroamento) supervisão editorial, edição de texto, diagramação, arte final, capa, produção gráfica, revisão, sistema de impressão, tiragem, acabamento e data da execução, errata, se apenas um erratum.

Elementos extratextuais: Primeira capa, quarta capa (ISBN) primeira orelha, segunda orelha, sobrecapa e lombada.

Citações de Allan Kardec – “Publicar sem exame, ou sem correção, tudo quanto vem dessa fonte (mediúnica) seria, em nossa opinião, dar prova de pouco discernimento”.

“Desde que por toda a parte são recebidas instruções mais ou menos idênticas, sua publicação poderá interessar apenas sob a condição de apresentar qualidades destacadas como forma e como alcance instrutivo”.

“O que dizemos não é para desencorajar de fazer publicações. Longe disso. Mas para mostrar a necessidade de escolha rigorosa, condição *sine qua non* do sucesso. Elevando os seus sentimentos, os Espíritos nos tornaram mais difíceis e mesmo exigentes. As publicações locais podem ter uma imensa utilidade, sob um duplo aspecto, o de espalhar nas massas o ensino dado na intimidade, depois o de mostrar a concordância que existe nesse ensino sobre diversos pontos. Aplaudiremos isto sempre e os encorajaremos sempre que forem feitas em boas condições”.

“Para começar convém delas afastar tudo quanto, sendo de interesse privado, só interessa àquele que lhe concerne. Depois, tudo quanto é vulgar no estilo e nas idéias, ou pueril pelo assunto. Uma coisa pode ser excelente em si mesma, muito boa para servir de instrução pessoal; mas o que deve ser entregue ao público exige condições especiais”.

“Aplicando estes princípios de ecletismo às comunicações que nos enviaram, diremos que em 3.600 há mais de 3.000 que são de uma moralidade irreprochável, e excelentes como fundo; mas que desse número não há 300 para publicidade, e apenas 100 de um mérito inconteste. Essas comunicações vieram de muitos pontos diferentes. Inferimos que a proporção deve ser mais ou menos geral. Por ai pode julgar-se da

necessidade de não publicar inconsideradamente tudo quanto vem dos Espíritos. Se se quiser atingir o objetivo a que nos propomos, tanto do ponto de vista material quanto do efeito moral e da opinião que os indiferentes possam fazer do Espiritismo”.

“Resta-nos dizer algumas palavras sobre manuscritos ou trabalhos de fôlego que nos mandaram, entre os quais, sobre trinta, encontramos cinco ou seis de real valor. *No mundo invisível como na terra, não faltam escritores, mas os bons são raros.* Todas as precauções são poucas para evitar as publicações lamentáveis. Em tais casos, mais vale pecar por excesso de prudência, no interesse da causa. Em resumo, publicando comunicações dignas de interesse, faz-se uma coisa útil. Publicando as que são fracas, insignificantes ou más, faz-se mais mal do que bem”.

“O mal é dar como sérias coisas que chocam o bom senso, a razão e as conveniências. Neste caso, o perigo é maior do que se pensa. Mais tarde, quando o Espiritismo estiver vulgarizado, mais conhecido e compreendido pelas massas, tais publicações não terão mais influência do que hoje teria um livro de heresias científicas”.

“Aquele, pois, que não estudou a fundo o Espiritismo, em seu espírito, em suas tendências, em suas máximas tão bem quanto em suas formas materiais, também é impróprio para fazer um romance espírita de algum valor”.

“Fantasia ou não, o romance não deixa de ser uma das formas a favor da qual a idéia espírita pode penetrar nos meios onde não seria aceita sob uma forma séria (austera) Podem fazer-se romances sobre o Espiritismo, como sobre todas as coisas. Dizemos mesmo quando for conhecido e compreendido em sua essência, fornecerá às letras e às artes fontes inesgotáveis de deslumbrante poesia”.

Bibliografia.

- ARAUJO, Emmanuel. A construção do livro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- CHAGAS, Aécio Pereira. O Livro espírita: algumas considerações. Rio de Janeiro, FEB. In: Reformador, abril/2003.
- HOUAISS, Antônio. Elementos de bibliologia. Rio de Janeiro, Hucitec, 1983.
- KARDEC, Allan. Devemos publicar tudo quanto os espíritos dizem? São Paulo, Edicel. In: Revista Espírita, novembro/1859.
- KARDEC, Allan. Exame das comunicações mediúnicas que nos enviam. São Paulo, Edicel. In: Revista Espírita, maio/1863.
- KARDEC, Allan. Os romances espíritas. São Paulo, Edicel. In: Revista Espírita, dezembro/1865.
- KARDEC, Allan. Os romances espíritas. São Paulo, Edicel. In: Revista Espírita, janeiro/1867.
- NAZARETH, Joamar Zanolini. Critérios de seleção e divulgação do livro espírita. Araras, IDE. In: Anuário espírita, 2002.
- REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA ESPÍRITA. Rio de Janeiro, FEB. In: Reformador, dezembro/2002.
- SOBRINHO, Geraldo Campeti. Literatura espírita: uma breve reflexão. Rio de Janeiro, FEB. In: Reformador, janeiro/1998.

Espiritismo abrindo fronteiras no mundo: a perspectiva do Esperanto

Neusa Priscotin Mendes
Matheus Astide Firmino

O Esperanto – Língua Internacional é uma língua transnacional e um movimento. Isso o coloca numa posição peculiar quando comparado com outras línguas. É de ninguém e de todos ao mesmo tempo, portanto se disponibiliza igualmente a todos, sem privilégios.

Conquistou um povo de falantes e usuários que cresce a cada dia, composto de pessoas das mais diversas origens e características. Esse povo (um fator importante e peculiar) tem representatividade em quase todos os países do mundo. Do oriente e do ocidente, do sul e do norte. A lista de representantes da Associação Universal de Esperanto engloba mais de mil cidades em 98 países, dados de 2001.

Isso abre ao Esperanto a possibilidade de um papel peculiar: o de ponte entre as línguas étnicas, que somam pelo menos três mil em todo o mundo. Algo que seja divulgado em Esperanto, tornando-se objeto de interesse de um esperantista ou de um grupo, passa a ter nessa pessoa ou grupo, um ponto de referência em seu país, ou nos povos falantes de sua língua étnica. Esse indivíduo ou grupo representará o tema divulgado, tornando-se um foco de difusão e divulgação do mesmo, agora em sua própria língua. Essa realidade já se evidenciou na prática, tanto fora como dentro dos círculos espíritas.

O livro **KUMEUAUA, LA FILO DE LA GHANGALO**, de autoria de Tibor Sekelj, descreve o dia-a-dia de um índio adolescente na selva do Araguaia, a quem o autor visitou em excursão pelo Brasil. Editado originalmente em Esperanto foi daí traduzido para mais de 20 outras línguas, direcionado a um público juvenil, por esperantistas falantes destas línguas. Na Polônia, um esperantista conheceu os livros de Kardec ainda quando um menino de 14 anos, através do Esperanto, e hoje já um jovem maduro, dirige importante movimento espírita na cidade de Bydgoszcz. Esse jovem produziu um importante trabalho em Esperanto a respeito da vida de Allan Kardec como educador na França, ainda não editado em língua portuguesa. Na Turquia, uma esperantista da cidade de Bursa fundou um grupo de estudos espíritas a partir de obras editadas na Língua Internacional.

A partir de edições em Esperanto, foram traduzidos para diversas línguas os seguintes livros: O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns de Allan Kardec e Nosso Lar de Chico Xavier/André Luiz, para o japonês; O Porquê da Vida de Leon Denis e O Semeador de Divaldo Pereira Franco/Amélia Rodrigues, para o albanês; Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita de Allan Kardec, Vida Feliz de Divaldo Pereira Franco/Joana de Angelis e mais recentemente Memórias de um Suicida de Yvonne Pereira/Camilo Castelo Branco, para o húngaro; Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita, para o búlgaro; O Evangelho Segundo o Espiritismo para o tcheco, a ser editado em breve.

Relevamos o fato de que as traduções para o Esperanto são modelares e que os tradutores são reconhecidos como tendo pleno domínio de suas línguas pátrias e do Esperanto. Por isso as traduções para suas línguas são do mais alto nível e fidelidade. Entendemos que a edição de livros em Esperanto é um importante investimento a longo prazo para a divulgação do Espiritismo no mundo, que merece a consideração e o

cuidado do movimento espírita. Entendemos que além da divulgação da Doutrina Espírita o trabalho transnacional promove a união para a colaboração internacional, o que, projetando-se no futuro, é o germe do mundo de Regeneração para o qual está evoluindo o nosso planeta, e cuja construção se fará através da ação conjunta dos espíritos de boa vontade, encarnados e desencarnados de todos os continentes, sob a inspiração do Cristo.

O resultado dos cursos de Esperanto no ambiente Espírita

David Bianchini

Dentro das atividades desenvolvidas nas Sociedades e Centros Espíritas a comunicação interpessoal se encontra presente em muitas delas. Aulas, exposições, debates e seminários, diálogo com entidades, dentre outras, pedem dos confrades a capacidade de entendimento interpessoal e comunicação.

Com o estudo da língua internacional, Esperanto, dentro do ambiente espírita, em coerência com muitas das orientações espirituais, temos colhido depoimentos interessantes de nossos alunos espíritas e trabalhadores em diversas atividades dos Centros.

Queremos ressaltar aqui, a título de exemplo, algumas das falas que registramos ao longo de nossa vivência no ensino do Esperanto em Sociedades Espíritas.

“Nunca me preocupei se me entendiam de verdade, depois que passei a estudar o Esperanto é que compreendi que as minhas palavras nem sempre tinham para as outras pessoas o mesmo sentido que eu queria dar”.

“O Esperanto me fez compreender quanto é importante ir além das palavras na comunicação com as pessoas. Aquela história de “falou e disse” é uma grande ilusão, pois muita gente fala, fala e não diz nada”.

“Foi estudando o Esperanto que melhorei o diálogo com os espíritos nos trabalhos mediúnicos e de desobsessão. Foi preciso estudar uma outra língua para enxergar meus equívocos”.

Muitas outras mais poderíamos trazer para apontar os reflexos benéficos do estudo da Língua Esperanto. Constatamos ao longo de nossos quase vinte anos de atividade espírita e esperantista, que ao estudá-lo os companheiros de doutrina se conscientizam das armadilhas de muitos vícios de linguagem, dos condicionamentos culturais, da improbidade de certas palavras, etc. Descobrem, surpresos a importância de suas palavras da comunicação em si. Pois como nos afirma o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky: “a palavra é um microcosmo na consciência humana”.

A língua internacional, Esperanto, nos ensina a ser claros, precisos e principalmente fraternos. Vindo, no dizer de Emmanuel, no conjunto das “energias renovadoras” deste novo milênio que adentramos, o estudo e prática do Esperanto faz recrudescer em nossos espíritos imperfeitos a chama de amor ao próximo.

A credibilidade da informação na Internet

Wilson Garcia

A disposição para compreender a importante questão da informação na Internet e, em especial, os fatores e os desdobramentos da sua credibilidade, tem o significado maior de se saber que o avanço das tecnologias da informação exige dos cidadãos e das organizações sua integração à realidade do mundo contemporâneo, às suas novas estruturas e possibilidades comunicativas. A sociedade da informação a tudo abrange e a tudo engloba, altera e influencia, sendo por isso considerada a mais nova grande revolução que introduz a humanidade na Economia Digital de silício, computadores e redes, em substituição à Economia Industrial baseada no aço, nos automóveis e nas estradas.

Os espíritas, enquanto cidadãos interessados particularmente na promoção do conhecimento que fundamenta a Doutrina Espírita, descubrem na informática um canal de grande interesse e se lançam com força ao espaço da virtualidade, tendo aí uma dupla presença: como cidadãos e como espíritas. Uma terceira presença pode ser acrescida: o do cidadão enquanto membro e representante de uma organização espírita.

Assim, a questão da credibilidade interessa não apenas pelo seu significado para o cidadão-receptor, aquele que atua em uma das pontas do processo comunicativo, mas também enquanto produtor de informação, ou seja, o emissor. Se como receptor colocado no centro da comunicação ele tem necessidade de refletir sobre as informações a que tem acesso, enquanto emissor terá sobre si o peso da responsabilidade de produzir com credibilidade.

Recursos didáticos na exposição: o uso do audiovisual.

**Américo Luiz Sucena de Almeida
Ary Soares Sobrinho**

Projeto slide ou divulgação da Doutrina Espírita com slides – O “Projeto Slide”, idealizado pela Associação Espírita Mãos Unidas (São Paulo) é uma forma alternativa de palestra ou aula sobre temas espíritas. Livros, temas doutrinários e evangélicos, histórias infantis, contadas com a ajuda de desenhos feitos por profissionais, permitem ao ouvinte gravar melhor o que se está falando. Uma imagem vale mais do que mil palavras.

Histórias disponíveis e temas que podem ser desenvolvidos.

Há 2000 anos – lei de evolução, mediunidade, ação e reação, etc.

50 anos depois – ação e reação, planejamento familiar, etc.

Memórias de um suicida – vida no mundo espiritual, planejamento de reencarnações.

Voltei – desencarnação, vida após a morte, atividades dos espíritos desencarnados, etc.

Nosso lar – vida após a morte, colônias espirituais, ação dos espíritos, etc.

Libertação – regiões espirituais inferiores, obsessão, desobsessão, etc.

E a vida continua – vida após a morte, ação dos espíritos sobre a matéria, etc.

Entre a terra e o céu – vida após a morte, ação dos espíritos sobre os encarnados, etc.

Reencarnação de Segismundo – planejamento de reencarnações, etc.

Desencarnação – processo da desencarnação, fatores que facilitam e dificultam.

Dívida e resgate – lei de ação e reação, reencarnação, etc.

História de um espírito – o tempo de Kardec, dificuldades de comunicações com os espíritos.

O reencontro – história juvenil sobre o uso de drogas.

O casal de passarinhos – história infantil sobre o destino dos animais após a morte.

Balão é fogo! – história infantil sobre o perigo de se soltar balões.

Observação: Essa exposição constou de duas partes. Na primeira, foi apresentado o histórico de como surgiu esse trabalho, suas dificuldades, custos altos por causa dos desenhos, etc. Na segunda parte foi exibida aos congressistas a palestra resumo de **Nosso Lar** com o auxílio dos slides.

Contribuições para o Planejamento Trienal

COMUNICAÇÃO SOCIAL ESPÍRITA

O Espiritismo e a mídia: nossa linguagem

- a) Linguagem espírita - são e irrepreensível para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós, tendo por base Paulo de Tarso, não sendo doce demais, nem amarga em excesso, nem branda em demasia, afugentando a confiança, nem áspera ou contundente, quebrando a simpatia, como é a proposta de Emmanuel (Pão Nosso) observando, no entanto, a especificidade de cada veículo de comunicação.
- b) Segmentação da mídia - Conhecer o público alvo da comunicação para a melhor linguagem, pois não somos criados pelo processo de produção de massa e, por isso mesmo, cada um de nós enxerga a vida e os processos de evolução de maneira diferente. Estabelecer diferenças de princípios para o público interno e o externo, conforme estabelecido nos Princípios e Diretrizes da Comunicação Social Espírita, do CFN - FEB, 1993.

Espiritismo e Radiofonia

- a) Rádio Espírita para todos - Utilização do conhecimento e experiência da ADE e USE para disseminá-los a espíritas e entidades interessadas na implantação da radiofonia, através de seminários, cursos e oficinas específicas.
- b) Programas espíritas - seriam facilitados pela criação de módulos comunitários, tais como, vinhetas, músicas, informações, programas específicos, para utilização em vários veículos visando a divulgação da Doutrina Espírita.

O Jornal na divulgação espírita

- a) Projeto de Revista Espírita - como o Dirigente Espírita é específico para o público dirigente, surgiu a proposta de se desenvolver uma revista para o grande público freqüentador dos centros espíritas, com os recursos obtidos através de parcerias.
- b) Cursos da ADE-SP - elaboração e implementação de cursos sobre conhecimentos específicos aos interessados no desenvolvimento de jornais e boletins, ficando os órgãos mais tecnicamente habilitados para as suas edições.
- c) Avaliação técnica do Dirigente Espírita - estudo técnico sobre o Dirigente Espírita, avaliando os resultados que estão sendo atingidos com a sua edição bimestral, análise de seus objetivos iniciais, o número atual de leitores e o alcance e abrangência junto ao movimento espírita unificado.

Linhas mestras para uma linguagem única em todo Estado

Alkindar de Oliveira ao apresentar o seu tema propõe que a USE desenvolva ações e reflexões sobre a linguagem do amor, repensando suas atitudes e suas práticas, e

compartilhando estas conclusões com todos os órgãos de unificação, para a vivência mais adequada no Tempo da Maioridade, como definido por Bezerra de Menezes.

Espiritismo abrindo fronteiras no mundo: a perspectiva do Esperanto

Projeto Esperanto – criação de equipe de esperantistas espíritas para a formação de tradutores que possam utilizar o Esperanto como língua ponte para a difusão do Espiritismo em outros países. Neusa Priscotin se propôs a fazer parte desta equipe com o objetivo de criar uma associação estadual de esperantistas espíritas.

A Internet como um dos meios de dinamização do movimento espírita estadual

Utilização da Internet como meio útil e necessário para a circulação de informações entre os representantes do movimento espírita estadual; divulgação de mensagens; colocar os sites das instituições; divulgar eventos; disponibilizar catálogos de livros e outros produtos; colocar um banco de dados com produção literária; ampliar “mailing-list” de pessoas e instituições; troca de informações e debates peculiarizados – chat; pesquisa sobre os mais variados assuntos; interação com rede mundial com vistas à visibilidade institucional.

Ação Social Espírita

O Espiritismo e a ação social: uma história de altos e baixos

Elaine Curti Ramazzini

Nos primórdios da ação social dos espíritas, o trabalho assistencial era todo ele calcado no modelo seguido pelos católicos que lhes antecederam. Assim, como os vicentinos, que realizavam visitas às famílias carentes e efetuavam as campanhas do quilo, os espíritas também o faziam.

O modelo de assistência levava a característica da nossa cultura até mesmo porque, pouco se conhecia dos conteúdos e princípios exarados pela Doutrina Espírita. Os livros estrangeiros, franceses em sua maioria e que chegavam ao nosso país, iletrado e pobre, eram conhecidos somente por algumas pessoas mais preparadas intelectualmente.

Os que ingressavam no Movimento Espírita buscavam ilustrar-se por conta própria e os núcleos espíritas surgiam muito mais preocupados com os fenômenos mediúnicos, não se demorando, num primeiro momento, no estudo das obras básicas da Codificação Kardequiana.

O tempo transcorreu e a idéia de atender ao ser nas suas necessidades primárias foi ganhando espaço nas atividades assistenciais das casas espíritas, devido também às condições sócio-econômicas de um país emergente como o nosso, com uma problemática muito complexa e desafiadora aos dirigentes da nossa política financeira.

O Brasil é um país de contrastes e dentro dessa complexibilidade foi ganhando força cada vez mais o aspecto assistencialista das atividades espíritas e não espíritas, que visam sobretudo ao atendimento às necessidades imediatas da criatura, relegando a plano secundário as questões atinentes à educação, ao crescimento e a elevação do espírito.

Segundo o Espírito da Verdade, à medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão eles às coisas materiais.

Cumpre-nos a cada um em particular e ao Movimento Espírita como um todo se questionarem quanto aos novos paradigmas que devem nortear o modelo de assistência social. Tais paradigmas enfatizam não a prática marcada pelo assistencialismo, pela esmola, mas pelo aspecto da promoção do ser e, sobretudo pelo seu crescimento espiritual.

Creches e grupos família: um posicionamento

Nedyr Mendes da Rocha

Para discorrer sobre o assunto, o expositor, com vasta experiência nesse setor, citou como exemplo a Creche Meimei, vinculada ao Grupo Espírita Casa do Caminho, situada à Rua Francisco de Camargo Andrade, 954, bairro Castelo, em Campinas.

Para se formar uma creche é necessário uma proposta pedagógica e um regimento interno, além de um estatuto muito bem elaborado para não causar problemas com o Poder Público.

As creches recebem crianças de 0 a 6 anos, portanto é necessária a educação básica de 0 a 3 anos, e a pré-escola, de 4 a 6 anos.

É muito importante ficar atento às políticas do município, participar de Conselhos, e atender aos artigos específicos da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) Lei Orgânica da Assistência Social (1993) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996)

Uma entidade espírita poderá ser a mantenedora da creche, e para sua manutenção, poderemos contar com as verbas públicas, campanhas, lavanderia, promoções, etc.

Porém existe uma dificuldade ao desenvolvimento dos trabalhos em creches, que é a exigência dos poderes públicos de não se colocar religião, no atendimento às crianças. Mas vale a pena investir, pois tanto as crianças como as famílias, recebem bom atendimento e acompanhamento.

Instrumentos legais – Constituição da República Federativa do Brasil –

Art 6 São direitos sociais: a educação, a saúde, a proteção à maternidade e a infância, a assistência aos desamparados, na forma desta constituição. **Art 208 IV** O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantia de: atendimento em creche pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. **Art 211** A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, seus sistemas de ensino. Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil. **Art 227** É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los à salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. **Estatuto da Criança e do Adolescente – Art 53** É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. **Parágrafo único** É direito dos pais ou do responsável ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. **Lei Orgânica da Assistência Social Art 2** A assistência social tem por objetivos: I proteção à família, à maternidade, à velhice; II o amparo às crianças e adolescentes carentes. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Art 21** A educação escolar propõe-se de: Educação Básica formada pela educação infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. **Art 29** A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança. **Art 30** A educação infantil será oferecida em: I creches ou entidades equivalentes, para crianças até três anos de idade; II pré-escolas,

para crianças de quatro a seis anos. **Art 31** Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento sem objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental.

Sociedades Espíritas e as terapias de apoio aos necessitados

Elaine Curti Ramazzini

No processo terapêutico de apoio aos necessitados, as Sociedades Espíritas por certo observarão os aspectos doutrinários exarados pela Doutrina codificada por Allan Kardec, bem como os aspectos biológicos, psicológicos e sociais que visam ao atendimento integral do ser encarnado, para, em última análise, atingir o espírito em sua marcha evolutiva.

Não há como falar em atendimento em moldes spiritistas sem se levar em conta o processo consciencial da criatura e o estágio evolutivo em que ela se encontra.

Fomentar-lhe, portanto, a consciência significa trabalhar no ser a responsabilidade pela própria vida num sentido bem amplo, ou seja, no campo do pensamento, das idéias, do sentimento, das emoções, do comportamento e das ações.

Este trabalho em nível de consciência deve ter um sentido absolutamente relacional, isto é, do homem em relação consigo mesmo, com os seus pares e com Deus, uma vez que ele influencia o meio e os outros, assim como o meio e os outros, o influenciam.

Um dos grandes objetivos a ser atingido nesse processo de apoio aos necessitados é o de torná-los auto-suficientes.

Assim, num primeiro momento, envidar esforços no sentido de ajudar a criatura a superar as dificuldades de qualquer ordem é tarefa que a todos compete, principalmente às Sociedades Espíritas que se arrogam a missão histórico-espiritual de renovação do homem e do mundo, mas permitir a essa mesma criatura encontrar por si própria o seu caminho, é obra de transcendental importância, pois diz respeito às possibilidades maiores do ser espiritual a se manifestarem vitoriosas nessa escalada ascensional.

Sociedades Espíritas e as terapias convencionais

Nancy Pullmann Di Girolamo

Questão 132 do O Livro dos Espíritos – Qual a finalidade da encarnação dos espíritos? DEUS a impõe com o fim de levá-lo à perfeição. Para uns é uma expiação, para outros, uma missão, mas, para chegar a essa perfeição, eles devem sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea, nisto consiste a expiação. A encarnação tem ainda outra finalidade que é a de por o espírito em condições de enfrentar a sua parte na obra da Criação. É para executar que, em cada mundo, ele toma um aparelho, em harmonia com a matéria essencial do mesmo, a fim de nele cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de DEUS. E dessa maneira, concorrendo para a obra geral, também progredir. (Tradução de Herculano Pires)

Instituição Beneficente Nosso Lar – missão: desenvolvimento integral das potencialidades humanas (aplicada em todos os departamentos e setores)

Etapas: 1) De 1946 a 1966 – um lar para centenas de bebês órfãos, abandonados. Terapêutica homeopática, sob os cuidados do Dr Luiz Monteiro de Barros. Fluidoterapia espírita sob os cuidados do Departamento de Cultura Espírita. **Dafaf** – Departamento de Assistência à Família Anália Franco. 2) De 1967 a 2003 – Departamento **Dipce** – desenvolvimento integral das potencialidades da criança excepcional (PPD – pessoa portadora de deficiência)

Terapêutica convencional e inclusão da terapêutica espiritual espírita. Terapêutica não convencional utilizada como reserva.

Referencial: a criança é um ser bio-psico-sócio-espiritual em crescimento-desenvolvimento. Os procedimentos terapêuticos se baseiam nas Teorias do Desenvolvimento nos quatro aspectos de ser, executados por equipe técnica multiprofissional em sistema transdisciplinar. O referencial vem possibilitando o desenvolvimento de pesquisa, cotejando-se dados convencionais com observações mediúnicas para avaliações do programa integrativo **Dipce**.

A participação do espírita nos órgãos municipais de ação social

Neyde Schneider

“ Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo”. (Mateus, 10:28)

1 – OMISSÃO do Espírita na atividade política. Qual a razão? É lícita essa atividade? O que se pode sugerir?

A palavra política tem sua raiz no grego *polis*, que hoje traduziríamos por cidade, mas sua acepção original para nós brasileiros, num país com a extensão territorial como o nosso, é difícil de abranger, pois significa um conglomerado humano soberano, uma povoação, com leis próprias e independência total. As cidades gregas com sua autogestão corresponderiam hoje a pequenos países, como Mônaco, Liechtenstein, Vaticano, Malta, Gibraltar, etc.

Com Jean Jacques Rousseau, aprendemos que para a sobrevivência da espécie humana, os homens criaram um pacto social através do qual cada um de seus membros abdicava de alguns de seus poderes (ou direitos) transferindo-os a outrem que representaria os poderes dos demais membros, para agir em seu nome, na condução do interesse coletivo, isto é, o estabelecimento de normas, princípios, leis para assegurar a sobrevivência da espécie. Poder-se-ia dizer, para o bem comum.

Por que não pode ou não deve o espírita, detentor de todo o interesse no bem comum (amar ao próximo como a si mesmo, fora da caridade não há salvação) participar, pois dessa atividade? Se a consideramos aviltada pelos interesses pessoais, por que não contribuímos para a sua moralização? Nada é fácil, mas sem esforço e perseverança não se chega a lugar algum.

2 – A LOAS – Lei orgânica da ação social e sua implementação

Lei federal número 7842 de 7/12/1993

Art 8 – A União, os Estados, o Distrito Federal e os **Municípios**. Observados os princípios e diretrizes estabelecidos nesta Lei, fixarão suas respectivas **políticas de assistência social**.

Art 9 – O funcionamento das entidades e organizações de assistência social depende de prévia inscrição no respectivo Conselho Municipal de Assistência Social.

§ 3 – A inscrição da entidade no Conselho Municipal de Assistência Social é condição essencial para o encaminhamento de pedido de registro e de certificado de entidade de fins filantrópicos junto ao Conselho Nacional de Assistência Social. (CNAS)

Art 16 – As instancias deliberativas do sistema descentralizado e participativo de assistência social, de caráter **permanente e composição paritária** entre governo e **sociedade civil**, são: IV – os Conselhos Municipais de Assistência Social.

Art 17 § 4 – Os Conselhos de que tratam os incisos II, III e IV do artigo 16 deverão ser instituídos, respectivamente, pelos Estados, pelo Distrito Federal e pelos Municípios, **mediante lei específica**.

Art 29 – Os recursos de responsabilidade da União destinados à assistência social serão automaticamente repassados ao Fundo Nacional de Assistência Social (FNAS) à medida que se forem realizando as receitas.

Art 30 – É condição para os repasses, aos Municípios, aos Estados e ao Distrito Federal, dos recursos de que trata esta lei, a efetiva instituição e funcionamento de: I – Conselho de Assistência Social, de composição paritária, entre governo e sociedade civil; II – Fundo de Assistência Social, com orientação e controle dos respectivos Conselhos de Assistência Social; III – Plano de Assistência Social.

O Ministério Público é hoje um órgão atuante, que fiscaliza todos os níveis de poder público e pode ser acionado por qualquer cidadão, para averiguar irregularidades na condução de seu mandato de qualquer representante do poder, seja no âmbito

municipal, estadual ou federal. Temos exemplos frisantes da atuação do Ministério Público em casos recentes amplamente noticiados pela mídia. É imprescindível a assistência do Ministério Público, para validar as eleições dos Conselhos Municipais de Assistência Social, o que não pode ser esquecido.

3 – Existem outros órgãos municipais de ação social? Como os espíritas podem atuar? Devemos enfrentar os opositores?

Podemos falar do município em que vivemos. Na cidade de São Paulo, existe a Secretaria Municipal de Assistência Social, que recentemente foi descentralizada, uma vez que foram criadas as sub prefeituras, tendo suas equipes alocadas a elas. Sua ação, todavia, ainda parece não estar bem definida, em decorrência dessa modificação.

Normalmente, este órgão convenia com entidades particulares subvenções para a manutenção de creches, centros de juventude, albergues, casas de passagem, etc. É importante buscar aproximação, para formalizar-se as possíveis parcerias com o poder público, verificando quais as exigências, ao mesmo tempo em que se deve solicitar assessoria a esse órgão na elaboração dos projetos competentes e no cumprimento das respectivas exigências.

A melhor forma de enfrentar os opositores é não retribuindo, mas seguindo os exemplos de Jesus, de Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Chico Xavier e muitos outros mais que se dedicaram a trabalhar pelo bem do próximo.

Pode-se dizer que existem conchavos, círculos fechados, apadrinhamento ou intransigência na hora de ser composta a administração do órgão, mas sabemos da participação, em cidades de nosso Estado, em cargos de relevância, de confradeiras como Fernanda C. M. Ripamonte e Neide Rizzo, de modo que não é impossível. É importante profissionalizarmos-nos e demonstrarmos competência. Vamos nos manter informados sobre o período de mandato, a época de eleição para esses cargos e participarmos sempre dos fóruns de ação social em nossa cidade, como também no Estado. Basta citarmos o atual presidente do CONSEAS (Conselho Estadual de Assistência Social) Dr Clodoaldo de Lima Leite, que é espírita e atuante no campo doutrinário e assistencial.

4 – O exemplo de Kardec na Ação Social

Em “Vida e Obra de Allan Kardec”, por André Moreil, encontramos as idéias de Kardec sobre a educação pública, já em 1828, quando expõe que a educação é uma ciência e há necessidade de ter pessoas capacitadas para ministrá-la.

Em “Kardec” tomo I, por Zéus Wantuil e Francisco Thiesen, encontramos a asserção que a instrução popular gratuita na França foi instituída em 1833 em decorrência dos trabalhos de Comissão designada para tal, a que o professor Rivail dirigiu sua “*Mémoire sur l’instruction publique*” (Memória sobre a instrução pública) colocando sua posição favorável à liberdade de ensino, contra o monopólio universitário e destacando a importância da educação moral dada à infância.

Referem também os nossos biógrafos que de 1835 a 1840, o professor Rivail organizou e ministrou “cursos gratuitos de química, física, astronomia, fisiologia, anatomia comparada, etc”. De 1843 a 1848, deu também cursos públicos bissemanais de matemática e astronomia, contando que “alunos e até mesmo professores que freqüentaram os referidos cursos admiravam a simplicidade das demonstrações do mestre e a facilidade de sua elocução”.

Sua atuação pode ser destacada também em diversos campos de incentivo ao progresso, como membro da Sociedade Promotora da Indústria Nacional, membro da

Academia da Indústria Agrícola, Manufatureira e Comercial, membro do Instituto Histórico, da Sociedade Francesa de Estatística Universal, da Academia de Arras e membro fundador da Sociedade de Previdência dos Diretores de Instituições e Pensões de Paris, constituída em 1829.

Roque Jacintho em "Kardec na Intimidade" refere diversos episódios da vida de Kardec que evidenciam a grandeza de seu espírito. Basta lembrar o capítulo *Ronda da Caridade* em que narra as visitas de Kardec a um bairro pobre, o que fazia com freqüência, espalhando conforto, consolo, alívio e socorro material. De volta de uma de suas visitas, Gabi, sua mulher, o vê tristonho e, ao tomar conhecimento da situação de penúria dos moradores do bairro, inicia um trabalho de assistência às famílias carentes, juntamente com outras mulheres da Sociedade Espírita, confeccionando roupas para os desnudos, criando uma despensa de alimentos, recursos esses que passaram a levar às casas pobres, acompanhadas por Kardec e alguns outros homens. Não terá sido esse o começo do serviço assistencial espírita? Este pequeno grupo de socorro pode-se dizer, iniciou o trabalho que os espíritas, ao menos aqui no Brasil, realizam com assistência à população objeto da exclusão social, como atendimento dispensarial, hospitais psiquiátricos, para pessoas com necessidades especiais, creches, atendimento à gestante, ao idoso, capacitação profissional, etc.

Resta-nos, ainda, uma questão. É a divulgação do Espiritismo ação social?

Eu diria que sim, uma vez que seus princípios morais e filosóficos impulsionam o homem para buscar melhorar-se e contribuir para a melhora da sociedade. Importa, pois, divulgá-lo com todos os recursos de que se puder dispor, desde a nossa forma de vivê-lo junto a nossos familiares, relações de parentesco, trabalho, estudo, até a atuação em âmbito internacional, como faz o CEI e alguns confrades nossos, não esquecendo os recursos do rádio, televisão, jornalismo, livro espírita, palestras, seminários, cursos, encontros, etc.

5 – O que hoje, nós espíritas podemos fazer?

Além do acima exposto, pode-se participar do Projeto DEGRAU, de iniciativa da REBRAAF, em conjunto com a USE e as Associações Comerciais, que pretende capacitar e encaminhar 120.000 jovens para o primeiro emprego; do programa FOME ZERO, nova bandeira do atual governo federal, em que tudo se encontra por fazer e necessita da ação do voluntariado. Esse programa vai aos poucos tomando forma. Já foi elaborada uma cartilha a ser distribuída nas escolas incentivando a população a participar. Os Correios já estão habilitados a receber doações de alimentos. Há também o 0800, que faculta a doação de recursos financeiros, além de conta bancária para tanto.

Importa agora estabelecer a forma mais adequada de distribuição desses recursos à população com fome e isto os espíritas estão capacitados para fazer. Vamos oferecer os nossos préstimos?

Sumariando, a ação social espírita pode resumir-se no único mandamento de Jesus – "Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo".

O Centro Espírita e seu envolvimento com a comunidade local

Clodoaldo Lima Leite

Compete-me, a tarefa de refletir o sub-tema: O CENTRO ESPÍRITA E SEU ENVOLVIMENTO COM A COMUNIDADE LOCAL e para tanto me permitam ainda, lembrar que no dia 9 de março p.p., fez 24 anos que desencarnou o Professor José Herculano Pires. Portanto, nossa homenagem a esse companheiro de ideal que tanto contribuiu para o Movimento Espírita Brasileiro. Logo, nada mais justo e oportuno beber na sua obra conteúdos para nossa reflexão desta manhã.

O Professor José Herculano Pires, foi um apóstolo moderno na ingente tarefa de implantar o REINO NA TERRA.

Afirma Herculano Pires em "O CENTRO ESPÍRITA"... Dirigentes, auxiliares e freqüentadores de um Centro Espírita bem organizado sabem que a Obra de Kardec é um monumento científico, filosófico, e religioso de estrutura dinâmica, não estática, mas cujo desenvolvimento exige estudos e pesquisas do maior rigor metodológico, realizadas com humildade, bom senso, respeito à Doutrina e condições culturais superiores.

Isso nos remete à afirmação do *Espírito de Verdade* contida no Evangelho Segundo o Espiritismo sobre o Advento do Espírito de Verdade: "Espíritas amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo".

Diz ainda Herculano Pires: "Se os espíritas soubessem o que é o Centro Espírita, quais são realmente a sua função e a sua significação, o Espiritismo seria hoje o mais importante movimento cultural e espiritual da Terra. Temos no Brasil, e isso é um consenso universal, o maior, mais ativo e produtivo movimento espírita do planeta. A expansão do Espiritismo em nossa terra é incessante e prossegue em ritmo acelerado. Mas o que fazemos, em todo este vasto continente espírita, é um esforço imenso de igrejificar o Espiritismo, de emparelhá-lo com as religiões decadentes e ultrapassadas, formando por toda parte núcleos místicos e portanto fanáticos, desligados da realidade imediata".

Herculano Pires analisa e aponta que no Brasil sofremos os prejuízos do religiosismo ingênuo em nossa formação cultural. Muitos Centros Espíritas tem reforçado a manutenção dessa mentalidade de rezadores e pedinchões, de rebanho.

Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, também combate esta cultura que forma dependentes quando expressa com clareza que o "Espiritismo veio para libertar consciências". Jesus de Nazaré foi o primeiro a dizer que poderíamos fazer o que ele fez e muito mais. O Espírito de Verdade em O Evangelho Segundo o Espiritismo, diz que os erros que se enraizaram no Cristianismo são de origem humana.

Herculano Pires entende como Victor Hugo, que o Centro Espírita é o *point d'optique*, ou seja, o ponto visual de convergência do movimento doutrinário. De um modo figurado compara o Centro Espírita a um espelho côncavo em que todas as atividades doutrinárias se refletem e se unem, projetando-se conjugadas no plano social geral, espírita e não espírita.

Herculano Pires destaca Kardec, que avaliou a importância significativa no plano da divulgação e da orientação dos Grupos, explicando ser preferível a existência de vários Centros pequenos e modestos numa cidade ou num bairro, à existência de um único Centro grande e suntuoso.

Centro pequeno e modesto atrai as pessoas realmente interessadas no conhecimento doutrinário, cria um ambiente de fraternidade ativa em que as discriminações sociais e culturais desaparecem no entrelaçamento de todos os seus componentes, considerados como colaboradores necessários de uma obra única e concreta. **Que a função e significação** do Centro Espírita estão definidas como estudo e prática da Doutrina, divulgação e orientação dos interessados, serviço assistencial aos espíritos sofredores e às pessoas perturbadas, sempre segundo a Codificação de Allan Kardec. **Sem Kardec não há Espiritismo**, há apenas mediunismo desorientado, formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, confusões determinadas por teorias pessoais de pretensos mestres. Opiniões pessoais, palpites de pessoas pretensiosas, livros mediúnicos ou não, de conteúdo mistificador, cheios de absurdos ridículos, seja o autor quem for, não têm nenhum valor para um verdadeiro Centro Espírita.

“Para restabelecermos a verdade espírita entre nós e reconduzirmos o nosso movimento a uma posição doutrinária digna e coerente, é preciso compreender que a Doutrina Espírita é um chamado viril à dignidade humana, à consciência do homem para deveres e compromissos no plano social e no plano espiritual, ambos conjugados em face das exigências da lei superior da Evolução Humana”.

O espírito protetor Ferdinando (Bordeaux, 1862 Evang. Seg. Esp.) quando fala da missão do homem inteligente na Terra afirma que a “inteligência é rica em méritos para o futuro, mas com a condição de ser bem empregada. Se todos os homens bem dotados se servissem dela segundo os desígnios de Deus. A tarefa dos Espíritos seria fácil, ao fazerem progredir a humanidade”.

Comentários de Kardec – Capítulo XVIII, Evangelho Segundo o Espiritismo, “Os que dizem: Senhor, Senhor! ... Eis porque todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nas suas palavras (Jesus de Nazaré) serão estáveis como a casa construída sobre a pedra”. Capítulo XXV, Evangelho Segundo o Espiritismo, “Não vos canseis pelo ouro”, Kardec encerra seu comentário sobre o tema afirmando: “Assim diz hoje o Espiritismo aos seus adeptos: Não violenteis nenhuma consciência; não forceis ninguém a deixar sua crença para adotar a vossa; não lanceis anátema sobre os que não pensam como vós. Acolhei os que vos procuram e deixai em paz os que vos repelem. Lembrai-vos da palavra do Cristo: antigamente o céu era tomado com violência, mas hoje o será pela caridade e pela doçura”.

O Centro Espírita e as ações que alcançam presídios

Avildo Fioravanti

Normalmente, o trabalho em presídios não é de muito interesse dos Centros Espíritas. É um trabalho que deve ser feito por pessoas que realmente sintam vontade e dedicação em fazê-lo. Se não houver vontade mesmo e dedicação é preferível nem começar. O trabalho dos espíritas em presídios ainda nos dias atuais enfrenta obstáculos e discriminação.

Venâncio, da USE e Joaquim da FEESP, iniciaram esse trabalho na Penitenciária do Estado de São Paulo. As experiências foram boas e o trabalho continua até hoje com vários colaboradores.

O ambiente dos presídios não é agradável, e no início predomina muito a curiosidade, porém devemos ser discretos, pois o Mestre Jesus, nos pede para visitarmos os encarcerados.

Algumas providências precisam ser agilizadas para esse trabalho em presídios. Primeiro, entrar em contato com a direção do presídio, para obter a permissão de visitar os detentos e falar sobre Espiritismo. Segundo, tomar conhecimento do Regulamento do presídio e obedecê-lo integralmente.

Será necessária uma equipe de no mínimo dez pessoas, e quando todos não puderem comparecer, pelo menos dois, deverão ir. Nunca uma pessoa sozinha.

Também não perguntar ao detento, porque está preso, não levar correspondência, não demonstrar medo e não ser atrevido com ele; não criticar ou ridicularizar suas atitudes e não encarar ninguém.

Quanto aos ensinamentos sobre Espiritismo, não improvisar. Fazer uma programação, mais ou menos com doze temas, alternando doutrina e evangelho. Tudo o que precisarem falar, será explanado durante as aulas. Tratar com carinho, temas que envolvem a família. O tema sobre o perdão costuma dar alívio aos presos. Há casos em que é possível dar auxílio às famílias. Também, é possível a aplicação de passes.

Na realidade, devemos encarar os encarcerados, como nossos irmãos, pois de fato eles são. Resultados imediatos é muito difícil. É um trabalho a longo prazo. Mas o importante é plantar a semente, que um dia, ela dará frutos.

Centro Espírita: sopa e religião. Paliativo ou solução?

Miltes Aparecida Bonna

Allan Kardec, o insigne codificador da Doutrina Espírita nos convoca para o exercício da caridade beneficente e a caridade benevolente. Como entendermos essas modalidades? Nosso Movimento Espírita já se conscientizou das responsabilidades do ser espiritual eterno promovendo mudanças? E a adequação do Centro Espírita para transformar-se realmente na escola das almas e no pronto socorro espiritual? Matar a fome do corpo através da sopa fraterna é caminho único ou um convite para a busca de soluções que promovam socialmente o espírito educando-o para a eternidade? Aprende-se com o estômago vazio?

O nosso irmão morador de rua retrata o estágio desalentador em que a sociedade se encontra. Como transformar este quadro doloroso?

Era uma tarde como as outras. O cheirinho de pão fresquinho envolvia a atmosfera, convidando a todos à padaria do bairro. Um coração integrante da diretoria de um Centro Espírita próximo, trazendo à mão seu netinho, caminhava em direção à casa comercial quando, na calçada em que transitava, observou um morador de rua que se aproximava. Todos os transeuntes passavam ao largo, deixando a calçada.

O cheiro da dor e do abandono se espalhava no ar. Era uma "lixeria humana" que transitava. As roupas sujas, andrajosas e o mau cheiro das fezes que demarcavam o desequilíbrio orgânico retratavam a busca muda de socorro. A quem buscar? Era um trapo abandonado, repudiado por todos.

Do que necessitava aquela criatura no momento? De tudo!

Apesar do garotinho prender o nariz tentando evitar sentir o cheiro desagradável, o acompanhante lembrou-se da caridade beneficente e da caridade benevolente, que tantas vezes pregava na tribuna do Centro Espírita.

Pensou em Jesus e solicitou a colaboração da criança, que nos seus cinco anos de idade observava surpreso. – Será que você pode me ajudar a socorrer esta criaturinha que Jesus nos mandou para direcioná-la para uma nova oportunidade? Pelo menos um banho? No Centro Espírita tem chuveiro no banheiro de fora. Lá, poderemos encaminhá-la para banhar-se.

O homem atendeu ao chamado, aceitando a oferta. Enquanto isso, roupas limpas lhe eram providenciadas.

Ao tentar colocar a calça de moletom que lhe foi oferecida, percebeu que a mesma não conseguia passar pelos seus pés. Foi pedido que colocasse o pé pela fresta da porta, para que se observasse o motivo. Ah! Surpresa, expectativa. Aquele pé estava tão inchado, arroxado, que foi preciso cortar a barra da calça para que pudesse por ali passar.

Fica, então, a pergunta para a nossa reflexão: **Centro Espírita: sopa e religião. Paliativo ou solução?**

Como entender as modalidades da caridade beneficente e da caridade benevolente, que Allan Kardec, o insigne codificador da Doutrina Espírita, nos convoca a exercitar?

A responsabilidade da diretoria do Centro Espírita que se propõe a ser a Escola das almas e o Pronto Socorro Espiritual não pode ser medida apenas por esta linha que escrevemos. Há necessidade de uma reflexão profunda.

Uma porta que se abra com a proposta de estabelecer mudanças comportamentais, dentro do contexto da Ação Social Espírita, necessita de um planejamento estratégico em que o bom senso do mestre lionês é colocado em ação.

No relato exposto, é possível que a decisão da criatura integrante da entidade espírita em providenciar o atendimento extra ao transeunte sofrido tenha quebrado a disciplina da Casa. A disciplina é importante, mas quando esta, não se transforma em desamor.

A indiferença grassa na sociedade. É desolador o panorama das comunidades e da cidade grande, com irmãos dormindo ao relento, com chagas purulentas e mãos estendidas.

O que fazer? Como fazer? Quando fazer? Por que fazer?

As respostas, o Evangelho de Jesus nos traz.

O Centro Espírita, como posto avançado de socorro na Terra, tem uma missão transformadora, substituindo o misticismo pela fé, não apenas raciocinada, mas raciocinante em todos os momentos.

O homem encarnado é um ser eterno e, por conseguinte, sujeito a direitos e deveres.

A diretoria, célula atuante que pensa, decide e faz, e que não apenas manda fazer, não pode ser indiferente com o que se passa em derredor.

Sentir Jesus, viver Kardec, é contextualizá-los no dia-a-dia, aprendendo a conhecer, aprendendo a viver, para aprender a fazer.

O Movimento Espírita requer de cada diretor o comprometimento, não apenas com a **causa espírita**, mas com a **casa espírita**.

Implementar programas de estudo, prática mediúnica, assistência espiritual, evangelização e assistência social requerem da equipe diretiva uma metodologia baseada no amor, atendendo aos dispositivos legais, fazendo cumprir o “Dar a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus”. A regulamentação do Centro Espírita, a elaboração dos Estatutos, a sua adequação ao novo Código Civil, atendendo sabiamente as orientações dos órgãos a que a entidade está filiada (USE, FEESP) para não perder direitos adquiridos ao longo do tempo, é a etapa correspondente ao **pensar e repensar** a casa espírita, para que o decidir não traga implicações, onde a aflição desnecessária leve ao separatismo.

A fase de **agir** é trabalho de equipe. Cada diretor magnetiza corações, para formar o “feixe de varas” enlaçado pelo afeto, onde o **Amor** vence todos os desafios. “Mãos unidas, soluções encontradas”. (Meimei)

Se a estrutura organizacional optou para que a assistência social se realize através de um departamento do Centro Espírita, há maior liberdade de ação. A ação social estará também sujeita à apreciação dos órgãos públicos e ao cumprimento da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS)

É seriamente combatido pelos Conselhos municipal, estadual e federal o **assistencialismo**, que acaba promovendo a dependência e a mendicância. Eis porque sugerem o vocábulo **atendido**, ao invés de **assistido**. “Dar o peixe, mas ensinar a pescar”.

É notório que ninguém consegue aprender, com a fome fazendo roncar o estômago vazio.

Organizar um posto de socorro avançado, visando não à quantidade, mas a **qualidade** do atendimento, deverá ser a preocupação de uma entidade Espírita. Higiene providenciada através do banho, roupa limpinha, sopa fumegante e deliciosa, e o alimento espiritual que mata a fome do espírito imortal, aplacando seus questionamentos íntimos, mostrando a bondade e justiça de Deus, que baseada nas leis naturais de ação e reação institui, a cada um é dado de acordo com as suas obras. Sem proselitismo religioso, mas mostrando as bênçãos das interpretações do Evangelho pela Doutrina Espírita, libertando consciências, direcionando caminhos, eliminando medos, os receios do “castigo de Deus”, que tanto foi e é vinculado nas mentes infantis.

A força de uma idéia se transmite através das mudanças que essa idéia possibilita na maneira de ser da criatura. A palavra só consegue magnetizar quando é vivenciada através do próprio exemplo.

O Espírita consciente da sua responsabilidade descobre que a **paz** que tanto o mundo anseia começa em si mesmo. Ninguém consegue trabalhar na pregação da paz, se não instituí-la internamente, pois a paz é uma conquista individual. Emmanuel, através da psicografia de Francisco Cândido Xavier nos lembra que é dever atender às criaturas com o alimento, cobrir corpos desnudos, curar as chagas, as enfermidades, mas sempre existirá a pobreza. Ela retrata as condições de evolução do planeta, pois o egoísmo ainda impera. A bênção da mensagem de Jesus, sentida e vivida, nos leva a gastar muitas emoções para elevar a própria vida.

Aparando inúmeras arestas da personalidade para nos adaptarmos ao trabalho de equipe, reajustaremos conceitos, combatendo a ilusão de que “só a nossa casa é certa”.

É tempo de união, de boa vontade em buscar novos rumos, para que cada fome do corpo saciado receba concomitantemente, o alimento espiritual, através da iluminação do ser espiritual eterno.

No homem sofredor faminto e confuso que busca apoio, "as mãos de Jesus trabalham o futuro cidadão do Bem, que ressurgirá dos escombros como uma falena de luz, que abandona a carcaça inútil, já destruída".

Através do Centro Espírita ele encontrará a porta libertadora, onde a esperança renascerá, pois a compreensão das leis naturais da vida mostrar-lhe-á, a cada um será dado, de acordo com sua obra.

Bibliografia

BONNA, Miltes Aparecida de Carvalho. Evangelho no lar para crianças de 8 a 80. São Bernardo do Campo, Instituto Assistencial Meimei, 1994.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o espiritismo. 19ª ed. São Paulo, Lake, 1980.

XAVIER, Francisco Cândido. Mensagens avulsas Espírito Emmanuel.

O Centro Espírita e o drogado que lhe bate à porta: que respostas, que ações?

Luiz Fernando de Andrade Penteado

Preconceito e desinformação: A Organização Mundial da Saúde, já há algum tempo estabelece a dependência química como uma doença que necessita cuidados específicos, no âmbito físico, psíquico, social.

O companheiro que nos bate à porta, vítima de um processo de quimio-dependência, é um irmão enfermo em busca de ajuda e apoio, e como qualquer outro dos nossos irmãos, deve ser amparado e acolhido.

Não podemos permitir que o medo, a ignorância e o preconceito determinem nossa ação. Nem devemos transferir para nossos irmãos espirituais, a responsabilidade pelo problema, ou pela cura de nossos companheiros.

Uma boa base doutrinária e o conhecimento sobre a ação das drogas e sobre os meios de tratar o dependente e seus familiares é essencial para uma boa orientação.

O papel da Casa Espírita: Cabe à Casa Espírita, acolher o dependente e família, encaminhá-los a ajuda especializada, dando suporte a ambos, para que o processo seja proveitoso.

Jamais discriminá-lo ou rejeitá-lo, nem oferecer saídas mágicas, que não envolvam a vontade e a disposição de ambos de querer enfrentar o problema.

A assistência fraterna consciente dos procedimentos a serem desenvolvidos e alicerçada em profundo conhecimento e prática doutrinária, permitirão suporte ao dependente e seus familiares para o resgate do sentido maior da existência do homem em sua passagem terrena.

Compreendendo as causas: As causas mais comuns são: 1) Relacionamento familiar. Pais ausentes, conflitos constantes, falta de diálogo, carência afetiva, ausência de espiritualidade. 2) Falta de perspectivas e objetivos, desqualificação profissional, dificuldades de aprendizagem, falta de ideais ou modelos. 3) Busca do prazer. Quando o indivíduo não está bem consigo mesmo, tenderá a buscar na droga um estado prazeroso,

mesmo que momentâneo. 4) Necessidade de auto-afirmação. Acontece principalmente com os jovens, a necessidade de ser aceito, de fazer parte de, de ter destaque. 5) Facilidade. É muito grande, mais do que possamos imaginar, a oferta de tóxicos na sociedade. 6) Curiosidade de experimentar coisas novas. Muitas coisas e valores são questionados na adolescência. O jovem procura novas idéias e sensações. 7) Influência dos amigos. O indivíduo tem necessidade de identificar-se com o seu grupo, com seu meio social e familiar.

O que não se deve fazer: 1) Deve-se evitar a todo o custo, o autoritarismo, o monólogo, a falta de participação na vida do jovem e o receio de lhe dar carinho. 2) Não devemos humilhá-lo na frente de outras pessoas e nem tomar decisões por ele. 3) Deve-se evitar a doutrinação sem base, permitir o questionamento orientá-lo com amor e usando sempre uma linguagem que ele possa assimilar. 4) Nunca envolvê-lo com misticismos ou práticas místicas, que possam aliená-lo do entendimento gerando ansiedade e dúvida. 5) A sua participação e envolvimento com as atividades sociais da Casa Espírita, lhe permitirão base e segurança na formação da personalidade.

Principal ação da Casa Espírita: A prevenção – Casa Espírita consciente, estruturada, atualizada, preparada e atuante, gera pais preparados e conseqüentemente filhos e amigos orientados.

Passos a serem seguidos: 1) Captação da informação, material informativo, instituições e grupos de ajuda existentes na região e cadastramento de profissionais especializados. 2) Treinamento de evangelizadores, doutrinadores, expositores, orientadores e todos aqueles que estejam envolvidos com o acolhimento e a assistência fraterna, para que possam estar preparados para uma ação preventiva eficaz e objetiva. 3) Desenvolvimento de palestras informativas com pessoal especializado. 4) Desenvolvimento de palestras de orientação de base doutrinária com irmãos espíritas preparados para tal. 5) Manter-se aberta ao diálogo franco e construtivo e ao acolhimento fraterno, sem pré-julgamentos, críticas ou repreensões descabidas e incoerentes com a filosofia espírita.

Conclusão: Em todos os casos e estágios, temos de mostrar aos jovens o perigo das drogas e procurar saber com quem anda.

Mais que um pai, parente, amigo ou evangelizador, o jovem procura um confidente que saiba ouvi-lo, respeite seus sentimentos, que seja compreensivo com suas incoerências, que saiba lhe dizer não com objetividade e coerência, que estimule suas iniciativas (mesmo que nos pareçam inúteis) criando situações aonde ele possa se projetar.

O jovem está em busca de um sentido, de um objetivo, de um caminho, aonde ele possa se realizar e sentir-se reconhecido.

Devemos nos lembrar sempre que a transformação de um comportamento, só se dá através do exemplo, da paciência e do amor.

É importante vencermos nossos próprios medos e nos abirmos à ação cristã da caridade, da fraternidade e da esperança, auxiliando aos nossos jovens na construção de um mundo melhor.

A aquisição do conhecimento científico, doutrinário e prático e o treinamento para a ação transformadora serão essenciais para o sucesso dessa tarefa.

Que Deus nos ilumine e que possamos semear as próximas gerações com paz, amor, fé e disposição para crescer.

O Centro Espírita: a violência e o medo à sua porta

Miltes Aparecida Bonna

“... mas aquele que eleva o seu pensamento acima dos interesses pessoais, admira os desígnios da Providência, que do mal fazem surgir o bem. São a tempestade e o furacão que saneiam a atmosfera, depois de a haverem revolvido” (comentário de Allan Kardec à questão 783 – Lei do Progresso)

No momento atual é urgente a busca de caminhos. A magistral chamada de Kardec “trabalho, solidariedade e tolerância”, refletida e vivenciada, nos leva ao aprimoramento do Movimento Espírita, criando assim referenciais que nos ajudarão a compreender a realidade, onde a violência e o medo transitam juntos.

É preciso não nos deixar desencorajar pela crítica, pelos ataques e calúnias gratuitos; pelos melindres, pelas disputas internas, que empacam o progresso previsto pela Espiritualidade Maior, da Doutrina dos Espíritos. O único mal que devemos temer é o que existe dentro de nós mesmos: o egoísmo, chaga moral da humanidade.

“Os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus se confundirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno que envolverá o mundo inteiro”. (Prolegômenos do Livro dos Espíritos)

A forma ideal de libertarmo-nos do inimigo é transformá-lo em amigo.

A sua Casa Espírita passa por problemas semelhantes? Já foi assaltada, agredida de alguma forma? É tempo de fazer com que a verdade brilhe por toda a parte, pois “os bons espíritos assistem aos que servem a Deus com humildade e desinteresse e repudiam os que buscam no caminho do céu um degrau para as coisas da Terra” (Prolegômenos do Livro dos Espíritos).

Melhor antídoto para a violência e o medo – o **Amor**.

É esse amor que o insigne codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, nos convida a implantar em nossa alma. O seu lembrete “Espíritas, amai-vos e instrui-vos” é a carta de alforria para a libertação do medo, também responsável pela violência.

Hoje, vive-se na cidade grande, sob grades de proteção, cada um buscando os meios mais modernos para se precaver. As medidas preventivas não devem ser dispensadas realmente, mas a partir do momento que se acende a luz do Evangelho no templo do coração, no dizer de Casimiro Cunha, tudo se ilumina. Pensar no bem, viver em função do bem, para que o bem esteja em nossa vida, são atitudes profiláticas que garantem a pacificação interior. O coração pacificado irradia paz, pois o pensamento emite raios, que sintonizam ondas em derredor, e cada um forma o domicílio particular que lhe é próprio.

Quando Jesus falava à multidão trabalhava nas suas pregações a mansidão das ovelhas e prudência das serpentes.

Numa das reuniões em que Jesus maravilhava a todos para o despertamento da confiança em Deus, havia um viajante, que deixara o seu camelo à porta. Não o encontrando, à saída volta-se até Jesus, bravejando revoltado. Calmamente o Mestre lhe responde: - Confia em Deus, mas amarra bem o seu camelo.

A prudência no Centro Espírita é necessária. Aparelhar-se de uma estrutura administrativa que garanta, dentro da simplicidade, todo o controle possível do patrimônio e das instalações é meta delineada.

Cuidar administrativamente do centro requer uma zeladoria eficiente e eficaz. Voluntários conscientes, dedicados e capacitados não se treinam repentinamente. Para tanto a designação de diretores para essa função requer não apenas boa vontade, mas capacitação. Liderança não se impõe, conquista-se pelo fazer, e não no mandar fazer.

Um departamento de plantões, supervisionado por um diretor que vivencia a tarefa, tem o objetivo de esquematizar e controlar a recepção dos que buscam o socorro e a orientação espiritual, e encaminhar para os dias de atendimento específico.

Qualquer agrupamento está sujeito à infiltração de elementos estranhos com outras intenções, até mesmo a de assaltar, desrespeitando o recinto sagrado de prece. É a influência do meio em que estão inseridas essas criaturinhas.

As normas e procedimentos adotados pela Casa Espírita deverão ser seguidos à risca. O programa de atividades e os horários estabelecidos deverão ser atendidos, para não transformar as reuniões espirituais em atendimento de assistência social, e vice-versa.

Quando há aglomeração de pessoas, existem criaturas que se posicionam em pedir esmolas, relatando dramas irrealistas, numa dramatização tão perfeita que, quando encontram uma estrutura que não conseguem ludibriar, utilizam-se da violência para amedrontar. O contato da diretoria da casa com a polícia comunitária, de forma amistosa, possibilita o apoio com a presença dos policiais que, quando chamados, poderão encaminhar o cidadão para os recursos da comunidade. Jamais temer alguém, mas respeitar a todos, para que, cumprindo com os nossos deveres, tenhamos garantido os nossos direitos.

O alcoolismo e a droga desestruturam o ser, e faz do homem uma criatura indesejável pelo desrespeito ao recinto. Somente o amor, capaz de envolver em vibrações de paz, será o antídoto contra a violência.

Reuniões especializadas para essa clientela sofrida têm atingido resultados promissores, onde a frase “se você quiser continuar bebendo e se drogando, o problema é seu. Mas se você quiser parar, o problema é nosso”.

Foi dessa forma que surgiu, no Centro Espírita “Obreiros do Senhor”, o Departamento de Socorro e Amparo ao Alcoólatra, Toxicômano e Tabagista. O medo e a violência no seio das famílias que buscavam socorro na nossa casa levou à decisão para formar equipes, e capacitá-las para o importante desiderato de abordagem dos casos enfermos (físico, psíquico, mental e espiritual)

Sempre com o cuidado de deixar aos especialistas (médicos, psicólogos) os casos a eles destinados, e utilizar a terapia do amor, onde o escutar (diferente de ouvir) estabelece os vínculos de afeto junto ao dependente e à família (co-dependente). A iluminação do ser espiritual é o objetivo.

Esta tarefa singela, que anualmente na solenidade de aniversário (27 anos em 2003) homenageia os que estão em abstinência, foi replanejada, e hoje, a simplicidade é que a caracteriza. Como sugestão para análise, o livro *Peripécias de Quatro Jovens* apresenta o organograma da estrutura organizacional e do conteúdo programático dos temas das palestras.

A quinta unidade de atendimento da Instituição Assistencial Meimei, denominada Casa Transitória Porta de Fabiano é um pontinho luminoso, onde renasce a esperança ao morador de rua, com dependência de álcool e droga. Os que estão em condições de permanecer, respeitando o ambiente sem violência, recebem diariamente o socorro através do banho, roupas, cortes de cabelo, a sopa do coração, a palavra evangélica, assistência espiritual, as reuniões de apoio do Departamento de Socorro e Amparo ao Alcoólatra, Toxicômano e Tabagista, as aulas de alfabetização, laborterapia e assistência médica. Aqueles que não conseguem ainda adentrar, ou pelo desequilíbrio,

ou pela violência, são carinhosamente atendidos no portão, recebendo a sopa quentinha e o convite para se prepararem a fim de que possam ser aceitos no recinto, com o respeito devido candidatando-se à sobriedade.

As normas e procedimentos são atendidos à risca pelas equipes que se revezam de 2ª à 6ª feira, sempre coesa, disciplinada, onde o amor e a energia na medida certa trazem excelentes resultados.

Quantas criaturas violentas, amedrontadoras se transformaram, pois receberam o socorro e o alívio, por colocarem em ação esta frase de nossa querida Meimei: “A mesma mão que acarinha é a mão que corrige. Mas, é imprescindível, corrigir amando, para reerguer construindo”.

Quando a equipe está preparada, Jesus manda os necessitados de direcionamento. Os que estão compromissados com a justiça terrena são orientados e, caso decidam aceitar o apoio jurídico competente para resgatar suas dívidas para com a lei, são levados a compreender que a pior prisão é a sem grade – a da própria consciência.

O **amor** é o remédio para todos os males da humanidade. Por isso reforçamos: é o **amor** o melhor antídoto para a violência e o medo.

Contribuições para o Planejamento Trienal

AÇÃO SOCIAL ESPÍRITA

A questão atual do novo pensamento da ação social (O Terceiro Setor)

- a) Trabalhar no sentido dos novos horizontes, reunindo pessoas afinadas no sentido da ação social.
- b) Dar qualidade ao trabalho, independentemente do governo.

Creches e grupos de família: um posicionamento

Formar comissões a fim de levantar e tomar conhecimento das novas leis estudá-las e tomar decisões. É preciso agir.

Sociedades Espíritas e as terapias convencionais

- a) Que os dirigentes voltem mais atenção aos deficientes, criando se possível, um departamento.
- b) A USE deverá promover seminários para atendimento ao deficiente.

A participação do espírita nos órgãos municipais de ação social

É preciso dar mais apoio aos órgãos da USE, participando mais e efetivamente.

O Centro Espírita e seu envolvimento com a comunidade local

- a) A USE deverá orientar os centros espíritas quanto a atualizar o aspecto jurídico: registro nos Conselhos competentes e estatuto atualizado com a realidade atual.
- b) Elementos presentes participando dos Conselhos Municipais e reforçar a Campanha Comece pelo Começo.

O Centro Espírita e as ações que alcançam presídios

- a) No trabalho com presidiários destacar mais o aspecto evangélico da Doutrina Espírita, em lugar do aspecto científico.
- b) Sempre respeitar o regulamento dos presídios e dos reeducandos.
- c) Dar seqüência ao trabalho e a medida que for necessário ajustar-se às necessidades.
- d) Nas reuniões distribuir previamente o programa de temas e procurar dar apoio aos familiares.

Centro Espírita: sopa e religião. Paliativo ou solução

- a) Procurar trazer a família para o Evangelho.
- b) Fornecer a sopa antes, para depois fazer a reunião evangélica.
- c) Elaborar um cadastro e fazer o acompanhamento.
- d) Capacitação dos trabalhadores, com profissionais do meio espírita.

O Centro Espírita e o drogado que lhe bate à porta

Campanha de prevenção ao uso indevido de drogas da FEB e USE. A campanha se desenvolverá com cursos de capacitação de pessoas da área de ensino, de divulgação, de assistência e promoção social e espiritual do Movimento Espírita.

Educação Espírita

Educação Espírita: situando-nos em nossa história

Heloisa Pires

Para compreender a atualidade da Doutrina Espírita vamos recorrer a uma história atual, narrada pelo Dr Glen Doman no seu livro - Como ensinar o seu bebê a ler. Não somos a favor de ensinar bebês a ler, mas o caso real de Tomás permite-nos compreender a atualidade da Educação Espírita.

Tomás nasceu entre os vários filhos de uma família humilde. Ao nascer enfrentou algum problema e teve uma paralisia cerebral que deixou seqüelas graves. Os médicos queriam internar o menino em uma instituição especial porque acharam que ele seria "um vegetal".

Os pais se recusaram e começaram a procurar recursos para Tomás. Já estavam desanimando quando encontraram o Instituto para o Desenvolvimento do Potencial Humano de Filadélfia.

O Dr Glen Doman disse acreditar numa melhora de Tomás se fizessem os exercícios necessários, proporcionando os estímulos que o menino havia perdido devido à doença. Explicou que precisava refazer fases perdidas ou mal feitas.

Tomás não se arrastara, nem engatinhara ou andara e células preciosas não haviam se desenvolvido. Os exercícios permitiriam que outras células realizassem a importante tarefa que proporcionaria o desenvolvimento cognitivo de Tomás.

Abrindo parênteses, diríamos que o Espiritismo realiza a tarefa de fazer com que o indivíduo supere a sua defasagem moral através do estudo e compreensão dos livros básicos de Kardec, que trazem de volta os conceitos de amor apresentado e exemplificado pelo Mestre Jesus.

O indivíduo que nasceu preparado para a vitória, permanece atrofiado na capacidade de "amar ao próximo como a si mesmo", porque não recebeu a estimulação moral proporcionada pelos recursos da Casa Espírita.

Quando os pais compreenderem a importância dessa estimulação, a Evangelização da Casa Espírita será considerada mais importante do que a Educação da escola tradicional.

Transformar o cidadão inseguro, frágil perante os apelos de volta aos condicionamentos inferiores do passado, no cidadão do Universo que se compreende como centelha divina, como explica O Livro dos Espíritos, "deuses e luzes", como disse Jesus, e se expressará na dignidade que lhe é própria.

Voltando a história de Tomás, aos quatro anos ele aprendeu a ler. Os médicos duvidaram, mas o pai escrevia vários bilhetes engraçados que Tomás lia e entendia.

O Dr Glen ficou surpreso com a velocidade com que Tomás lia os textos. Disse que depois de Tomás, eles nunca mais seriam os mesmos porque haviam compreendido que um indivíduo com bilhões de neurônios mortos, podia apresentar um

desenvolvimento, se bem estimulado, superior ao de indivíduos considerados com cérebros normais.

A Doutrina Espírita explica como o perispírito é importante para o conhecedor da Terra, permitindo ao indivíduo captar a realidade ao seu redor por vias outras que não a dos sentidos físicos. A Parapsicologia usa a mesma linguagem provando que captamos a realidade à nossa volta por vias não físicas. Ou como diz Kardec, percebemos, vemos, por todo o nosso ser.

O indivíduo que atravessou os séculos, através das várias encarnações, depende, em cada renascimento dos estímulos que permitam o aflorar das lembranças vividas, do que deve ser lembrado, como explica O Livro dos Espíritos. E essa estimulação depende da apresentação à história de Jesus, do seu exemplo, da sua vivência. A estimulação é realizada com propriedade nas Casas Espíritas sérias, que entendem e praticam Kardec.

Se Tomás venceu muitas das suas necessidades graças à estimulação proporcionada pela intensificação da interação espírito-corpo, todos podemos vencer as nossas deficiências graças à estimulação proporcionada pela Educação Espírita que realizará a transformação moral indispensável às nossas vitórias na horizontal e na vertical... Jesus e Kardec fazem a diferença...

Reavaliação do ensino espírita nos Centros Espíritas

Maria Eny Rossetini Paiva

A expositora apresentou um questionário onde os presentes responderiam com o propósito de se fazer uma pesquisa sobre as atividades educativas desenvolvidas nos Centros Espíritas.

Questionário inicial

1 – No Centro espírita em que você trabalha, o Espiritismo é ensinado:

- a) Pela prática dos trabalhos mediúnicos.
- b) Pela prática da assistência fraterna aos carentes.
- c) Por palestras semanais, durante o passe, ou antes, dos trabalhos.
- d) Por palestras ou discussões, cursos e seminários feitos por convidados.
- e) Por leituras feitas antes dos trabalhos, com ou sem comentários dos participantes ou do diretor.
- f) Por cursos sistematizados que seguem um programa, tem duração de pelo menos um ano, tem professores e alunos matriculados que os freqüentam regularmente.
- g) Por grupos de estudos, que escolhem livremente livros e temas e se reúnem para debatê-los, apresentando diferentes visões mesmo que conflitantes, para que cada um tire suas próprias conclusões.

h) Por grupos de estudos, liderados por pessoas consideradas competentes e estudiosas e que apresentam aulas, textos e trabalhos, utilizando variado material escrito, em vídeo, slides ou outras técnicas que visam fazer com que o participante entenda, aprenda e pratique o que os textos e o dirigente apresentam.

i) Outros tipos de ensino espírita. Quais?

2 – Não importa quais itens você assinalou na primeira questão. Responda agora que tipo de avaliação é feita nos ensinamentos que são realizados na sua Casa Espírita ou se não são feitas avaliações.

a) Nos trabalhos mediúnicos

1 - Discussão das comunicações recebidas, pelo dirigente, ou pelo grupo.

2 – Verificação da veracidade de vidências, orientações dadas por médiuns, análise possível da identificação de espíritos que dão nomes e outras análises racionais.

3 – Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

b) Na prática da assistência fraterna aos necessitados.

1) Levantamento de dados sobre quantos receberam assistência, o número de atendimentos, dias e outros dados sobre quantias, dinheiro, quantidades.

2) Avaliação do aproveitamento das aulas dadas aos necessitados em termos do conteúdo ou práticas que foram ensinadas.

3) Avaliação da mudança de comportamento nos assistidos, segundo os objetivos da equipe ou da pessoa que organizou o trabalho.

4) Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

c) Palestras semanais durante o passe, ou antes, dos trabalhos.

1) Perguntamos para os dirigentes, colaboradores, o que acharam.

2) Temos um questionário simples em que todos os participantes dizem o que gostaram, o que não concordaram e se gostariam de ouvir o palestrante novamente.

3) Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

d) Palestras, cursos, seminários por convidados especiais.

1) Perguntamos para os dirigentes, colaboradores, o que acharam.

2) Temos um questionário simples em que todos os participantes dizem o que gostaram, o que não concordaram e se gostariam de ouvir o convidado ou o assunto novamente.

3) Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

e) Leituras feitas antes dos trabalhos pelo dirigente ou pelo dirigente e participantes com ou sem comentários

1) Cada participante faz comentários e com isso mostra o que entendeu.

2) Os participantes só lêem e o dirigente comenta e observa o interesse dos participantes, o tipo de perguntas que fazem e avalia através da observação pessoal, anotando ou não suas impressões.

3) Mensalmente fazemos um questionário sobre os assuntos lidos, para que os participantes digam o que mais gostaram e o que não entenderam muito bem, o que não concordam com os espíritos ou autores estudados e todos respondem sem se identificar.

4) Não fazemos nenhuma avaliação nem escrita, nem oral de modo regular.

f) Cursos sistematizados com programa, duração prevista, matrícula e professores.

1- Fazemos apenas uma discreta avaliação final, sem identificação do aluno, no final de cada semestre ou módulo, apenas verificando o que entenderam do conteúdo, para que o professor perceba onde houve maior dificuldade em cada ano, comparando resultados.

2- Fazemos vários tipos de avaliação durante ou após cada aula, cujos resultados orientam as aulas seguintes.

3- Utilizamos avaliação de conteúdo e auto-avaliação de atitudes e mudanças, para que os próprios alunos se auto-avaliem no seu aprendizado e na mudança de suas atitudes.

4- Perguntamos aos participantes de tempos em tempos o que estão achando, ou passamos um questionário para que digam se acharam bom, regular, ótimo, cada assunto dado e a forma como foi dado.

5- Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

g) Grupos de estudos e debates livres

1- Os participantes dizem de tempos em tempos o que estão pensando sobre o estudo, sua condução e conclusões.

2- Fazemos após cada estudo uma avaliação escrita do conteúdo das diversas teorias e posições estudadas e a que conclusões pessoais cada um chegou.

3- Solicitamos que cada um escreva como o assunto estudado alterou sua conduta e renovou suas atitudes para sentirmos os resultados em termos de transformação moral e mudança de conduta.

4- Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

h) Grupos de estudos dirigido por um estudioso

1- Fazemos avaliação do conteúdo de tempos em tempos.

2- Fazemos avaliação do conteúdo e da mudança de atitudes em cada participante, quando achamos oportuno e adequado.

3- Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular.

i) Outros tipos de ensino

1- Avaliamos (completar)

3- Não fazemos nenhuma avaliação nem escrita, nem oral de modo regular.

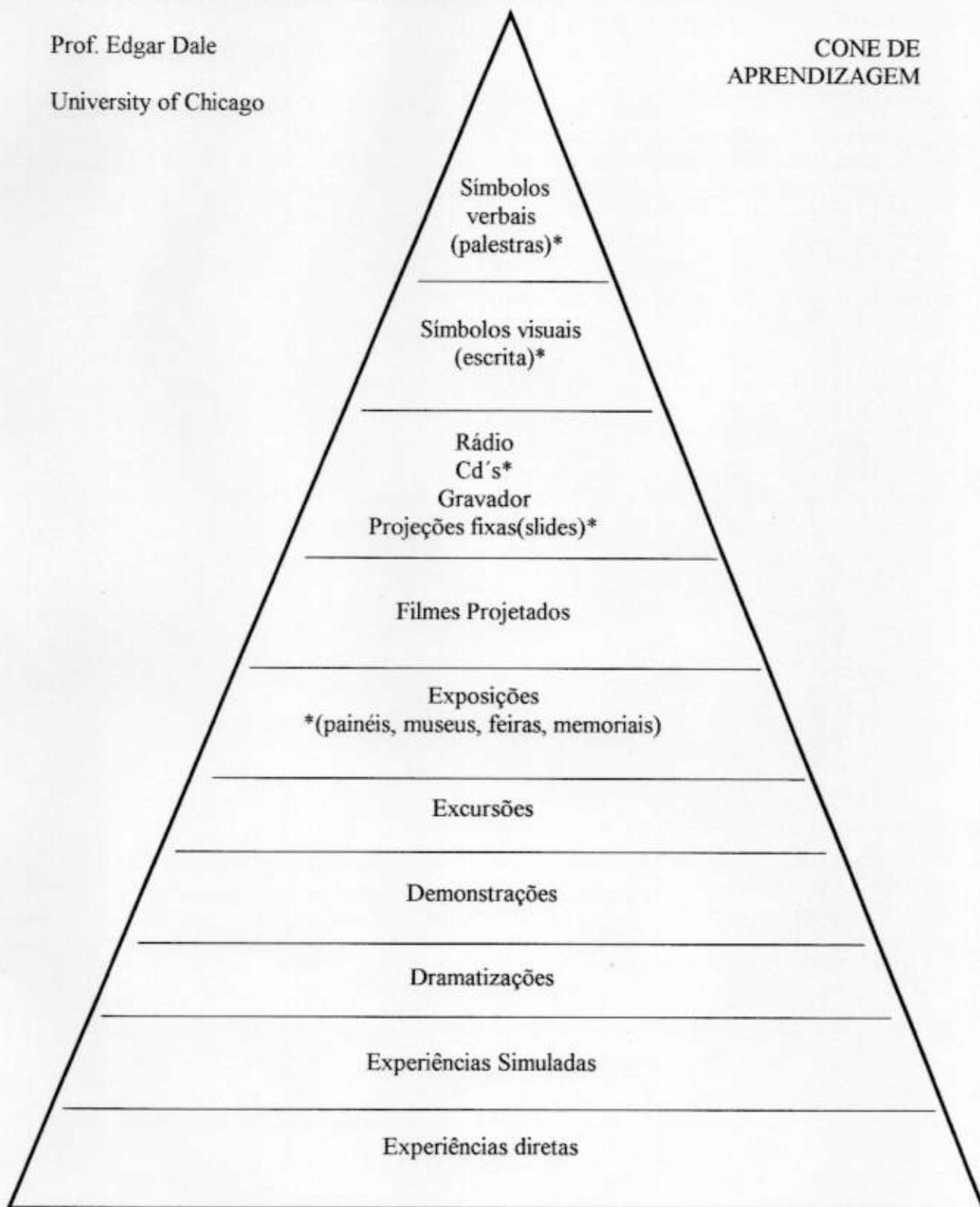
Apontando onde há problemas, levantando pontos relevantes.

Observe o cone de aprendizagem do professor Dale. Ele nos mostra que tipo de aula nos ensina com mais eficiência.

Prof. Edgar Dale

University of Chicago

CONE DE APRENDIZAGEM



1- Tente pensar que estudos nos Centros Espíritas trabalham as formas mais eficientes de ensino que são: **experiências diretas, experiências simuladas, dramatizações e demonstrações.**

Agora discuta em grupo: a tradição no ensino da teoria espírita, é baseada na palavra, na oratória, na palestra, na exposição, no discurso e no ensino verbal.

Você considera isso um problema do ensino espírita?

Justifique.

2 – Sobre os tipos de avaliação que analisamos no questionário tente pensar **porque em geral não fazemos avaliações, especialmente de trabalhos práticos e avaliações de renovações de atitudes e condutas.**

Agora discuta em grupo: a falta de saber organizar e aplicar formas de avaliação que orientem o processo de ensino no Centro Espírita, é um ponto falho em nosso ensino espírita?

Justifique.

1 – Lembremos os critérios de Kardec, para incluir qualquer ensinamento no Corpo da Doutrina. O primeiro controle é o da razão a qual “é preciso submeter, sem exceção, tudo o que vem dos Espíritos”. O melhor controle, porém, é o da **concordância dos ensinamentos dos Espíritos em revelações feitas espontaneamente através de um grande número de médiuns que sejam estranhos uns aos outros e estejam em diversos lugares.** (Introdução de O Evangelho Segundo o Espiritismo, item II – Autoridade da Doutrina Espírita)

Não existe no Espiritismo o princípio da **autoridade pessoal**, ou seja, **não importa a autoridade moral ou intelectual do espírito que faz a revelação e nem a, do médium.**

Se essa revelação não atende ao duplo critério de universalidade e racionalidade, não pode ser incorporada à doutrina, senão como opinião de espíritos, estudiosos e respeitáveis a aguardar a prova do tempo e do desenvolvimento científico.

Agora discuta em grupo: Você considera que a atitude dos espíritas em geral quanto à aceitação de revelações espirituais novas segue esses critérios?

SIM

NÃO

Você considera isso uma falha no Ensino da Doutrina Espírita?

SIM

NÃO

2 – Muitos Centros Espíritas exigem de pessoas espíritas ou que foram educadas por famílias espíritas que recomece estudos e cursos sistematizados desde as primeiras noções, ainda que tragam provas de já haverem freqüentado outros cursos e estudos espíritas.

Agora discuta em grupo: se isso é uma falha dos cursos e do ensino espírita. Por que vocês supõem que isso suceda?

3 – Liste com o grupo outros problemas que considera urgentes e importantes no Ensino Espírita?

Observação: nesse tema – Apontando onde há problemas, levantando pontos relevantes – a expositora dividiu a platéia em dois grupos, para analisar e responder as questões.

Reavaliação do Ensino Espírita no Centro Espírita

Tabulação do Questionário Inicial

Presentes ao sub-tema 121 pessoas. Devolveram o questionário 45 pessoas. % de respostas 37%

1. Porcentagem dos Centros presentes onde há o tipo de ensino

a - Pela prática dos trabalhos mediúnicos	71%
b - Pela prática de assistência fraterna aos carentes	73%
c - Por palestras semanais, durante o passe ou antes dos trabalhos	84%
d - Por palestras ou discussões, cursos e seminários feitos por convidados em ocasiões especiais	60%
e - Por leituras feitas antes dos trabalhos, com ou sem comentários dos participantes ou diretor	68%
f - Por cursos sistematizados que seguem um programa, com duração de pelo menos um ano, tem professores e alunos matriculados que os freqüentam regularmente	73%
g - Por grupos de estudo que escolhem livremente livros e temas e se reúnem para debatê-los apresentando diferentes visões mesmo que conflitantes para que cada um tire suas conclusões	40%
h - Por grupos de estudos liderados por pessoas consideradas competentes e estudiosas e que apresentam aulas, textos e trabalhos, utilizando variado material escrito, em vídeo, em slides, ou outras técnicas que visam fazer com que o participante entenda, aprenda e pratique o que os textos e o dirigente apresentam	40%
i - Outros tipos de Ensino Espírita. Quais?	
I Evangelização	
II Mocidade	
III Artes (Oficina do Espírito)	
IV Curso Integrado de Cultura Espírita	
V Artes	
VI Ciência, Filosofia e Religião	

2 - Que tipo de avaliação vocês fazem?

a - Nos trabalhos mediúnicos

Respostas Porcentagem

28	62%	1. Discussões das comunicações recebidas, pelo dirigente e pelo grupo.
13	28%	2. Verificação da veracidade de vidências, orientações dadas por médiuns, análise possível da identificação de espíritos que dão nomes, outras análises racionais
9	20%	3. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

b - Na prática da assistência fraterna

Respostas Porcentagem

27	60%	1. Levantamento de dados sobre quantos receberam, o número de atendimentos, dias e outros dados sobre quantias, dinheiro, quantidades
6	13%	2. Avaliação do aproveitamento das aulas dadas aos necessitados em termos do conteúdo ou práticas ensinadas
19	42%	3. Avaliação da mudança de comportamento nos assistidos, segundo os objetivos da equipe ou da pessoa que organizou o trabalho
11	24%	4. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular
c e d		22 - Palestras semanais antes do trabalho e palestras, seminários feitos em ocasiões especiais
22	48%	1. Perguntamos para os dirigentes, colaboradores o que acharam

5 11% 2. Temos um questionário simples em que todos os participantes dizem o que gostaram, o que concordaram e se gostariam de ouvir o convidado ou o assunto novamente
15 33% 3. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

e – Leitura feita antes dos trabalhos pelo dirigente e participantes com ou sem comentários

23 51% 1. Cada participante faz comentários e com isso mostra o que entendeu

8 17% 2. Os participantes só lêem e o dirigente comenta e observa, o interesse dos participantes,

o tipo de perguntas que fazem e avalia através da observação pessoal e anota ou não suas impressões

1 2% 3. Mensalmente fazemos um questionário sobre os assuntos lidos, para que os participantes digam o que mais gostaram e o que não gostaram e o que não entenderam muito bem, o que não concordaram com os espíritos ou autores estudados e todos respondem sem se identificar

10 22% 4. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

f – Cursos sistematizados com programa, duração prevista, matrícula, professores

10 22% 1. Fazemos apenas uma discreta avaliação final, sem identificação do aluno, no final de cada semestre ou módulo, apenas verificando o que entenderam do conteúdo, para que o professor perceba onde houve maior dificuldade em cada ano, comparando os resultados

7 13% 2. Fazemos vários tipos de avaliação durante ou após cada aula, cujos resultados orientam as aulas seguintes

9 20% 3. Utilizamos avaliação de conteúdo e auto-avaliação de atitudes e mudanças, para que os próprios alunos se auto-avaliem no seu aprendizado e na mudança de suas atitudes

17 37% 4. Perguntamos aos participantes de tempos em tempos o que estão achando, ou passamos um questionário para que digam se acharam bom, regular, ótimo, cada assunto dado e a forma como foi dado

9 20% 5. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

g – Grupo de estudos e debates livres

20 43% 1. Os participantes dizem de tempos em tempos o que estão pensando sobre o estudo, sua condução e conclusões

1 20% 2. Fazemos após cada estudo uma avaliação escrita do conteúdo das diversas teorias e posições estudadas e que conclusões pessoais cada um chegou

4 8% 3. Solicitamos que cada um escreva como o assunto estudado alterou sua conduta e renovou suas atitudes para sentirmos os resultados em termos de transformação moral e mudança de conduta

13 28% 4. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

h – Grupos de estudos dirigidos por um estudioso

13 28% 1. Fazemos avaliação do conteúdo de tempos em tempos

10 22% 2. Fazemos avaliação do conteúdo e da mudança de atitude em cada participante quando achamos oportuno e adequado

13 28% 3. Não fazemos nenhuma avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

i – Outros tipos de ensino

6 13% 1. Avaliamos (complete)

2. Avaliamos Evangelização

3-Avaliamos atividade com passista

4 – Não especificam

5. Não fazemos avaliação, nem escrita, nem oral de modo regular

Apontando onde há problemas, levantando pontos relevantes.

Resultados do trabalho em grupo

Foram devolvidos 22 questionários de que correspondem a grupos de 3 a 5 pessoas, o que significa que os resultados correspondem mais ou menos a 80 participantes dos 121 presentes.

1 – É problema que o ensino da teoria espírita seja baseado na palavra, na oratória, no discurso e no ensino verbal, deixando de utilizar os instrumentos mais eficientes das experiências diretas, experiências simuladas, dramatizações e demonstrações?

SIM 58%

NÃO 42%

Justificativas apresentadas

SIM

- 1 – Só usamos o menos eficiente, símbolos verbais. É muito pouco.
- 2 – As palestras, exposições, são modelos ineficazes que precisam ser revistos.
- 3 – O ouvinte muitas vezes se distancia dali, cansaço.
- 4 – Somos mais pela experiência. O simples falar não convence.
- 5 – As formas mais eficientes de aprender, são as mais escassas no Centro Espírita.
- 6 – Sim, mas deve-se considerar o esforço individual como a maior ferramenta para atingir a compreensão. Reconhecemos ser necessário as demais técnicas para completar estudo e prática.
- 7 – Não se pode ter certeza que os conceitos foram passados. Os dois são importantes.

NÃO

- 1 – Pode-se acrescentar outras formas, mas, palavra é importante.
- 2 – No entanto, deve ser enriquecido com recursos visuais ou práticas adequadas.
- 3 - Porque é uma boa forma de aprendizado.
- 4 – Não consideramos problema, mas, sentimos a necessidade de integração entre o verbal e as atividades mais eficientes.
- 5 – Não, apenas é preciso atingir competências necessárias para expor bem.

2 – É problema a falta de saber organizar, aplicar avaliações que orientem o processo de ensino e apontem falhas? (Não são avaliações para dar nota aos alunos ou verificar o aproveitamento individual, para promoção)

SIM 86%

NÃO 14%

Justificativas apresentadas

SIM

- 1 --A avaliação permite a reciclagem e afasta o comodismo.
- 2 -- É preciso aprender a realizar avaliações cristãs. O melindre prejudica o bom andamento das tarefas. É preciso criar uma cultura mais humanista.
- 3 --É preciso melhorar o acolhimento na Casa Espírita, ampliando o envolvimento dos participantes nos processos de avaliação.
- 4 -- O receio de ferir sentimentos nos faz evitar avaliar.
- 5-- Está faltando estudo de Kardec.
- 6-- É uma falha. No entanto, avaliar mudança de comportamento é muito subjetivo.
- 7-- É um ponto falho que precisa ser revisto. Não avaliamos para não ferir, afastar, apontar o dedo. Temos, porém a auto-avaliação e avaliar não a pessoas, mas o professor.
- 8-- Há resistência dos dirigentes pelo medo dos resultados e dos participantes que tem receio de se auto-avaliar.
- 9-- Devemos nos avaliar constantemente para nos modificarmos.
- 10-- A organização nos direciona ao trabalho mais perfeito.
- 11-- Há a ausência de métodos de avaliar, comodidade e desinteresse.
- 12-- Não temos competência para avaliar e há falta de tempo.
- 13-- As pessoas se recusam a fazer. Temem, talvez em virtude das "provas escolares".

NÃO

1 - Não nos cursos regulares, apenas nos trabalhos assistenciais e mediúnicos.

3 - Você considera que a atitude dos espíritas em geral quanto à aceitação de revelações espirituais segue os critérios de Kardec quanto à racionalidade e universalidade ou pensamos em termos do princípio de autoridade, valendo a autoridade do espírito e do médium que recebe a comunicação?

SIM 40% - Seguimos os critérios de Kardec e não damos importância à autoridade de médiuns ou espíritos.

NÃO 60% - Para a maioria dos espíritas, vale a autoridade do médium e do espírito.

4- Você considera essa atitude de aceitar o princípio da autoridade, uma falha no ensino espírita?

SIM 70%

NÃO 30%

5 - Discuta se é uma falha no ensino espírita, no Centro, fazer o frequentador recomeçar os estudos se vier de outra cidade ou outro Centro, mesmo quando já tragam conhecimentos e tenham feito outros estudos.

SIM 70%

NÃO 30%

Justificativas: (porque isso sucede?)

NÃO

1 – Recomeçar os estudos não pode prejudicar a ninguém, antes permite que a pessoa se integre ao grupo. Isso permite a harmonização do novo participante com o grupo encarnado e desencarnado. Se o iniciante demonstra conhecimento, durante muitas aulas, é observado e pode ser “promovido” para cursos mais adiantados, sem tanto rigor.

SIM

- 1 – Falta de humildade.
- 2 – Hoje ninguém acredita em quase ninguém.
- 3 – O orgulho de achar que seu trabalho é melhor e falta integração entre as Casas Espíritas.
- 4 - É o perigo de se admitir práticas esdrúxulas. Seria necessário um conhecimento maior das pessoas.
- 5 – Como resolver isso? Padronizar? Uma falha é o excesso de liberdade para cada Casa se organizar.
- 6 – O Centro que freqüentamos é impenetrável. Ninguém é aceito para trabalhar nem mesmo na cozinha, nos almoços fraternos, mesmo após três anos de estudos.
- 7 – Faltam critérios de avaliação.
- 8 – Despreparo dos dirigentes e coordenadores. A avaliação pré-curso evitaria esse descompasso.(uma entrevista, um questionário)
- 9 – O orgulho impede isso.
- 10 – Falta de uniformidade nos estudos.

Outros problemas listados

Evangelização Infantil.

Mocidade.

Estudo sistematizado das obras de Kardec.

Integração dos Departamentos.

Metodologia adequada.

Ensino mais profundo de Teologia Espírita.

Há que se ensinar a nossa verdade no que se tem. A Bíblia, além das novas verdades da nossa literatura.

O zelo dos responsáveis pelos órgãos de divulgação, submetendo as matérias a um corpo editorial antes de publicar as edições.

Educação: Sentimento e Razão, a busca do equilíbrio na Educação Espírita.

Dalva Maria B. Bonotto

ENCONTRO DA FAMÍLIA ESPÍRITA – UMA PROPOSTA DE TRABALHO EDUCATIVO QUE BUSCA ARTICULAR RAZÃO E SENTIMENTO

Toda proposta educativa é calcada em uma dada visão de mundo, determinando-se a partir dessa visão que ser humano se deseja educar para esse mundo (o “para que” da educação) e o modo como isso deve se dar (o “como” da educação). Assim, ao se pensar sobre “o que” ensinar, o que, em nosso caso, diz respeito à Doutrina Espírita, torna-se essencial discutir também esses outros dois aspectos, para que se possa elaborar uma proposta educativa coerente.

A proposta de educação de nossa sociedade ocidental contemporânea está calcada em uma concepção de mundo fortemente influenciada pela Ciência Moderna, que privilegia a racionalidade em detrimento da dimensão afetiva. Esse processo, iniciado na Grécia Antiga, foi se fortalecendo através dos tempos, culminando hoje no pensamento contemporâneo.

Muitas críticas atuais condenam essa visão racionalista extremada de mundo, e que estaria por trás de muitos de nossos problemas atuais. As pesquisadoras espanholas SASTRE e MORENO (2002) consideram a dissociação razão-emoção uma das crenças mais fortemente arraigadas em nossa cultura, apontando que o estudo conjunto da afetividade e da inteligência, já iniciado nos últimos anos nas áreas da neuropsicologia e psicologia, vem progressivamente desmontando essa crença, ao identificar a profunda interação entre cognição e afetividade, e haverá de provocar neste século mudanças importantes não somente no campo teórico como também no da aplicação prática desses conhecimentos.

Para o pensador EDGAR MORIN (2001), vivemos hoje o grande desafio de superar o pensamento redutor que provoca esse desequilíbrio, desenvolvendo um pensamento complexo, mais abrangente, capaz de juntar as partes constitutivas dos fenômenos e estruturas. Para esse autor, a incapacidade de conceber um complexo e a redução do conhecimento de um conjunto ao conhecimento de uma de suas partes provoca conseqüências funestas para o conhecimento do mundo físico e mais ainda no mundo das relações humanas. O problema em questão transcende a área da Educação e se constitui, segundo este autor, no “grande paradigma do Ocidente”, o paradigma cartesiano que separa o sujeito e o objeto, e, a partir daí, *atravessa o universo de um extremo ao outro: Sujeito/Objeto; Alma/Corpo; Espírito/ Matéria; Qualidade/Quantidade; Finalidade/Causalidade; Sentimento/Razão; Liberdade/Determinismo; Existência/Essência* (p.26).

A partir desta visão de mundo operam nossas instituições sociais, como as práticas educativas, que privilegiam a razão como linguagem exclusiva, que todos devem buscar para entender e dominar o mundo. Assim, as escolas tradicionalmente

priorizam, como conteúdo de ensino, fatos e conceitos, que devem ser memorizados, compreendidos, analisados. Quando se reconhece a necessidade de trabalhar de forma diferenciada, atendendo a outros objetivos que não o desenvolvimento intelectual, observa-se uma dificuldade geral, por parte da maioria dos educadores, pela falta de visão e de formação mais adequadas para desenvolver esse trabalho.

Nos meios educacionais têm surgido atualmente importantes reflexões apontando para essa questão e propondo caminhos para enfrentar o desafio de realizar uma atividade educativa mais ampla. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, apresentados nos últimos anos pelo Ministério da Educação de nosso país, em sintonia com as reflexões que vêm sendo apresentadas em nível mundial, trazem em seus documentos proposições importantes sobre objetivos e conteúdos para o ensino fundamental, indicando a necessidade de integrar ao conteúdo comumente considerado pela escola – referente ao conhecimento e compreensão dos fatos e conceitos relativos às diferentes disciplinas – outros conteúdos intimamente associados a esses (no caso denominados de conteúdos procedimentais e atitudinais) que complementam os primeiros, objetivando um processo educativo mais abrangente.

Também no relatório elaborado para a UNESCO pela Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, aponta-se para quatro “pilares” da educação necessária aos cidadãos do século XXI, integrando ao “aprender a conhecer”, o aprender a “fazer”, a “viver juntos” e a “ser”. Tal proposta visa atender a uma educação que *“deve contribuir para o desenvolvimento total das pessoas – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”*. (DELORS, 2001, p.99).

O Movimento Espírita não pode nem deve ficar à margem dessas reflexões, que são convergentes como nosso objetivo de evolução dos espíritos e do planeta Terra, em sentido abrangente. Reconhecemos em muitas obras espíritas considerações que indicam sua concordância com relação a essa necessidade.

No “Evangelho segundo o Espiritismo”, uma das obras básicas da Doutrina Espírita, diversos capítulos e textos apresentam considerações que corroboram com essa reflexão. No capítulo VI dessa obra é significativa a conhecida frase expressa pelo Espírito da Verdade e apresentada no item 5 das Instruções dos Espíritos, que vem ao encontro da reflexão aqui estabelecida: *“Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo.”*(p. 99)

Ainda no capítulo XVII dessa obra, encontramos diversas outras colocações semelhantes, como a apresentada a seguir, que inicia o item 4 deste capítulo:

O Espiritismo bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, conduz forçosamente aos resultados acima, que caracterizam o verdadeiro espírita como o verdadeiro cristão, que são a mesma coisa.(p.223) (grifo nosso)

Nesse texto Allan Kardec apresenta a distinção entre aquele que apenas crê ou compreende os fatos e manifestações espíritas, mas cujo conhecimento não reverte em reforma interior, diferentemente daquele que é “*tocado no coração*”, considerado o verdadeiro espírita.

No “Livro dos Espíritos”, capítulo VIII do Livro III, ao tratar sobre a “*Marcha do Progresso*”, os espíritos apresentam, ao fim da pergunta nº 780, a moral e a inteligência como “*duas forças que não se equilibram senão com o tempo*.” (p.304). Mais à frente, Kardec, distinguindo o progresso intelectual do moral, comenta que o intelectual recebe, pelos povos civilizados do século presente (então século XIX) “*todos os incentivos desejáveis e, por isso, atingiu um grau desconhecido até nossos dias. Falta ao segundo [o progresso moral] para que esteja no mesmo nível (...)*” (p.306). Considerando o grande papel da dimensão afetiva envolvida na questão da moralidade, podemos considerar essas palavras de Kardec também como um reforço à perspectiva apresentada neste trabalho.

Considerando a época em que as obras básicas foram escritas – o auge do cientificismo positivista, que coloca na Ciência e na razão os elementos exclusivos do progresso humano – consideramos que esses trechos revelam ensinamentos preciosos que, se não podiam ser devidamente explorados ao tempo em que foram lançados, foram “semeados” para desenvolvimento futuro, admitindo que

“Não ensinais às crianças o que ensinais aos adultos, e não dais para um recém-nascido um alimento que ele não possa digerir; cada coisa em seu tempo. Eles [os espíritos] ensinaram muitas coisas que os homens não compreenderam ou desnaturaram, mas que podem compreender atualmente. Por seus ensinamentos, mesmo incompletos, prepararam o terreno para receber a semente que vai frutificar hoje.” (p. 312/313, resposta à pergunta de nº 801)

Também o venerável orientador espiritual EMANUEL, na obra “O Consolador” (psic. Chico Xavier), em resposta à questão do Intelectualismo, esclarece-nos dizendo: *O sentimento e a sabedoria são as duas asas com que a alma se elevará para a perfeição divina* (p.122).

Vemos nessas considerações o reconhecimento de que é preciso ir além de um exercício intelectual restrito para de fato apreendermos as lições que a vida nos traz. A imagem proposta por Emmanuel de duas asas necessárias ao vôo do espírito rumo à perfeição retrata muito bem a necessidade de integração da razão e sentimento para uma apreensão mais adequada da realidade que nos cerca.

A partir dessa perspectiva podemos finalmente refletir sobre o “como” da educação, ou seja, o modo como as propostas educativas são organizadas, o que nos leva a perceber a necessidade de revisão da forma como isso têm ocorrido, tanto nas propostas de ensino formais, como as informais, em particular, o processo que têm se dado no Movimento Espírita, foco de interesse deste trabalho.

Conforme apontado anteriormente, as escolas, de modo geral, centram suas atividades na dimensão cognitiva dos conteúdos de ensino: o saber, conhecer, compreender, e mesmo memorizar fatos, conceitos e princípios, são propostas de ensino facilmente reconhecidas pelos educadores. No entanto, o trabalho com a dimensão afetiva torna-se mais nebuloso. Como trabalhar com os sentimentos dos educandos? Como trabalhar com as atitudes e os valores envolvidos no conteúdo

conceitual que é apresentado? Esse trabalho se dá “automaticamente” a partir do trabalho de natureza cognitiva? Todas essas questões têm se apresentado atualmente aos educadores abertos a elas.

Acreditamos que as propostas de ensino devam se adequar a essa concepção mais abrangente do processo educativo, buscando formas de atuação que se afastem de uma educação exclusiva e excessivamente verbalista ou transmissiva, voltada para apresentação/entendimento de informações, fatos e conceitos. É necessário que se abra um espaço para que o educando seja criança ou adulto, se envolva de maneira mais ativa e efetiva com a realidade, em um processo mais abrangente de apreensão, em que seus sentimentos, reflexões e experiências de vida possam tomar parte da atividade educativa e ser compartilhados com companheiros que se encontram na mesma atividade educativa. Esse é o desafio que a Educação em geral enfrenta atualmente.

Procurando por formas de atuação que busquem responder a esse desafio, foi elaborada e têm se desenvolvido, na cidade de Rio Claro, uma proposta de trabalho denominada de “Encontro da Família Espírita”.

Interessados em reunir a família, que geralmente se divide para freqüentar as atividades no centro espírita, em um encontro comum, um grupo de trabalhadores espíritas idealizou, em 1995, um encontro envolvendo todos os membros da família em um mesmo período de atividades, sendo estas de caráter tanto educativo como de confraternização.

Buscava-se uma reunião que falasse não só às “mentes”, mas também aos “corações” dos participantes, e em que, buscando ir além de oferecer conhecimentos (já trabalhados nas diversas atividades oferecidas no centro espírita), se trabalhasse a partir desses conhecimentos (que cada um traria para a reunião) com a dimensão afetiva que lhe é subjacente. Procurava-se assim atingir os sentimentos de cada um, sua relação mais abrangente com as idéias e ideais compartilhados no movimento espírita, isto tudo em clima prazeroso. Fundamentando essa proposta existia a concepção de que a educação, vista de forma abrangente, deve envolver todas essas dimensões do ser humano, para se tornar mais efetiva.

O trabalho, que ocorre anualmente em um domingo e já se encontra em seu 8º ano de realização, têm se estruturado a partir dessa concepção. Envolvendo sempre a reflexão de um tema relativo à família, adultos e jovens reúnem-se em salas com número limitado de participantes, sendo que as reflexões conjuntas são facilitadas por uma dupla de coordenadores que não têm a função de dar aulas ou palestras, mas a de desenvolver as atividades anteriormente propostas.

A preparação dessas atividades fica a cargo do Grupo de Estudos do encontro, cujos componentes se reúnem ao longo do ano para proposição e reflexão do tema do ano, e, a partir dele, elaboração de atividades, através das quais procura-se estimular o envolvimento e as reflexões de todos os participantes do encontro, de modo a compartilharem suas experiências de vida e a bagagem doutrinária que possuem.

As atividades envolvem dinâmicas de grupo e outras propostas semelhantes, que dão à reunião um caráter vivencial: a partir das atividades, parte-se para a reflexão. Isso exige uma preparação cuidadosa dessas atividades, de modo que os integrantes da Equipe de Estudos do Encontro, todos espíritas trabalhadores de diferentes casas espíritas da cidade, contam também no grupo com a supervisão de alguns de seus membros, que atuam profissionalmente em atividades ligadas à

área educacional, possuindo formação em Dinâmica de Grupo e outras abordagens similares.

É preciso ressaltar que essa proposta, baseada em uma visão de Educação mais abrangente, não subestima o trabalho com a dimensão do conhecimento. Consideramos que ela complementa esse trabalho, já existente nos centros espíritas (geralmente baseado em cursos e palestras), ao priorizar e oferecer aos participantes do encontro a dimensão que geralmente não é enfatizada nas atividades educativas costumeiras. A proposta do Encontro é então a de reunir os participantes para, através do vivido e sentido nas dinâmicas, pensar em suas experiências de vida, nos conhecimentos que trazem, compartilhando-os e contextualizando-os através das atividades e diálogos, e assim aproximando o pensar e o sentir.

O encontro conta também com a atuação de outras equipes de trabalho, que atuam em várias frentes: equipes de Evangelização Infantil, Copa, Cozinha, Manutenção, Limpeza, Recepção, Divulgação e Comunicação. Essas frentes de trabalho vêm se constituindo como valiosas oportunidades para que freqüentadores e trabalhadores de diferentes centros espíritas da cidade, se envolvam na organização geral do encontro, o que também tem demonstrado seu caráter unificador para o movimento espírita da cidade.

Após cada encontro procura-se realizar uma avaliação geral deste, tanto por parte dos participantes como dos trabalhadores das diversas equipes de trabalho.

No primeiro caso, tem-se observado no geral uma boa receptividade para a proposta do encontro, conforme os registros seguintes, obtidos ao final do 3º Encontro e que foram arquivados:

Pontos positivos desse encontro:

“Contato com outras pessoas de vários centros espíritas; expressar opiniões pessoais e ouvir experiências/opiniões de indivíduos diversos; permitir o sentimento de esperança (pois existe a possibilidade clara de haver contatos e respeito ao próximo).”

“Toda a programação foi muito boa, trabalhou bastante com a emoção que é o que a humanidade precisa buscar. O encontro e as atividades propostas afluíram muitas reflexões que quando discutidas em grupo, permitem aclarar a prática de atitudes mais cristãs que trazem os latentes no espírito.”

“Vocês deram liberdade para que nós falássemos o que pensávamos.”

“Adorei tudo, o pessoal daqui é muito simpático. Achei legal as brincadeiras e o entrosamento das salas. Estava esperando um estudo mais formal e realmente gostaria de ficar mais tempo. Parabéns aos organizadores.”

Algumas poucas pessoas, entretanto, têm se manifestado de forma divergente, como a de um participante desse 3º Encontro, apresentada a seguir:

“Acredito que seria interessante cada classe ou todas as classes receberem algum tipo de palestra ou algo semelhante, tornando este encontro também um estudo (com apostilas por exemplo). Obs. – O encontro da família deveria então denominar-se ‘Estudo da família’”.

Ao nosso ver, tais pessoas não entenderam ou aceitaram a natureza da proposta do encontro, que é direcionada não ao intelecto, ao “conhecer mais”, mas ao envolvimento e à necessária reflexão sobre “o que estou fazendo em minha vida e na vida familiar com os conhecimentos que já trago comigo dos vários estudos que fiz e faço a partir dos cursos e palestras já existentes no centro espírita”. A partir desta perspectiva, os organizadores do “Encontro da Família Espírita” permanecem com o perfil proposto para o encontro, acreditando que ele tem se mostrado adequado para atender à dimensão costumeiramente negligenciada nas propostas educativas que são desenvolvidas cotidianamente, dentro e fora do centro espírita, por nossa sociedade.

Acreditamos que, à medida que essa dimensão for gradativamente trazida para as atividades educativas mais tradicionais, muitos dos que “estranham” esse trabalho poderão apreender melhor a sua proposta, que é a de buscar um trabalho mais abrangente, não só com idéias, mas também com os sentimentos que carregamos, em um processo mais profundo de auto-conhecimento e de posicionamento perante o mundo interno e externo que desejamos transformar para melhor. É, enfim, a busca da integração do pensar e do sentir que melhor se traduzam em um agir espírita-cristão.

Bibliografia

- DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo, Cortez, Brasília, MEC-UNESCO, 2001.
- KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 19ª edição. Araras, IDE, 1982.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 78ª edição. Araras, IDE, 1993.
- MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 4ª edição. São Paulo, Cortez, Brasília, UNESCO, 2001.
- SASTRE, V. MORENO, M. Resolución de conflictos y aprendizaje emocional: una perspectiva de género. Barcelona, Gedisa, 2002.
- XAVIER, Francisco Cândido. Espírito Emmanuel. O Consolador. 15ª edição. Rio de Janeiro, FEB, 1991.

A Educação Espírita dos adultos

José Antônio Luiz Balieiro

A história da Doutrina Espírita em seus quase século e meio de existência evidenciou a importância dos estudos, principalmente nos últimos cinquenta anos. Foram projetadas campanhas para a criação e desenvolvimento do trabalho de educação com a criança e o jovem.

Agora, quando a população brasileira alcança índice significativo de adultos e de pessoas que avançam para a terceira idade, surge a preocupação para o estabelecimento

do projeto visando a aprendizagem voltada para o adulto – de dentro para fora – estudando-se os seus pressupostos e a sua ação.

É a Andragogia, a educação voltada para adultos, já considerada nos meios educacionais e empresariais, batendo às portas de nossas Casas Espíritas.

Nela, o processo vivencial do aprendizado, estabelece que a plenitude do conhecimento não é conhecer tudo, mas saber bem. Mostra disciplinas não convencionais, mas que levam à realidade e à prática. Disciplinas úteis que consideram limites e necessidades, tais como: Objetivos Pessoais, Visão Compartilhada, Modelos Mentais, Aprendizagem em Equipe, Raciocínio Sistemico.

Objetivos pessoais – Os objetivos pessoais englobam as habilidades de detectar o que nos é efetivamente importante e de observarmos a realidade a fim de conseguirmos perceber onde estamos e onde queremos chegar. Trata-se de criar a própria visão de futuro.

Visão compartilhada – A visão compartilhada é uma imagem do que desejamos construir em conjunto. É alimentada pelo conhecimento doutrinário e pelos fatores culturais e sociais da sociedade espírita. As decisões devem ser discutidas e tomadas em consenso, os colaboradores de todos os setores devem ser privilegiados e ouvidos em todas as situações.

Modelos mentais – Trabalhar os modelos mentais é um exercício constante de “desembaçar” as lentes e quebrar os paradigmas. As lentes “desembaçadas” permitem que as pessoas criem uma imagem nova com relação à realidade fazendo com que as ações sejam de melhor qualidade. Os paradigmas formam um dos principais obstáculos para o progresso de um grupo de estudos. Quebrar os bloqueios provocados pelos paradigmas é revitalizar o grupo para nova fase de desenvolvimento.

Aprendizagem em equipe – O aprendizado em equipe é um processo de alinhamento e desenvolvimento da capacidade de um grupo em criar resultados e alcançar os objetivos traçados. O aprendizado em equipe tem cinco requisitos fundamentais: a) ambiente de confiança (eliminar pontos cegos e praticar feedback) b) ambiente de diálogo (“assertividade” e regras de consenso) c) ambiente de solução de problemas e conflitos; d) ambiente de atividades inovadoras e criatividade; e) ambiente de união e fraternidade.

Raciocínio sistemico – Cada participante deve estar certo de suas ações e avaliar a sua contribuição para o todo e como está ajudando a casa a atingir seus objetivos. A simplicidade e a visão de conjunto são fundamentais para a convivência dentro de uma sociedade espírita. Esta disciplina é a consolidação de todas as outras apontadas, pois na sociedade que aprende, o aprendizado a longo prazo é estimulado; acontecimentos inesperados são tratados como oportunidades para aprender e não como erros; confiança e franqueza, além da veracidade, são normas; o grupo trabalha em conjunto, discute idéias, aprende com o diálogo; cria novos padrões mentais e auxilia outras pessoas no aprendizado; enfoque especial é dado ao aprimoramento constante das pessoas, aos processos, trabalhos e serviços; todos estão voltados a melhorar tudo, o tempo todo; a sociedade busca expandir a sua capacidade de antecipar e criar o seu próprio futuro.

Nesta aprendizagem, em verdade vivências, atendendo às necessidades do adulto, busca-se levá-lo ao encontro de suas realidades e anseios. Para o espírita, ao estudo e conhecimento do Espiritismo, à formação de trabalhadores adequados, com maior e melhor preparo para conhecer e divulgar princípios, propiciando, acima de tudo, os meios adequados para a sua realização pessoal e para o seu aprimoramento espiritual.

O Centro Espírita como unidade prestadora de serviços tem a tarefa urgente de se preparar para atender as suas finalidades. O estudo e o conhecimento doutrinário sensibilizam e preparam o trabalhador de hoje.

Ferramentas auxiliares para esta preparação são a técnica de consenso, a técnica de ajuste, o exercício de transferências, princípios do que faz uma reunião dar certo ou o que faz uma reunião dar errado, hábitos de avaliar reuniões e dar acompanhamento às tarefas, etc.

Adulto aprendendo como adulto, dentro de suas realidades. A pedagogia do adulto, com as novas disciplinas, aliadas à simplicidade e à visão de conjunto, fará a diferença.

Bibliografia

FRANZOLIN, Ivan René. Como administrar melhor o centro espírita. São Paulo, Edições USE, 1996.

MELLANDER, Klas. O poder da aprendizagem. São Paulo, E P U,

MUCCHIELLI, Roger. A formação de adultos. São Paulo, Martins Fontes,

PIRES, José Herculano. O Centro Espírita. 4ª ed. São Paulo, LAKE, 1992.

SENGE, Peter. A quinta disciplina.

Educação Espírita da criança: novos caminhos

Rita Foelker

A lente e o espelho do Espiritismo – Nossa vida é o resultado dos nossos pensamentos. Para comprovar isto, basta que observemos nossos pensamentos habituais e quanto eles se relacionam ao modo como trabalhamos, como estudamos, como resolvemos nossos problemas, como tratamos as pessoas e, conseqüentemente, ao modo como somos tratados.

Mas há dois pensamentos que realmente moldam a nossa vida: nosso conceito de Deus e nosso conceito de nós mesmos.

Em todas as sociedades é assim. Por exemplo: a maneira como os muçulmanos concebem Alá define seu viver e não lhes permite imaginar um outro tipo de vida, *sem deixarem de ser o que são*. É importante que observemos como acontece numa cultura diferente da nossa, porque a nossa idéia sobre Deus está tão entranhada em nossas vidas, que perceber isto fica difícil.

Muitas de nossas decisões são tomadas a partir do que imaginamos que agrada ou desagrade Deus, por mais que pareçam nascer exclusivamente de nosso livre-arbitrio. Somos muito mais condicionados pelos nossos pensamentos do que gostaríamos de admitir.

E o que pensamos do Criador se transmite ao que pensamos de suas criaturas, que somos nós.

O sistema que criamos internamente (para entender a razão de haveremos sido criados por um Deus com as características que lhe atribuímos) confere-nos um papel, uma função na vida e no Universo, a qual tratamos de cumprir tanto melhor, quanto maior seja a nossa fé.

O poder transformador da Doutrina Espírita está em nos fazer olhar novamente para estes dois conceitos, o conceito de Deus e o conceito de nós mesmos, com olhos amadurecidos e preparados pelos ensinamentos dos Espíritos Superiores a Kardec.

O Espiritismo é uma lente para se ver o mundo, os fatos e a vida com mais nitidez e profundidade. Não há nenhum tema para o qual ele não ofereça uma perspectiva e uma compreensão racional quando, ao invés de nos determos na leitura superficial dos livros, estudamos e seguimos até seus princípios norteadores.

O Espiritismo é um espelho a revelar quem somos, quem são as pessoas em torno de nós, sustentando nossas ações morais em sólidas bases filosóficas.

E não é possível olhar através desta lente e deste espelho, sem que mudanças fundamentais aconteçam dentro de nós. (Artigo publicado no Jornal do CEM – www.jornalcem.hpg.com.br)

Em que isto influencia nosso pensamento educacional e nossos métodos de trabalho? Em tudo, se considerarmos que, educando, ajudamos criaturas a formar um conceito de si mesmas e uma compreensão pessoal das leis da vida, influenciando em suas atitudes e decisões pessoais.

Segundo Herculano Pires podemos entender a Educação Espírita em dois sentidos: 1º) *como uma espécie de formação sectária das crianças e dos jovens, uma forma de transmissão dos princípios espíritas às novas gerações, e portanto um assunto doméstico, restrito ao lar e às escolinhas que funcionam nas Federações e nos Centros Espíritas, à semelhança do que se faz nos catecismos das igrejas;* 2º) *como um processo de formação universal das novas gerações para o mundo novo que o Espiritismo está fazendo surgir na Terra.*

Uma pergunta que todos os educadores precisam fazer a si mesmos é: O que significa educar, para mim? Ensinar o que está nos livros? Impor minhas idéias? “Doutrinar”? Moldar comportamentos? Oferecer perspectivas? Provocar reflexões?

Entendemos que os objetivos da Educação Espírita vão muito além de uma formação sectária. Seu objetivo principal é esclarecer o ser humano sobre sua própria natureza espiritual e sobre conseqüências desta verdade incontestável em sua vida (e coincide, portanto, com a segunda alternativa de Herculano Pires, acima referida).

Quando isto tem chance de acontecer em nossas turmas de crianças?

Quando estabelecemos uma prática no estilo de catequese, impondo idéias, conceitos e orientações? Ou quando nossos estudos abrem espaço para o auto-conhecimento e para um conhecimento prático e contextualizado das leis da vida, que seja atual, interdisciplinar e adaptado a cada realidade? Em qual dos dois se está gerando reflexão e transformação real?

A atividade do educador espírita não se resume a transformar crianças em espíritas, a transmitir noções sobre Espiritismo, somente. Trata-se de torná-las pessoas felizes, realizadas, conscientes das leis da vida e da sua função no Universo, prontas para viverem segundo os princípios espíritas que compreendem e aceitam de livre vontade.

Para cumprir este objetivo, o ensino do Espiritismo não pode se revestir das características do ensino religioso, mas tem muito em comum com o *ensino filosófico*, o qual se caracteriza: por partir de questionamentos e hipóteses com as quais trabalhamos,

buscando raciocínios e argumentos científicos que ajudem a chegar a conclusões; por pedir estudo, aprofundamento e imparcialidade na análise dos assuntos; por não excluir possibilidades *a priori*, nem limitar a liberdade de pensamento devido a concepções religiosas quaisquer.

É preciso também levar em conta a realidade do Ser integral: mental, emocional, físico-energético, espiritual, social, envolvendo todos estes aspectos no processo de aprendizagem.

Esta foi a proposta do **Formare** (Programa de Formação e Reciclagem do Educador da Infância e Juventude Espíritas) concebido por Sandra Bittencourt e por mim e realizado de 1997 a 2003.

Minha experiência junto aos educadores e educandos espíritas, até este momento, aponta dois caminhos promissores para a Educação Espírita da criança: A **Educação Emocional** à luz dos princípios espíritas, representada pelos seminários que temos realizado em diversas cidades e pelos livros – 30 Atividades de Educação Emocional e Intuitiva – volumes 1 e 2, de nossa autoria; O projeto **Filosofia Espírita para Crianças**, representado pelos encontros realizados em diversas cidades e pela homepage do Projeto (www.edicoesgil.com.br/educador/filosofia/filosofia_principal.html)

Hoje se destaca o Centro Espírita como Escola de Espiritismo, quando o futuro acena para que ele se promova à condição de Escola do Espírito.

Bibliografia

PIRES, José Herculano. Pedagogia espírita. São Paulo, Edicel, 1985.

OLIVEIRA, Wanderley Soares de. OLIVEIRA, Maria José C. Soares de. Seara bendita. Belo Horizonte, Editora Inede, 2002.

Evangelizadores: sua formação e como motivá-los

Élio Buin

O programa de treinamento para a formação de evangelizadores deverá ter um tempo previsto de 6 a 9 horas, e o objetivo é dar informações psicopedagógicas essenciais para o trabalho.

Fundamentação do programa básico – Pode-se passar tudo à Criança, desde que o conteúdo seja dosado à sua maturidade e desde que se volte sempre às idéias iniciais, quando se acrescentar conceitos novos sobre o assunto.

Metodologia do Departamento de Infância da USE São Paulo.

As fases da Educação da Infância e Adolescência.

Idade de 0 aos 6 anos

Idade de 6 aos 9 anos

Idade de 9 aos 12 anos

Resultado na adolescência.

Observação: Para cada tópico acima, estudos sobre: a) Base do comportamento; b) O que o educando busca; c) O seu desenvolvimento; d) Conclusões.

Distribuição dos conteúdos por idade – Iniciantes (4, 5, e 6 anos) ação: 80% vivências e moral, 15% artes e religião, 5% questões e filosofia. **Intermediários (7, 8, e 9 anos) sentimentos e emoções:** 30% vivências e moral, 60% artes e religião, 10% questões e filosofia. **Pré-mocidade (10, 11, e 12 anos) inteligência:** 10% vivências e moral, 20% artes e religião, 70% questões e filosofia.

Não foi considerado no presente trabalho, orientação relativa às crianças com menos de 4 anos de idade. Elas deverão formar grupos à parte, com temário específico. O trabalho será realizado sempre com a participação dos pais ou responsáveis. Nessa idade os laços anímicos (alma a alma) no processo reencarnatório está muito forte.

A pedagogia espírita tem por objetivo maior ajudar o ser a transformar as potencialidades da alma em capacidades. Assim fazendo, o que existe inicialmente como uma potencialidade (*vir a ser*) ao se transformar em realidade – o que ocorre durante a vida de relação – integra-se definitivamente ao patrimônio espiritual do ser.

Metodologia Pestalozziana – Com 53 anos, em janeiro de 1799, Pestalozzi inicia de corpo e alma sua dedicação à educação em condições de miséria, ignorância e embrutecimento do povo local, até mesmo das crianças. Fez o que pôde para acabar com a sujeira física que envolvia as crianças de feridas e piolhos e ensinar-lhes algo.

Didática de Kardec – Kardec aplica em suas obras os seis princípios fundamentais do método de Pestalozzi. Durante 30 anos, Allan Kardec foi um dos maiores divulgadores desse método.

Seu método – 1) **Educação moral** - A arte de formar os caracteres, de mudar hábitos através dos bons exemplos (educação é uma soma de hábitos adquiridos) 2) **Amor materno e cristão (amor integração)** - A mãe ama seu filho(a) mesmo que seja feio, não seja inteligente, seja perverso, não corresponda, trate-a mal e não queira vê-la. Conclusão: a mãe que educa dando exemplos desse amor adquirirá a confiança de seus filhos e passará a eles a idéia de existência de um Deus amoroso. 3) **Manifestação desse amor** – O amor é o fio que, salva o mundo, liga o globo terrestre e liga o homem a Deus. 4) Educador e educando, amor materno e sentimento filial, gera o desenvolvimento das potencialidades.

Programa anual, elaborado de acordo com as necessidades dos educandos.
Conteúdo básico: O Livro dos Espíritos

Unidade I: O que eu sou?

Cap. I – Deus

Cap. II – Elementos gerais do universo

Cap. III – Criação

Cap. IV – Princípio vital

Unidade II: De onde vim?

Cap. I – Dos espíritos

Cap. II – Encarnação dos espíritos

Cap. VII – Retorno à vida corporal

Unidade III: Onde estou?

Cap. III – A criação

Cap. VIII – Emancipação da alma

Cap. IX – Intervenção dos espíritos no mundo corpóreo

Cap. XI – Os três reinos

Caps. I/XII – As leis morais

Cap. I – Penas e gozos terrestres

Unidade IV: Para onde vou?

Cap. II – Penas e gozos futuros

Cap. III – Retorno da vida corporal à vida espiritual

Cap. IV – Pluralidade das existências

Cap. V – Considerações sobre a pluralidade das existências

Cap. VI – Vida espírita

Cap. X – Ocupações e missões dos espíritos

Evangelizadores: como motivá-los

Há necessidade de um grupo de apoio contínuo, no mínimo três horas por mês, para: 1) Apresentação de planos de aulas para análise e aprovação com temas, unidade, objetivo, técnica, incentivo, desenvolvimento, material didático e referências bibliográficas. 2) Assunto de interesse dos educadores, como por exemplo, hiperatividade, pintura, poesia, etc. 3) Aprendizado do grupo, pois a troca de experiências melhora os planos de aulas; os iniciantes aprendem e passam a ter mais segurança no trabalho, tornando-se os multiplicadores ou coordenadores nas Casas Espíritas em que participam; o educador prepara o conteúdo, estudando as obras da Codificação.

Educador Espírita

O Amor sempre é o eterno vencedor,
Nas dificuldades de todos os dias.
Quem se propõe a educar aprende mais,
Na permanente escola da Sabedoria.

As experiências acompanhadas de bons exemplos,
O Amor demonstrado e exemplificado por Jesus,
São as boas razões da escola moral da vida,
Ao progresso da aprendizagem nos conduz.

Bibliografia

BALIEIRO, Adalgiza Campos. Contribuições às reflexões sobre as práticas evangelizadoras da infância. São Paulo, Edições USE, 1977.

INCONTRI, Dora. Pestalozzi: educação e ética. São Paulo, Editora Scipione, 1966.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 143ª edição. Araras, IDE, 2003.

A Educação Espírita e a formação da identidade espírita

David Bianchini

Tanto quanto a construção da identidade individual a *identidade coletiva* também é uma construção histórica que se dá a partir da relação entre indivíduos e ou grupos que organizam sua vida, desenvolvendo atividades semelhantes a partir de um conjunto de valores compartilhados.

Se entendermos o ambiente espírita (centros, passes, palestras, etc) como o conjunto de aprendizagens oportunizadas aos espíritas no ambiente sociedade espírita, a identidade se estabelece como um conjunto de características pelas quais os grupos sociais se definem como grupos.

Quando as práticas do cotidiano do “Espiritismo que temos” são desnudadas aos nossos olhos na tentativa de analisar as culturas silenciadas, observa-se que despontam os norteadores discriminantes que reforçam o frio intelectualismo e excluem o sentimento, corroboram para a hipocrisia, numa falsa caridade. Há uma crise constituída historicamente a partir da visão exclusiva de um **mundo positivista** (Não esquecer que o Brasil é um país católico e positivista)

O envolvimento das pessoas na concretização de uma mudança de paradigma só pode ocorrer através de um processo de educação efetivo e coerente com uma nova visão de mundo e de espírita. Uma nova identidade espírita se faz necessária para ser possível mudar e deve ser discutida e idealizada. Deve ser parte da Educação Espírita a ser praticada na formação que se faz a cada dia, em cada vivência espírita.

Entretanto é de fundamental importância compreendermos as novas identidades do mundo atual e para então entendermos os espíritas multifacetados, produzidos no Centro Espírita da atualidade. Daí perguntamos, *e nós, quem somos?*

Uma nova visão de realidade é necessária para se construir uma nova identidade: “O conhecimento, por si só, não salva, aprisiona. O intelecto apenas não corresponde ao caminho da libertação. Isolados, estamos fragmentados. A fraternidade exige diálogo, partilha, aprendizado e mudança”.

A conscientização e a sensibilidade que nascem desta visão, ao serem inseridas na Casa Espírita, permitirão uma relação mais harmoniosa entre as pessoas, e se traduzirão em mudanças de comportamento, valores e atitudes, levando a ações para a melhoria da realidade em que se vive, fundamentadas no respeito à diversidade.

Mocidade Espírita: Caminhos de estudo e ação

Sylvio Dionysio de Souza

Os jovens espíritas representam a garantia futura do movimento Espírita. Neste sentido, o desafio atual está em superar um certo desinteresse de muitos dirigentes

espíritas para com os jovens, deixando-os entregues aos seus próprios esforços, sem incentivo e orientação. A consequência, portanto, deverá ser uma solução de continuidade, com reais prejuízos para a Causa Espírita.

Parece-nos necessária uma mudança de postura perante esta questão, uma vez que assim como os Grupos mediúnicos, de fluidoterapia e outros, a Mocidade também deve ser concebida como parte integrante - e atuante - da casa espírita, a qual pertence. Enfim, deve-se oferecer ao jovem, além de um estudo orientado da doutrina, a experiência gradual nos trabalhos da Casa, acrescido de um trabalho no campo das artes, o que certamente viria lhe conferir uma formação mais sólida e eficiente, e, portanto uma segurança para o nosso movimento espírita, pois como nos ensina Emmanuel, *"o moço poderá e fará muito se o espírito envelhecido na experiência não o desamparar no trabalho."*

INTRODUÇÃO

As Mocidades Espíritas são de importância fundamental ao Movimento Espírita, pois são elas que garantirão o futuro da Doutrina.

É preciso tomar atitudes firmes, esclarecendo primeiro os trabalhadores da Casa Espírita e depois seus freqüentadores, da importância da evangelização de crianças e jovens, que com uma base moral cristã sólida, terão maiores chances de sucesso na caminhada evolutiva a que estamos empenhados.

Para isso é necessário que a Casa Espírita assuma o ensino básico, procurando entender que ele é o futuro do Movimento Espírita.

Temos recebido repetidas comunicações do mundo espiritual, alertando-nos para a gravidade do problema e também o chamamento de companheiros ativos no movimento espírita, que têm se preocupado em falar e escrever sobre o assunto.

A maneira pela qual a maioria das Mocidades estão inseridas no Centro Espírita, cria diversos problemas e um dos mais graves, é o afastamento de muitos jovens do Espiritismo. Estes jovens, quando resistem bravamente à condução deficiente das reuniões entre eles, adquirem precária formação doutrinária, necessitando de cursos de iniciação espírita que em princípio, deveriam ser oferecidos para adultos recém chegados à Casa Espírita.

A autodireção nas Mocidades tem se revelado não uma solução, mas uma fonte de problemas, não só para ela e o Centro Espírita onde funciona, mas principalmente para o Movimento Espírita. Os dirigentes espíritas precisam se conscientizar desse problema, deixando de proclamar que "este é um problema meu", mas sim assumindo que é algo maior e que toca no âmago da divulgação do Espiritismo.

A autodireção e "o deixar que os jovens fiquem à vontade", tem base errônea na Doutrina, que ensina que o espírito é milenar, mas o corpo passa por diversas fases, até chegar à maturidade. Assim, a adolescência é uma fase delicada e de aquisição de toda bagagem espiritual do ser humano, indispensável para o atual projeto reencarnatório, onde ele, o jovem, precisa de muito amparo e orientação.

Bem sabemos que não são todas as Mocidades que vivem esse problema, mas que infelizmente são a maioria. Assim, é preciso que nos miremos nos bons exemplos para darmos continuidade ao trabalho do Espiritismo, que é o de reviver os ensinamentos de Jesus.

Os Novos Rumos apontam para uma Casa Espírita preocupada com o amor e a educação de seus freqüentadores. Uma casa que promova a amizade, a solidariedade, a compreensão e o estudo entre seus trabalhadores, para que baseando-se nesse

comportamento, possamos conquistar aos poucos, bens espirituais necessários à nossa evolução na direção de Jesus.

Os Novos Rumos apontam também para uma Mocidade integrada ao Centro Espírita, Um Grupo de Mocidade como os demais Grupos que constituem a Casa Espírita. Uma Mocidade atuante e renovadora dos quadros de dirigentes, pois estes de acordo com os designios de Deus terão um dia que voltar ao mundo espiritual e o Movimento Espírita não pode ter solução de continuidade.

EVANGELIZAÇÃO NA INFÂNCIA E JUVENTUDE: ANÁLISE DAS DIFICULDADES E DOS DESAFIOS

De modo geral a Evangelização de Infância e Juventude são relegadas a um segundo plano nos Centros Espíritas. Temos visto muitos se recusarem a cooperar na Evangelização Infantil ou de Juventude, com o pretexto de falta de tempo, mas aceitarem prontamente um convite para ministrar aulas em curso de iniciação espírita (diversos), os quais são geralmente freqüentados só por adultos, geralmente alunos universitários ou profissionais de nível superior já formados. Assim, parece comum acontecer a falta de trabalhadores habilitados para esta importante atividade.

Por outro lado, à guisa de incentivo, jovens de 14 ou 15 anos (ou ainda menos), são colocados para conduzirem classes de crianças! O problema de tal constatação é que sabemos que as crianças, novos reencarnantes, estão na melhor fase da idade física para absorverem novos ensinamentos, e não só a escolha da técnica como também até das novas palavras que serão utilizadas para introduzirem conceitos essenciais, são importantes para um aprendizado efetivo. Perguntamos então, como pode um jovem sem nenhuma experiência no ensino, com pouco ou nenhum conhecimento básico do Espiritismo, e talvez ainda com pouca ou nenhuma convicção espírita, conduzi-los nesse aprendizado?

Por outro lado, passado o período infantil, quando o espírito reencarnante deve receber um tratamento compatível com sua idade física ele deveria ser encaminhado ao Grupo de Mocidade, cujo ensino básico deve ser oferecido e coordenado pelo Centro Espírita, como qualquer outro Grupo.

É nesse particular que as coisas se complicam ainda mais, ou seja, em muitos centros nem a passagem da Evangelização Infantil para o Grupo de Mocidade é coordenada pelos seus dirigentes. O jovem é quem decide...e como eles querem ser adultos ... ao menos nos direitos ... lá estão eles na Mocidade !

Agora sim os dirigentes dos Centros se sentem aliviados! Já cumpriram a sua obrigação! E lá ficam os jovens abandonados à própria sorte, como se tivessem recebido um prêmio ou um brinquedo para se divertirem: o estudo do Espiritismo!

É claro que o jovem pode e deve (como veremos mais adiante), participar não só do ensino de crianças, mas de todas atividades do Centro, mas com critério.

Assim, nesses momentos de reflexão e questionamento surgem outras indagações, com respeito aos espíritas em geral e aos jovens em especial: Existe droga em nosso meio? Os jovens fazem sexo de maneira não responsável? E o roubo, acontece também entre nós espíritas? Há corruptos em nosso meio? A resposta, triste, mas verdadeira, é afirmativa. Sim. Todos esses tipos de desvios de conduta e todos os outros que existem na sociedade como um todo, estão presentes também no meio espírita. Afinal, não somos privilegiados nem exceções, mas apenas uma parte da sociedade. O que nos faz reconhecer o verdadeiro espírita e o que poderia distingui-lo dos demais indivíduos?

“Pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações”, como nos ensina Kardec.

Em síntese, e em português simples e direto, podemos afirmar que não somos “santos”!

Diante desta constatação, ou seja, diante do reconhecimento de que não somos santos e estamos em processo de evolução espiritual, fica mais fácil compreender porque as Mocidades espíritas precisam de orientação.

Nosso maior desafio é responder a seguinte questão: Afinal, porque as Mocidades, de modo geral, são pouco produtivas? Se os jovens são cheios de entusiasmo e vontade, o que estaria tolhendo o seu desenvolvimento?

É o que tentaremos fazer neste nosso trabalho.

COMO AS MOCIDADES ESPÍRITAS ESTÃO, EM GERAL, ORGANIZADAS.

A Mocidade dentro do Centro

Com respeito às mocidades espíritas em nossos Centros, observamos que muitas delas, às vezes até apoiadas pelos dirigentes do Centro, se autodirigem, ou seja, pretendem estudar e interpretar Kardec entre si, sem a presença de um orientador ou de uma pessoa mais experiente, adultas, com enorme risco para o entendimento da Doutrina, pois como sabemos do Evangelho, “quando um cego guia o outro, os dois caem no barranco”. O mais preocupante é que observa-se que a tendência à auto direção nas mocidades se alastra cada vez mais e por isso é preciso considerarmos com carinho e raciocínio tal problema.

O Afastamento dos Jovens – Alguns Motivos

Vejam: nas reuniões das Mocidades assim dirigidas, a maior parte das vezes, as discussões sempre necessárias para um aprendizado efetivo, descambam para gritarias e agressões. Todos mandam e ninguém obedece!

Assim, muitos jovens sérios e compenetrados da importância do aprendizado básico da Doutrina, deixam de comparecer a essas reuniões... e também ao Centro, onde não encontram lugar para ficar. Às vezes afastam-se de vez do Espiritismo. Outras vezes retornam em uma época mais à frente e na prática, iniciam agora seu aprendizado da Doutrina, com um atraso do qual não foi culpado.

É lamentável que isso ocorra, mas somos nós dirigentes, os únicos responsáveis por tal situação!

A primeira vista tudo isso parece muito bem e até coerente, pois nada como jovens para entender os próprios jovens.

É claro que concordamos com os jovens, quando observam que existem pessoas até com cabelos grisalhos, participando como educadores no Centro Espírita, dizendo incoerências e proferindo frases que não são possíveis de se alinhar em uma seqüência lógica. Como podemos ver, não basta ser dirigente ou até mesmo Presidente para estar credenciado para ministrar cursos, dar palestras. Porque insistir numa função para a qual não estamos preparados? Afinal há trabalho para todos no Centro e como sabemos, não existe trabalho menor, mas sim homem menor!

Esta posição inadequada em que foi colocado um trabalhador da Casa, que revela outras aptidões que não para o ensino, serve de forte motivação para os jovens preterirem a presença de orientadores adultos.

Como define Heloisa Pires, “Professor espírita é o que estuda a Doutrina Espírita e as técnicas de educação, para facilitar sua tarefa. Formado à luz da Pedagogia Espírita, ele exemplificará as palavras: “educar é um ato de amor”.

Observações do Mundo Espiritual – A Auto-direção

Por tudo o que acabamos de citar e ainda muito mais que deixamos de dizer, para não alongar demais este trabalho, devemos todos nos preocupar com o ensino nas Mocidades, como já vem fazendo a espiritualidade amiga.

Assim, vejamos as considerações a esse respeito, ditadas pelo espírito Inácio Ferreira, um de nossos mais representativos trabalhadores na Doutrina: “Hoje, do Mundo Espiritual, observo com tristeza o desinteresse de muitos dirigentes espíritas para com a juventude, deixando-a entregue aos seus próprios esforços, sem incentivo e orientação. É uma pena que isto esteja acontecendo, pois os jovens espíritas são o futuro da Doutrina – a maioria das casas espíritas preocupa-se com as reuniões mediúnicas, marginalizando a criança e o jovem. Temo, no futuro, por uma solução de continuidade no Movimento, com reais prejuízos para a Causa. Os dirigentes de centros espíritas careciam de ser mais responsáveis neste sentido. Aqui, permito-me recordar-lhes a severa advertência do Mestre:” Muito se pedirá a quem muito recebeu”.

Alguns Problemas da Auto-direção

Essa preocupação é justa e o exemplo de algumas Mocidades auto-dirigidas nos mostra o perigo a que está exposto o Espiritismo: umas eliminaram a prece de seus meios, argumentando que esse procedimento é piegas, outras não concordam com a impossibilidade de o espírito regredir, algumas confundem ainda Umbanda e Espiritismo, em outras foi introduzida a discussão político-partidária em suas reuniões, e outras ainda, formaram grupos, onde queriam “questionar” Kardec, com o argumento de que o Espiritismo não é imutável !!

O que dizer ainda de Grupos de Mocidades que se tornaram verdadeiro agrupamento de “obsessores uns dos outros”, nas quais vários casamentos foram realizados entre seus componentes e depois de dois ou três anos, rapidamente desmanchados, gerando grandes prejuízos, pois deixam filhos sem família formada. Mas pior ainda é observar que o Grupo insiste em continuarem todos juntos, um atrapalhando a vida do outro!

Por outro lado, comenta Dora Incontri, os jovens (vejam o perigo), de um modo geral “exceção feita aos Espíritos muito viciados na hipocrisia... conservam certa ingenuidade e aceitam facilmente lideranças que eles confiam” e que sejam mais velhos do que eles, o que não significa que sejam adultos, maduros e com conhecimento bem embasado do Espiritismo.

A Posição dos Dirigentes

É preciso que os dirigentes espíritas tomem conhecimento e tenham atitudes firmes em face desses fatos graves que ocorrem sob sua responsabilidade. A doutrina espírita é sim dinâmica, mas há que se preservarem suas bases, e só pode preservá-las quem as conhece!

Meditemos com Hermínio de Miranda: “... a Doutrina dos Espíritos está preservada nos seus livros básicos... Ela é o nosso padrão de aferição, nosso gabarito, na interface de cada um de nós com o que se passa à nossa volta”.

E mais adiante completa Hermínio: “Queremos reconhecer, ainda como nossa, a Doutrina Espírita que aqui deixamos. Com as suas previstas e previsíveis ampliações evolutivas no intercâmbio com os demais ramos do conhecimento humano, mas preservada em toda a sua pureza primitiva, naquilo que constitui o núcleo e as estruturas básicas de seu pensamento. Enriquecida, mas não descaracterizada”.

Onde se Apóia a Autodireção?

De nossa vivência como pesquisador e professor universitário, podemos lembrar que nenhuma das Universidades de maior nome no exterior, como Cambridge ou Oxford na Inglaterra, ou Harvard nos Estados Unidos, ou ainda nossa Universidade de São Paulo no Brasil, deixa seus alunos, jovens na mesma faixa etária dos freqüentadores de nossas mocidades – (16 a 22 anos), aprenderem sozinhos em seus cursos básicos, sem a presença de, no mínimo, um orientador.

Perguntamos então, de onde viria a insistência de certos grupos espíritas no tema da autodireção da mocidade?

A confusão vem do entendimento incorreto do que significa chegarmos a Jesus, pelo nosso mérito próprio e através de nossa auto educação. Isso realmente só é efetivo, quando se trata do espírito na plenitude de suas faculdades, pois para galgarmos um só degrau que seja na nossa evolução, há de ser pelo nosso esforço próprio e através do nosso auto burilamento!

Porém, para não incorrerem em erro, é preciso fazer uma análise criteriosa dessa questão. Assim, como observa N. Lobo, se estudarmos Kardec em o “O Livro dos Espíritos” nas questões 114 e 739, em o Céu e o Inferno 1º, III, 7 e em Obras Póstumas pág. 38, parág. 2, facilmente entenderemos a necessidade do espírito evoluir por seu esforço próprio, porém se somarmos a isso os conhecimentos contidos na Q. 385 de O Livro dos Espíritos, facilmente concluiremos que até um certo período da vida corpórea o espírito não adquiriu ainda todas suas potencialidades, previstas para a atual reencarnação.

Neste período, como já observamos anteriormente, o jovem precisa muito ainda de amparo e carinho, para vencer seus conflitos, próprios da adaptação física.

Apesar da clareza dos ensinamentos de Kardec, observamos que nas ditas mocidades autodirigidas, os jovens espíritas continuam estudando sozinhos, e mais ainda, com o beneplácito dos dirigentes.

É a atitude dos jovens correta?

E a dos dirigentes?

A resposta clara, reforçando o que foi dito acima, está contida na própria Doutrina Espírita quando nos mostra que só gradualmente o espírito reencarnado vai assumindo sua plena capacidade de raciocínio, incorporando sua bagagem espiritual adquirida em outras encarnações, e necessárias para a realização com sucesso do presente projeto de vida. Na adolescência o espírito reencarnante está no processo final desse mecanismo e não na plenitude de sua capacidade prevista para a presente reencarnação, conforme nos ensina Kardec. Então daí decorre que os jovens na adolescência podem não estar ainda em condições ideais de se autodirigir, também no estudo do Espiritismo. É necessária a presença de uma pessoa madura, para orientar minimamente esses jovens. É claro, que como em qualquer função, é necessária aptidão do orientador, que no caso seria a habilidade para viver entre jovens, mas nunca desvinculada de um conhecimento básico e principalmente raciocinado dos ensinamentos de Kardec.

Todas Mocidades têm esse Problema?

Incorreríamos em erro grave se afirmássemos que todas as Mocidades são iguais, mas podemos afirmar que infelizmente as Mocidades bem orientadas são a minoria.

Um bom exemplo a seguir é o da Mocidade de Sacramento MG, onde uma integração amorosa e racional entre jovens e Orientadores é observada até nos pequenos detalhes. Os frutos são visíveis no movimento e expansão do Espiritismo também nos bairros da cidade.

É o “efeito Eurípedes Barsanulfo” produzindo seus frutos.

Senhores Dirigentes: Mãos à Obra!

Diante deste quadro, nossa posição como orientadores precisa ser prospectiva, ou seja, olharmos mais a frente, procurando ver as futuras repercussões de nossas atitudes perante o problema. Porém não basta constatar os problemas e demonstrarmos preocupação. É preciso lutar para superar os desafios e fazer com que os jovens compreendam a importância que a mocidade espírita têm para o futuro de nossa doutrina, e por que não dizer, para o nosso próprio futuro como espíritos em evolução. Neste sentido, é importante, além de identificar os problemas, apontar também para a possibilidade de superação dos mesmos.

Quais seriam, assim, os desafios a enfrentar? Vejamos:

NOVOS CAMINHOS

Diante dos problemas visíveis das Mocidades, os quais oneram por demais a divulgação da Doutrina, é fácil de ver que o caminho ora trilhado não é acertado.

O foco do problema é o fato de o Centro não assumir a Mocidade e os jovens não aceitarem Professor, Orientador ou Coordenador adulto, como se eles fossem um impedimento para os seus sonhos de liberdade.

E perguntamos: Como não aceitam um coordenador?

E os demais Grupos do Centro? Também não aceitam as diretrizes da Casa?

Neste caso, qual deveria ser a atitude da Diretoria? Calar-se, ser omissa ou cumprir o seu dever de bem dirigir o Centro para o qual foi eleita?

É claro que não se trata de “impingir” um coordenador para a Mocidade, para este ou aquele Grupo do Centro, mas escolhê-los entre os que são capazes e têm possibilidade de liderança, o que significa coesão e sobrevivência do Grupo.

É preciso acordar para a importância real das Mocidades e não esquecer que o que está em jogo é o futuro do Espiritismo e não nossas posições pessoais as quais, como vemos, não são sustentadas pelos fatos.

Assim, da parte dos jovens, a confusão comum muito observada, é supor que o orientador vai impingir seus conhecimentos aos jovens, tirando-lhes a criatividade e o entusiasmo tão comuns nessa fase da vida. É necessário entender que educar é fazer com que os indivíduos consigam com seu esforço próprio, o entendimento sobre este ou aquele ensinamento. O Orientador irá somente coordenar os procedimentos, para benefício dos resultados. Educar é incentivar a criatividade e não impedir sua manifestação.

O sucesso de algumas Mocidades dirigidas por adultos, avaliada através de seus frutos, mostra o acerto dessa orientação.

Para a boa formação da criança e do jovem, eles devem participar desde o começo, e de acordo com sua capacidade, em trabalhos do Centro, a título de estágio e como complemento do ensino em classe. Aos jovens fica reservado um estágio assistido, nos diversos Grupos da Casa, de tal modo que este venha complementar os estudos orientados, realizados em classe.

Assim, após o curso oferecido e orientado pela Casa e o treinamento como ajudante ou estagiário, até o término de sua adolescência em torno dos 20, ele deverá então ser dirigido a um determinado Grupo com cujo trabalho mais se afine.

Então o jovem finalmente se integrará aos trabalhos do Centro. Desta maneira não será necessário freqüentar um dos diversos cursos de iniciação ao Espiritismo, os quais ficarão reservados àqueles que só na idade adulta chegam à Doutrina.

GRUPO DE MOCIDADE: COMO DEVE ESTAR ORGANIZADO DENTRO DO CENTRO ESPÍRITA

Assim como existe o Grupo de Desobsessão, de Fluidoterapia, de Atendimento Fraternal, etc., também o Centro Espírita deve manter um Grupo de Jovens, orientado por pessoa ou se possível casal, de reconhecido conhecimento básico da Doutrina, que tenha liderança sobre os jovens e um mínimo de vontade de dirigi-los, com amor e paciência.

O Grupo de Mocidade então, deve ser coordenado por um adulto o qual terá o auxílio de um jovem, ambos também se possível, escolhidos pela Diretoria da Casa e os jovens do Grupo.

Nas aulas, tanto teóricas quanto práticas, devem ser formados pequenos grupos com talvez no máximo quatro componentes (dependendo do trabalho), nos quais recomenda-se tanto quanto possível, um rodizio entre seus componentes o que favoreceria a integração de toda Mocidade.

O aprendizado no Grupo de Mocidade

As aulas "teóricas" devem ser tanto quanto possível bem motivadas, dinâmicas envolvendo a idéia de valorizar a procura de informações e depois o entendimento das mesmas, sugerindo ou tirando conclusões de onde aplicá-las na vida prática.

Alguns exemplos, poderão clarear nossa sugestão:

Aulas Teóricas

- Ao ensinar sobre Os Apóstolos, distribuir entre os grupos de aprendizes as seguintes funções : - Procura do nome dos doze apóstolos, informando também sua profissão, idade a época em que conheceram Jesus e cidade onde nasceu; localizar os mapas da época, assinalando nos mesmos o local de nascimento dos apóstolos, colocando a distância estimada entre elas e também entre Jerusalém; fazer um resumo da religião dos judeus realçando as novidades que Jesus trazia.
- Ao ensinar sobre A Caridade, solidariedade e amor ao próximo, distribuir entre os aprendizes as seguintes funções: - Coletar fotos e informações sobre acidentes comuns; pobreza na cidade, entre os índios, africanos etc; outro grupo faria uma colagem dos assuntos e comentários ligados a determinada foto; outro grupo faria a ligação de cada foto e comentários com trechos do Evangelho, colocando-os como legenda das fotos.
- Ao ensinar sobre " As Diversas Moradas na Casa do Pai" , distribuir entre os jovens as seguintes funções: Coletar algumas fotos sobre ou figuras de astros, sistema Solar, galáxias, etc; organizar "poster" com informações sobre a época em que se deu a origem do universo, número estimado de galáxias, sistemas solares e planetas, distância estimada entre planetas, sistemas solares e explicar o que é ano luz; concluir perguntando se diante destes números seria razoável pensar, que só a Terra seria habitada.

- Convidar pessoas de diversas profissões, para falar sobre o tema: “O espiritismo e minha profissão”. Convidá-los a responder: Posso ser soldado, pedreiro, médico, cientista, comerciante, policial etc e ao mesmo tempo ser espírita? Como?
- Convidar palestrantes específicos para falar sobre, epífise, centro de forças, fluido universal e derivados, aborto, sexo etc. Lembrar aos palestrantes que deverão reservar um tempo para discussões.

Aulas Práticas

Os participantes da Mocidade deverão fazer estágios de aproximadamente seis meses em cada um dos diversos Grupos do Centro, de tal modo que se o rodízio nos diversos grupos for completado antes do término previsto para os ensinamentos dados no Grupo de Mocidade, ele deverá continuar os estágios, voltando quantas vezes forem necessárias a um mesmo Grupo.

- Na Fluidoterapia (em diversas etapas) – assistir na portaria, ao atendimento de pessoas que chegam, preparar a sala de passes colocando recipientes de água fluida e assistir os passes; participar como assistente das palestras, arrumando o salão; organizar a fila de pessoas que necessitam de passes, etc.

Fazer anotações e apresentá-las ao Grupo em dia de Aula Teórica.

- No Grupo de desobsessão – Participar como assistente, fazendo anotações e apresentando-as ao Grupo de Mocidade em dia apropriado na Aula Teórica.

- Visita periódica a asilos de velhos, hospitais, favelas e outros: Nestas visitas os jovens serão orientados a conversarem naturalmente com internos, de maneira educada e respeitosa, de modo a não tocarem em assuntos tristes e depressivos. A alegria com Jesus é bem-vinda e se tiverem oportunidade de fazer música, será ótimo.

O contato com enfermos e necessitados em geral, desloca nossos pensamentos para o lado solidário da vida, ventilando nossos corações e trazendo-nos momentos de intensa alegria interior. Depois de diversos contatos desse tipo, o passe e o atendimento fraterno fluirá mais naturalmente, pois estaremos agindo agora com conhecimento de causa.

Fazer anotações e comunicá-las ao Grupo.

Cuidados nos Estágios

- Cuidar para que o jovem não seja levado a já se sentir integrante definitivo do Grupo que estagia e assim não querer voltar mais para a Mocidade
- Mostrar a ligação entre os Grupos e o sentido ou a conexão entre os trabalhos desenvolvidos nos mesmos, formando um todo.

O PROBLEMA DA AMIZADE E OS MOTIVOS DAS CASAS ESPÍRITAS NÃO FORMAREM GRUPOS DE AMIGOS

Para abordar esse assunto, vamos iniciar descrevendo nosso comportamento no meio espírita, tentando entender a sua razão.

Assim, recordando nosso passado, às vezes não muito distante, insistimos em freqüentar o Centro Espírita, com o único interesse de assegurar um bom lugar na vida

espiritual. É claro que se mudarmos algumas palavras desta frase reconheceremos claramente ao que estamos nos referindo.

Na Casa Espírita, é só terminar os trabalhos e logo alegamos alguma necessidade de estar ali ou acolá... com urgência! Não conseguimos um tempinho para conversarmos com nosso companheiro de Grupo, supondo que espíritas não têm problemas... que não precisa de atenção, carinho e afeto. Não cultivamos a amizade... ao menos enquanto temos o bolso cheio e boa saúde!

Com respeito à amizade nos Grupos, alegam muitos que sempre tentam construí-la, mas... logo se acabam sem saber porque. Mas, notamos que muitos, quando convidados por um colega a ouvi-lo em seu problema, não poupam tempo em mostrar sua erudição, chamando-lhes a atenção e citando-lhe na ponta da língua frases do Evangelho ao invés de palavras de carinho, consolo e ânimo! Esquecem que são humanos e passíveis de erros também e perdem assim a oportunidade de exercerem a verdadeira caridade, mostrando ao seu irmão as dificuldades que todos temos, inclusive ele, de vivenciar os ensinamentos de Jesus. Acontece que o colega tratado desta maneira começa a se afastar e da próxima vez que tiver um problema... não mais o procurará!

Como fazer amizade desta maneira? A amizade pressupõe igualdade, companheirismo e não superioridade e mando.

Vamos acompanhar Ermance Dufaux, a médium colaboradora de Kardec, que aborda o problema da vivência no Centro Espírita, com conhecimento e razão.

Referindo-se à amizade diz: "Quase todos a querem receber, poucos a desejam dar. Muitos querem que alguém seja seu amigo, poucos se oferecem como amigos".

Falando diretamente do nosso relacionamento dentro da Casa Espírita diz: "Fraternidade e trabalho pelo próximo são os adubos da amizade espírita. Mas precisamos estudar com mais atenção e debater os porquês de nossas agremiações estarem tão pouco afeitas à formação de grupos de amigos, transformando em muitas ocasiões a casa de amor em locais "sacralizados" de encontro com Deus, evitando o encontro entre humanos, guardando uma aura mística e sacra nas posturas, fazendo-nos recordar os templos de outrora nos quais nos encontrávamos para orar e, findo o ritual, cada qual retornava a seu caminho sem se conhecerem, sem se encontrarem para o diálogo, a troca. Outras vezes esse encontro toma mau rumo, graças a não terem seus componentes sido envolvidos pelo "Espírito evangélico", escasso ou mesmo ausente no ambiente onde se deram tais encontros."

"Essa ausência de ternura entre os membros de um mesmo núcleo, guardando distanciamento, é empobrecedor para nossas realizações. Quando os componentes se amam, se conhecem, quando se estabelecem relações de confiança e respeito, as atividades ganham viço, estímulo, produtividade..." "Ressaltamos aqui que, se a falta de proximidade pode constituir um obstáculo a nossas lides, o excesso dela também pode gerar outras tantas lutas. Intimidade nos relacionamentos é a zona delicada da convivência que apela para a virtude e o caráter, a fim de saber fazer dela o que se deve, e não o que se quer. Amigos que desejem a longevidade da relação cultivam limites, sem os quais a intimidade pode tornar-se um problema..." "Amigos verdadeiros mantêm-se na área dos vínculos afetivos, longe da possessão afetiva. O vínculo é uma relação que une sem fusão, sem subtração da individualidade, sem direitos especiais sobre o outro".

NOVOS CAMINHOS DE AÇÃO – Sugestões de Trabalhos

Uma boa maneira de conduzir o aprendizado da Codificação de Kardec nos Grupos de Mocidade é apelar para o espírito criativo dos jovens, colocando os

ensinamentos propostos num contexto mais atrativo e motivador. Assim poderíamos lançar mão de diversos motivos nos quais estaria embutido o triplice aspecto da Doutrina: Ciência, Filosofia e Religião.

Seguem algumas idéias, que poderão e deverão ser ampliadas, adaptadas a novas situações de ensino e também de integração do Centro como um todo.

- Mapas da época de Jesus, assinalando passagens de Jesus e dos apóstolos. Compará-los com os mapas atuais.

- Roteiro de viagens de Paulo de Tarso (quais as distâncias envolvidas ?)

- Fazer índice remissivo de livros e/ou coleções – por assunto, etc.

Aos jovens talvez interessasse os livros do Luiz Sergio, mas quaisquer outros seriam uma boa motivação de trabalho.

- Promover grupos de arte entre outros lembramos :

 - Teatro – pequenas peças de fundo moral, adaptações de livros espíritas, etc.

 - Música (pequenos conjuntos instrumental e de canto), etc.

 - Canto coral – com proposta ampla de músicas de qualidade, sem torná-lo cantador de hinos evangélicos.

 - Pintura – utilizá-la como arte em temas de valor artístico e moral.

 - Desenhos – criar seqüência de quadros de pequenas histórias educativas, para serem usadas em aulas; criar fotonovelas ou revista em quadrinhos.

- Uso do computador :

 - Preparar “slides” para palestrantes.

 - Criar histórias de fundo moral, utilizando desenhos - passados para o computador.

- Oficina de Idéias- Laboratório de trocas e reinvenção do agir, lembrando que Oficina significa lugar de grandes transformações (onde discutiríamos novas maneiras de agir em diversas situações objetivas e também discutiríamos maneiras diferentes de passar algum ensinamento, como por exemplo o que significa reencarnação, perispírito, etc.).

- Promover com freqüência, pequenas festas de integração (chácaras, por exemplo), convidando todo o Centro, onde aconteceriam jogos esportivos, almoço etc.

- Promover encontros periódicos no Centro, com música, poesia e... muita conversa e os efeitos logo se farão sentir. Observe o que nos diz Inácio Ferreira a respeito:

“Em nossos eventos de sábado (reunião com a Mocidade), os mais maduros dialogavam com os rapazes e as moças, promovendo na tarefa aqueles que mais se destacassem pelo interesse e entusiasmo”.

- Não esquecer das festas de aniversário (são muito boas para pessoas normalmente introvertidas, fechadas)

- Promover caminhadas (não competitivas, mas de passeio) que incentivam a conversa amigável e franca.

• Fazer acampamentos coordenados por adultos e com a participação de crianças e jovens de ambos os sexos, para propiciar as tarefas em conjunto e a divisão de responsabilidades, onde possam aprender seus direitos sem esquecer os seus deveres. Um passeio que exercite a liberdade... sem libertinagem.

Alguns Cuidados na Vivência com os Jovens

Quanto ao comportamento de jovens e adultos, o Espiritismo não impõe regras dentro ou fora da Casa Espírita, mas convém não abusar da liberdade, conhecendo-lhe o sentido cristão, inferidos do comportamento de Jesus.

Afinal o que é ser livre?

Com muita propriedade ensina-nos Heloisa Pires: "Ser livre é saber dirigir-se e dominar suas paixões inferiores".

Um exemplo de homem livre é Jesus de Nazaré. Porque foi livre dos preconceitos, dos vícios, e da animalidade.

Quanto ao sexo ela ainda observa: "E o sexo o que é? Energia preciosa cuja finalidade é muito mais do que a reprodução da espécie. Sublimada nos mundos superiores permite criações maravilhosas. Nos mundos como este em que vivemos promove a encarnação de espíritos, possibilitando, ainda, a permuta de fluidos bons entre os seres, desde que disciplinada e conforme com as leis de Deus."

CONCLUSÃO

A renovação da Mocidade Espírita, passa pela renovação também do Centro Espírita.

Não se concebem Casas nas quais existam indivíduos que permanecem por anos e anos como coordenador, repetindo o mesmo trabalho sem dar oportunidade para outros. Treinar novos companheiros para exercerem nossas funções é cuidar da continuidade do trabalho pela Causa Espírita, que vem antes da Casa Espírita.

Não se esqueçam senhores dirigentes, o corpo morre e o trabalho do Centro deve ser executado por encarnados... protegidos pela espiritualidade amiga !

Vamos deixar nosso personalismo, nossos melindres e atitudes pouco racionais, enfrentando os fatos e aceitando o alerta da espiritualidade amiga. Alias não seria preciso esse alerta, já que os fatos estão aí para quem tiver olhos de ver e despindo-nos de nosso orgulho e vaidade conseguiremos nós mesmos resolvê-los.

Bibliografia

FERREIRA, Inácio. Sob as cinzas do tempo. Votuporanga, Casa Editora Espírita Pierre-Paul Didier, 2001.

INCONTRI, Dora. A educação segundo o Espiritismo. São Paulo, FEESP, 1997.

JUVENTUDE ESPÍRITA. 3ª edição. Capivari, Editora EME, 1998.

KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 19ª edição. São Paulo, LAKE, 1980.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 59ª edição. São Paulo, LAKE, 1998.

PIRES, Heloisa. Educação Espírita. 4ª edição. São Paulo, Paidéia, 1994.

XAVIER, Francisco Cândido. Caminho, verdade e vida. 17ª edição. Brasília, FEB, 1997.

O Espiritismo em seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso

Silvio Seno Chibeni

Tornou-se comum no meio espírita afirmar-se que o Espiritismo é ciência, filosofia e religião, ou tem um “tríplice aspecto”, englobando as três áreas. Essa caracterização não pode ser encontrada exatamente nesses termos na obra de Kardec. É, porém, correta e, em sua essência, está presente no pensamento do criador do Espiritismo e de seus mais lúcidos continuadores. No entanto, a questão tem dado lugar a mal-entendidos, por causa da compreensão incorreta ou imprecisa dos conceitos de ciência, filosofia e religião, bem como da verdadeira natureza do Espiritismo. Esse trabalho procura contribuir para esclarecer o assunto, com o apoio da filosofia e dos próprios textos de Kardec.

1. Introdução

Ao refundir o material da primeira edição de *O Livro dos Espíritos* (1857), preparando a segunda edição (1860), Kardec achou por bem inserir, já na primeira linha do livro, na folha de rosto, a seguinte frase: “*Filosofia Espiritualista*”. Kardec quis, com ela, fornecer ao leitor uma caracterização sucinta do caráter do Espiritismo, cujas bases a obra assentava. Essa caracterização é depois detalhada de modo implícito ou explícito no resto do livro e no restante de sua produção espírita. Uma das primeiras especializações do conceito expresso na frase é introduzida já na Introdução do mesmo livro, item I, no qual Kardec traça a distinção entre *espiritualismo e Espiritismo*. A partir desse ponto, tratará sempre (salvo para efeito de comparação) do conceito mais específico de *filosofia espírita*.

O destaque dado por Kardec a esse conceito indica que é por ele que devemos começar a análise do chamado “tríplice aspecto” do Espiritismo. Essa caracterização não pode ser encontrada exatamente nesses termos na obra de Kardec. Não nos ocuparemos aqui da questão histórica da origem dessa maneira tão disseminada de compreender o Espiritismo. Nosso objetivo neste artigo é estabelecer que ela é, em sua essência, correta, e que está presente no pensamento do criador do Espiritismo. Além disso, pretendemos esclarecer alguns mal-entendidos a que a caracterização tem dado lugar, por causa da compreensão incorreta, ou imprecisa dos conceitos de ciência, filosofia e religião, bem como da verdadeira natureza do Espiritismo.

2. O que é filosofia?

Antes de tentarmos entender o que Kardec entendia por *filosofia espírita*, e porque ele priorizou essa noção ao dar uma fórmula sucinta do Espiritismo, é importante compreendermos a noção geral de filosofia. É claro que se trata de um assunto complexo, que requereria estudos especializados para ser abordado de forma satisfatória. O que exporemos aqui é apenas um esboço, mas que, tanto quanto julgamos, é correto e útil para investigações ulteriores.

Como quase todas as palavras, *filosofia* possui diversos significados. Popularmente, o termo tem hoje três acepções principais: 1) certos valores ou princípios

de vida, muito gerais e variáveis segundo os indivíduos ou grupos sociais; 2) certos métodos, regras e propósitos de um empreendimento qualquer; 3) certas doutrinas esotéricas ou místicas. Nenhum desses três significados corresponde à noção original, acadêmica, de filosofia, e que foi usada por Kardec em quase todas as ocasiões em que falou no aspecto filosófico do Espiritismo.

Não obstante aparentemente simples, as questões do que é e para que serve a filosofia – no sentido acadêmico do termo – estão entre as que mais dificuldades e divergências causam entre os próprios filósofos profissionais. Esse mero fato, porém, já indica algo importante sobre a natureza da filosofia: o questionamento sistemático, incessante e profundo de tudo o que se afirma.

As origens da filosofia remontam à Grécia Antiga. Pela própria etimologia do termo, notamos que a filosofia era entendida como o *amor do saber*, ou a *busca da verdade*. Naquela época, e, em certa medida, por muitos séculos da era cristã, a filosofia englobava todos os ramos do *conhecimento puro* (em contraste com as artes e ofícios, o conhecimento aplicado). Gradualmente, alguns desses ramos foram se tornando autônomos, com a matemática, a astronomia, a história, a biologia, a física. Mais ou menos a partir do século XVII, alguns deles começam a ser agrupados sob outra denominação: a de *ciência*.

Hoje em dia costuma-se considerar pertencentes ao tronco principal da filosofia as disciplinas da *estética*, *lógica*, *ética*, *epistemologia* e *metafísica*. De forma muito simplificada, pode-se dizer que a estética examina abstratamente a beleza e a feiúra; a lógica investiga o encadeamento formal das proposições; a ética estuda questões relativas ao bem e ao mal, aos direitos e deveres; a epistemologia ocupa-se do conhecimento, suas origens, fundamentos e limites, enquanto a metafísica procura especular sobre a natureza última das coisas. Fora esses ramos fundamentais, há ainda diversos outros que resultam de suas interconexões e especializações, como a teologia, a filosofia política, a filosofia da linguagem, a filosofia da ciência.

Uma das principais correntes filosóficas contemporâneas propõe que a filosofia não deve ser entendida como a formulação ou defesa de teses ou conjuntos de teses sobre o que quer que seja, mas simplesmente como o desenvolvimento de *métodos de análise crítica e sistemática*, a serem aplicados especialmente ao chamado conhecimento científico. Nessa perspectiva, o filósofo seria alguém que tenta explicitar os conceitos, os pressupostos, a estrutura lógica e as implicações das teorias científicas, políticas, religiosas, etc. Semelhante atitude crítica – que não se confunde com uma crítica leviana, estouvada ou interesseira – seria a essência da filosofia, o elemento comum que permearia a grande variedade de linhas filosóficas existentes.

Embora quando se olhe para as abstrações e sutilezas tipicamente discutidas pelos filósofos se possa concluir que a filosofia para nada serve, a referida proposta talvez permita encontrar, num plano afastado do das necessidades materiais cotidianas, uma finalidade útil para a filosofia: a elucidação das bases, métodos e implicações das ciências e de outras disciplinas intelectuais, contribuindo assim para a identificação de fundamentos falsos ou inseguros, de falácias argumentativas, de dogmas encobertos.

Ensinando, ou pelos menos convidando, o homem a refletir criticamente sobre tudo o que se afirma ou faz em todos os setores, a filosofia de alguma forma auxilia o aprimoramento de seu intelecto e, talvez, de seus sentimentos, que o diferenciam de um mero ser que come, bebe, dorme e se reproduz.

3. A filosofia espírita

Passando agora à noção de filosofia espírita, uma observação preliminar importante é que no tempo de Kardec o sentido original, amplo, da palavra “filosofia” ainda prevalecia, em boa medida. Assim, ao dizer que o Espiritismo era uma *filosofia*, Kardec não estava excluindo seu caráter científico, muito pelo contrário. Além disso, como a ética ou moral é uma das áreas da filosofia – e isso até hoje – aquela designação também não excluía o aspecto moral do Espiritismo, que é a essência da chamada religião espírita. Detalharemos esses pontos nas seções seguintes deste trabalho.

Há referências à filosofia ou à filosofia espírita, em todas as obras de Kardec. O significado preciso das expressões varia, é claro, segundo o contexto. De um modo geral, podemos identificar *duas acepções principais* da expressão, uma ampla e outra restrita.

Na acepção *ampla*, Kardec entende pela expressão alguma teoria, conjunto de teses ou atividade intelectual que se caracterizam pela racionalidade, e se inserem portanto na tradição da filosofia acadêmica de cultivo do saber pelo saber. Nesse sentido a filosofia engloba a própria ciência e a moral, como já apontamos. Há dezenas de passagens nas obras de Kardec em que a expressão é usada nessa acepção. A primeira é, naturalmente, a já mencionada frase da folha de rosto. Vejamos algumas outras, restringindo-nos, por falta de espaço, ao *Livro dos Espíritos* (os itálicos do termo “filosofia” são nossos).

Livro dos Espíritos – Prolegômenos: “Este livro é o repositório de seus ensinamentos. Foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma *filosofia* racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema”.

Livro dos Espíritos – Prefácio da 2ª edição (que não é mais reproduzido nas edições atuais): “O ensino relativo às manifestações dos Espíritos, propriamente ditas, bem como aos médiuns, forma uma parte distinta da *filosofia espírita*, podendo constituir objeto de um estudo especial” [a ser desenvolvido no Livro dos Médiuns]

Livro dos Espíritos – Conclusão, item V: “Três períodos distintos apresenta o desenvolvimento dessas idéias: primeiro, o da curiosidade, que a singularidade dos fenômenos produzidos desperta; segundo, o do raciocínio e da *filosofia*; terceiro, o da aplicação e das conseqüências. O período da curiosidade passou; a curiosidade dura pouco. Uma vez satisfeita, muda de objeto. O mesmo não acontece com aquilo que se dirige à razão e evoca reflexões sérias. Começou o segundo período, o terceiro virá inevitavelmente”.

Livro dos Espíritos – Conclusão, item VII: “O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: o fato das manifestações, os princípios de *filosofia* e de moral que delas decorrem e a aplicação desses princípios. Dai, três classes, ou antes, três graus de adeptos: [...]”.

Na acepção *restrita* da expressão “filosofia espírita”, Kardec refere-se a tópicos clássicos tratados pelos filósofos, como a existência e atributos de Deus, a distinção alma-corpo, as idéias inatas, o livre-arbítrio, a objetividade dos critérios morais, etc. Na maior parte das vezes em que ele usa o termo “filosofia” nesse sentido mais específico, quer ressaltar um ponto de central importância: a capacidade que o Espiritismo tem de tratar com segurança, clareza e plausibilidade alguns dos mais espinhosos e desafiadores problemas filosóficos. Em alguns casos o ponto é mencionado genericamente; em outros ele considera explicitamente esses problemas. Vejamos alguns exemplos, começando com alguns trechos do primeiro tipo (destacamos em itálico o termo filosofia).

Livro dos Espíritos – Conclusão, item I: “Pois bem! Sabei, vós que não credes senão no que pertence ao mundo material, que dessa mesa, que gira e vos faz sorrir desdenhosamente, saiu toda uma ciência, assim como a solução dos problemas que nenhuma *filosofia* pudera ainda resolver”.

Livro dos Espíritos – Conclusão, item 6: “Mesmo quem não testemunhou nenhum fenômeno material relativo às manifestações dos Espíritos diz para si próprio: à parte esses fenômenos, há a *filosofia*, que me explica o que NENHUMA outra havia explicado. Nela encontro, por meio unicamente do raciocínio, uma solução *racional* para os problemas que no mais alto grau interessam ao meu futuro. Ela me dá calma, segurança, confiança; livra-me do tormento da incerteza”.

O que é o Espiritismo – Preâmbulo: “No terceiro capítulo, publicamos um resumo de *O Livro dos Espíritos*, com a solução, pela doutrina espírita, de certo número de problemas do mais alto interesse, de ordem psicológica, moral e filosófica, que diariamente são propostos e aos quais nenhuma *filosofia* deu ainda resposta satisfatória. Procurem resolvê-los por qualquer outra teoria, sem a chave que nos fornece o Espiritismo; comparem suas respostas com as dadas por este, e digam quais são as mais lógicas, quais as que melhor satisfazem à razão”.

Vejamos agora algumas passagens com referência a problemas filosóficos tradicionais, que têm solução adequada pelo Espiritismo. Indicamos sumariamente entre colchetes o problema em questão.

Livro dos Espíritos – Introdução, item 17 [a continuidade evolutiva da criação]: “A razão nos diz que entre o homem e Deus outros elos necessariamente haverá, como disse aos astrônomos que, entre os mundos conhecidos, outros haveria, desconhecidos. Que *filosofia* já preencheu esta lacuna? O Espiritismo no-la mostra preenchida pelos seres de todas as ordens do mundo invisível e estes seres não são mais do que os Espíritos dos homens, nos diferentes graus que levam à perfeição. Tudo então se liga, tudo se encadeia, desde o alfa até o ômega”.

Livro dos Espíritos – item 222 [a desigualdade das aptidões face à justiça divina]: “Qual a *filosofia* ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, porque entre elas, tão grande diversidade de aptidões?”.

Livro dos Médiuns – parte 35, n. 2 [o futuro do homem]: “*O Livro dos Espíritos*. Contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua *filosofia* e todas as suas conseqüências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo”.

Evangelho segundo o Espiritismo – cap. 5, item 6 [a dor face à justiça divina]: “Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma *filosofia* pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra”.

O Céu e o Inferno – Parte 1, cap. 1, item 13 [a questão do materialismo e do panteísmo]: “Apresente-se-lhe, porém, um futuro condicionalmente lógico, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, e ele repudiará o materialismo e o panteísmo, cujo vácuo sente em seu foro íntimo, e que aceitará à falta de melhor crença. O Espiritismo dá coisa melhor; eis por que é acolhido pressurosamente por todos os atormentados da dúvida, os que não encontram nem nas crenças nem nas *filosofias* vulgares o que procuram. O Espiritismo tem por si a lógica do raciocínio e a sanção dos fatos, e é por isso inutilmente o têm combatido”.

A Gênese – cap 4, item 11 [a origem das faculdades espirituais do homem]: “Mas a história do homem, considerado como ser espiritual, se prende a uma ordem especial de idéias, que não são do domínio da Ciência propriamente dita e das quais, por esse motivo, não tem ela feito objeto de suas investigações. A *Filosofia*, a cujas atribuições pertence, de modo mais particular, esse gênero de estudos, apenas há formulado, sobre o ponto em questão, sistemas contraditórios, que vão desde a mais pura espiritualidade, até a negação do princípio espiritual e mesmo de Deus, sem outras bases, afora as idéias pessoais de seus autores. Tem, pois, deixado sem decisão o assunto, por falta de verificação suficiente”.

A Gênese – cap 4, item 12 [origem e destino do homem]: “Esta questão, no entanto, é a mais importante para o homem, por isso que envolve o problema do seu passado e do seu

futuro. A do mundo material apenas indiretamente o afeta. O que lhe importa saber, antes de tudo, é donde ele veio e para onde vai, se já viveu e se ainda viverá, qual a sorte que lhe está reservada. Sobre todos esses pontos, a Ciência se conserva muda. A *Filosofia* apenas emite opiniões que concluem em sentido diametralmente oposto, mas que, pelo menos, permitem se discuta, o que faz com que muitas pessoas se lhe coloquem do lado, de preferência a seguirem a religião, que não discute”.

Obras Póstumas – pp. 86-7 [o problema mente-corpo]: “Onde acaba o poder da alma sobre os corpos? Qual a parte dessa força inteligente nos fenômenos do Magnetismo? Qual a do organismo? Ai estão questões de muito interesse, questões graves para a *Filosofia*, como para a Medicina. Tínhamos, como se vê, grandes motivos para avançar que o estudo dos fenômenos magnéticos guarda fortes relações com a *filosofia* e a psicologia”.

O que é o Espiritismo – pp. 169-70, 189 [a imortalidade da alma]: “As manifestações não são, pois, destinadas a servir aos interesses materiais; sua utilidade está nas conseqüências morais que delas dimanam; não tivessem, elas, porém, como resultado senão fazer conhecer uma nova lei da Natureza, demonstrar materialmente a existência da alma e sua imortalidade, e já isso seria muito, porque era largo caminho novo aberto à *Filosofia*. Nas lições de *filosofia* clássica, os professores ensinam a existência da alma e seus atributos, segundo as diversas escolas, mas sem apresentar provas materiais. Quando um cientista emite uma hipótese, sobre um ponto de ciência, procura com empenho e colhe com alegria tudo o que possa demonstrar a veracidade dessa hipótese; como, pois, um professor de *filosofia*, cujo dever é provar a seus discípulos que eles têm uma alma, despreza os meios de lhes fornecer uma patente demonstração?”.

Esses trechos ilustram bem a afirmação de Kardec em *O que é o Espiritismo* (diálogo com o cético) de que “O Espiritismo prende-se a todos os ramos da *Filosofia*”. E note-se que tal afirmação é confirmada não só por passagens como as citadas, em que o termo “filosofia” aparece explicitamente (e há ainda muitas outras em que isso ocorre), mas também pelos estudos efetivamente desenvolvidos por Kardec acerca de numerosos outros tópicos filosóficos.

4. O que é Ciência?

Como já ressaltamos, aquilo que hoje chamamos ciência derivou da filosofia, tal qual entendida nos primeiros tempos de nossa cultura ocidental. É importante, pois, identificar os traços que servem para distinguir o conhecimento científico de outros tipos de conhecimento. Essa é uma das questões de que se ocupa um dos ramos especiais da filosofia mencionados anteriormente, a *filosofia da ciência*.

Notadamente na segunda metade do século XX, progressos significativos foram realizados nessa área. Reconhece-se hoje entre os especialistas que uma certa concepção de ciência cujas origens remontam à época do nascimento da ciência moderna, no século XVII, e que é comum até hoje entre o público leigo, padece de sérias inadequações. Ela não resiste nem a variados argumentos filosóficos levantados mais recentemente, nem ao confronto com a descrição da gênese, evolução e estrutura das disciplinas científicas maduras, ou seja, da física, da química e da biologia. A versão mais bem articulada dessa concepção é a doutrina filosófica conhecida como positivismo lógico, que teve seu apogeu nas décadas de 1920 e 1930.

Grosso modo, essa visão comum de ciência pressupõe que uma ciência inicia seu desenvolvimento com um período longo de coleta de dados experimentais (*dados empíricos*, na linguagem filosófica); nessa etapa não compareceriam hipóteses teóricas de nenhuma espécie. Uma vez de posse de um conjunto suficientemente grande e variado de dados, os cientistas aplicariam então certos métodos supostamente seguros e

neutros para obter as teorias científicas, que seriam descrições objetivas da realidade investigada.

O exame cuidadoso da história da ciência e os argumentos filosóficos desenvolvidos pelos filósofos da ciência contemporâneos mostraram que essa caracterização da ciência não somente não corresponde ao que de fato ocorreu e continua ocorrendo com as ciências bem estabelecidas, como também pressupõe procedimentos impossíveis de serem levados a cabo. Observação e teoria, experimento e hipótese nascem e se desenvolvem juntos, num complexo processo simbiótico de suporte recíproco. A acumulação prévia de dados neutros, ainda que fosse possível, seria inútil. Nenhum conjunto de dados leva de modo lógico a leis científicas; a imaginação criadora do homem desempenha papel essencial na gênese das teorias científicas.

A imagem de ciência a que os filósofos da ciência chegaram a partir das pesquisas recentes indica que uma ciência autêntica consiste, de modo simplificado, de um *núcleo teórico* principal, formado por leis fundamentais, introduzidas a título de hipóteses. Esse núcleo é circundado por *hipóteses auxiliares*, que o complementam e efetuam sua conexão com os dados empíricos. Essa estrutura teórica mais ou menos hierarquizada faz-se acompanhar de determinadas regras, nem sempre explícitas, que norteiam o seu desenvolvimento. De um lado, há a regra "negativa", que estipula que nesse desenvolvimento os princípios do núcleo teórico devem, o quanto possível, ser mantidos inalterados. Eventuais discrepâncias entre as previsões da teoria e as observações experimentais devem ser resolvidas por ajustes nas partes menos centrais da malha teórica, constituídas pelas hipóteses auxiliares. Regras "positivas" sugerem ao cientista como, quando e onde essas correções e complementações devem ser efetuadas. Essa é uma descrição sucinta e simplificada daquilo que o filósofo da ciência contemporânea Imre Lakatos chamou de *programa científico de pesquisa*.

A exigência fundamental de um programa científico de pesquisa é que a estrutura teórica como um todo forneça previsões empíricas corretas, ou seja dê conta dos fatos. Outras características importantes de qualquer boa teoria científica são: a *consistência*: a teoria não pode envolver contradições; a *coerência*: os princípios da teoria devem apoiar-se mutuamente; a *abrangência*: a teoria deve explicar, ao menos em linhas gerais, todos os principais fenômenos de seu domínio; deve ainda exibir *unidade* e *simplicidade*, ou seja, a explicação que fornecem dos diversos fenômenos deve decorrer de maneira natural e simples de um corpo de leis teóricas integrado e tão reduzido quanto possível. Há, por fim, o vínculo externo de não conflitar com as demais teorias científicas bem confirmadas que tratem de domínios de fenômenos complementares.

Tendo fornecido essa noção geral, bastante simplificada e incompleta, da concepção contemporânea de ciência, passemos à questão da ciência espírita.

5. A ciência espírita

A inspeção meticulosa e isenta das origens, estrutura e desenvolvimento do Espiritismo revela que ele possui todos os requisitos de uma ciência genuína, segundo as caracterizações da filosofia da ciência contemporânea, como a esboçada na seção precedente. Em artigo anterior, "A excelência metodológica do Espiritismo", procuramos mostrar, além disso, que Allan Kardec antecipou-se às conquistas recentes da filosofia da ciência, e compreendeu muito bem a questão. Sua visão de ciência, exposta explícita e implicitamente em seus escritos, corresponde efetivamente à visão que os filósofos da ciência têm hoje. Isso teve a conseqüência feliz de que, ao travar

contato com uma nova ordem de fenômenos, Kardec empregou em sua investigação métodos e critérios corretos, o que lhe possibilitou a implantação de uma verdadeira ciência do espírito.

O corpo teórico fundamental do Espiritismo encontra-se delineado em *O Livro dos Espíritos*. O exame dessa obra revela a adequação da teoria com os fatos, sua consistência e seu alto grau de coesão e simplicidade, bem como a amplitude de seu escopo. Ademais, ali estão implicitamente presentes as diretrizes que nortearam os desenvolvimentos ulteriores das investigações espíritas. Muitos desses desenvolvimentos foram, como se sabe, implementados pelo próprio Kardec, e se acham expostos nas demais obras que escreveu. Consoante com a natureza de uma verdadeira ciência, o progresso experimental e teórico do Espiritismo prossegue até hoje, pelos esforços de pesquisadores encarnados e desencarnados.

Em contraste com os fundamentos científicos sólidos lançados por Kardec no estudo do elemento espiritual do homem, as linhas de pesquisa que surgiram mais tarde, com a pretensão de competir com o Espiritismo nessa área, não alcançaram o mesmo sucesso. Deve-se notar, a tal respeito, que elas tiveram início justamente na época em que o positivismo lógico fornecia os parâmetros segundo os quais uma atividade genuinamente científica se desenvolveria. Ora, tais parâmetros sendo equivocados, como os filósofos perceberam depois, as linhas de pesquisa nascentes, que alimentavam a pretensão à cientificidade, acabaram por assimilar uma visão de ciência irreal. Isso levou a que adotassem métodos inadequados aos fins a que se propuseram, bloqueando-lhes as possibilidades de contribuir significativamente para o avanço de nosso conhecimento no domínio do espírito.

Lamentavelmente, a adoção de uma concepção falha de ciência levou os pesquisadores dessas linhas de investigação a não somente empenharem de modo infrutífero os seus esforços, como também a desprezarem, ou mesmo repelirem, as conquistas e métodos de uma legítima ciência do espírito, o Espiritismo.

6. A ciência espírita e as ciências acadêmicas

Contrariamente ao que alguns críticos mal informados acerca do Espiritismo e das teorias científicas contemporâneas alegam, o Espiritismo não conflita com qualquer uma das teorias científicas maduras, quer da física, quer da química ou da biologia. É de crucial importância notar que embora o Espiritismo seja *uma ciência*, ele não se confunde com tais ciências, do mesmo modo como elas não se confundem entre si. Os domínios de fenômenos por elas tratados não coincidem, sendo antes complementares.

Kardec compreendeu perfeitamente bem essa distinção, e chamou a atenção para ela em diversos de seus textos, como por exemplo, no item VII da Introdução do *Livro dos Espíritos*. Ali argumentou com segurança que “o Espiritismo não é da alçada da ciência”, ou seja, das ciências *acadêmicas*. Por outro lado, no parágrafo 16 do primeiro capítulo de *A Gênese*, enfatizou a referida complementaridade do Espiritismo e dessas ciências, afirmando que “o Espiritismo e a ciência completam-se reciprocamente”.

A percepção desses pontos evita uma série de julgamentos e posturas equivocados, que têm ameaçado o movimento espírita atual. Vêem-se, com efeito, pessoas que imaginam que a ciência espírita consiste justamente naquelas linhas de investigação iniciadas depois de Kardec, e cuja fragilidade científica é evidente, à luz de uma análise filosófica cuidadosa. Outros pensam que a ciência espírita consiste de investigações do âmbito das ciências acadêmicas, especialmente as que envolvam experimentos conduzidos com o auxílio de aparelhagens complexas, de uso nos laboratórios de física, e dentro de referenciais teórico-conceituais emprestados dessa

ciência. Assume-se que é o uso desses aparelhos e o emprego de terminologia técnica (aliás, quase sempre não compreendida por quem a usa dentro de tais contextos) que confere cientificidade às investigações.

Dada a gravidade dos enganos envolvidos em semelhantes posições, vale a pena nos determos um pouco mais sobre elas. Deve-se, além dos esclarecimentos gerais já indicados, notar que o estabelecimento dos princípios básicos do Espiritismo prescinde completamente do uso de qualquer aparelho e do recurso a qualquer teoria física. O mais fundamental de tais princípios é o da existência do espírito, ou seja, da existência de algo no homem que é a sede do pensamento e dos sentimentos e sobrevive à morte corporal. Como enfatizou Kardec, a comprovação cabal desse princípio se dá mediante os fenômenos a que denominou “de efeitos intelectuais”, quais sejam a tiptologia, a psicofonia e a psicografia. Quem quer que reflita com isenção sobre fenômenos dessa ordem não terá dificuldade em reconhecer que atestam a existência do espírito de modo inequívoco.

Nessa avaliação, é importante notar a diferença que existe entre esse princípio básico do Espiritismo e alguns dos princípios das teorias físicas e químicas contemporâneas, por exemplo. Nestes últimos casos, o “grau teórico” (se assim nos podemos exprimir) é muito maior, ou em outros termos, os princípios estão muito mais distantes do nível fenomenológico, ou seja, da observação empírica direta. O caminho que vai da observação até o princípio teórico é bastante indireto, passando por uma série de teorias auxiliares, necessárias, por exemplo, para tratar do funcionamento e interpretação dos dados dos aparelhos envolvidos. Nessas circunstâncias, a segurança com que os princípios podem ser afirmados fica evidentemente limitada; há em geral possibilidades plausíveis de explicações dos mesmos fenômenos através de princípios teóricos diferentes. E, de fato, a história da física e da química tem ilustrado a instabilidade de suas teorias que avançam além do nível de percepção direta.

No caso do referido princípio espírita, bem como de vários outros princípios básicos do Espiritismo, a situação é bastante diversa. Trata-se de princípios pertencentes à classe de princípios a que os filósofos denominam “fenomenológicos”, que estão na base do edifício do conhecimento, dado o seu alto grau de certeza. Proposições dessa classe são, por exemplo, as de que o fogo queima e a cicuta envenena.

Notemos que a inferência espírita diante de um fenômeno de efeitos intelectuais – a saber, que são causados por uma inteligência humana desencarnada – não difere em nada das inferências que fazemos a partir dos fenômenos ordinários. Quando, por exemplo, o carteiro traz à nossa casa um papel no qual lemos certas frases, não nos acudirá à cabeça a idéia de que elas não foram escritas por um determinado amigo, por exemplo, quando relatam fatos, contêm expressões e expressam pensamentos peculiares e íntimos, característicos daquele amigo. Exatamente o mesmo se dá com numerosos e variados casos de psicografia ou outras manifestações inteligentes. Não constitui exagero, pois, afirmar-se que a constatação cuidadosa de uns poucos casos dessa espécie é suficiente para eliminar qualquer dúvida acerca da sobrevivência do ser.

É importante observar, por fim, que além dos fenômenos especiais que formam a classe dos *fenômenos espíritas*, o Espiritismo apóia-se também em uma multidão de fenômenos ordinários, em virtude de oferecer uma base sólida para sua compreensão. Referimo-nos, por exemplo, às nossas inclinações e sentimentos, às peculiaridades de nosso relacionamento com as pessoas que nos cercam, aos acontecimentos marcantes de nossas vidas, aos distúrbios da personalidade, aos efeitos psicossomáticos, aos sonhos, à evolução das espécies e das civilizações, etc.

Entendemos que a desconsideração desse vasto corpo de evidências indiretas a favor do Espiritismo constitui omissão séria da parte de seus críticos. Com seu agudo

senso científico, Kardec percebeu desde o início que o alcance do Espiritismo transcendia de muito os fenômenos mediúnicos e anímicos específicos que motivaram o seu surgimento. “O estudo do Espiritismo é imenso”, disse Kardec em outra passagem; “interessa a todas as questões da metafísica e da ordem social; é todo um mundo que se abre diante de nós”. (*O Livro dos Espíritos*, introdução, item XIII)

7. O aspecto religioso do Espiritismo

Do mesmo modo como tem havido falta de compreensão acerca do caráter científico do Espiritismo e de suas relações com as ciências, seu caráter religioso e suas relações com as religiões também têm constituído ponto de freqüentes confusões. Assim como se pode mostrar ser o Espiritismo científico, embora não se inclua entre as ciências ordinárias, por estudar um domínio diverso de fenômenos, pode-se, conforme o fez o próprio Kardec, mostrar que o Espiritismo é religioso, embora não se confunda com as religiões ordinárias. Se no estabelecimento da primeira dessas teses é necessário identificar corretamente que características de uma teoria a tornam científica, temos, para justificar a segunda, que estabelecer critérios adequados para a classificação de uma doutrina no âmbito religioso.

A palavra *religião* evoca, por sua origem, a idéia da “re-ligação” do homem ao Criador. Como se sabe, ao longo da história inúmeras propostas se apresentaram de como essa “re-ligação” deve ser entendida e efetuada, resultando daí as diversas “religiões”.

Afora divergências sobre a própria noção de Deus e da natureza do ser humano, as religiões se diferenciam quanto aos requisitos propostos para que a criatura se religue a Deus. Quase sempre, eles incluem a adequação da conduta a certas *regras morais*. Tipicamente, também incluem a satisfação de providências formais e externas de várias ordens: participação em cultos, rituais, cerimônias; realização de determinados gestos; recitação de fórmulas e rezas; adoração de imagens e objetos diversos; promessas, penitências, jejuns, etc.

Ora, já se pode perceber aqui algumas distinções fundamentais entre o Espiritismo e as religiões ordinárias. Como elas, o Espiritismo também se preocupa com o destino do homem, na Terra e no além-túmulo, procurando instruí-lo quanto ao que deve fazer para que alcance estados de felicidade cada vez maior. No entanto, o Espiritismo propõe que esse objetivo pode ser alcançado *exclusivamente* pela adaptação da conduta a determinados preceitos morais. Qualquer medida de ordem exterior é mostrada ser não somente ineficaz, mas também, em muitos casos nociva, por desviar a atenção do ponto principal e induzir ao sectarismo.

Depois, uma diferença crucial surge no modo pelo qual as regras éticas são *justificadas*. As religiões ordinárias procuram justificar as normas morais que propõem recorrendo à *autoridade* desse ou daquele indivíduo ou instituição. Já o Espiritismo fundamenta o corpo de seus princípios éticos – sintetizados no preceito do amor ao próximo – *no conhecimento que cientificamente alcança das conseqüências das ações humanas ao longo da existência ilimitada dos seres, conjugado à cláusula teleológica de que todos almejam a felicidade*. Não há aqui lugar para dogmas e imposições, mas exclusivamente investigação livre e racional dos fatos. Aliás, esse já era o modo pelo qual o Apóstolo Paulo entendia a moral, pois em sua primeira carta aos Coríntios (10:23) asseverou: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, porém nem todas edificam”.

Em diversas de suas obras, Kardec deu grande importância ao estabelecimento da moral espírita, abordando o assunto em profundidade. Mostrou que, com o

conhecimento científico espírita, a moral deixa de ser uma questão de especulações abstratas ou de opiniões, estando indissociavelmente ligada ao estudo dos efeitos naturais das ações humanas, em conexão com a busca da felicidade, objetivo comum de todos os seres humanos. Ressaltou ainda que o corpo de princípios morais obtidos por essa via da razão e da experiência coincide com aquele proposto por Jesus. Conforme registrou no parágrafo 56 do primeiro capítulo de *A Gênese*, o Espiritismo “[dá] por sanção à doutrina cristã as próprias leis da Natureza”.

Ora, na medida em que fornece ao homem conhecimento seguro das regras de conduta capazes de harmonizá-lo consigo mesmo e com os demais seres – e, portanto, efetivamente, com o plano divino – o Espiritismo torna-se “o mais potente auxiliar da religião”, conforme nota Kardec nos lúcidos comentários adidos às questões 147 e 148 de *O Livro dos Espíritos*. A religião aqui aludida não se confunde, evidentemente, com as doutrinas religiosas tradicionais, com suas hierarquias, dogmas inquestionáveis e práticas exteriores, sendo antes uma religião no sentido próprio do termo, explicado acima.

A velha questão de se o Espiritismo é ou não uma religião não admite, pois, resposta unívoca, dada a duplicidade semântica do termo “religião”. Esse ponto foi estudado em profundidade no artigo de Kardec intitulado justamente “Le Spiritisme est-il une religion?”, que apareceu na *Revue Spirite* de 1868. Para encerrar, vejamos estes parágrafos do famoso texto:

[...] o Espiritismo é, assim, uma religião? Sim, sem dúvida, senhores: No sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e disso nos honramos, pois que é a doutrina que funda os laços da fraternidade e da comunhão de pensamentos não em uma simples convenção, mas sobre a mais sólida das bases: as próprias leis da Natureza.

Por que então declaramos que o Espiritismo não era uma religião? Pela razão de que há apenas uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, segundo a opinião geral, o termo *religião* é inseparável da noção de culto, evocando unicamente uma idéia de forma, com o que o Espiritismo não guarda qualquer relação. Se se tivesse proclamado uma religião, o público nele não veria senão uma nova edição, ou uma variante se quisermos, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, cerimônias e privilégios; não o distinguiria das idéias de misticismo e dos enganos contra os quais se está freqüentemente bem instruído.

Não apresentando nenhuma das características de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia nem deveria ornar-se de um título sobre cujo significado inevitavelmente haveria mal-entendidos. Eis porque ele se diz simplesmente uma doutrina filosófica e moral.

8. Conclusões

Inegavelmente, o Espiritismo é um empreendimento intelectual de ampla envergadura. Em diversas ocasiões Allan Kardec ressaltou o seu caráter abrangente, bem como a importância de considerá-lo em seu conjunto, quando se trata de avaliá-lo e de investigar suas implicações.

Como vimos, na primeira linha da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, Kardec caracterizou-o sucintamente como “filosofia espiritualista”. *Espiritualista*, porque estando centrado na constatação de que o homem é essencialmente, enquanto ser pensante, espírito, insere-se no âmbito das doutrinas que se contrapõem ao materialismo. *Filosofia*, porque investiga esse ser espiritual segundo uma abordagem racional, sistemática e abrangente, típica da tradição de pesquisa inaugurada pelos filósofos gregos, e que permeia toda a cultura ocidental até hoje. Nesse sentido original, a filosofia abarcava todos os ramos do saber puro. Mesmo aquilo que, a partir de uma

certa época da história do pensamento, passou a ser chamado de *ciência* caía sob o escopo da filosofia.

Assim, a caracterização kardequiana em análise não deve ser tomada como excluindo a dimensão científica do Espiritismo, muito pelo contrário. Conforme deixou claro no desdobramento de suas pesquisas, Kardec compreendeu que tal dimensão não somente existia, mas que constituía mesmo a base sobre a qual a filosofia espírita repousa. Note-se, por exemplo, que no preâmbulo de *O que é o Espiritismo* Kardec o define como “uma *ciência* que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal”. Quando bem compreendida, essa definição não conflita com a que está na página de rosto de *O Livro dos Espíritos*. Apenas salienta que os fundamentos da filosofia espírita são científicos e não puramente especulativos, ou derivados de alguma tradição mística, religiosa, ou qualquer outra. Foi a análise científica de certos fenômenos que deu origem ao Espiritismo, e estabeleceu desde então o núcleo teórico sobre o seu objeto de estudo, ou seja, o espírito.

No entanto, como essa análise conduz, por sua própria natureza, a tópicos extremamente abrangentes e fundamentais, no que diz respeito ao conhecimento do espírito, ela avança por domínios tipicamente considerados filosóficos, mesmo segundo a concepção contemporânea, mais restrita, de filosofia. O caso quiçá mais importante dessa extensão é o da moral (ou ética). Kardec explorou com grande lucidez as implicações do conhecimento científico espírita para as questões-chave da moral, dentre as quais a da fundamentação das regras morais. Fez notar que o conhecimento científico acerca do homem propiciado pelo Espiritismo permite o estabelecimento de um corpo de princípios morais objetivos, e que ele coincide com aqueles propostos pelo Cristo. Salientou ainda que tais princípios sintetizam o que há de essencial na noção de religião. Nesse sentido, e *apenas nele*, o Espiritismo pode ser dito uma religião, adverte Kardec no famoso artigo da *Revue Spirite*.

Dessa forma, os chamados “três aspectos (ou partes)” do Espiritismo encontram-se inextricavelmente ligados. Talvez mesmo devêssemos evitar a utilização dessa expressão, porque pode induzir à idéia errônea de que se trata de três elementos separados ou separáveis, que agrupamos apenas por conveniência. É significativo, a esse respeito, que o próprio Kardec tenha evitado caracterizar o Espiritismo em tais termos. Quando tentou sintetizar a natureza do Espiritismo, recorreu ora à noção de filosofia, ora à de ciência, dependendo do contexto. Mas em ambos os casos indicou que não se tratava de uma delimitação muito estreita da noção.

Se pensarmos no Espiritismo em termos de filosofia, será uma filosofia apoiada em bases científicas e que tem como um dos objetivos centrais o estudo das questões morais. Se pensarmos em termos de ciência, não será uma pesquisa seca, que simplesmente constata e sistematiza fatos, mas de uma investigação de longo alcance sobre um objeto de fundamental importância, o elemento espiritual. Essa ciência complementa, pois, as ciências acadêmicas, cujo objeto de estudo é o elemento material. E, pela própria natureza de seu objeto de estudo, a ciência espírita necessariamente diz respeito a tópicos genuinamente filosóficos, dentre os quais ressalta, por sua importância prática, aqueles referentes à moral.

Bibliografia

CHALMERS, A. F. What is this thing called science? 2nd. ed. Buckingham, Open University Press, 1982.

CHIBENI, Silvio Seno. As acepções da palavra Espiritismo e a preservação doutrinária. Reformador, julho de 1999, pp 212-214.

- CHIBENI, Silvio Seno. Algumas abordagens recentes dos fenômenos espíritas. Reformador, dezembro de 1999, pp 380-383.
- CHIBENI, Silvio Seno. Ciência espírita. Revista Internacional de Espiritismo, março de 1991, pp 45-52.
- CHIBENI, Silvio Seno. A ciência oficial. Reformador, outubro de 1999, pp 280-282.
- CHIBENI, Silvio Seno. A excelência metodológica do Espiritismo. Reformador, novembro de 1988, pp 328-333.
- CHIBENI, Silvio Seno. Os fundamentos da ética espírita. Reformador, junho de 1985, pp 166-169.
- CHIBENI, Silvio Seno. O paradigma espírita. Reformador, junho de 1994, pp 176-180
- CHIBENI, Silvio Seno. A pesquisa científica espírita. Reformador, janeiro de 2000, pp 24-25.
- CHIBENI, Silvio Seno. As relações da ciência espírita com as ciências acadêmicas. Reformador, novembro de 1999, pp 344-346.
- KARDEC, Allan. O céu e o inferno. 28ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. Le ciel et l'enfer. Farciennes, Editions de l'Union Spirite, 1951.
- KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 113ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. L'Évangile selon le Spiritisme. Rio de Janeiro, FEB, 1979.
- KARDEC, Allan. A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 23ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. La Genèse, les miracles et les prédictions selon le Spiritisme. Paris, La Diffusion Scientifique, s.d.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 43ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. Le Livre des Esprits. São Paulo, Companhia Editora Ismael, 1957.
- KARDEC, Allan. Livre des Esprits. Rio de Janeiro, FEB, 1998.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 59ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. Le Livre des Médiuns. Paris, Dervy-Livres, 1972.
- KARDEC, Allan. Obras Póstumas. 18ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. Oeuvres Posthumes. Paris, Dervy-Livres, 1978.
- KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo? 25ª edição. Rio de Janeiro, FEB, s.d.
- KARDEC, Allan. Qu'est-ce que le Spiritisme. Paris, Dervy-Livres, 1975.
- KARDEC, Allan. Revue Spirite. Coleção da Federação Espírita do Paraná.
- KARDEC, Allan. Voyage spirite 1862. Paris, Vermet, 1988.
- LAKATOS, Imre. Falsification and the methodology of scientific research programmes. In: Lakatos, I, e Musgrave, A Criticism and the growth of knowledge. Cambridge, Cambridge University, 1970, pp 91-195.

A contribuição do Espiritismo a outras áreas do conhecimento humano

Leila M. Rocha Abreu e Antônio Carlos D. Abreu

A Doutrina Espírita em seu conjunto é a expressão de formidável síntese de conhecimentos relacionados ao mundo espiritual e de suas relações com o mundo material. Apesar de tratar de temas relacionados a diversas áreas do conhecimento, o Espiritismo tem como função essencial, o trabalho de despertar os seres humanos para a realidade espiritual, através do aprimoramento moral e intelectual. Para tanto, é necessário um estudo minucioso da “grande síntese” deixada pela codificação de Kardec e pelos espíritos reconhecidamente sérios e abalizados que continuaram seu trabalho.

A Doutrina Espírita, não pode ser confundida com as disciplinas relacionadas ao estudo do mundo material, pois seu objeto de estudo é o aspecto espiritual do ser humano e o mundo espiritual. Apesar disso, as bases experimentais que fundamentam o estudo realizado por Kardec, faz da Doutrina Espírita uma verdadeira teoria científica, de acordo com a epistemologia moderna.

Freqüentemente, ao nosso ver, observamos alguns equívocos em textos onde o autor procura fazer relações de descobertas em certos campos da ciência, como o da física, por exemplo, na tentativa de explicar fenômenos espíritas com nomenclaturas específicas dessa área. Entendemos que o Espiritismo não necessita desse tipo de recurso para comprovação de sua validade. Como mencionado anteriormente, ele possui uma teoria científica específica.

Acreditamos que o Espiritismo pode contribuir muito para outras áreas do conhecimento por compreender os fatos a partir de uma visão mais ampla da realidade, ao considerar a existência do espírito e conseqüentemente de um mundo espiritual, os quais estão em contínua interação com o mundo material, influenciando e sendo influenciado por este. Os conceitos doutrinários básicos, tais como a lei de causa e efeito, a imortalidade da alma, a pluralidade das existências e as leis morais, funcionam como um farol a iluminar e apontar um caminho que traz respostas seculares para as questões: de onde viemos, o que fazemos aqui e para onde vamos?

A introdução desses conceitos nas diversas áreas do conhecimento poderia representar uma verdadeira revolução das ciências em geral.

Na área das ciências humanas e biológicas

Psicologia e psiquiatria – A compreensão de que o homem é imortal e de que sua essência é espiritual nos leva a pensar que suas mais altas motivações estariam relacionadas ao desabrochar desse potencial. Este pensamento poderia revolucionar toda a teoria da personalidade e a aplicação desse conhecimento favoreceria imensamente a compreensão mais profunda dos conflitos emocionais, das neuroses, das psicoses e de todo tipo dos transtornos mentais. Além disso, o entendimento dos conceitos doutrinários apoiados pelo evangelho de Jesus, despidos de distorções que alimentam o medo, a culpa e a idéia do castigo, representaria um caminho seguro na busca da verdadeira felicidade e do permanente equilíbrio psico-físico-social e espiritual.

Medicina e demais disciplinas que cuidam da saúde do corpo – Perceber que a vida não se restringe apenas ao aspecto biológico e que o equilíbrio da saúde física depende também de impulsos provenientes do espírito, que por sua vez geram informações que interferem na bioquímica corpórea, tanto direcionada para um processo de cura e de restauração como para a manifestação de processos patológicos. A partir daí, incluir a necessidade de se cultivar a espiritualidade como um fator de saúde e de que corpo e espírito formam uma unidade funcionando de maneira integrada e dinâmica. Essas idéias mudariam muito a atitude dos profissionais da saúde não só em relação ao conceito de saúde e doença, como também em relação à sua atuação prática.

Educação e arte – A Doutrina Espírita possui um caráter essencialmente educativo, pois visa a educação do espírito através de um processo evolutivo contínuo. Um importante passo nesse processo educativo está na compreensão da idéia de que os obstáculos e a dor funcionam não como um castigo divino, mas como desafios que a vida nos oferece para fortalecermos a alma. São impulsos que tendem a despertar o potencial infinito que carregamos como herança divina.

A arte, em sua possibilidade múltipla de expressão funciona também como uma ferramenta extremamente importante para o desenvolvimento da sensibilidade e da espiritualidade. Isto se dá quando se busca a realização do “belo”, que pode ser conquistado através de movimentos e gestos harmoniosos, da combinação melodiosa dos sons e das palavras, da delicada dança de cores e formas, da materialização das formas no espaço tridimensional e de tantas outras formas de expressão artística. Este exercício de cada vez mais buscar mais beleza externa através da arte, na realidade aos poucos vamos aprendendo a espelhar a beleza e a harmonia do Criador, cuja essência é a puramente espiritual. Com isso, vamos aos poucos descobrindo as nuances sutis da maior de todas as artes, que é a arte de amar, que transforma toda aridez, toda desarmonia e a dureza de nosso coração, em leveza e delicadeza no trato com os semelhantes, com a natureza e com nossa própria individualidade. Com isso, caminhamos para a almejada arte de viver em paz!

Se a pedagogia espírita fosse aplicada em qualquer área do conhecimento, seja na área das ciências humanas, nas ciências biológicas ou exatas, o resultado seria revolucionário, se considerarmos a situação atual. A mudança essencial seria o foco de atenção de todas as disciplinas para o ser humano. Ou seja, a finalidade de todas elas seria utilizar os recursos e a tecnologia disponíveis para promover o ser humano, sendo a atividade principal da humanidade em todos os setores o desenvolvimento do imenso potencial espiritual que carregamos, numa atmosfera fraterna e acolhedora. As diferentes disciplinas representariam oportunidade de experimentarmos a imensa gama de possibilidades de conhecimentos que teremos que desenvolver na infinita caminhada rumo ao Criador sintetizado no equilíbrio contínuo das asas do amor e do conhecimento.

A Casa Espírita por sua vez reúne participantes das mais diversas áreas do conhecimento e se o Espiritismo é uma síntese cultural, corroborando as palavras de Dora Incontri, abrangendo todas as áreas do conhecimento, seu ponto de unificação é justamente a pedagogia. Desse modo nesse processo de educação do espírito os Centros Espíritas têm um papel fundamental e podem: favorecer transformações expressivas na vida das pessoas; oferecer recursos para as pessoas compreenderem e vivenciarem a própria espiritualidade; auxiliar as pessoas, a partir do conhecimento da lei de ação e reação, a terem uma visão mais clara da responsabilidade que todos nós temos pelas conseqüências das escolhas que fazemos. Ao mesmo tempo, a possibilidade sempre presente de alterarmos nossas atitudes, através de um autoconhecimento contínuo, se assim desejarmos, sabendo que nossa felicidade ou infelicidade são construídas por nossas próprias mãos.

Além disso, os Centros Espíritas podem oferecer tratamento através dos seguintes recursos: acolhimento fraterno; entrevista esclarecedora; palestras elucidativas que façam ligações com os problemas, dúvidas e aflições do cotidiano; fluidoterapia; a prática mediúnica como uma possibilidade de tratamento de nossas mazelas e também como uma forma de exercer a caridade, ambas preventivas da saúde mental e física. Cabe salientar aqui que o exercício da prática mediúnica é salutar, mas necessita de orientação adequada. Desobsessão e auto-desobsessão é importante nesses casos, a busca do autoconhecimento para detectar os núcleos internos (aspectos morais) que

estão provocando a atração de espíritos desequilibrados e/ou a manifestação anímica de patologias profundas da alma, presentes em nosso inconsciente; trabalho assistencial, possibilitando o exercício da atitude amorosa; realização de encontros sociais entre os trabalhadores e freqüentadores com o objetivo de favorecer uma aproximação e uma relação mais afetuosa entre todos os participantes da Casa Espírita, pois a relação fraterna é a base indispensável para que tanto freqüentadores como trabalhadores, realizem suas atividades com alegria e leveza; apoio fraterno não só aos freqüentadores, como também aos trabalhadores, pois é fundamental que ele se sinta acolhido pelo grupo de trabalho. Dizer isso pode parecer redundante, mas não é. Freqüentemente observamos trabalhadores que fazem seu trabalho como passista, como médium, na assistência social, etc., mas ele mesmo não se cuida ou não há um momento em que seja organizado um mecanismo dele ser tratado. Muitas vezes por timidez ou por não se sentir a vontade de pedir ajuda, acaba tornando-se uma “máquina de caridade”, esquecendo-se de si mesmo, o que acaba sendo prejudicial ao seu equilíbrio geral. Cabe lembrar aqui as palavras de Jesus: “Ama o próximo como a ti mesmo”. Não é possível amar ao próximo, se não amarmos a nós mesmos antes. Pode parecer talvez uma atitude egoísta numa avaliação mais superficial. Mas o sentido aqui é o seguinte: se não cuidarmos de nossa saúde espiritual, física, emocional e psicológica, como poderemos ter disponibilidade para cuidarmos dos outros? Corremos o risco de nos tornarmos “máquinas da caridade”, tomando atitudes automatizadas e sem consciência. Quando isso ocorre, a ação “caridosa” torna-se “cara” e aí passamos a cobrar o retorno de Deus, dos homens ou da vida!

Este último item pode nos levar ao seguinte questionamento: Quem é o “paciente” no Centro Espírita? Seriam apenas os freqüentadores que procuram o centro em busca de consolo, paz e cura de seus males? E os trabalhadores e dirigentes, em que categoria estariam?

Ao nosso ver, todos estamos em tratamento. Essa concepção muda bastante a maneira de encararmos a nossa participação no centro, como trabalhadores. Se todos estamos em tratamento, ir ao centro não é um favor que fazemos à instituição, mas antes, através da oportunidade de trabalho, temos a possibilidade de algumas vezes prevenir males maiores ou mesmo, o trabalho servir como um processo curativo de nossa alma.

Para finalizar, podemos dizer que o Espiritismo tem um papel pedagógico fundamental na transformação moral do homem, independentemente da área do conhecimento a que esteja vinculado. Desse modo, estará contribuindo para a transformação da vida terrena para um mundo melhor, onde a aplicação de toda expressão do conhecimento humano seja voltada para o engrandecimento do espírito e sua conseqüente evolução rumo ao Criador.

O papel do Centro Espírita, especificamente para o século XXI, é fundamental para tal realização. A partir daí, podemos resumir nas palavras de Divaldo Pereira Franco e Joanna de Ângelis esse seu importante papel pedagógico.

“A tarefa do Centro Espírita no século XXI será a de implantar na Terra o sexto período previsto por Allan Kardec, o da renovação social, que começará pela nossa transformação moral”. (Divaldo Pereira Franco)

“Neste momento, quando alterarmos nossa linha de conduta, abandonando os ídolos e os mitos terrestres, todos eles de pés de barro para servirmos e seguirmos a Jesus, nosso modelo e guia, o ser mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, conforme a questão 625 de O Livro dos Espíritos, então estaremos conduzindo a renovação social”. (Divaldo Pereira Franco)

“Ao invés de escola de Espiritismo, para escola de almas, preparando os homens e as mulheres para o encontro com a consciência pessoal e a vinculação com a consciência cósmica (transpessoal)”. (Divaldo Pereira Franco)

“A proposta essencial do Centro Espírita é a *cura da alma*”. (Joanna de Angelis)

Sócrates, educador de almas por excelência já dizia: “Conheça-te a ti mesmo”. Santo Agostinho, no Evangelho Segundo o Espiritismo também fazia uma proposta semelhante como um roteiro seguro para se atingir a paz da consciência e sugeria um roteiro: “Passar em revista todas as noites o que realizou durante o dia, refletindo o que fez de positivo e de negativo e como poderia refazer de maneira mais adequada”. O Espírito de Verdade deixou também sua orientação: “Espíritas amai-vos, depois instruí-vos” e, por fim, o Mestre dos Mestres, Jesus, fez a maior síntese de todos os profetas e de todo o conhecimento cósmico, nas seguintes palavras: “Ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

Contribuições para o planejamento trienal

EDUCAÇÃO ESPÍRITA

Educação Espírita: situando-nos em nossa história

A Doutrina em seu tríptico aspecto: científico, religioso e filosófico.

- a) Promover reuniões de estudo de O Livro dos Espíritos de Allan Kardec, onde sejam abordadas noções conceituais sobre, filosofia, filosofia espírita, ciência, ciência espírita, ética ou moral, ética ou moral espírita, religião ou aspecto religioso do Espiritismo.
- b) Que essas noções conceituais sejam abordadas de modo a oferecer subsídios aos dirigentes e trabalhadores espíritas reforçando o entendimento e preparando-os melhor para o trabalho.

Reavaliação do ensino espírita nos Centros Espíritas

A Educação Espírita e a formação da identidade espírita

- a) Desenvolver um método ou métodos de avaliação do trabalho e dos trabalhadores do movimento espírita, que auxiliem na melhoria e aprimoramento dos mesmos.
- b) Retomar o tema Educação Espírita e a formação da identidade espírita, em reuniões de estudos para colocá-lo como tema do próximo Congresso Espírita da USE, face a importância em descobrirmos a nossa Identidade Espírita, para que a Causa Espírita exista, para que o Espírita exista e para que haja Valores Espirituais, contribuindo dessa forma na construção do “Homem Espírita Feliz”.

Educação: sentimento e razão, a busca do equilíbrio na educação espírita.

A Educação Espírita da criança: novos caminhos

A Educação Espírita dos adultos

Evangelizadores: sua formação e como motivá-los

Mocidade Espírita: caminhos de estudo e ação

- a) Incentivar os Centros Espíritas a criar, manter e aprimorar o trabalho com a família espírita, o trabalho com a criança, com o jovem e com a mocidade espírita.
- b) Montar cursos de formação de facilitadores, animadores e expositores usando a Pedagogia do Adulto – Andragogia.
- c) Criar e manter reuniões de apoio ao Educador da Infância, Juventude e Mocidade Espíritas que os ajudem em sua formação e motivação para o trabalho.

Educação: novos paradigmas educacionais

- a) Alertar os Centros Espíritas quanto a Escola Espírita de Ensino formal ou regular que as instituições espíritas mantêm ou venham a criar, da importância de se usar uma pedagogia e metodologia espíritas.

A contribuição do Espiritismo a outras áreas do conhecimento humano.

Incentivar os Centros Espíritas a criar, manter e aprimorar:

- a) O acolhimento ou atendimento fraterno.
- b) A entrevista esclarecedora.
- c) Palestras elucidativas com temas ligados a problemas, dúvidas e aflições do cotidiano.
- d) A fluidoterapia.
- e) O trabalho assistencial ao próximo, onde na prática da caridade venha desenvolver atitudes amorosas.
- f) O trabalho de desobsessão e auto-desobsessão.
- g) Encontros sociais entre trabalhadores e freqüentadores promovendo a aproximação e uma relação mais afetuosa entre as pessoas.
- h) Promoção do Ser, da família e dos trabalhadores da Casa Espírita.

Temas Livres

O Dirigente Espírita e suas ações pedagógicas motivadas pela Doutrina Espírita

Lar Anália Franco de Jundiaí – LAF

Ivani Padovani

Ao se analisar a questão 780ª do L.E., entendemos que Educação é o aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas.

Ainda analisando a questão 383 do mesmo livro, sabemos da importância da infância neste processo.

Já no século XIX, Anália Franco, como dirigente administrativa, pedagógica e espírita proporcionava meio adequado para este aperfeiçoamento do Espírito nas 101 Instituições por ela fundadas por todo Estado de São Paulo.

A educadora espírita Anália Emilia Franco, nascida na cidade de Rezende, Rio de Janeiro em 1853, foi quase uma exceção em sua época pelo acesso que teve à educação, pois pertencia a um núcleo familiar com condições financeiras razoáveis, que valorizava tanto a cultura como a educação, principalmente sua mãe Tereza Franco, professora, que se tornou sua preceptora.

Aos oito anos de idade, no início de seus estudos, mudou-se com seus pais para o Estado de São Paulo, no Vale do Paraíba, onde passou sua adolescência e auxiliou sua mãe em colégios de Guaratinguetá, Jacareí e Arraial de Minas. Posteriormente no ano de 1872, é aprovada em Concurso de Câmara, tornando-se oficialmente assistente de sua mãe. Este início de sua vida, já demonstra o progresso de seu Espírito e que distribuindo à sua volta as condições para que o Outro também progrida.

Em 17 de novembro de 1901, Anália Franco juntamente com senhoras de várias classes sociais da Capital, fundam a “Associação Feminina Beneficente e Instrutiva do Estado de São Paulo”, há muito tempo idealizada por esta educadora, que se inspirou em instituições européias. Essa Associação tinha como objetivos principais diminuir, ao máximo, o índice de analfabetismo, proporcionando o ensino complementar e profissional, com intuito de não somente *acolher e educar crianças desvalidas*, mas prepará-las para a vida social. Para Anália, acolher e ensinar eram muito mais que caridade: “a caridade verdadeira não é só aquela que acolhe o desprotegido, mas a que

lhe dá independência. Agasalha-o, sim, mas também lhe incute confiança em seu potencial e valores próprios. A caridade verdadeira, como a entendemos, torna o asilado elemento construtivo do grupo social, não parasita a recolher migalhas que sobram dos que as possuem em excesso (...)

(...) *Queremos formar cidadãos úteis, com iniciativa e capacidade, prontos a colaborar, nunca a pedir.*"

A noção de Deus e da imortalidade da alma basta para a condução das almas na senda do progresso. Sem proselitismo, esta era a orientação de Anália a todas as Instituições por ela fundada, assim como o Asylo e Creche Jundiá. Espírita que era, participante ativa do Movimento Espírita de sua época, aliava esta prática aos conhecimentos de vanguarda da Pedagogia.

Como um semeador, saiu a semear seu ideal. Muitas sementes lançadas, e algumas, como o Lar Anália Franco de Jundiá, desde maio de 1912 foram cuidadas, germinaram e frutificaram pela ação de seus dirigentes espíritas que até agora estão à frente do LAF.

Hoje, seguindo os ideais espíritas de Anália Franco, continuamos aliando o conhecimento pedagógico e social com os fundamentos e a prática espírita. Sabemos que "na infância da humanidade, o homem só aplica a sua inteligência na procura de alimento, dos meios de se preservar das intempéries e de se defender dos inimigos. Mas Deus lhe deu, a mais do que ao animal, o *desejo constante de melhorar*, ou seja, essa aspiração do melhor que o impele à pesquisa dos meios de melhorar a sua situação, levando-o às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da ciência, pois é a ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Graças à sua pesquisa, *sua inteligência se desenvolve, sua moral se depura* – E. S. E. Cap. XXV". O LAF proporciona o **espaço educacional** para que este desejo aflore e motive o Espírito encarnado na fase da infância e adolescência a seguir na senda do progresso.

É o saber de que a criança e o adolescente, educando do Lar Anália Franco, é um *Espírito multimilenar*, em etapas de seu Progresso que continua motivando seus dirigentes espíritas a manterem vivo o ideal de Anália Franco e da Doutrina Espírita – a regeneração da humanidade.

Para que tal espaço educacional seja eficiente, além do espaço físico adequado de 1.000 m² de área construída num amplo terreno, conta com uma equipe de professoras além de outros profissionais contratados, sob uma coordenação pedagógica espírita, que desenvolvem as atividades pedagógicas de 2º à 6º feiras, em dois períodos. Estas atividades podem ser resumidas nos eixos: acompanhamento escolar, atividades culturais com ênfase em leitura e escrita, atividades artísticas e esportivas. Alimentação, atendimento médico e odontológico, além de ações sociais com as famílias, também são desenvolvidas. Toda esta prática pedagógica, administrada por profissionais da educação, muitos dos quais espíritas, se somam à *Terapêutica Espírita: Prece e vibrações diárias em hora determinada, passe espiritual e água fluida, Evangelho no Lar e reunião de desobsessão para os educandos e familiares* são o diferencial, que potencializa toda a prática pedagógica. Além desta ação direta junto aos educandos, várias reuniões doutrinárias de estudo e prática são desenvolvidas pelos inúmeros voluntários espíritas do LAF, que se estendem inclusive para assistência ao público de Jundiá.

As ações pedagógicas são realizadas através dos Projetos Jovem Cidadão, uma questão de educação I e II-para crianças e adolescentes de 06 a 14 anos; S.O.S. Bombeiros no resgate da cidadania – para crianças e adolescentes de 10 a 15 anos e o Projeto Fortalecendo as famílias LAF- para 92 famílias, totalizando 197 crianças e adolescentes diretamente e mais de 700 pessoas indiretamente.

“Povo brasileiro – a tua causa é a educação porque só ela é que pode aperfeiçoar a saúde, a moralização e o trabalho dos seus filhos, o que há de permitir amealhar patrimônio, fundar família, envelhecer no remanso da paz, morrer nos braços da felicidade. Fonte inesgotável, onde se vai buscar não só a pureza da linguagem, mas o sentimento, a poesia, a tradição, o amor nacional, a riqueza, o tributo de sangue, o trabalho, tudo o que há de grande. Coopera para o progresso esforçando-se especialmente para a tua instrução, não só pela glória do Brasil, não só pela civilização sul-americana, mas também por necessidade própria, porque se a humanidade é irmã, a pátria é nossa mãe. (Anália Franco)

As drogas: trabalhos especializados da FEESP

Zuleica S. Mesquita

Esse trabalho começou em 1989, voltado para aidéticos, devido à discriminação, e também por diagnosticarem que essas pessoas estavam irremediavelmente condenadas. Como o trabalho cresceu muito, tiveram que o alcoolismo e o tabagismo.

Como as drogas também se ligam à aids, foram então juntados. No início era feito um trabalho psicológico, mas não era isso que os assistidos queriam. Começaram então a fazer o tratamento espiritual, e todos se sentiam bem melhor.

Os plantonistas procuram estimular o usuário de drogas, infundindo neles, otimismo, a acreditar que são capazes de dominar o vício, que sua vontade é mais forte que a droga, e que contará com a ajuda da equipe espiritual.

E a ajuda do plano espiritual é muito grande, pois nunca tiveram problemas com o comportamento dos que chegam, violentos, pelo efeito das drogas.

Os plantonistas procuram conscientizar os usuários de drogas, a fazerem a reforma íntima, adquirir o hábito da prece, e o Evangelho no Lar. Prece à noite, para se ligarem aos bons espíritos. Ressaltam sempre o lado bom do ser humano. A FEESP, não indica clínicas ou profissionais para tratamento. Encaminham ao NA (narcóticos anônimos) O trabalho é sigiloso e as fichas dos assistidos são numeradas.

Os assistidos passam por duas salas. Sala 1 - onde recebem um número para serem chamados. Há prece de abertura, exposição evangélica, e durante esse tempo a dirigente conversa com os assistidos pela primeira vez. Também há a aplicação do passe. Sala 2 – o assistido passará por dois grupos de médiuns. No primeiro, poderá haver comunicação de entidades que estejam ligadas aos assistidos, mas ele não toma conhecimento da comunicação, porque já estará no outro grupo de médiuns, recebendo passes por dois assistidos, partindo do coronário e passando pelo fígado e rins.

Outras pessoas podem também pedir essa assistência à familiares que não comparecem pessoalmente. Então o tratamento é feito à distância.

Pasteur 3AT (Aids e Tóxicos)

A assistência é realizada em duas salas:

SALA 1

01. Identificação dos assistidos que receberão um número para serem chamados e não nominalmente para maior sigilo.
02. Prece de abertura.
03. Exposição evangélica durante todo o decorrer do trabalho para que os assistidos fiquem ligados aos mentores espirituais que estarão na sala atuando na assistência espiritual.
04. No decorrer da assistência, o dirigente da sala conversa com os assistidos de primeira vez para uma avaliação.
05. Aplicação do passe.

SALA 2

O assistido passará por dois grupos de médiuns:

GRUPO 1 = Três médiuns (parte espiritual)

Um dos médiuns dará comunicação de entidade que esteja ligada ao assistido. Permanecem espíritos socorristas que encaminham estas entidades para tratamento no plano espiritual.

GRUPO 2 = Seis colaboradores passistas (Doação – Física)

O passe localizado é aplicado por dois colaboradores passistas, enquanto os outros quatro, permanecem sentados vibrando pelo assistido.

Um dos colaboradores passistas se posiciona por detrás do assistido, com as mãos partindo do coronário, descendo lentamente pela coluna vertebral, parando na altura dos rins.

O outro colaborador passista age na frente do assistido, partindo do frontal, descendo lentamente, parando a mão direita em direção ao baço e a esquerda ao fígado.

Nessa posição prolongam o passe por 30 segundos, mais ou menos, para uma intensa projeção fluidica, visando a purificação do sangue e o fortalecimento físico do assistido.

Termina com os dois impondo a mão sobre o coronário.

Observação:

Na impossibilidade do comparecimento da pessoa envolvida, poderá um parente ou amigo fazer à distância, no caso os colaboradores passistas do grupo permanecerão sentados, não haverá o passe localizado.

Filosofia Espírita para crianças

Rita Foelker

Fundamentos

Segundo Piaget, a autonomia moral se desenvolve nas relações de cooperação e respeito mútuo, onde se inserem as situações de diálogo, que geram o sentimento do bem.

O Espiritismo, definido como fé raciocinada, reconhece a importância do desenvolvimento da habilidade de pensar logicamente e de refletir filosoficamente, de confrontar argumentos, concordar e discordar. *Sua força está na filosofia, no apelo que faz à razão, ao bom senso.*

A filosofia surgiu na Grécia Antiga com o propósito de libertar o pensamento de suas bases míticas, para dar à vida explicações diferentes daquelas que dependiam de deuses e superstições. Era uma atividade dos homens sábios (*philos* = amigo ou amante; *sophia* = sabedoria) que se punham a pensar sobre conceitos estabelecidos, buscando novos entendimentos. Ou seja, a Filosofia tem início quando não mais consideramos as coisas como certas, passando e formular questões sobre elas e a procurar respostas.

Conceituação e objetivos

Faz-se Filosofia colocando perguntas, propondo idéias, argumentando e pensando em possíveis argumentos contrários, procurando saber como funcionam realmente os conceitos, para chegar mais próximo da verdade. Seu objetivo é avançar no conhecimento da vida e de nós mesmos, investigar seu sentido mais profundo.

A palavra filosofia, algumas vezes, é usada como sinônimo de crença ou doutrina. Ex.: *Sua filosofia de vida é aproveitar cada momento. A filosofia da escola é dar liberdade ao aluno.* Isto leva a imaginar que filosofia é algo doutrinário ou ideológico, enquanto que a idéia principal de se fazer filosofia está em investigar o sentido mais profundo dos temas e assuntos sobre os quais se debruça e, não simplesmente adotar uma idéia e seguir em frente.

As crianças são filósofas espontâneas. Não precisamos lhes impingir um olhar admirado e curioso perante a vida, porque querem, com entusiasmo, saber o que são as coisas e porque elas são assim e não de outro jeito.

Filosofia Espírita para Crianças pretende ajudar crianças e jovens nesta sua busca natural, agregando um método de trabalho que, sem tirar a naturalidade e espontaneidade do processo investigativo, resulte na produção de conhecimento com significado e em bases racionais. O objetivo é auxiliá-las a encontrar, neste exercício, a explicação racional que sustente suas ações morais e resulte em melhoria e manutenção de uma atitude mais positiva e construtiva perante a vida.

Prática do ensino filosófico

No dizer de VON ZUBEN, citado por Junot Cornélio Matos, *o ensino de filosofia distingue-se de qualquer outro tipo de ensino, pois é um ensino filosófico. Exige da parte do professor a consciência da atitude filosófica. Em vez de conteúdos expressos em doutrinas, teorias e sistemas consignados nas Histórias da Filosofia, o "objeto" da ensinabilidade e da apropriação é uma atitude.(...)*

Talvez, mais importante do que o conteúdo em si seja a postura que orientará a prática pedagógica do professor de Filosofia no dia-a-dia da sala de aula... trata-se de uma ruptura com as concepções cristalizadas do senso comum, mostrando que a Filosofia começa com a problematização daquilo que parece óbvio no mundo cotidiano. Mais do que ensinar um conteúdo, é preciso instaurar uma postura filosófica que comece por duvidar que a realidade seja um dado. Em suma, o que se propõe é um trabalho docente calcado numa concepção que enfatiza a Filosofia como reflexão, descartando-se a erudição filosófica como um fim em si mesmo.

A atitude filosófica começa com o educador e implica em:

- Cultivo das habilidades do pensamento;
- Busca de sentidos e percepção das conseqüências da análise a que se procede;
- Ampla liberdade de questionamento;
- Estabelecimento de uma comunicação fluente, com participação ativa de todos e relação entre teoria e prática;
- Respeito a todos os pensamentos e opiniões.

Algumas vantagens do ensino filosófico

1. Autoconhecimento, pela descoberta do que somos em essência e do sentido de nossas existências.
2. Elevação da auto-estima, pela descoberta dos próprios recursos interiores.
3. Compreensão racional dos princípios do Espiritismo, fundamentando a fé.
4. Estudo interdisciplinar, relacionando os conhecimentos espíritas às demais ciências e às questões da vida prática.
5. Compreensão aprofundada dos mecanismos das leis divinas ou naturais.
6. Desenvolvimento da lucidez quanto ao uso do próprio livre-arbítrio.
7. Desenvolvimento do raciocínio e da capacidade de argumentação.
8. Desenvolvimento das habilidades de observação, comparação e análise.
9. Estímulo à reflexão sobre temas diversos, relativos à conduta moral.
10. Independência mental e favorecimento à independência emocional.
11. Desinibição e coragem de expor as próprias opiniões.
12. Gosto pelo conhecimento, pela leitura e pelos estudos.
13. Formação de atitudes críticas, criativas e solidárias no diálogo e perante a vida, fundamentadas na maior compreensão dos valores morais.

O Projeto

*O projeto **Filosofia Espírita para Crianças** nasceu no dia 18 de Abril de 2002, através da publicação em uma homepage:*

www.edicoesgil.com.br/educador/filosofia/filosofia_principal.html

Atualmente, vem sendo divulgado através da homepage, de um grupo de discussão na internet e da realização de encontros de educadores em diversas cidades do país.

Além da caverna, há luz e espaço

Helena Delphino Bragatto

Os objetivos dessa exposição são: divulgar a Doutrina Espírita, formar novos trabalhadores, unir as casas entre si, estimular os dirigentes, distribuir mais os trabalhadores espíritas nas periferias, facilitar o acesso dos mais simples aos estudos doutrinários e mediúnicos e unir e unificar e interagir dentro e fora do Centro Espírita.

Os dirigentes espíritas são quais focos de energia, a pedir espaço novo para espalhar produtivamente seus talentos, como as mudas de uma planta transplantadas nos terrenos vazios, levando alento, esperança, conhecimentos, novas oportunidades, despertando outros irmãos para a Doutrina abençoada.

O verbo mudar soa como um desafio que provoca interrogações: Por que? Para que? O que ganharei? Qual a finalidade?

Muitos se fixam no terceiro item.

O medo do desconhecido, de certo modo, leva o homem ao apego ao que já conhece, facilitando a instalação de sentimentos egoístas, que atendam aos interesses imediatos.

Nos primeiros tempos, mais precisamente na Idade da Pedra, para proteger-se, o homem buscava habitar as cavernas. Do seu interior olhava temeroso, o infinito do céu e o ritmo da natureza.

Este homem, após atravessar vários períodos existenciais, terá conseguido sair da caverna primitiva, psiquicamente falando, em todos os seguimentos vivenciais?

O que pensar quando grupos humanos muito bem informados por uma Doutrina Universalista, como é o Espiritismo, fecham-se em seu muito bem formado Centro Espírita, achando ser mais que suficiente, cumprir seu ritual particular e restrito de participação semanal, despreocupado do restante, que clama na sociedade, fora da caverna, o direito que Deus lhe dá, de serem assistidos além do pão material?

O dever do homem, entre outros é crescer, multiplicando os talentos que o Criador empresta-lhe. Crescer como homem e como templo vivo de Deus, multiplicar-se muito além da matéria transitória, repartir-se na dinâmica do existir, qual flor bendita que espalha seu pólen para novas formações, nos horizontes infinitos da vida imortal.

Allan Kardec, o nobre discípulo de Jesus, compreendendo a complexidade psicológica dos homens, recomendava a formação de numerosos pequenos Centros Espíritas espalhados, de preferência aos Centros maiores que naturalmente teriam uma maior e mais complexa administração.

Os pequenos grupos lembram o sal espalhado à massa para lhe conferir sabor, ou o fermento que espalhado à massa, a faz crescer por igual.

Com certeza cada Casa Espírita tem o tamanho que precisa ter no campo de suas atividades, mas as pequeninas estão fazendo muita falta, e serão quais pirilampos alegrando os arrabaldes.

Jesus ensina-nos que "os são não necessitam de médico". Há muitos infortúnios ocultos. Há muito a realizar. A doutrina é dinâmica, como dinâmicos devem ser os espíritas, especialmente os seus dirigentes.

Há muitos espíritos missionários que renascem em lares pobres, pois estes lhes permitem chegar. E pelo contexto sócio-econômico, se sentirão muito mais à vontade nas casas pequenas, enquanto ensaiam vôos mais especiais.

Faz-se necessário uma preocupação efetiva com os chamados "irmãos carentes", que certamente não são apenas de pão material.

O objetivo do Espiritismo é educar o homem para viver sua imortalidade.

Iniciamos em 12 de outubro de 2001 o **Projeto Maria de Nazaré**, que consiste na implantação de dez pequenos Centros Espíritas nas periferias. Será sempre pequeno, e quando o grupo crescer, uma parte sairá para formar o seguinte. O objetivo é formar novos trabalhadores, divulgar o Espiritismo e dar oportunidades aos simples e pequeninos.

Nenhuma missão é pequena, nos desígnios superiores. E as Leis Superiores precisam ser mais refletidas e vivenciadas. Leis de progresso e evolução, lei de amor, etc., pois há muitas pedras preciosas espalhadas e que depois de polidas poderão fazer parte da coroa do grande rei, que se fez pequenino e habitou entre nós.

Crescer, unindo e unidos, para unificar e progredir sempre é e será a meta a curto, médio e longo prazo, sob a proteção de Deus.

IRC-Espiritismo: o Espiritismo na Internet

Jailton Pinheiro da Silva

Atividades no IRC:

Discussão de temas - aberto diariamente, o canal #Espiritismo promove o estudo e esclarecimento de temas espíritas programados. Os usuários podem expressar suas questões e comentários a qualquer momento, respeitando as normas de conduta estabelecidas. Um grupo de voluntários zela pela operação do canal, revezando-se numa escala programada de plantões.

Atendimento fraterno - aqueles que procuram palavras de consolo e apoio moral recebem atendimento por meio de diálogo privativo com os operadores de plantão. Semanalmente o canal #Espiritismo atendimento é aberto para recepcionar especialmente esse público.

Palestras virtuais - semanalmente ocorre uma palestra virtual, seguindo uma programação de temas atuais, sob a visão da Doutrina Espírita, conduzida por espíritas experientes. O sistema adotado é o *pinga-fogo*: as perguntas do público são escritas livremente no canal #Espiritismo_Perguntas, sendo então selecionadas por um moderador, e respondidas pelo palestrante no canal #Espiritismo_Respostas. Ao final de cada palestra, o seu conteúdo é editado, na íntegra, e disponibilizado ao público no *Web Site*.

Vibração espírita - semanalmente ocorre um breve estudo no canal #Espiritismo_Vibracao, seguido por uma prece especial de vibração pelos usuários do IRC-Espiritismo e pelos irmãos mais necessitados.

Estudos espíritas - o canal #Espiritismo_Estudos destina-se àqueles que desejam seguir um estudo mais formal e sistemático sobre obras espíritas escolhidas.

Quem participa do IRC-Espiritismo?

O IRC-Espiritismo está vinculado ao CELD, Centro Espírita Léon Denis, sediado no Rio de Janeiro, que lhe oferece a orientação de seus mentores espirituais, além de proporcionar recursos de suporte técnico.

Um grupo de seis administradores divide as responsabilidades pela organização das tarefas e reúne-se regularmente para avaliar e deliberar sobre o andamento das atividades. O trabalho conta com cerca de cinquenta colaboradores, distribuídos geograficamente por todas regiões do país. Todos os trabalhos são voluntários e sem remuneração.

“Amar uma Doutrina é ter por ela o prazer de estar junto, de viver os seus conceitos, de entendê-la, tornando-a imanente. E difundir essa mesma Doutrina é torná-la compreensível aos outros” (Cairbar Schutel).

“A difusão espírita é justamente o esforço no qual todos os homens de boa vontade devem estar engajados” (Cairbar Schutel).

O Espiritismo na Internet

A Internet é a maior rede mundial, ligando atualmente milhões de computadores de grande, médio e pequeno portes e uma gama de pessoas com interesses variados: negócios, pesquisa, lazer, comunicação, e tantas outras áreas quanto se possa imaginar. Devido a seu baixo custo, as previsões indicam que esse número atingirá a casa dos bilhões num futuro próximo, estando a Internet presente em cada local que disponha de uma mera linha telefônica e um computador.

Como navegar e interagir?

A versatilidade da Internet como meio de comunicação permite que as informações trafeguem pela rede em variados formatos, como o texto simples sem formatação, que é o mais utilizado em correspondências do correio eletrônico (*E-mail*). O formato hipertexto, com imagens, cores e formatação gráfica é o mais utilizado nas páginas da *World Wide Web*. O formato multimídia é o que possui mais recursos, podendo incluir textos, sons e filmes utilizados em transmissões radiofônicas e televisivas na Internet.

A Internet possibilita também uma forma de interação mais dinâmica entre os usuários: o *Internet Relay Chat (IRC)*, no qual os usuários podem se conectar a canais de conversação escrita em tempo real. Nesse ambiente virtual, um usuário escreve uma frase em sua tela de computador e esta é enviada imediatamente a todos usuários que estejam presentes no mesmo canal. Estes, por sua vez, podem responder a todos demais. Assim, o ambiente simula uma teleconferência transcrita em tempo real.

Há divulgação espírita na Internet?

Sim! A Internet é um excelente meio de divulgação de idéias e informações, pela sua facilidade, versatilidade, abrangência, interatividade e baixo custo. Já existem várias iniciativas de divulgação espírita na Internet, tanto por meio da *Web*, como por *E-mail*, e também pela conversação em tempo real proporcionada pelo *IRC*.

O **IRC-Espiritismo** é um desses trabalhos.

Estruturado desde 1997, a partir da união de um grupo de voluntários, o IRC-Espiritismo possui os seguintes objetivos principais:

- divulgação da Doutrina Espírita
- estudo e esclarecimento doutrinário
- auxílio fraterno e apoio moral
- criação de laços de amizade

Qual é o público atingido?

O IRC-Espiritismo atinge pessoas dos mais diversos locais do Brasil e do mundo, pertencentes a variadas crenças, raças, idades e níveis culturais. Muitos freqüentam-no com o intuito de obter esclarecimento de questões cotidianas sob uma visão espírita; outros para receber uma palavra de consolo a suas aflições. E há aqueles mais interessados em estudar e conhecer os princípios básicos da doutrina. Pela Internet, o IRC-Espiritismo consegue atingir também a uma população anônima, que não pode ou nem sempre vai a uma Casa Espírita. A divulgação espírita consegue, assim, ampliar muito o seu poder de alcance!

Quais as atividades realizadas?

Afora os *Ircontros*, que são as reuniões de usuários no *mundo real*, o IRC-Espiritismo possui as seguintes atividades no *mundo virtual*:

Atividades na Web:

Web Site - é uma central de informações, onde se encontra tudo referente às diversas atividades do IRC-Espiritismo: normas de uso e instruções técnicas para acesso ao canal de *IRC* e à lista de discussão; grades de temas diários; programação semanal de palestras virtuais; arquivo de estudos e palestras; relação de trabalhadores; cadastro de usuários; além de endereços de outros *Web Sites* espíritas.

Atividades por E-mail:

Lista de discussão - para dar continuidade às discussões realizadas no *IRC*, há um endereço disponível para o envio de textos espíritas, poemas, questionamentos, comentários e notícias relativas a eventos espíritas. As mensagens enviadas a esse endereço são repassadas automaticamente a todos usuários inscritos na lista.

Perguntas e respostas - qualquer usuário poderá, a partir do *Web Site*, enviar perguntas sobre Doutrina Espírita, ou sobre questões pessoais. Essas perguntas serão repassadas a espíritas experientes e suas respostas serão enviadas por *E-mail*.

Cadastro de usuários - o usuário que efetuar sua inscrição no cadastro do IRC-Espiritismo, a partir do *Web Site*, passará a receber automaticamente todos os informes e convites feitos pela Administração.

E-mail: adm@irc-espirtismo.org.br
Web: www.irc-espirtismo.org.br
IRC: irc.brasnet.org ou irc.brasirc.net
Canal #Espirtismo

Associação Espírita Jesus e Caridade e Lar Espírita Maria de Nazaré

Emanuel Andrade

O Centro Espírita, propriamente dito, foi construído em 1933, com amplo salão muito usado pela USE Mogi Mirim, para palestras. O prédio está em boa conservação até os dias atuais.

Como as atividades foram se diversificando, iniciou-se uma nova construção de um prédio, que abrigaria o Educandário Miguel Couto. Mas por problemas financeiros a construção parou, e teve continuidade mais tarde ficando o prédio terminado. E, mudou completamente o seu objetivo, pois se transformou em atendimento a deficientes físicos e mentais. Nasceu então o Lar Espírita Maria de Nazaré. Foi um trabalho com múltiplas dificuldades em todos os sentidos, mas atualmente contam com 67 crianças. A maioria dessas crianças foi abandonada pelos próprios pais.

A Secretaria da Saúde propôs ajuda financeira desde que fossem feitas algumas reformas de acordo com a lei. Isso ajudou bastante, e hoje o Lar Espírita Maria de Nazaré é considerado um hospital de apoio para crianças com problemas neurológicos.

A casa tem capacidade para 100 crianças. Mantém médicos, dentistas, psicólogos, enfermeiras, etc. Como há crianças que não saem do leito, temos que manter enfermeiras por 24 horas. Recebemos também ajuda do Governo Federal.

A Associação Espírita Jesus e Caridade mantém ainda o Abrigo Espírita Juca de Andrade, onde moram 20 idosos.

Para ajudar na manutenção de todo esse trabalho assistencial, além da ajuda governamental, as casas contam com mil sócios contribuintes, promoção anual de uma Festa Junina, a Festa da APAE e no final de cada ano, um leilão de gado.

Este é o trabalho realizado pelos espíritas de Mogi Mirim junto aos deficientes internados naquela instituição.

Feiramor - Feira Espírita Beneficente: Uma feira de amor e arte.

Neli del Nery Prado

O motivo de estarmos apresentando esse trabalho durante o 12º Congresso é que durante 15 anos temos realizado a FEIRAMOR e os resultados obtidos são tão compensadores que diríamos que esta é uma experiência que em Bauru deu certo.

Com objetivos específicos de divulgar o movimento espírita, promover a união dos trabalhadores das entidades participantes e arrecadar fundos para as obras assistidas, a Feiramor é uma exposição espírita de caráter beneficente realizada pela USE Intermunicipal Bauru.

Desde a primeira o envolvimento dos espíritas tem sido forte e firme, tendendo a cada ano melhorar mais e mais: melhor relacionamento entre os espíritas da cidade; troca de experiências entre as casas espíritas; motivação para o trabalho conjunto das casas; fortalecimento do movimento espírita e da USE Intermunicipal; divulgação e respeitabilidade do movimento espírita e do trabalho voluntário espírita; oportunidade a todos de exercitar: o amor, a caridade, o respeito ao semelhante, a tolerância, a paciência e o crescimento individual dos trabalhadores.

Apesar de divulgarmos que é uma feira espírita beneficente a arrecadação não é o mais importante, diríamos que é uma conseqüência do trabalho. O importante é a divulgação da doutrina e a confraternização entre as pessoas.

Em Bauru tínhamos algumas dificuldades: falta de convivência entre os Centros Espíritas e conseqüentemente os espíritas não se conheciam. Com a realização da Feiramor houve uma mudança radical. Hoje a Feiramor é o ponto de encontro dos espíritas.

Mas, para que isso acontecesse tínhamos que provocar um ambiente acolhedor. Dividimos a feira em vários ambientes; área de salgados, área dos doces, área do artesanato e seção serelepe que é destinada às crianças com atividades infantis. Para que as pessoas permanecessem no local muitas mesas e cadeiras foram distribuídas, shows com artistas espíritas e simpatizantes foram organizados e as pessoas passaram a ficar na feira por horas e horas.

Decorridos 15 anos de Feiramor o Movimento Espírita em Bauru é outro. Mais participativo, mais respeitado e quando se faz uma atividade que precisa do envolvimento de todos, por exemplo, o 11º Congresso realizado em nossa cidade, é muito mais fácil montar equipes e envolver pessoas.

Por esses motivos sugerimos que as lideranças espíritas procurem desenvolver em suas cidades uma atividade que possa unir os Centros Espíritas. A título de sugestão descrevemos sucintamente nossa experiência e colocamo-nos à disposição para informações adicionais.

Realização:

- I. A Feiramor é realizada no segundo final de semana de novembro em uma escola estadual que possui três grandes pátios internos interligados. A Use é a responsável pelo evento e uma Comissão Organizadora e sub-comissões concretizam a sua realização.
- II. O espaço físico é distribuído eqüitativamente entre os participantes que necessariamente deverão ser Centros Espíritas adesos à USE e que possuem um trabalho de filantropia.

- III. O horário de funcionamento, montagem e desmontagem, cores usadas, fixação de cartazes, faixas, uso de áreas de circulação, atribuições das sub-comissões e da comissão organizadora são rigorosamente observados, em Regimento Interno que normatiza a realização da Feiramor.
- IV. As entidades participantes devem se fazer representar nas Assembléias Gerais, na qual se coloca para aprovação todos assuntos e decisões relativas a sua realização.
- V. **Conforme os objetivos e ideais propostos pela Feiramor, os produtos comercializados são produzidos pelos integrantes das Casas Espíritas; os artesanatos, por exemplo, são confeccionados pelas senhoras durante todo o ano em um verdadeiro trabalho de terapia ocupacional. Não é permitida a revenda de produtos, com exceção aos refrigerantes sorvetes e livros.**
- VI. Não há no recinto da Feiramor: consumo de bebidas alcoólicas, venda de rifas e jogos de azar, veiculação de propaganda de empresas comerciais, exceto em embalagens dos produtos, exemplo: refrigerante, etc.
- VII. A compra e venda dos produtos são de total responsabilidade da entidade participante. A Comissão Organizadora gerencia somente as despesas comuns, tais como: decoração, serviço de som, propaganda, aluguel de palco, fiação elétrica, material de limpeza, serviço de vigilância etc. Daí a cobrança de 10% do líquido para suprir essas necessidades.
- VIII. Para atrair público espírita, nos primeiros anos do evento os responsáveis pela evangelização e mocidade organizaram gincana cultural; nos meses antecedentes eram distribuídas tarefas e pesquisas que valiam pontos; durante a feira, no ginásio de esportes, havia a disputa e a distribuição de troféus. Os pais eram obrigados a levarem as crianças e jovens para participar e naturalmente passaram a conhecer o evento. Quando a feira se consolidou a gincana foi desativada. E assim, ano a ano fomos buscando formas de atrair o público espírita e não espírita.
- Hoje a Feiramor já consta do calendário oficial do município.

Caos, complexidade e a influência dos espíritos sobre os fenômenos da natureza.

Alexandre Fontes da Fonseca

Os espíritos, nas questões de número 536 até 540 do livro dos espíritos[1], afirmam que eles podem interferir nos fenômenos da natureza. Transcrevemos abaixo a questão de número 536-b que é bem direta a esse respeito:

“536-b Concebemos perfeitamente que a vontade de Deus seja a causa primária, (...); mas como sabemos que os espíritos podem agir sobre a matéria e que eles são os agentes da vontade de Deus, perguntamos se alguns dentre eles não exerceriam uma influência sobre os elementos para os agitar, acalmar ou dirigir.

- Mas é evidente; isso não pode ser de outra maneira. Deus não se entrega a uma ação direta sobre a Natureza, mas tem seus agentes dedicados, em todos os graus da escala dos mundos.”

Em “A Gênese”, capítulo XV item 45, Kardec cita uma passagem evangélica intitulada “Tempestade Acalmada”[2]. Nessa passagem Jesus acalma uma tempestade que se aproximou do barco em que Ele e os discípulos estavam. Kardec, no item 46 da referência acima, admite que não se conhece os “segredos da Natureza para afirmar se há, ou não, inteligências ocultas que presidem à ação dos elementos” e propõe que Jesus, por ser um espírito muito superior, sabia que a tempestade iria se acalmar. Cairbar Schutel[3] é mais corajoso e afirma que “todos os fenômenos sísmicos e atmosféricos são dirigidos por seres inteligentes encarregados das manifestações da Natureza”[3]. Por que será que Allan Kardec não teve certeza de que Jesus poderia controlar uma tempestade? Por que Kardec não considerou a afirmativa dos espíritos acima citada? Neste trabalho, cuja versão completa e detalhada será publicada em breve, discutimos o assunto e mostramos que devido a dinâmica dos sistemas que compõem a natureza ser caótica é possível que os espíritos interfiram e controlem tais fenômenos. Nossa análise se limitará ao problema das tempestades, mas é perfeitamente aplicável aos outros fenômenos da natureza.

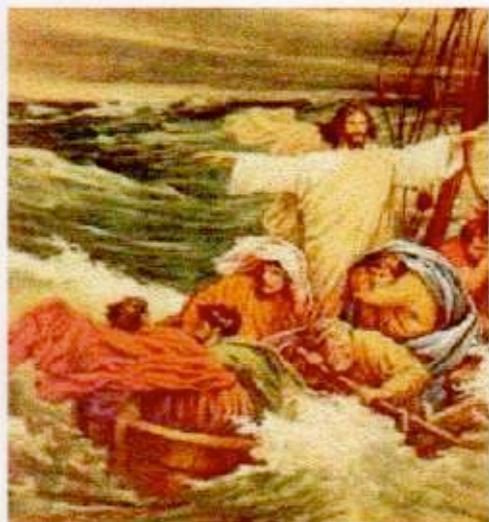


Figura 1: À esquerda uma figura de Jesus e a tempestade. À direita uma tempestade sobre uma cidade.

Ao nosso ver, o problema que levou Kardec a imaginar uma outra alternativa para solucionar a questão da influência de Jesus sobre a tempestade é que um fenômeno desse tipo envolve uma gigantesca quantidade de matéria e energia. A figura 1, à direita, nos dá uma boa idéia da ordem de grandeza de volume espacial de uma tempestade. Acredito que Kardec imaginou que para influenciar um fenômeno tão grande como esse seria necessária uma enorme quantidade de fluidos animalizados.

Neste trabalho, explicamos como o fato da dinâmica de uma tempestade ser caótica permite que o problema da quantidade de energia ou de fluidos materializados seja resolvido. Basicamente, desde que sabemos que um sistema caótico se caracteriza por ter uma grande sensibilidade a pequenas perturbações, se pudéssemos calcular precisamente o efeito de uma pequena influência poderíamos dirigir a evolução de qualquer sistema caótico a partir de uma série de pequenas perturbações. A figura 2 mostra a diferença entre um sistema não-caótico (esquerda) e um sistema caótico (direita).

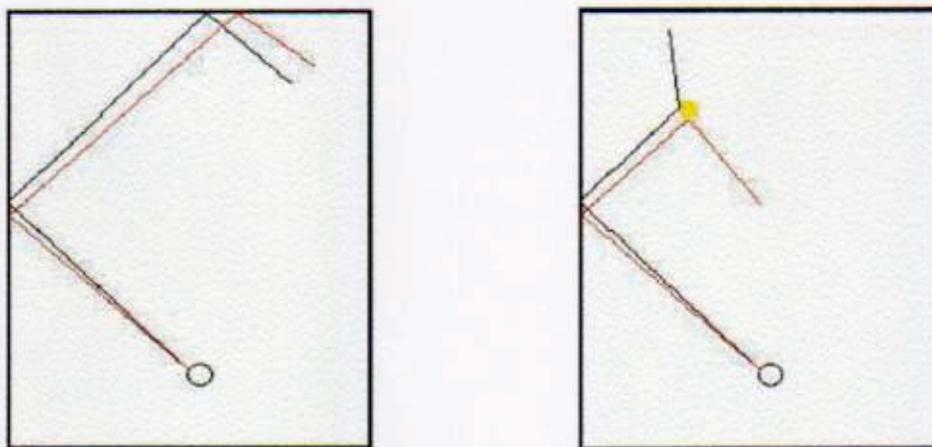


Figura 2: Esquerda: sistema não caótico (uma bolinha apenas). Direita: sistema caótico (pelo menos duas bolinhas).

Admitindo que os espíritos superiores possuem a capacidade de fazer cálculos muito precisos, concluímos que a interferência dos espíritos sobre fenômenos como uma atmosfera se torna perfeitamente possível. Isto pois seria necessária apenas uma quantidade pequena de fluidos animalizados já que a interferência dos espíritos seria formada por pequenas perturbações ao sistema.

A questão da complexidade entra aqui como sendo uma característica apresentada pelo sistema. Um sistema é dito complexo quando possui comportamento extremamente rico, inesperado, variado. Perfeitamente, esse é o caso de todos os fenômenos da natureza.

Concluindo, a propriedade caótica que a dinâmica dos fenômenos da natureza apresenta permite que a influência, por parte dos espíritos, sobre eles seja algo perfeitamente possível. Isso não requer uma grande quantidade de fluido animalizado para ocorrer e não necessita que a interferência ocorra em todas as partes do fenômeno.

Bibliografia

- KARDEC, Allan. A Gênese. Araras, IDE, 1992.
 KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 9ª edição. Edições FEESP, 1997.
 OTT, E. Chaos in Dynamical Systems. Cambridge, University Press, 1993.
 SCHUTEL, Cairbar. Parábolas e ensinos de Jesus. 12ª edição. Matão, Clarim, 1987.

Diskardec (Serviço de apoio fraterno através do telefone).

Aloysio e Adilce Alves Fontes Teixeira

DISKARDEC

Nome da entidade: DISKARDEC.

Localização: Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, à rua Machado de Assis, nº 260, Vila Tibério. CEP-14050.490.

I – Definição.

O DISKARDEC é um serviço de apoio fraterno por “telefone”, que amplia seu atendimento também por carta e pessoalmente.

O DISKARDEC é uma ferramenta de que toda a comunidade seja espírita ou não, pode dispor. É o “*Pronto Socorro da Alma*”, porque acolhe, em caráter privativo, o indivíduo que busca expor livremente seus sentimentos e suas dificuldades.

II – Histórico

Teve seu início no ano de 1984, pela sensibilidade, esforço e perseverança de jovens espíritas, que conhecedores e participantes do CVV (Centro de Valorização da Vida), sentiram a inspiração para a criação de um trabalho de apoio emocional humanitário, com características religiosas, daí surgiu o DISKARDEC.

Durante cinco anos o DISKARDEC funcionou a título de experiência e, foi no ano de 1989 que se tornou pessoa jurídica; em 1991 filia-se a USE-Ribeirão Preto; no ano de 1992, sua logomarca foi registrada e em 2000 foi reconhecido como um Serviço de Utilidade Pública pelo Câmara Municipal de Ribeirão Preto.

III – Objetivo.

O objetivo do DISKARDEC é a doação de amizade, o apoio fraterno.

IV – Recursos Utilizados.

“SABER OUVIR”

“Ouvir é uma técnica mental que pode ser aperfeiçoada em treinamento e prática”

(autor anônimo).

Observando a comunicação interpessoal, a habilidade que temos à disposição e da qual talvez mais nos descuidamos é o de “ouvir”.

Muitos fatores interferem na nossa audição, sejam eles externos como: o ruído muito intenso ou silêncio absoluto que são igualmente perturbadores; a temperatura muito fria, em algumas pessoas deprime e, em outras pessoas, o calor intenso é fator de irritação ou de sonolência; ou ainda a iluminação muito intensa ou fraca e o local com transitar de pessoas, são também considerados elementos que interferem negativamente no processo da comunicação. Há que se considerar também os fatores internos, ou seja, as condições de saúde física e mental.

Ainda no “**ouvir**”, devemos lembrar, como importante e prejudicial, as interferências das nossas opiniões, emoções, crenças e sentimentos, tais como: o orgulho, a intolerância, a angústia, a ansiedade, a inflexibilidade, os preconceitos, etc..

Quantas situações e estados d'alma interferem no “Saber Ouvir”. Diz-nos, Batura no seu livro Conviver e Melhorar, psicografia de Francisco do Espírito Santo Neto “... escutar é simplesmente manter um diálogo convencional, passageiro e corriqueiro; ouvir, porém, é embrenhar-se na troca de alma para alma, em que a essência realmente age com sintonia e inspiração.”

Apesar de nosso trabalho ser de leigos, cientificamente nos baseamos na Relação de Ajuda ou Postura Não Diretiva desenvolvida por Carl Rogers, que tem como seus seguidores os psiquiatras e psicólogos humanistas.

Sua metodologia se baseia no potencial que o ser humano tem em resolver suas dificuldades e para isso ela é centrada no sentimento e não no problema do indivíduo.

Embora tendo como roteiro esta linha de “Relação de Ajuda”, é na Doutrina Espírita que está o alicerce deste trabalho. “... *Deus esculpiu em cada um de nós a capacidade de resolver os nossos próprios problemas*” (André Luiz – Resposta da Vida - por Francisco Cândido Xavier)

Ajudar no DISKARDEC é responder à pessoa que nos procura, como amigo, em nível de *igualdade*, e *tratá-la exatamente como nós gostaríamos de ser tratados*: com respeito, dignidade, compreensão, aceitação incondicional, que não significa convivência, e sem crítica.

A relação de ajuda, em sua forma mais simples, mais pura e profunda é o *Amor*. Esse amor que tudo compreende, que tudo aceita e que restaura a dignidade, a confiança e a auto-estima nas pessoas.

Ouvir o que o outro tem a dizer, o que sente em relação ao momento que está vivenciando... Ouvir com carinho, atenção, com o coração e estar sempre ligado a Espiritualidade, através da prece e do desejo real de ajudar, demonstrarão ao atendido, que acreditamos nele, em suas potencialidades, o respeitamos, abrindo horizontes em sua mente para que entenda que ele tem a resolução de seus problemas e que é dentro de si que está o caminho...

Ouvir a nós mesmos, trabalhando as nossas dificuldades, o autoconhecimento, a reforma íntima... Ouvir a Espiritualidade e se preparar através da prece, “... *pois se*

abrem os canais psíquicos para uma sintonia com o Mundo Espiritual, que nos assiste no atendimento às criaturas da terra".(Atendimento Fraterno -Projeto Manoel Philomeno de Miranda)

Ouvir a pessoa que nos procura, com empatia, que segundo C. Rogers, "... *consiste em captar, com maior exatidão possível, as referências internas e os componentes emocionais de uma outra pessoa e compreendê-los como se fosse esta outra pessoa*".

Suely Caldas Shubert, no livro, Atendimento Fraterno, Projeto Manoel Philomeno de Miranda, (Livraria Espirita Alvorada Editora, Bahia, 1999) às fls.74, discorre sobre a empatia: "... *A capacidade de empatizar denota amadurecimento espiritual, que é progressivo e se desenvolve, cada vez mais, exatamente proporcional à medida que a pessoa aprofunda a sua disposição de amar ao próximo e, em última análise, a vida em todas as suas formidáveis expressões. A Doutrina Espirita abre perspectivas ilimitadas nessa área, convidando o indivíduo a exercer a caridade plena, tal como assinala a questão 886 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, quando os Instrutores da Via Maior lecionam que a verdadeira caridade consiste na "benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias e perdão das ofensas". Para os serviços de Atendimento Fraterno o significado da empatia amplia-se e torna-se, realmente, na capacidade de amar ao próximo, consoante o inolvidável ensinamento de Jesus, que sintetiza tudo isto em plenitude: "Amar ao próximo como a si mesmo."*

V – Finalidades

São finalidades do DISKARDEC:

- ◆ *Prestar apoio humanitário aos semelhantes, através da doação de amizade, buscando amenizar o sofrimento e as dificuldades existenciais; sem distinção de sexo, religião, profissão, idade, raça, cor, nacionalidade ou outra qualquer;*
- ◆ *Promover esclarecimento à luz da Doutrina Espirita e sua divulgação;*
- ◆ Preparar e aperfeiçoar voluntários, através de cursos e estágios, para dar cumprimento à sua finalidade precípua.
- ◆ Promover a divulgação do "Programa Diskardec de Apoio Humanitário"

VI – Funcionamento

O local de atendimento é privativo, com um terminal telefônico, cujo número seja de fácil memorização.

O DISKARDEC não é Centro Espirita. Não depende e não precisa de uma estrutura de um Centro Espirita, por isso, poderá ser instalado em qualquer imóvel, devidamente adequado para este fim.

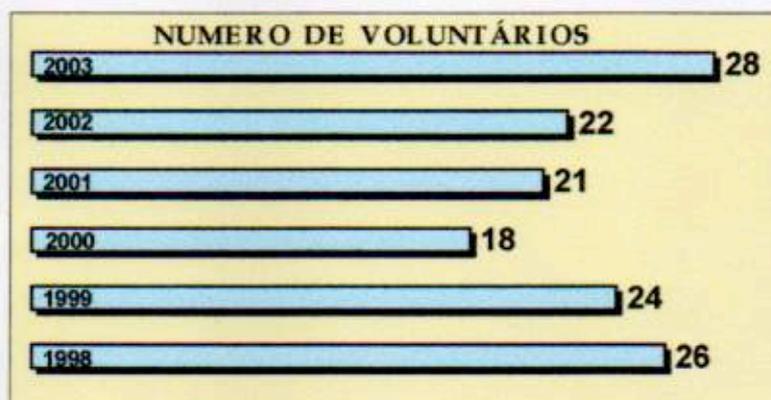
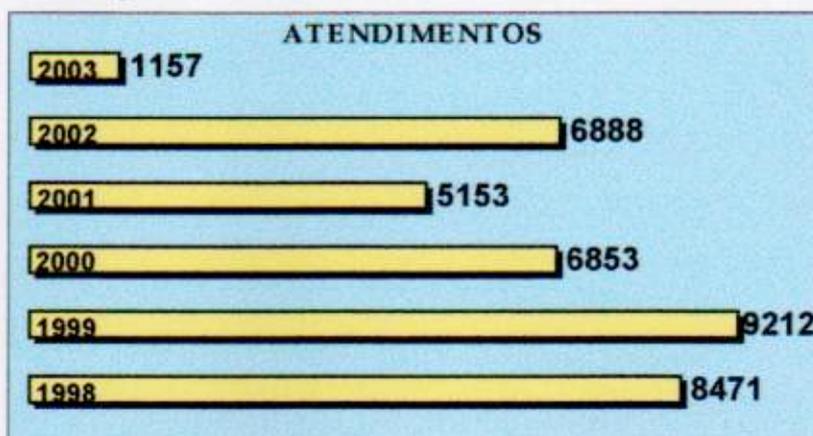
A importância da escolha do local está em preservar a pessoa que nos procura (sigilo), o voluntário (segurança) e o caráter religioso do trabalho.

O DISKARDEC é a ferramenta que toda a população e todo Centro Espirita pode utilizar por ser um serviço de 24:00 horas de atendimento, da seguinte forma: das

08:00 às 22:00 horas, por plantonistas, das 22:00 às 08:00 horas por mensagens extraídas de CDs de Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco e outros.

VII – Quadros Estatísticos

OBS.: A QUEDA EXPRESSIVA DE ATENDIMENTOS E VOLUNTÁRIOS EM



2000 E 2001 SE DEVEM A PROBLEMAS TÉCNICOS DE TELEFONIA.

VIII – Pessoa que nos procura

A pessoa que nos procura se sente encorajada por não precisar se identificar e por saber do caráter sigiloso que envolve nosso trabalho. O nosso atendimento independe de idade, sexo, cor, nacionalidade, profissão, religião ou qualquer outra característica.

IX – Motivos

1. *Solidão, que leva à necessidade de falar de seus sentimentos de alegria ou dor, de suas dificuldades existenciais, como:*
 - a) *Perdas de entes queridos;*
 - b) *Perdas econômicas;*
 - c) *Traição;*
 - d) *Problemas com drogas;*
 - e) *Desejo de suicídio;*
 - f) *Aborto;*
 - g) *Homossexualismo, etc..*
2. *Busca de soluções para os problemas que estão vivenciando.*

3. *Busca de si mesmo – quando a pessoa nos procura com o intuito de se autoconhecer.*
4. *Esclarecimento da Doutrina Espírita, ou simplesmente o desejo de dividir com alguém o que sabe.*
5. *Busca de informação sobre a localização das Casas Espíritas.*
6. *Simplemente ouvir uma mensagem consoladora ou fazer uma prece junto com o voluntário.*

X – Prestação de serviço

A) - PARA OS QUE NOS PROCURAM:

1. *Atendimento fraterno através de telefone, carta ou pessoalmente.*
2. *Esclarecimento doutrinário.*
3. *Divulgação da doutrina espírita.*
4. *Informação sobre a localização de todos os centros espíritas de ribeirão preto (rua, bairro e telefone).*
5. *Informação sobre localização de serviços sobre: droga, alcoolismo, crianças e adolescentes vitimizados.*
6. *Mensagens 24 horas.*

b) - para os voluntários

1. *Treinamento mensal com discussões sobre as dificuldades do atendimento fraterno, estudos evangélicos e técnicas de atendimento (frequência obrigatória).*
2. *Biblioteca fixa e circulante com acervo também de fitas de vídeo e fitas cassete.*
3. *Estudo facultativo das obras básicas (uma vez por semana),*

XI – Fonte de manutenção

O DISKARDEC é mantido pelos seus voluntários, através de uma contribuição mínima mensal.

Outras fontes de renda são os bazares de pratos prontos e de artesanato.

XII – Conclusão

O DISKARDEC é um serviço espírita de Atendimento Fraterno, gratuito, com peculiaridades próprias, único no Brasil e talvez no mundo. Esta em atividade, ininterruptamente, até os dias de hoje, completando dezenove anos de trabalho dedicado ao próximo, praticando, com certeza, a caridade moral ensinada por Jesus e, quiçá, possa ele ser semeado em muitos lugares, levando a confiança, o esclarecimento e o consolo a tantas pessoas necessitadas.

Bibliografia

- ANDRADE, Gesiel. Manual e dicionário básico de Espiritismo. Capivari, EME, 1988.
- ATENDIMENTO FRATERNAL: projeto Manuel Philomeno de Miranda. 3ª ed. Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1999.
- ESPÍRITO SANTO NETO, Francisco do. Conviver e melhorar. 3ª edição. Catanduva, Boa Nova, 1999.
- ESPÍRITO SANTO NETO, Francisco do. As dores da alma. 4ª edição. Catanduva, Boa Nova, 1999.
- ESPÍRITO SANTO NETO, Francisco do. Renovando atitudes. 6ª edição. Catanduva, Boa Nova, 1999.
- FRANCO, Divaldo Pereira. Autodescobrimento: uma busca interior. Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora,
- GLASER, Abel. Fundamentos da reforma íntima. 3ª edição. Matão, Editora O Clarim, 2000.
- KARDEC, Allan. O Céu e o Inferno. 7ª edição. Araras, IDE, 1995.
- KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. 19ª edição. São Paulo, LAKE, 1980.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. 59ª edição. São Paulo, LAKE, 1998.
- KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. 11ª edição. São Paulo, LAKE, 1984.
- KARDEC, Allan. Obras póstumas. 5ª edição. Araras, IDE, 1996.
- KARDEC, Allan. O que é o Espiritismo. São Paulo, LAKE, 1973.
- PALHANO JUNIOR, L. Dicionário de filosofia espírita. Rio de Janeiro, Edições Celd, 1997.
- MUCCHIELLI, Roger. A entrevista não diretiva.
- ROGERS, Carl. Tornar-se pessoa. 5ª edição. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- RUDIO, Franz Victor. Orientação diretiva na educação, no aconselhamento e na psicoterapia.
- VISCOTT, David. A linguagem dos sentimentos.

O tempo, a arte, a Casa Espírita.

Moacyr Camargo

A humanidade adentra a uma nova fase do conhecimento, a do Espírito. Onde as bibliotecas milenares franqueiam a todos, o estudo do caminho que percorremos e o que nos destinam. A ciência descobre partículas luzentes, a matéria se desfaz perante olhares de espanto, mas cheios de glória das novas descobertas.

E a arte que deixou marcas, ou deixamos marcas, através da arte, ao passarmos pelos períodos do verme, do casulo, adentramos agora o período da borboleta, como anunciam os Espíritos a Kardec em Obras Póstumas. Iniciamos a era do vôo, entretanto o casulo ainda nos oferece resistência para rompermos, mas, o tempo para o vôo se aproxima com verdades irrefutáveis.

Fala-se da sensibilidade, da leveza, da beleza, de vida em outros mundos, outras galáxias, o cinema adentra agora a dimensão espiritual onde suas câmeras avançam o

mundo dos Espíritos seguindo um personagem para registrarem sua entrada nesse recém-descoberto mundo, o que irá acontecer com ele, depois de seus feitos no plano da matéria.

Estamos chegando a um novo conhecimento, o do Espírito, com seu conjunto de cultura conquistada no tempo e que o fará transcender das eras pretéritas, ao infinito da vida. A arte nesse momento tem prestado mesmo sem saber, grande auxílio a essa visão nova, onde se modificam ética, estética e valores.

A Casa Espírita é na atualidade o Centro de Cultura mais avançado do Espírito, onde as informações da Doutrina Espírita o situam como um ser milenar. É preciso então que os dirigentes e freqüentadores, alcancem a dimensão desse conhecimento para não obstruírem o fluxo de energias que transitam para um novo amanhecer de todos nós.

Assim o estudo da arte na Casa Espírita é de grande valor tanto ao artista, quanto ao público que agora ganha visão, compreendendo que cada artista falará de acordo com seu conhecimento e valores adquiridos em seu progresso, que por isso mesmo, sua obra de arte traz informações que adquiriu, e que estas vêm com vibrações e ondas a movimentarem sentimentos de toda a ordem, ascendendo quem a aprecia, ou tornando-o, opaco.

Na evangelização, o evangelizador não mais utilizará da música pela música, mas procurará conhecer quem são seus evangelizados, quais suas tendências e detectar as vibrações (difíceis) para amenizá-las através da melodia, do texto. O teatro, a poesia, a dança e todas expressões ganharão nova visão por um processo da educação lúcida, as velhas e negativas imagens trazidas pelo Espírito, substituindo-as por novos e estimulantes valores que o norteiam para sentimentos nobres, de beleza e de elevação.

O artista que também se empenha no conhecimento oferecido pela Doutrina Espírita, expandirá sua visão chegando a um universo de conteúdos novos, que exigirão dele linguagem nova, liberdade e sintonia com os mestres das harmonias.

A Casa Espírita poderá contribuir para que todos os freqüentadores busquem patamares de renovação de sentimentos e experimentem renovadas vibrações. Que apurem a sintonia no estudo da mediunidade, para perceberem no lar, a influência positiva ou negativa das várias expressões da música que ali se ouve, assim como da programação televisiva a oferecer campo para diversas influências psíquicas e espirituais.

As positivas permitem o amparo dos nossos benfeitores a nos auxiliarem em nossa iluminação, mas se forem negativas, é campo para obsessores que aproveitam da psicofera de nosso lar e do "descuido cultural" para seus múltiplos intentos.

Enfim, a arte ganha visão nova mediante esses estudos e aos nossos olhos abrem-se realidades que jamais poderíamos imaginar, de imagens, paisagens, sonoridades, conteúdos, vibrações a influenciarem nossa existência.

Propomos uma viagem através do tempo e da **arte**, passando pelos períodos que Allan Kardec a desenvolve para um melhor entendimento, e nesse momento em que a visão do Espírito se expande, perguntamos: Qual a contribuição do movimento espírita para o novo momento?

Nossa **evolução** se patenteia por Amor, Inteligência, Sabedoria e Beleza. A **Arte** está aí para nos auxiliar.

Bibliografia

KARDEC, Allan. Obras póstumas. 5ª edição. Araras, IDE, 1996.

PAHLEN, Kurt. História universal da música. São Paulo, Melhoramentos, s.d.

XAVIER, Francisco Cândido. Mecanismos da mediunidade. 3ª edição. Rio de Janeiro, FEB, 1970.

Reciclagem de materiais descartáveis na Casa Espírita

Cecília Luchesi

Em julho de 2.000, o Centro Espírita Pe Zabeu Kauffman iniciou timidamente um programa de Coleta Seletiva de materiais recicláveis.

Tudo teve início em uma festa junina de uma Escola de Indaiatuba, onde fomos participar com uma barraca beneficente.

Começamos juntando latinhas de alumínio e passamos a divulgar no Centro, na hora dos avisos que antecedem as palestras públicas, e assim começamos diariamente a receber sacolinhas contendo latinhas de alumínio.

Em 31/07/00 nos cadastramos na LATASA (pioneira em termos mundiais na reciclagem de alumínio), sendo o primeiro centro de reciclagem inaugurado em 1968 nos EUA, mas precisamente em Los Angeles, quando ainda não se ouvia nada sobre reciclagem, sendo praticamente uma palavra desconhecida.

A LATASA mantém o Projeto Escola, onde são cadastradas entidades beneficentes sem fins lucrativos que trocam suas latas de alumínio por bens de consumo. A moeda corrente é a lata e não dinheiro. A entidade quando se cadastra recebe um código e efetua depósito de "latas" e de acordo com a tabela vigente efetua as trocas.

Nossa Casa em 2 anos de participação nesse projeto coletou aproximadamente 200.000 latinhas, conseguindo praticamente equipar a o Centro:

-1 lavadora de alta pressão, (WAP), Um retroprojetor, 1, telão, 2 aparelhos de som 3x 1 c/ CD, 1 microcomputador multimídia, 11 ventiladores de teto, 2 bebedouros elétricos de garrafão. Continuamos recebendo o material e temos hoje um saldo de 25.000 para serem trocadas.

Em meados de outubro de 2000, passamos a receber outros tipos de material (garrafas de refrigerante, plásticos, papel, papelão, vidros). Estabelecemos então contato com a RECI PET (maior recicladora de embalagem PET), que fica em Indaiatuba e ela nos forneceu os bag's, onde separamos por tipo os materiais, que posteriormente são passados aos comerciantes (sucateiros).

O principal objetivo é a nossa colaboração na preservação do meio ambiente, reaproveitando os diversos tipos de material, conscientizando o público frequentador da Casa da importância desse trabalho, e como consequência obtemos uma receita extra, que é empregada na manutenção da Casa.

No mês de março, cobrimos uma parte da área onde é desenvolvido o trabalho, com recursos gerados pelo próprio trabalho. Contamos com uma equipe de aproximadamente 15 voluntários que trabalham em dias e horários alternados. Dentre os voluntários temos empresários, comerciantes, magistrado aposentado, engenheiro, professoras, que são pessoas que se interessam pela preservação do meio ambiente e abraçaram a causa.

Em 2001, o primeiro ano que trabalhamos integralmente com todo o tipo de material arrecadamos:

200.000 latinhas de alumínio

6.115 Kg de Pet (20 garrafas s/ tampa = 1 Kg)

7000 Kg de papel/papelão

2000 Kg de sucata (latas de aço, peças de automóveis).

3000 Kg de plástico rígido
5000 Kg de Vidro

Atualmente estamos com retiradas semanais de material (20 a 30 Bag's) Temos escritórios, oficinas, gráficas e restaurantes que nos fornecem material, os quais separamos. Temos separação de vidros, plásticos filmes, plásticos rígidos, latas de aço, latinhas de alumínio, caixinhas de embalagem longa vida, papel alumínio puro (marmitex), papel alumínio colorido (embalagens de salgadinhos), tampinhas de refrigerante.

Nosso painel e exposição tiveram o apoio da TETRAPAK, que desenvolve um trabalho de reciclagem de embalagem longa vida, da LATASA (alumínio) que nos forneceram alguns brindes e folhetos explicativos.

Apesar de não ser um trabalho muito comum na Casa Espírita, e um trabalho que nos aproxima da comunidade, pois várias pessoas não adeptas da doutrina, nos levam material e acabam chegando de uma forma ou de outra ao Centro espírita.

Aqueles companheiros que desejarem estamos à disposição para qualquer esclarecimento adicional e que cada um de nos possa continuar fazendo sua parte neste Planeta que nos recebe para nossa evolução espiritual.

Equilibrando o tripé (tríplice aspecto da Doutrina Espírita)

Cristina Helena Sarraf

Desde remotos tempos, busca o ser humano respostas ao porque de sua existência, de onde teria vindo, para onde irá, porque e como existe o planeta e o Universo... Esses questionamentos iniciaram o que chamamos de pensamento filosófico, porque filosofia é amor ao saber.

Depois, nasce no ser humano a necessidade de comprovar, provar, experimentar, e assim ele descobre o pensamento científico.

Mas as escolhas e ações do ser humano geram conseqüências e ele passa a observar que o seu comportamento beneficia ou prejudica, é bom ou ruim. E aí então, surge o pensamento moral.

Filosofia, Ciência e Moral são os três tipos de raciocínios que se pode fazer neste planeta, nesta fase que vivenciamos, já que para o futuro, certamente outras formas surgirão.

A religião, que dominou a Antigüidade e a Idade Média, deu ênfase ao pensamento filosófico (aos iniciados) e ao pensamento moral (para o povo em geral). Mas os formatou e condicionou a sua maneira de pensar, criando para a humanidade uma grande dificuldade de estabelecer o pensamento científico, já que impediu o descobrir, o pesquisar e o analisar, impondo a crença pelo medo. Também quanto aos raciocínios filosófico e moral, a religião os limitou e estancou, criando idéias de que certa é apenas a filosofia de vida que estabeleceu e certa é apenas a moral formatada segundo seus interesses e necessidades circunstanciais. Assim, ficou o ser humano limitado ao pensar como a sua religião queria e comportar-se como ela exigia.

Não podendo ser como lhe impuseram, e sendo punido exatamente por isto, estabeleceu-se em cada pessoa, um processo incontrolável de desenvolvimento da culpa e do medo. Seu único caminho foi hipocrisia para ostentar e a insegurança para viver.

Poucos tiveram coragem e condições de romper com esta situação e questionaram, experimentaram e transformaram as idéias, as formas de pensar. Apesar de punidos e mortos, foram empurrando o ser humano para o desenvolvimento do pensamento científico.

Mas a Ciência é o que os Homens são. E como antes se adoravam as religiões, passou-se a adorar a Ciência, sem entender que ela é apenas fruto da forma de pensar de cada cientista. Não há Ciência sem haver antes a filosofia que a determina.

Excluindo o exame do funcionamento íntimo/espiritual do ser humano, de suas emoções e sensações, a Ciência caminhou fundo, criando a aparência de que apenas alguns humanos poderiam ser cientistas, como antes se pensava que só alguns poderiam entender os deuses ou filosofar.

Da forma que foi se firmando, a Ciência manteve o pensamento elitista e autocrático das religiões e dos soberanos, deixando o povo do outro lado da "cerca", ou seja, do lado oposto ao do conhecimento, da pesquisa e das descobertas.

Mas o "plano" divino jamais falha e na hora oportuna vem o Espiritismo, trazendo na linguagem dos Espíritos da Codificação os três tipos de raciocínio, de forma integrada: o filosófico, o científico e o moral. E inicia para o nosso mundo uma era nova do pensamento, pois passamos, a saber, que todos nós temos capacidade, podemos questionar, experimentar e transformar, conscientemente, sem exigências de diplomas ou distinções sociais.

Questionar, usando o pensamento filosófico sobre todos os detalhes da vida, levantando sem temor ou preconceitos os porquês, o como, e cada detalhe de tudo.

Experimentar, usando o pensamento científico em tudo o que se possa pensar, para que essas experiências permitam verificar quais são os melhores pensamentos, as opções mais eficientes, os pensamentos que resolvem para se viver melhor, promovendo o crescimento pessoal e social.

Transformar, usando do discernimento para agir conforme se pensa e conforme foi constatado que é o melhor. Criando a verdadeira moral, que é o comportamento consigo, com os demais e com a vida, não por causa de regrinhas predeterminadas, e sim como fruto do raciocínio lógico e do experimentar, ajustando - se perfeitamente ao que foi ensinado por Jesus (amar ao próximo como a si mesmo e não fazer ao outro o que não gostaria que fizessem com você).

Situações de relacionamentos, pessoais, familiares, sociais, profissionais e da Casa Espírita podem e devem ser examinadas à luz deste Tripé.

Observe se você não está esquecendo um ou dois pés do tripé. Por exemplo: quando uma pessoa diz que evangeliza crianças, demonstra que não está fazendo nada mais do que querer implantar a moral formal dos códigos religiosos, porque para ensinar a moral espírita é preciso despertar o pensamento filosófico sobre os ensinamentos espíritas e levá-los para a prática. Aí então será possível discernir e melhorar a moral, conscientemente, o que passa a ser um patrimônio da pessoa e não uma obediência temerosa a uma regra imposta e não compreendida.

Equilibrar o Tripé é exatamente isso: despertar para a necessidade de filosofar, experienciar e conquistar as mudanças morais, como consequência natural dessa ação consciente, dinâmica e seqüencial.

Na verdade, em tudo na vida o tripé está acontecendo sem que percebamos, pois tudo funciona na base de se ter um motivo, vivê-lo ou não e mudar o comportamento como fruto da experiência feita. Seja mudando para melhor ou para pior, não importa,

pois depende de como podemos encarar a situação, no momento que ocorre. Depois, já será outra coisa, porque o pensamento estará sustentado no primeiro tripé. E assim por diante.

Se dentro de nós o tripé funciona normalmente, ter uma postura aberta, participativa e respeitosa com as pessoas, leva a trocarmos idéias (filosofia), dividirmos experiências (ciência) e adotarmos comportamentos (moral), pela observação e pelo que aprendemos, absorvido delas. Se formos fechados, exclusivistas, o tripé circula dentro de nós, mas não recebe a contribuição dos outros, estabelecendo a rotina.

Para quem quer descobrir como tudo isso funciona, sugerimos na prática diária a aplicação do tripé de forma contínua e consciente, facilitando muito o viver.

Por exemplo: estou insegura quanto a tal decisão. Como me ajudar através do tripé?

1º- questionar/ filosofar → *O que estou sentindo? Insegurança. Por que? Porque não sei como decidir. Onde está a dificuldade? É que sendo um Espírito em evolução há momentos em que não sei o que é melhor para mim. E o que seria melhor, independentemente desse assunto? O melhor seria sempre..... Estou baseando estes raciocínios na cabeça (idéias preconcebidas, orgulho e quero-quero- quero), ou na verdade da alma, naquilo que sou eu de verdade?* E assim por diante, sem julgar, condenar, criticar ou constranger-se. Mas, usando a filosofia espírita, ir encontrando um caminho viável de entendimento ou de hipótese.

Lembrar a filosofia espírita básica: somos Espíritos imortais, reencarnantes, em evolução contínua, usando o livre arbítrio conforme se possa, gerando conseqüências naturais pela lei de causa e efeito, atuando sobre os fluídos (mudando a qualidade do perispírito) e percebendo a atuação dos desencarnados através da mediunidade.

2º- experimentar/ ser cientista experimental espírita → *Após encontrar um caminho plausível (livre-arbítrio), opto por ele e experimento segui-lo, sempre observando o que sinto, como as coisas se fazem e o que posso aprender com isso (causa e efeito). Se a experiência for positiva ou negativa, não cairei na tentação da culpa, porque essa postura não é espírita e porque fiz o melhor que podia, naquele momento.*

O método experimental espírita é: agir – observar - analisar – agir – observar – analisar etc. e depois concluir, quando houver elementos suficientes. Refazer a ação ou reformular ou o que for necessário, porque já se tem base para discernir.

3º- transformar/ melhoria moral → *Durante o processo de experiências, foi possível ir percebendo, sentindo, entendendo mais a meu respeito, à luz do Espiritismo. Fortaleci pontos frágeis, reformulei algumas idéias e atitudes. Observei comportamentos que já são incoerentes, “mofados”, “pensamentos do ano mil”, reações condicionadas, hábitos mentais desnecessários ou prejudiciais, enfim, aquilo que me atrapalha.*

Com respeito, compreensão e persistência, haverá a gradativa alteração comportamental necessária e possível. Isto representa a melhoria moral. Só há transformação após experimentar e para isso é necessário ter uma razão de vida (filosófica).

Quando não há prática/experimentação do que é aceito como verdades espíritas, permanecemos como somos. Isso nos deixa insatisfeitos e ficamos nos pressionando para sermos melhores e frustrando-nos como sempre, numa atitude negativa e eminentemente contrária aos ensinamentos da nossa Doutrina.

O verdadeiro espírita se reconhece por sua transformação moral. É aquele que todo dia examina e usa o que aprende no Espiritismo e não quem já está perfeito na conduta, disse-nos Kardec.

O **convite** é para examinarmos este tripé: Filosofia, Ciência e Moral, entendendo o que é, e como funciona.

Por que ele é o alicerce do pensamento espírita?

O que ocorre quando um dos componentes desse alicerce está mais fraco que o outro, ou não existe?

Levemos as reflexões para a nossa vida e para a nossa Casa Espírita, passando a observar tudo conforme esse tripé, e buscando equilibrá-lo para que os edifícios espirituais da nossa vida e do nosso Centro estejam sempre em pé.

Sugestão: tenha a coragem de filosofar, experimentar e transformar, mas facilite tudo ficando apenas com os "Pensamentos que Resolvem".

Declaro meus agradecimentos especiais aos amigos de sempre Rita, Vanderlei, Ricardo, Alexandre, Primo, Edvaldo, André e aos Espíritos amigos, impossível citar nomes, cuja parte maior nesse trabalho fica oculta, mas visível.

Premissas fundamentais para se organizar o Ensino do Espiritismo.

Claudine Tchekmenian Carneiro

A **PALAVRA PARADIGMA** é normalmente usada como **referencial, padrão, modelo, básico.**

Quando **aplicada à área de educação** assume o significado de que deve existir um referencial, um padrão educativo onde ela se assenta.

Extrapolando para o caso do Espiritismo infere-se que essa área do conhecimento deveria estar embasada em **premissa comum a todos os educadores espíritas que militam nessa área**. Será que isso acontece realmente?

A experiência que adquirimos ministrando aulas de espiritismo em diversas Instituições da Capital de São Paulo, durante mais de duas dezenas de anos, mostra-nos que cada uma delas se apóiam em:

- a) uma visão particular de ensino, função do nível de experiência educacional do dirigente espírita;
- b) nenhuma unidade educacional entre as diferentes instituições espíritas;
- c) programas de ensino dispersos;
- d) cargas horárias aleatórias;
- e) compilações de textos de diferentes livros, formando um emaranhado de relatos sem começo meio, e fim;
- f) repetição decorada do texto, ou interpretações equivocadas. Eis, portanto, o quadro que freqüentemente se encontra no ensino espírita, ministrado no estudo de São Paulo.

Com a finalidade de reduzir drasticamente essa situação **propomos um modelo de trabalho ou paradigma de educação espírita** tendo por prioridade atingir primeiro o Dirigente do Centro Espírita, depois os Expositores seguindo-se a Mocidade e a Infância. Esse modelo de ensino vem sendo desenvolvido no IPECE, Instituto de Pesquisa e Ensino da Cultura Espírita e estabelece que os princípios da Doutrina Espírita só podem ser bem compreendidos se forem analisados, simultaneamente, do ponto de vista científico, filosófico e religioso, como desejava Kardec. Nesse sentido, ele assim se

expressa, no livro Obras Póstumas, pg. 330, 6ª edição IDE: “Um curso regular de Espiritismo deve ser processado com o objetivo de desenvolver os princípios da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso tem a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos capazes de difundir as idéias espíritas, e de desenvolver um grande numero de médiuns. Eu olho esse curso como podendo exercer uma influencia capital sobre o futuro do Espiritismo, e sobre suas conseqüências”.

PREMISSAS FUNDAMENTAIS EM QUE SE ASSENTAM A EDUCAÇÃO ESPIRITA

Educação nada mais é que um **processo de desenvolvimento** da capacidade física, intelectual e moral do ser humano em geral, visando sua melhor integração individual na sociedade onde se insere.

Este é um conceito muito amplo, de modo que iremos nos restringir a **discuti-lo apenas no seu aspecto intelectual, base do desenvolvimento moral**, porque a educação física, embora importante para disciplinar os outros dois parâmetros que lhe são associados não entrará no contexto dos nossos objetivos atuais. Desta forma, vamos nos ater a questão da transmissão do conhecimento que deve ser passado de uma pessoa a outra.

Extrapolando em conceito de educação para o caso do Espiritismo deduz-se que educar alguém nessa área do conhecimento significa **transmitir conhecimentos que lhe possibilitarão formar idéia clara e inequívoca dos fenômenos, conceitos e princípios em que ela se assenta.**

Quando se pensa, portanto, na educação espírita, surge logo de início três questões básicas:

- 1) para ensinar é preciso primeiro existir um EDUCADOR, um expositor, uma pessoa que **domine o conteúdo** daquilo que vai ser ensinado;
- 2) para que o ensino seja eficiente é preciso existir **um programa racional e didático** que faça a informação chegar ao alvo pretendido de maneira a mais simples possível;
- 3) é preciso definir um critério de avaliação para constatar se aquilo que foi ensinado esta sendo realmente compreendido, sem distorções conceituais.

Tomemos por referencia a primeira questão da necessidade de existir um EDUCADOR que “domine o conteúdo” daquilo que vai ser ensinado e desdobremo-la em varias outras: 1) qual a base de formação profissional do educador e ou expositor de Espiritismo?

- 2) como ocorreu seu processo educativo;
- 3) quais foram os requisitos básicos culturais exigidos para que ele se tornasse um mestre?
- 4) qual a sua experiência pratica na área de ensino?

Se considerarmos agora a questão relativa ao “programa racional” de ensino e suas técnicas didáticas pertinentes, as indagações aumentam ainda mais, como por exemplo:

- 1) em que base se elaborou o programa de ensino espírita?
- 2) em que se assenta esse programa, na Doutrina ou na Filosofia Espírita;
- 3) qual o objetivo do programa de ensino, formativo ou informativo;
- 4) qual o público do programa?
- 5) quais os critérios para o estabelecimento da carga horária?;
- 6) em que critério se baseia a duração do curso?
- 7) a que faixa etária o programa abrange?

A questão ligada à definição de critérios de avaliação do ensino e do aprendizado esta diretamente ligada as anteriores e por isso trataremos dela mais adiante.

Se fizermos um **levantamento estatístico** envolvendo os Centros Espíritas paulistas, veremos que uma **percentagem mínima** daqueles que tratam na área de educação **possuem nível universitário**. Uma percentagem um pouco maior identifica aqueles que possuem diploma de curso médio enquanto a grande maioria é portadora de escolaridade de primeiro grau. Outro dado estatístico importante **refere-se ao sexo dos instrutores** ou expositores de Espiritismo: a esmagadora **maioria é do sexo feminino** e de idade que caracteriza a maturidade.

A explicação mais comum que se ouve é que os homens estão presos às necessidades do trabalho profissional necessário a sustentação de suas famílias e por isso não dispõem de tempo para se dedicarem ao Espiritismo. Em contra partida, a mulher dedicando-se apenas as tarefas do lar, encontra tempo disponível, quando seus filhos já crescidos procuram seus próprios caminhos. Mas será que esta justificativa é racionalmente conveniente? Claro que não...

Evidentemente, a medida que o leitor vai tomando conhecimento do que estamos expondo surge-lhe um questionamento que nos parece inevitável: **estão querendo elitizar o ensino do Espiritismo?**

Para responder esse questionamento primeiro precisa ficar bem claro o que se pretende dizer com elitização do ensino do Espiritismo.

O **verbo elitizar** tem origem na palavra elite que significa **aquilo que há de melhor em uma sociedade** ou em um grupo, ou seja, uma minoria prestigiada e dominante no grupo, constituída de **indivíduos mais aptos a exercerem funções fundamentais para o bem estar desse grupo**.

Assim, se considerarmos o latu senso de elitizar o Espiritismo na sua área educacional, a resposta à questão formulada acima, pelo leitor é afirmativa: **sim, estamos propondo uma elitização do ensino do Espiritismo**.

Em que nos baseamos para fazer tal proposição?

Em Allan Kardec, o codificador do Espiritismo, que mostra, de maneira clara e indiscutível, seu pensamento, a respeito do ensino espírita, no livro Obras Póstumas, 6ª edição IDE, tradução de Salvador Gentile, pagina 331, Ensino Espírita, cuja transcrição é a seguinte:

“Um curso regular de Espiritismo seria professado com o objetivo de desenvolver os princípios básicos da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos capazes de difundir as idéias e de desenvolver um grande número de médiuns. Eu olho esse curso como podendo exercer uma influencia capital sobre o futuro do Espiritismo, e sobre as suas conseqüências”.

A **primeira diretriz** que Kardec impõe ao ensinamento espírita é que ele **esteja assentado nos princípios da ciência. Por quê?** Por que os princípios em que se baseiam a Doutrina Espírita sofreram o crivo da ciência, quando foram estabelecidos para se tornarem verdades duradouras. E, sabemos que nada é duradouro se não tiver respaldo das leis da ciência, das leis naturais. Então, para se ensinar Espiritismo é preciso, fundamentalmente, conhecer as leis da ciência onde ele se assenta. E o conhecimento dessas leis é acessível a uma elite intelectualizada? Certamente.

A **segunda diretriz** dada por Kardec é **propagar o gosto pelos estudos sérios**. E, logo fazemos a pergunta, para nos mesmos respondermos: o que é gosto pelos estudos sérios? É o prazer, o agrado, a satisfação em se perceber que a compreensão, a análise critica que se faz daquilo que esta sendo ensinado preenche os objetivos do individuo compreender melhor o que ele é, de onde veio, como se insere na sociedade e para onde

vai. Daí a importância de Kardec usar a **palavra sério**, para qualificar o tipo de estudo que deve vigorar no Espiritismo. Sério, tem, portanto, o sentido de real, de verdadeiro, que **merece ser considerado**.

Cumprindo-se esses dois requisitos iniciais, Kardec mostra que os objetivos do ensinamento espírita ficam mais fáceis de serem conquistados, a saber:

- 1) **manter permanente a unidade dos princípios que formam a Doutrina Espírita;**
- 2) **formar novos adeptos esclarecidos capazes de difundir com segurança as idéias espíritas;**
- 3) **desenvolver um grande número de médiuns conscientes capazes de bem conhecer os mecanismos físicos da mediunidade, o que ela é realmente, suas limitações e seus objetivos.**

PROPOSTA DE UM PARADIGMA EDUCACIONAL ESPÍRITA

Nossa experiência na área do ensino espírita, consubstanciada por mais de duas dezenas de anos ministrando aulas em diversas instituições de renome, na capital de São Paulo, mostrou-nos que cada uma delas se apóia em:

- 1) uma **visão particular do ensino**, função do nível de experiência educacional do dirigente espírita;
- 2) **falta de unidade educacional** entre as diferentes instituições espíritas, cada qual seguindo diretrizes próprias ou adaptadas as características particulares do estabelecimento;
- 3) **programas de ensino dos mais variados teores**;
- 4) **cargas horárias aleatórias**;
- 5) **compilações de textos** de livros de diferentes autores ou de um mesmo autor, mas cujo **enfoque não condiz com o objetivo do tema** que esta sendo discutido ou analisado, formando um emaranhado de informações sem começo, meio e fim;
- 6) **repetição decorada do texto**, nos moldes de divulgações de textos bíblicos, por pregadores de rua, ou do catecismo católico (lembre-se que catecismo é um livro elementar de instrução onde se prega os dogmas e preceitos religiosos), contendo interpretações pessoais equivocadas, exemplos irreais, misticismo, fantasias...

Para se acabar co esse tipo fé educacional na área do conhecimento espírita é preciso que se estabeleça uma diretriz de ensino e que os dirigentes espíritas se convençam da necessidade de se cultivar, em seus Centros Espíritas, a necessidade do ensino.

A maioria dos dirigentes de Centros Espíritas está preocupada com a mensagem deixada por Kardec, de que **“fora da caridade não há salvação”**, direcionando suas instituições para a área de filantropia, de assistência a velhice e a criança desamparada, a distribuição de cestas básicas de alimentação, de roupas de bebê para gestantes pobres, etc, etc. sem dúvida essas tarefas são dignas de louvor, **mas elas por si só, não ajudam a mudar as condições – comportamento - de vida desses carentes.**

O espírito é o ser inteligente do Universo e seu único objetivo de existência é desenvolver-se em inteligência e em moral, para se tornar à **imagem e semelhança** de Deus. E, o que fazer para desenvolver-se em inteligência? A resposta é simples: iniciar um processo de **educação gradativa**, lembrando que educação é o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral de uma pessoa. Assim sendo, pergunta-se: qual a maior caridade que se pode fazer ao ser humano? Resposta: educá-lo.

Desta forma, é preciso primeiro que o **dirigente espírita se conscientize** da necessidade de seu Centro Espírita **colocar a educação como meta principal das suas**

atividades, seguindo os ditames de Jesus de Nazaré: “**deve-se ensinar a pescar e não a dar o peixe pronto**”.

Se levarmos em conta que **caridade significa “o amor que move a vontade à busca afetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus”** e que o objetivo fundamental do Espiritismo é desenvolver nas pessoas o sentimento da necessidade de **mudar comportamentos para se crescer em inteligência e em moral**, a educação entra em primeiro lugar na escala de prioridades das caridades que devem ser praticadas a favor dos menos desenvolvidos ou circunstancialmente, menos favorecidos. O paradigma educacional espírita só pode estar assentado nas diretrizes deixadas por Allan Kardec, porque além de serem consistentes, foram colocadas em prática nos Centros e Instituições espíritas brasileiras.

Assim sendo, o IPECE, Instituto de Pesquisa e Ensino da Cultura Espírita, criado em 16.05.02, estabeleceu um padrão de ensino da cultura espírita, assentado na visão do “Mestre de Lyon”, que além de conhecedor da ciência da época era famoso pedagogo, tendo influenciado decididamente na reformulação do ensino efetuado pela Alemanha e Suíça.

As diretrizes vigentes no IPECE, sobre educação espírita, e que propomos seja considerado um paradigma para as demais instituições espíritas brasileiras, são:

- 1- Elaborar um programa de ensino que vise **diferenciar Doutrina Espírita de Filosofia Espírita**;
- 2- Ensinar os 156 princípios que se assentam a Doutrina Espírita, do ponto de vista científico, filosófico e religioso, simultaneamente, a única maneira de se compreender porque eles são considerados duradouros, não necessitando de mudanças, pelo menos enquanto as leis da ciência forem vigentes atualmente.
- 3- Separar o ensino informativo do ensino formativo;
- 4- Avaliar o grau de aprendizado de todos aqueles que se destinam ao exercício da atividade de expositores espíritas, como forma de manter a unidade de princípios para formar adeptos esclarecidos e desenvolver o gosto pelos estudos sérios. Guardando a devida proporção seria o estabelecimento de avaliações tipo ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio.
- 5- Desta forma, percebe-se a necessidade da manutenção de um paradigma educacional espírita, fundamental para a sobrevivência futura do Espiritismo, que proporciona condições ao não espírita de compreender a Doutrina, para que possa, dentro das suas possibilidades, acertá-la, pela lógica em que se assenta, tornando-se um espírita a mais. É preciso que o movimento espírita se organize para sobreviver, e para essa sobrevivência tornar-se importante à implantação de educação nos Centros Espíritas, para crianças, jovens, adultos e velhos, todos integrados numa só proposta de cooperação mútua e progresso coletivo, embora com objetivos distintos, separando-se informação e formação.

Integração: Mocidades e dirigentes espíritas podem conviver no mesmo espaço?

Irene Wenzel Gaviolle

INTRODUÇÃO

Dentre as várias atribuições dos dirigentes espíritas uma dela é a integração na instituição daqueles que estão dispostos ao engajamento nas tarefas cotidianas da Casa Espírita. Tarefa, que por sinal, exige bastante criatividade e discernimento, dada a heterogeneidade de idades, de aptidões, de conhecimento espírita etc., dos candidatos.

Há um grupo localizado de pessoas interessadas em maior espaço para o trabalho, as quais quase sempre já estão mais informadas quanto ao ensino espírita, já guardam uma proximidade com a causa, mas nem sempre são identificadas pelos dirigentes como aspirantes ao trabalho do bem. São os jovens espíritas.

É uma força latente de certa forma circunscrita no contexto do Centro Espírita, em determinado dia e horário, o das mocidades, sem sair para maior envolvimento com os demais freqüentadores, nem com as demais tarefas. De quando em quando participam de alguma campanha de angariação de agasalhos e alimentos, ou se apresentam nas festividades da Casa ou alguma peça musical. E só.

Os tempos são chegados e são outros. Desnecessário maior fundamentação dessa realidade.

Sem descuidar-se dos demais interessados em cerrar fileiras no trabalho do bem, se faz medida de urgência o melhor aproveitamento da força jovem dentro do Centro Espírita, direcionando-a para outras tarefas mais, tais como: trabalhos no passe, exposições doutrinárias, evangelização infantil, serviço social, freqüentar reuniões de diretoria para familiarização dos processos que envolvem a administração de um centro espírita entre outras. Entretanto, imperioso ser observadas as condições de cada um: a maturidade psicológica, o padrão comportamental, o conhecimento doutrinário e o conhecimento específico sobre o que se lhe pretenda de atuação, da sua vontade, e outros itens destacáveis.

Essa interação entre os trabalhadores de uma seara espírita, independentemente de idades, traz benefícios para todos. De um lado vemos os mais experientes que não dispõem mais de tanta força física para mais realizar, acomodando-se com o estado vigente das coisas; por outro lado, o vigor da juventude, querendo fazer, mas faltando-lhe por enquanto, saber o que e como fazer para melhorar o estado vigente das coisas, que, sem oportunidades, acaba se afastando da Casa Espírita.

Com a iniciativa de melhor aproveitamento de todos os aspirantes ao serviço do Cristo, certamente os jovens estarão tendo a oportunidade que necessitam para o seu trato espiritual, aplicando os seus conhecimentos espíritas, e os Centros Espíritas verão aumentados os seus contingentes de trabalhadores, com o vigor da força jovem.

Quem é o jovem? Quem é o dirigente espírita?

O espírito quando encarnado, sob as leis da matéria passa por quatro fases no seu processo reencarnatório, sendo: infância, juventude, maturidade e velhice. Essas fases têm suas idades limites fixadas, porém, não obedecem à regra geral.

A esperança da seara está na semente: a infância, época de ternura em que o espírito está mais acessível às impressões que recebe. A promessa dos frutos está contida na beleza das flores: a juventude. É a certeza dos frutos: a maturidade, época da colheita, plenitude, onde se realizam os grandes pensamentos, as grandes obras em que se vêem mais claro os conhecimentos e valores éticos fundamentais ao ser. A velhice, época que se observa à profundidade do infinito, pois é, na realidade o começo da desmaterialização.

O espírito assume em cada uma dessas fases, certos tipos de atitudes. E é na fase jovem que o Espírito retorna aos poucos à sua individualidade, que agora será o reflexo do que ele é, e mais as informações e formações que teve desde a infância até este momento.

A juventude vive em momento de conflito, uma dualidade, um período de medo pela falta de segurança, fascínio por liberdade, uma busca de si mesmo. Fazer parte do mundo jovem não é conflitar com o próprio mundo e sim ser caçador do eu, lutar por conhecer a si mesmo, pelo crescimento e formação. O que caracteriza a Mocidade é a opulência, a plenitude da vida, a superabundância das coisas, o impulso para o futuro. A necessidade de se amar, de se comunicar caracteriza esse período de vida em que a alma, novamente ligada a um corpo cujos elementos são novos e fortes, se sente capaz de empreender vasta carreira e promete a si mesma grandes esperanças.

Ser jovem não é cruzar os braços enquanto houver injustiças sociais e situações desumanas. É construir o homem e o mundo, é andar pela terra plantando sementes de estudo, trabalhando e testemunhando.

O dirigente espírita é aquele líder democrático que trabalha com a cooperação do grupo, que possui competência para a função, paciência, tolerância e honestidade de propósitos e que vivencia os postulados da Doutrina Espírita. O dirigente espírita deve adotar princípios de administração participativa, com respeito pelo indivíduo, criação da sensação de envolvimento do espírito de equipe, preocupação com treinamento e aperfeiçoamento, com procedimentos mais semelhantes à administração profissional e sem proteções. É ele, também, um espírito imortal, também em experiências retificadoras, com o seu passado de conquistas e fracassos espirituais, comprometido com o investimento do grupo ao qual participa. Entretanto, não há dúvida de que planejar, coordenar, treinar, delegar, motivar, avaliar são responsabilidades de todo dirigente espírita. Não deve ser esquecido que tudo isso só terá sentido se a Doutrina Espírita, a partir destas atitudes, puder ser estudada, divulgada e exemplificada mais e melhor.

Confronto de gerações

Há uma tendência do jovem em não aceitar a sabedoria dos antigos. Cada ser é uma realidade especial, que necessita vivenciar suas próprias aspirações, pois a experiência é uma conquista pessoal, que cada qual aprende com o próprio esforço, através de erros e insucessos que são corrigidos ao longo do tempo. Os modelos devem ser silenciosos, falando mais pelos exemplos, pelos valores comprovados e exercidos. Os mais velhos quando convivem com o jovem estão constantemente sob a acurada observação dos mesmos. O adolescente compara atitudes com as palavras, o comportamento cotidiano com os conteúdos filosóficos, não acreditando senão naquilo que é demonstrado e não somente o que é exposto pela palavra. Em razão disso, surgem os confrontos na casa espírita entre jovens e dirigentes espíritas que, muitas vezes, por atitudes autocráticas, deliberam ordens impedindo-se o questionamento e o trabalho em equipe.

Sabemos que o ser humano tem tendência natural de repetir experiências. Acontece que, entre uma geração e outra, há um tempo médio de 20 anos. Inconscientemente, muitos dirigentes espíritas, podem estar educando com base em cultura e valores sedimentados pelos próprios pais. Aí, poderá haver uma diferença de 40 a 50 anos. Entretanto, se há valores que são imutáveis, há outros valores de época. Não podemos perder de vista que a sociedade de hoje é muito diferente daquela de outras décadas. Daí a importância da reciclagem com informações educacionais e

espirituais, adequando-as à sociedade atual, evitando-se o isolamento dos dirigentes e das mocidades espíritas, cada um realizando o trabalho separadamente, sem consonância de propósitos.

Ser ou estar jovem

A juventude não é somente um estado biológico, atinente a determinada faixa etária. Mas também todo o período em que se pode amar e sentir, esperar e viver, construir e experimentar necessidades novas e edificantes. É jovem, todo aquele que aspira aos ideais de enobrecimento humano, esteja transitando por qualquer período existencial, mantendo a capacidade de realizar e realizar-se, produzir e multiplicar, de renovar e renovar-se, desfrutando largo prazo da juventude real.

A velhice se apresenta quando o indivíduo se considera inútil, quando experimenta o desprestígio da sociedade preconceituosa, que elaborou conceitos de vida em padrões torpemente materialistas. A ciência médica está a comprovar a cada instante que todos os períodos da vida são ricos em oportunidades para aprender, crescer e desenvolver a capacidade de fixação de valores humanos.

Nesse contexto, a mente é fator importante que gera energias incessantes, de forma positiva ou destrutiva, e, enquanto se pode pensar em auto-estima e confiança, os limites impostos pela idade desaparecem, para facilitarem a continuação da existência enriquecedora.

Liberdade e espaço aos jovens

Nós temos oportunidade de conhecer jovens maduros, pois demonstram esta maturidade na sua maneira de ver, pensar e lidar com as pessoas. Enxergam a vida como uma oportunidade valiosa para superarem os seus defeitos e também conseguem realizar ou colaborar para muitas realizações. O jovem demonstra sua maturidade também ao interpretar o sentido de liberdade. “A liberdade não é fazer tudo aquilo que a gente quer, é fazer aquilo que realmente nos liberta interiormente”. Se fizermos tudo aquilo que queremos, normalmente estaremos nos escravizando a uma série de mitos: o mito da independência precoce com relação à família, o mito da liberdade sem responsabilidade, o mito da alienação etc... e desta forma, ser pregoeiro da liberdade como um mito é viver de forma escravizante sem direito a liberdade e questionamento.

Importante também considerar que o jovem tem o espírito desbravador, sendo ativo e curioso, utiliza seu corpo, sua energia, enfim, todo o seu potencial para empurrar a sociedade para frente, exigindo mudanças e modificações. E em meio às suas investidas o jovem encontra uma grande fonte, a Doutrina Espírita, pois esta não é estática, e sim, busca incessante, o progresso permanente e a evolução constante.

Proposta da mocidade na formação do jovem

O objetivo fundamental da Mocidade Espírita é contribuir com o jovem na sua formação moral para que esta seja a diretriz segura sobre a qual ele construirá a sua vida e onde encontrará forças para enfrentar o mundo diante da realidade em que vive e caminha com seus próprios recursos, tornando-se um verdadeiro homem de bem.

Outro objetivo importante é preparar o jovem para assumir uma posição participativa dentro da Doutrina Espírita e do grupo em que se filia, para que através de seu dinamismo ele possa exteriorizar o Espiritismo de maneira atuante. Do exposto, importante salientar que o objetivo da Mocidade Espírita não é o de modificar o

comportamento ou personalidade do jovem, pois isto seria uma violência para com ele e para com o seu livre arbítrio. O que importa é que o jovem possa encontrar os elementos necessários para que, por sua própria vontade e esforço efetue mudanças.

Para que o jovem possa sentir-se seguro, capaz e integrado é necessário uma organização, um programa de estudos baseado nas obras de Kardec e um programa de atividades que visem a interação dele na Casa Espírita. O estudo, no entanto, deve possuir também uma certa flexibilidade e que permita a inclusão de temas atuais de interesse dos jovens e das atividades do movimento juvenil.

Para que se alcance os objetivos propostos é interessante que os facilitadores sejam os próprios jovens da mocidade. No entanto, é fundamental, que os dirigentes e responsáveis sejam convidados à colaboração junto à mocidade a fim de propiciar a integração entre todos. Quando convivemos com o outro, quando sabemos o que o outro faz, podemos avaliar as reais potencialidades do ser e inseri-lo na Casa Espírita de forma mais efetiva e participativa.

Dificuldades encontradas na integração Dirigentes Espíritas X mocidade

Importante aprofundarmos a análise das dificuldades de integração entre as mocidades e os dirigentes de centros. Para tanto vale ressaltar alguns tópicos:

- 1- Centralização por parte das lideranças tanto nos movimentos de mocidades quanto em relação aos dirigentes espíritas. Muitas vezes não há a distribuição das tarefas acarretando dispêndio excessivo de energia por parte de alguns, enquanto outros querem ajudar não sabendo como fazer.
- 2- Líderes que centralizam as informações não repassando o aprendizado e que acabam transformando a mocidade em um grupo fechado. Vivemos no mundo da informática e não se concebe mais a centralização das informações impedindo que o movimento espírita se expanda.

Desafios

Vários são os desafios a serem enfrentados tanto pelos jovens quanto pelos dirigentes espíritas. Importante é que se consiga mais espaço para que o jovem possa participar das atividades da casa espírita. Não é pequeno o número de reclamações da mocidade quando ressalta que só é solicitada pelo dirigente em dias de festividades a fim de que carregue cadeiras nos dias de eventos. O jovem contribui com a sua parcela, mas, solicita que se lhes deposite maior confiança no desempenho de outras tarefas do centro. Por que não prepararmos o jovem no estudo permitindo que ele faça palestras, dê passes ou mesmo participe de reuniões regionais, municipais e intermunicipais?

Ao jovem devemos dar atividades para que ele se exercite na prática, adquirindo paulatinamente a experiência que ainda não possui, além de adquirir a responsabilidade de levar até o fim a tarefa que lhe compete.

Tanto o adolescente como o jovem deve ter as portas do Centro Espírita abertas, sentindo-se querido e bem vindo para que se sinta confiante à frente do Espiritismo, que lhe alarga os horizontes e lhe dá sentido para a existência.

Um dos desafios para dirigentes e líderes da própria mocidade espírita é fazer com que mais jovens adentrem ao movimento. É necessário repensarmos a linguagem adequada a ser utilizada ao jovem, pois este é um questionador, sendo que místicas e rituais não possuem aceitação no meio da juventude. Aulas criativas, com conteúdo, utilização de recursos áudio visuais, filmes da atualidade, discussões abertas, dinâmicas de grupo atraem a participação do jovem e promovem o crescimento de todos.

Promover renovações também é um dos desafios e é salutar em todos os processos onde haja estagnação. A renovação é sempre ideal e há momentos em que é indispensável.

A fim de atrair a participação do jovem no movimento espírita propõe-se a elaboração de cartazes dirigidos aos pais e também para que incentivem a juventude a participar do movimento. Da mesma forma pode-se elaborar cartazes chamativos com slogans que mobilizem a atenção do jovem tais como: "Juventude aqui é o seu lugar aqui você faz acontecer" etc.

Pode-se citar também outros atrativos que cativam a participação do jovem tais como: movimentos na música, nas artes, teatro, passeios ecológicos com fins específicos de aprendizado etc.

Propostas de trabalho visando a integração mocidades e dirigentes espíritas

1. Organizar seminários nas várias regiões do Estado tendo como público alvo o dirigente espírita, a fim de que haja uma conscientização da importância que o jovem dê continuidade ao trabalho espírita, pois todos sabemos que um dia deveremos entregar a tarefa a outros que tenham mais energia e dinamismo, pois também fomos jovens um dia.
2. Nas reuniões regionais que se discuta a questão abrindo-se fóruns específicos entre jovens e dirigentes.
3. Permitir que o jovem divulgue suas atividades, confraternizações, visitas a outras entidades a fim de promover maior integração e despertar a curiosidade para que outros participem do movimento.
4. Cabe também ao jovem que já participa da Doutrina Espírita atender aos chamados dos dirigentes, atuar com responsabilidade na execução das tarefas respeitando os dias e horários pré-determinados. Lembremos que a confiança se estabelece quando cumprimos o trabalho a que nos propusemos.

Conclusão

Sabemos que na atualidade devido ainda às nossas imperfeições todos queremos ser ouvidos e atendidos em nossas necessidades. E que, no mundo atual todos acreditam estar com a posse da razão. No entanto, sabemos que a verdade tem somente 3 faces: a primeira como você a vê, a segunda, como eu a vejo e a terceira, a verdadeira. Diante da verdade perguntemos sempre... No lugar do outro como eu faria? Como resolveria um problema? Certamente encontraremos as respostas para a verdade em nós mesmos. Saibamos ouvir, pois o tempo atenua a resistência natural do ser humano.

A Doutrina Espírita possui um campo vasto de trabalho em que há lugar para todos que estejam dispostos ao trabalho sincero e fraternal. A sociedade atual passa por inúmeros problemas, pede socorro e não podemos mais ficar enclausurados em nosso saber, no pequeno mundinho de uma casa espírita. Abramos as portas desta Doutrina para que ela possa chegar a todos os cantos, basta somente possuir estudo, dinamismo, disposição para o trabalho e divulgação da mensagem do grande educador de todos os tempos... Jesus.

Diante de todas as colocações acima acreditamos que se faz urgente a integração dos dirigentes espíritas com as mocidades e que ambos podem conviver no mesmo espaço, aprendendo com as experiências de ambos os lados, pois somos espíritos eternos e se estamos colocados no meio de um grupo isto não se faz ao acaso mas por escolhas próprias de cada espírito.

Bibliografia

- CARVALHO, Antonio César Perri de. Espiritismo e modernidade. São Paulo, Edições USE, 1996.
- FRANCO, Divaldo Pereira. Adolescência e vida. Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1997.
- KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. São Paulo, Edições FEESP, 1982.
- LEVISKY, David Leo. Adolescência: reflexões psicanalíticas. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.
- MATERIAL ADAPTADO PELO DM/USE. Importância da mocidade espírita para o movimento espírita. São Paulo, 2000.

A importância do conteúdo doutrinário na palestra espírita e a responsabilidade do expositor na difusão do Espiritismo

Norberto Gavioli

Objetivo

Trazer à reflexão a falta de preparo de grande parte dos expositores das casas espíritas, ao fazerem as palestras de baixo nível esclarecedor. Não jogar ao mentor, a responsabilidade para resolver os problemas existenciais de cada um de nós.

Não falar da lei de causa e efeito, como um fato determinista, de maneira tal que, se um indivíduo perdeu um braço é porque na encarnação anterior, ele amputou o braço de alguém, e agora tem que pagar por isto.

Este tipo de discurso, abordando os tópicos acima, tem afugentado grande número de pessoas, mais esclarecidas, das casas espíritas, e isto deve ser evitado. Mostrar que a palestra se for bem feita contribuirá para esclarecer os frequentadores sobre a realidade espiritual, além de levar o consolo com a mensagem cristã através da conscientização.

A palestra é a ferramenta que o expositor tem para expor um pensamento, uma idéia, ao público. Por isso, ele tem que estar preparado, não só com as técnicas de comunicação, mas acima de tudo conhecer bem o espiritismo; que tem sua sustentação no triplice aspecto: ciência, filosofia e religião.

Proposições a partir da experiência bem sucedidas dos expositores do IPECE.

Desenvolvimento

O desenvolvimento do trabalho será feito através da análise de cada um dos objetivos, focando a atual situação, para no final embasar as proposições para a melhoria da comunicação no espiritismo.

Trazer à reflexão a falta de preparo de grande parte dos expositores das casas espíritas, ao fazerem as palestras de baixo nível esclarecedor.

O que se tem visto em grande número de palestras é que o expositor, ao falar sobre o tema, simplesmente lê ou repete o conteúdo do livro de onde o tema foi retirado, substituindo algumas palavras por sinônimos deixando o discurso mais bonito, mas sem entrar no fundo do tema, ou seja, na idéia central, no conceito expresso pelo pensamento do autor. - Grande número de expositores fica contando historinhas particulares pouco edificantes. - Outros muitas vezes fogem do tema. - Fazem a palestra sem dar exemplos das coisas do dia-a-dia, dando a impressão que a mensagem central, seja algo inatingível, pois parte da platéia não consegue fazer correlações entre o tema e o seu dia-a-dia. - Nas palestras deixam de focar a importância de se esclarecer os ouvintes, de levá-los a refletir sobre o assunto, de fazer com que eles pensem sobre a idéia central. - Descuram de que a platéia é heterogênea, e que nela pode ter pessoas com especialização de conhecimento no tema abordado, e se o expositor não tiver domínio sobre o assunto poderá ser questionado sobre alguma colocação mal posta.

Não jogar ao mentor, a responsabilidade para resolver os problemas existenciais de cada um de nós.

Como a maioria dos frequentadores de casas espíritas é proveniente do catolicismo, trazem dentro de si, a fé cega no seu "anjo de guarda, no santo", como se eles resolvessem todos os problemas através dos milagres. - Os expositores continuam a difundir esta prática, só que trocaram o "anjo de guarda e o santo" pelo mentor, com isto induzem a platéia a transferir a responsabilidade dos insucessos ao mentor. - Muitos dirigentes de trabalhos e frequentadores nem se quer ousam questionar as mensagens recebidas dos Espíritos chamados de "mentores" que se manifestam nas suas casas, e cumprem as suas determinações cegamente, sem passar pelo crivo da razão, esta atitude tem levado a criação de ritos e mitos desnecessários dentro do espiritismo.

Não falar da lei de causa e efeito, como um fato determinista, de maneira tal que, se um indivíduo perdeu um braço é porque na encarnação anterior, ele amputou o braço de alguém, e agora tem que pagar por isto.

O que se tem visto é um grande número de palestras com um discurso baseado na barganha punitiva, ou seja, você tem que sofrer agora para ser feliz futuramente. - Na maioria dos discursos nas casas espíritas é enfatizada a necessidade do pagar a pena agora, para ser feliz na outra encarnação. - Dentro desta linha de pensamento sofredor, característico dos espíritas, os tem levado a se contentar com a miséria (haja vista o grande número de casas que tem esta palavra, ou seus sinônimos, como parte do seu nome), com as coisas feitas de forma simplória "para não dizer mal feita", dentro do sofrimento libertador num futuro imprevisível. - Outro grupo de expositores fala nos "bônus hora", como se o trabalho de duas horas semanais na casa espírita fosse suficiente para transformar-nos em Espíritos Angélicos, após o nosso desencarne. - Grande número de expositores se coloca como verdadeiros juizes, justificando as vicissitudes, como algo normal, como que se não houvesse a faculdade livre arbitrio, esquecendo-se que o mentor por respeitá-la não interfere na nossa vida, cabendo a nós a responsabilidade pelos nossos êxitos e fracassos.

Este tipo de discurso, abordando os tópicos acima, tem afugentado grande número de pessoas, mais esclarecidas, das casas espíritas, e isto deve ser evitado.

Muitos dos novos frequentadores das casas espíritas, por terem nível de escolaridade mais elevado do que as atuais bases de sustentação do movimento espíritas, não se contentam com historinhas para explicar os fenômenos espirituais. - Poucos são os expositores que tem conhecimento científico e filosófico para discutir estes aspectos dentro da casa espírita. - Muitos expositores ainda enfocam o aspecto

religião como algo sobrenatural. - Raros são aqueles expositores que conseguem dar as explicações condizentes com as idéias contidas na Doutrina Espírita, confundindo-a como Filosofia Espírita. - Poucos se referem aos fenômenos espirituais como algo que sempre existiu entre os humanos, e que não é privilégio dos espíritas. - Muitos dão a conotação de que somente os espíritas é que terão as benesses divinas. - Outros dão ênfase aos trabalhos caritativos dos espíritas, como meio de abreviar as penas, esquecendo-se que ser caridoso é obrigação moral de qualquer indivíduo, independente de professar qualquer seita.

Mostrar que a palestra se for bem feita contribuirá para esclarecer os freqüentadores sobre a realidade espiritual, além de levar o consolo com a mensagem cristã através da conscientização.

A palestra quando bem elaborada deve mostrar que o imediatismo na resolução dos problemas existenciais, não ocorre, mas a forma de se dizer isto, depende da habilidade do expositor. - Na palestra é importante mostrar que o Espírito faz parte das leis naturais, não sendo algo que se deve temer, mas sim compreender. - Numa palestra cujo tema seja embasado numa passagem evangélica, o conteúdo deve ser exposto de maneira a correlacioná-lo com os fatos cotidianos. - O consolo que todos buscam, deve ser exposto de forma a motivar a platéia a refletir que os dissabores só serão sanados, se houver conscientização.

A palestra é a ferramenta que o expositor tem para expor um pensamento, uma idéia, ao público. Por isso, ele tem que estar preparado, não só com as técnicas de comunicação, mas acima de tudo conhecer bem o espiritismo; que tem sua sustentação no triplice aspecto: ciência, filosofia e religião.

A palestra ou exposição espírita pertence ao campo da comunicação e deve ser cultivada pela prática para se buscar a perfeição. - O expositor tem que estar preparado tecnicamente tanto para expor o fundo, como a forma que utilizará para atingir o intento. - A essência do fundo é ter o conhecimento do que é o espiritismo, nunca deixando de abordá-lo no seu triplice aspecto, ciência, filosofia e religião, caso contrário a exposição ficará desequilibrada. - É importante o expositor saber que o Espiritismo é composto por Doutrina e Filosofia, sendo que a Doutrina é a base ou os conceitos, para se fundamentar a filosofia. - O expositor deve lembrar que os iniciadores do Espiritismo eram pessoas de grande conhecimento intelectual, e que ele está na posição de continuador daqueles intelectuais, na tarefa da divulgação espírita.

Proposições

As proposições estão baseadas na experiência das exposições feitas pelos integrantes do IPECE – Instituto de Pesquisa e Ensino da Cultura Espírita, cujas palestras são bem aceitas, pela grande maioria dos freqüentadores das casas espíritas, uma vez que, ao elaborarem a palestra, sobre qualquer tema, sempre a embasam nos três aspectos, científico, filosófico e religioso, e ao fazerem citações das passagens evangélicas mostram como estas se enquadram nas leis naturais eliminando as fantasias, os misticismos e o sobrenatural.

A Comunicação

A comunicação é enfocada pelos seus dois aspectos, o verbal e o não verbal. Verbal aquele exteriorizado pelo som, e não verbal aquele não exteriorizado pela fala, mas pelas imagens que estamos produzindo. - São observados os quatro elementos básicos do processo de comunicação: Emissor, Receptor, Mensagem e o Canal. O

Emissor é aquele quem diz. O Receptor é aquele a quem se diz. A Mensagem é o que se diz. O Canal é de que forma se diz, devendo esta obedecer a dois critérios: ser dominado pelo emissor, e estar adequado à mensagem que vai transmitir. - Durante o processo de comunicação dá-se importância aos ruídos, que são as interferências, que influem na eficácia do processo de comunicação. - Nas palestras são explorados os três processos representacionais que são as respostas dos nossos órgãos dos sentidos que classificam os receptores como: Visuais, Auditivos e Sinestésicos. Visuais, são aqueles que visualizam as coisas para compreendê-las – ao comprar um sofá já o visualiza como vai ficar na sala. Auditivos, são aqueles que ao comprar um sofá querem saber das especificações. Sinestésicos, são aqueles que vão querer sentar no sofá ao fazer a compra. - Nas palestras procuramos melhorar a comunicação seguindo as recomendações:

Saber quanto, quando e como falar, para não saturar o público. - Ser sintético falando pouco e dizendo muito. - Ter amplo o vocabulário. - Olhar com naturalidade – Falando para todos – Não se deixar envolver pela expressão do público – Não fixar o olhar em apenas uma pessoa. - Preparar-se para falar em público – Improvisado só se for desinibido e dominar o assunto. - O material adequado ao tema. - Evitar distribuir material impresso durante a exposição – Dispersa a atenção do público. - Articular bem as palavras – Pronunciando os “R” e “S” finais. - Variar o tom de voz e procurar adquirir ritmo alternando a velocidade da fala. - Modular a Voz. - Entusiasmo e Vibração evitam a monotonia. - Evitar vícios de linguagem – cacófono, eco, pleonasma, barbarismo.

A Exposição ou Palestra

Na exposição tem-se como finalidade: informar, esclarecer, conscientizar, consolar e divulgar. - A exposição é estruturada no Fundo e na Forma. - O “Fundo” refere-se ao conteúdo: idéias, conceitos, pensamentos, moral, filosofia; é a parte intelectual e espiritual da exposição. Especial atenção é dada ao conhecimento do espiritismo, sempre alicerçado no triplice aspecto, ciência, filosofia e religião. - Cuidado especial é tomado nas afirmações e colocações, sempre fundamentadas nos cinco livros da codificação, O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, mais Obras Póstumas. - A “Forma” refere-se ao modo de expor o tema. É a maneira que cada qual tem de expressar as idéias, construir as frases, colocar as palavras, subdividir o assunto em partes. - Ao se falar do aspecto científico onde se fundamentam os fenômenos espirituais, por ser um assunto pouco conhecido pela maioria dos frequentadores das casas espíritas, muitos não aceitam de imediato as colocações, para tanto se busca usar uma linguagem acessível ao público leigo, a fim de tornar o tema atrativo e instigante. - O mesmo se aplica ao aspecto filosófico. - Por outro lado o aspecto religioso é enfocado de tal forma a mudar a imagem do sobrenatural, ainda enraizada nas reminiscências das outras religiões. - O modelo para melhor fixar os ensinamentos morais, é o Jesus e suas parábolas.

O Expositor

O expositor é o comunicador da Doutrina, o divulgador dos seus postulados. É o instrumento humano utilizado de forma consciente para a multiplicação da mensagem cristã. - Cabe ao Expositor Espírita o domínio do conteúdo e o conhecimento de si mesmo, percebendo suas limitações e as características de sua personalidade, uma vez

que deverá utilizá-las no desempenho de sua função. - O Expositor consciente sabe o que faz ou o que pretende que seus ouvintes façam; tem um ponto de partida claro, bem como um ponto de chegada definido; pretende que seus ouvintes desenvolvam o aprendizado, que se tornem possuidores do saber, indo além da simples memória de repetição, tornando-se capazes de manipulação dos dados armazenados na memória, em processos de composição, decomposição, recomposição e transferência de informações. - Tudo o que é veiculado em sala de aula, palestras é mais do que pura informação, pois tem valor formativo e corre o risco de transformar-se em "deformação". Daí a necessidade de que VERDADE e HONESTIDADE sejam o fundamento do diálogo do expositor espírita. - Pontos Básicos para desempenhar as funções de Expositor Espírita:

Ter interesse, dedicação e respeito, sobretudo amor pela tarefa. Ninguém poderá desempenhar bem essa tarefa se não amá-la.

Estudar constantemente necessitando ler, analisar, estudar, expandir e aprofundar-se nos assuntos doutrinários, participando do Movimento Espírita, a fim de atualizar-se e adquirir novos conhecimentos. Livros, jornais, revistas, mensagens e, principalmente, as obras básicas de Allan Kardec, devem ser companheiras inseparáveis do Expositor Espírita.

O expositor deve apoiar-se no exercício constante da comunicação, isto é, conversar bastante para exercitar o vocabulário. Não pode ser introvertido e fechado. - Ter elevação de sentimento. (Não basta conhecer, é importante sentir profundamente). É preciso adquirir sensibilidade ou habilidade para entender a reação dos ouvintes e adaptar o conteúdo da mensagem ao interesse da platéia. Enquanto expõe as idéias verá as que produzem maior efeito.

Inspiração: é a forma como o orador cria e produz seu trabalho, sabendo modifica-lo de acordo com as circunstâncias que o cercam ao sabor das emoções emanadas do ambiente, adequando-as no momento. - Criatividade: assemelha-se em muitos pontos à inspiração. Criar é esforçar-se para sair do lugar comum, usar a imaginação para criar caminhos novos e desconhecidos, para despertar os ouvintes, levando em conta a disposição emocional e intelectual do auditório. O expositor não é um robô cujos movimentos e ações sejam totalmente programados.

Espírito de Aprendizagem. Aprender como se aprende também é tarefa do Expositor.

Entusiasmo: é ele que leva o êxito em qualquer atividade, capaz de superar todas as adversidades. O expositor que se apresentar frio, insensível, apático, provocará o desinteresse dos ouvintes, porque ele mesmo parecerá desinteressado daquilo que fala. O entusiasmo é o combustível da expressão verbal.

Determinação: ao procurar aperfeiçoar-se o orador deparará com situações às vezes desanimadoras, que provocarão dúvidas e incertezas quanto às suas reais possibilidades na arte de falar. Se nesse momento ele fraquejar, ceder à impressão de impotência, o fracasso virá num turbilhão de justificativas e desculpas que aparecerão. Sempre estudar, melhorar, desenvolver, para ultrapassar estes obstáculos.

Observação: todos os detalhes, indistintamente, desde os mais simples até os mais complexos são importantes. É preciso que o orador esteja atento às coisas que o cercam, observando o comportamento das pessoas, a beleza das coisas, cores, etc. Um espírito observador pode registrar imagens e utilizá-las no momento adequado. Quem passa pela vida e não "vê" não pode contar o que não registrou e empobrece a própria vida.

Teatralização: o orador deve transmitir no falar e no agir as emoções de que fala. Não dá para falar de tristezas com ar de felicidade e alegria.

Síntese: é uma característica difícil que precisa ser perseguida com empenho. Dizer objetivamente o que for preciso, sem exceder os limites do tempo desejado. Uma boa sinopse facilitará bem a delimitação do assunto, seu desenvolvimento e conclusão. A capacidade de síntese não está ligada exclusivamente ao tempo da fala. Seu conceito é mais abrangente que a supervisão do relógio e está relacionado com a importância dos aspectos desenvolvidos em cada assunto e com o objetivo a ser atingido. Não adianta parar de falar porque o tempo acabou, se com isso estivermos cortando importantes informações relativas ao trabalho.

Memória: é sempre de grande utilidade na composição e apresentação do trabalho, mas embora seu valor inquestionável, não se pode confiar totalmente em seu auxílio, sendo interessante recorrer aos diversos recursos didáticos e pedagógicos disponíveis para enriquecer a palestra ou aula.

Senso de autocrítica.

Simplicidade e sobriedade. Auto Controle.

Dedicação à atividade espírita (possuir espírito de serviço à causa e aos companheiros).

Capacidade de Comunicação.

Organização e Método de Trabalho.

Pontualidade e Exemplo.

Apresentar-se trajado adequadamente.

Usar jóias de forma moderada.

Recomendável ficar em pé. Movimentar-se durante a exposição, ser comedido.

A meta a ser alcançada.

Compreensão da vida e dos problemas humanos.

Estilo Próprio. Cada expositor deve buscar o seu próprio estilo. É aconselhável não imitar outros expositores e oradores.

O preparo espiritual do Expositor Espírita é necessário principalmente no campo da exposição e da oratória, pois não devemos aguardar que os espíritos realizem as nossas tarefas. O que eles fazem, sem dúvida, é dar-nos a assistência constante para que a exposição possa ser realizada. Conviria, desta forma, observar de maneira persistente dois fatores de relevante importância: A busca constante da reforma íntima; o adequado comportamento moral dentro das observações éticas da Doutrina Espírita.

Recomendável ao expositor espírita que viva, no campo mental e na vida comum, os exemplos que recomenda em suas palestras. Esta atitude de falar e agir cria, muito mais rapidamente do que se imagina, um ambiente íntimo de extraordinária importância para o processo de desenvolvimento dos que o ouvem.

O Planejamento da Palestra

Planejamento Instrucional é: “previsão inteligente e bem calculada de todas as etapas do processo ensino-aprendizagem que envolve as atividades do instrutor e do treinando, e o provimento de todos os recursos necessários, de modo a tornar o processo seguro, econômico e eficaz”.

Implica, basicamente, decidir sobre: O que fazer. Como fazer. Como verificar se o que pretendemos foi atingido.

Etapas para elaboração da palestra:

Escolha do Tema, de preferência, um tema dentre os assuntos que você conhece.

Busca das Fontes, estude-o buscando diversas fontes. Faça apontamentos à parte sobre o assunto em si: o que representa para a humanidade nos dias de hoje; o que ele propõe ao ser humano. Anote as citações que podem ser utilizadas dos autores que estudaram o assunto.

Faça esquema, para isso; tenha em mente que a Doutrina Espírita é o resultado do trabalho incansável de Kardec e dos Espíritos, sendo que a base para a Exposição Espírita é a obra de Kardec.

Outros autores podem e devem ser inseridos desde que sejam compatíveis com a codificação Kardequiana. - Lembrar sempre do tríptico aspecto da doutrina, conforme o assunto este deve ser abordado sobre estes três aspectos.

Medita sobre o tema; analise-o, converse sobre ele; consulte livros, jornais, dicionário.

Registre (em frases curtíssimas) as idéias que forem chegando.

Selecione as idéias, ponha-as em ordem, selecionando-as, relacionando-as.

Recursos para nascer idéias indagando: Como? Por Que? Quem? Para Quem? Quando? Onde? Para que? Para que serve? Use estas respostas para compor o material da exposição.

Pormenorização: Passe das idéias gerais para as particulares. Analise-as aplicando o recurso da indagação.

Faça comparações: Mostre os contrastes, as oposições entre os vários aspectos, argumentos e idéias.

Exemplificação: Cite casos, fatos, justificativas, exemplos. -Adjetivação: Mostre as qualidades e os defeitos através dos adjetivos.

Itens do Esquema:

Data e o local da palestra. - Tema a ser desenvolvido. - Fonte básica. - Citações subsidiárias (fontes de aceitação geral). - Argumentação (mensagem, idéia, pensamento, etc.).

Conhecer o público alvo verificando suas características culturais, religiosas, financeiras, e desta forma elaborar uma mensagem para que este público possa compreender. Lembrar a heterogeneidade do público espírita nestes aspectos, principalmente nos cursos de introdução à Doutrina Espírita cuja platéia é constituída de pessoas que vieram das outras religiões.

Determinação dos Objetivos:

Sempre que nos propomos a multiplicar conhecimentos, esperamos promover modificações de comportamento nos alunos a nós confiados. Estas modificações devem ser previstas pelo expositor a fim de estabelecer os níveis de desempenho que o aluno vai ser capaz de apresentar. - Os objetivos são norteadores da seleção de todos os demais elementos do processo instrucional. Podemos identificar alguns objetivos: - Auto-Conhecimento. - Conhecimento do Universo e das leis que o regem. - Conhecimento da Doutrina em seu Tríptico Aspecto. - Conhecimento do Mundo Espiritual e suas relações com o Mundo Material.

Seleção e Organização de Conteúdos.

Conteúdo é um conjunto estruturado de conhecimentos. O Conteúdo é determinado a partir de objetivos propostos, isto é, ao se definir o conteúdo de um

curso ou aula, deve-se obedecer a critérios orientadores para se atingir os objetivos. Houve tempo em que os conteúdos eram considerados imutáveis, entretanto, hoje, os estudos mais avançados provaram que: os objetivos são o ponto de partida e os conteúdos, instrumentos que levam a atingir os objetivos.

Recursos Didáticos são instrumentos auxiliares do processo de ensino-aprendizagem, utilizados pelo expositor para facilitar a compreensão da mensagem que está sendo transmitida, tornando-a mais significativa.

Quadro de escrever. - Flip Chart, transparências, apresentações eletrônicas.

Avaliação é um processo sistemático, contínuo e integral para determinar a extensão em que os objetivos são alcançados, e é responsável pelo controle de qualidade do processo ensino/aprendizagem. É a partir dela, contínua e fiel, que o expositor pode reforçar, enriquecer, repetir ou graduar seus conteúdos trabalhados.

Resumo dos passos para preparação da palestra / exposição / aula.

Delimitação do Assunto. Caracterização do Público Alvo. Duração da Palestra / Aula. Levantamento dos Objetivos a serem atingidos. Levantamento Bibliográfico. Leitura da Bibliografia (Grifando e Anotando). Escolha do Procedimento Didático. Elaboração do Conteúdo (Início, Meio e Fim). Seleção do Material Didático. Determinação do Instrumento de Avaliação.

Conclusões

O Espiritismo para continuar a crescer, de forma sadia, sem dogmas nem misticismos ou rituais, cumprindo os objetivos determinados pelos Espíritos que nos trouxeram a Codificação, necessita de divulgadores cômicos dos seus deveres, como continuadores de Kardec.

Esta continuidade tem que levar em conta a idéia do próprio Codificador expressa em "Obras Póstumas" no Projeto - 1868, cujos trechos aqui transcrevemos:

"Um dos maiores obstáculos que podem enterrar a propagação da Doutrina, seria a falta de humildade; o único meio de evita-la, senão para o presente, pelo menos para o futuro, é formulá-la em todas as partes, e até nos mais minuciosos detalhes, com tanto de precisão e de clareza, que toda interpretação divergente seja impossível".

A clareza e precisão dependem do grau de aprofundamento e a dedicação do expositor ao estudar determinado item, para que não haja interpretações equivocadas, pelo público que ouvem as palestras.

"Um curso regular de Espiritismo seria professado com o objetivo de desenvolver os princípios da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos capazes de difundir as idéias espíritas, e desenvolver um grande número de médiuns. Eu olho esse curso como podendo exercer uma influência capital sobre o futuro do Espiritismo, e sobre as suas conseqüências".

Mais uma vez é realçada a responsabilidade dos expositores, pois está na mão deles a ferramenta para por em prática os desejos de Kardec.

Bibliografia:

GAGNÉ, Robert M. Principios essenciais da aprendizagem para o ensino. Porto Alegre, Editora Globo, 1980.

KARDEC, Allan. Obras póstumas. Araras, IDE, 1993.

MANUAL DO EXPOSITOR ESPÍRITA. São Paulo, USE Regional São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Alkindar de. Curso de comunicação verbal.

POLITO, Reinaldo. Gestos e postura para falar melhor. São Paulo, Saraiva, s.d.
SUBSÍDIOS A ORGANIZAÇÃO DE UM CURSO DE EXPOSITORES DA DOUTINA
ESPÍRITA. Brasília, FEB, 1998.
TREINAMENTO PARA EXPOSITORES. São Paulo, Edições FEESP, 1993.

Educação e identidade espírita: um binômio que precisa ser desenvolvido em conjunto

Paulo de Oliveira

Partindo-se do princípio que o espiritismo no seu aspecto filosófico é cristão, torna-se importantíssimo perceber que as últimas palavras de Jesus alteram substancialmente o conceito que os cristãos apresentam como sendo a essência do ensinamento do Mestre. Jesus disse: "Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não as podeis compreender agora. Quando, pois vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá no caminho da verdade integral..." (Jô 16.12,13). Essas palavras indicam que as coisas deveriam ser repensadas a partir de um acontecimento futuro. É inadmissível então, que os espíritas mantenham os mesmos conceitos a respeito das palavras de Jesus após o trabalho de Allan Kardec quando o têm como sendo o paraclete prometido.

Se os espíritas tivessem dado a devida importância aos escritos de Kardec, os ensinamentos de Jesus não teriam continuado sendo abordados apenas dentro do enfoque moral e sim com base na Filosofia e na Ciência, de forma que, a evolução moral se desenvolvesse no estudante de espiritismo, como um reflexo natural despertado em consequência do conhecimento. Esta é a lógica que se observa na hierarquia espírita abordada por Kardec no Livro dos Espíritos, porque antes de atingirem a categoria de Angélicos os espíritos passam pela de Sábios; isto mostra que o espiritismo não admite evolução se a fé não for racional, o que só poderá ocorrer através do estudo. Jesus quando fez referência a uma verdade integral, deixou claro que uma evolução sem base sólida não é evolução, pois se fragmenta rapidamente. Isso é o que fazem as religiões, pregam o que deve ser feito, mas não justificam o porquê. Dizem que é para se ligar a Deus, mas o Deus delas não é a Inteligência Suprema e causa primeira, pois com o Deus delas, o sangue de Jesus já resolveu tudo. Por isso apelam para dogmas tentando unir os fragmentos. Com isso, os espíritas continuam como os demais cristãos, partem da moral e tentam enquadrar os ensinamentos de Jesus, conceituando as palavras que foram usadas num contexto simbólico, sem o critério que a filosofia e a ciência indicam como hipóteses possíveis de serem confirmadas. Portanto todas as referências que dariam ao espiritismo a sua real identidade continuam não sendo observadas.

Constata-se então que quando o assunto tratado é evangélico, os espíritas repetem os mesmos conceitos das religiões cristãs, apenas incluindo reencarnação e mediunismo. Não deixam de se assemelhar à catequese.

Quando o aspecto é doutrinário, o problema se agrava porque não é comum encontrarmos espíritas que dominam o conhecimento da Doutrina Espírita. Unindo-se os aspectos evangélicos e doutrinários tornam-se enormes os desentendimentos entre os espíritas que atuam na área de ensino. Se entre os próprios espíritas não há entendimento, como seria possível pretender que o espiritismo tivesse marcado sua identidade. Lembramos que identidade é o conjunto de características que diferenciam uma coisa de outra semelhante. Quanta coisa é citada como de natureza espírita que nada tem a ver com aquilo que Kardec procurou ensinar? Quantos termos são habitualmente usados pelos espíritas que, não pertencem ao vocabulário espírita? Se isso é comum, não podemos deixar de reconhecer que não existe identidade espírita. Como esse foi um tema proposto para discussão no 12º Congresso, o importante é analisar qual a fonte do problema, e sugerir meios para corrigir o processo. Pois assim como ocorreu o esvaziamento do espiritismo na França, o mesmo está acontecendo no Brasil, pois é só verificar que, de acordo com dados do IBEGEE, o número de espíritas vem decrescendo ao longo dos anos, ao passo que a população brasileira cresce acentuadamente.

Por isso parece-nos de fundamental importância mudar o enfoque do ensino espírita, visando a consolidação da sua identidade. Isso será possível resgatando-se as bases que Kardec concebeu ao codificar a Doutrina Espírita. Lembremos que doutrina significa o conjunto de princípios assentados na ciência e que dão sustentação a um sistema, no caso, filosófico e religioso. Por isso, se os princípios ficarem bem definidos a identidade será consequência natural. A fonte do problema, por mais absurdo que possa parecer, surgiu com a tradução do Livro dos Espíritos editado em 1860.

A Doutrina apresenta as diferenças que uma filosofia tem com relação a outras semelhantes. Filosofia não diferencia, pois é estudo e não postulado básico. Os espíritas iniciaram e continuam estudando filosofia sem saber claramente o que estão estudando. Filosofia muito resumidamente é o estudo que visa ampliar o conhecimento incessantemente. Os espíritas estão tentando ampliar algo que não sabem bem o que é. Não conhecem a Doutrina. Como sugerimos, tudo começou com a tradução do Livro dos Espíritos.

A primeira edição do Livro dos Espíritos, de 1857, no seu original francês, nas páginas do lado direito tem grafado na parte superior ao texto o título do livro: Livro dos Espíritos, e do lado direito à informação do que se trata, Filosofia Espiritualista. Na tradução para o português continuou de um lado Livro dos Espíritos e do outro alteram colocando o nome do autor. Como os estudiosos do espiritismo não observaram que isso não era um simples detalhe, iniciaram o estudo pela segunda edição do O Livro dos Espíritos que é um livro filosófico. Sendo filosófico tem por objetivo fornecer elementos para a ampliação do conhecimento de algo, que é justamente o conjunto de princípios que formam a Doutrina Espírita. A base é a Doutrina. São os postulados básicos, permanentes e eles são que limitam as diferenças do espiritismo com relação a outras filosofias. É a Doutrina Espírita que marca a Identidade.

Para constatar se a hipótese é verdadeira pergunte-se aos espíritas que militam na área de ensino: onde está escrita a Doutrina Espírita? A Doutrina Espírita é composta de quantos princípios? Quem escreveu a Doutrina Espírita? Como a Doutrina Espírita foi escrita? Qual a importância de se diferenciar muito bem o que é Doutrina do que é Filosofia?

O conhecimento disso é fundamental, pois se não for muito sólido da margem a confusão e quando fica confuso não existe Identidade. Vejam: os espíritas desaprenderam espiritismo estudando o Livro dos Espíritos. Se tivessem assimilado a forma como Kardec executou seu trabalho perceberiam que aí já se iniciava o

ensinamento. Muitos citam Kardec e conhecem a sua biografia, mas quantos tentam imitá-lo no seu critério metódico, sem entusiasmo e analisam tudo para dar diretriz ao que fazem? Se tivessem percebido que os livros: Dos Espíritos, Dos Médiuns, Evangelho Segundo Espiritismo, O Céu e o Inferno e a Gênese são todos livros filosóficos, se perguntariam, tem por objetivo levar a ampliação do conhecimento do quê? Se concluíssem com exatidão chegariam à conclusão que se tratava de ampliar o conhecimento da Doutrina Espírita - na época ainda espiritualista - se continuassem firmes no trabalho de análise chegariam à primeira edição de O Livro dos Espíritos, editada três anos antes, pois foi publicada em 1857 e é o livro que contém claramente a Doutrina dos Espíritos. Se isso tivesse ocorrido macumba, umbanda, candomblé, que merecem todo o nosso respeito, mas são outras coisas, não se confundiriam jamais com espiritismo. Não haveria tanta confusão e os espíritas talvez não se desentendessem tanto.

Nossa sugestão é que tudo deva ser conduzido pela área de ensino, com muito cuidado para que a área de divulgação não se precipite, e no afã de conseguir adeptos, faça a divulgação de partes, que desfocadas do todo, ao invés de colaborar, atrapalhe. Se entendermos que educação nesse contexto significa: - Ato ou efeito de educar-se; Processo de desenvolvimento intelectual do ser humano; O conhecimento resultante desse processo; Cabelal científico e os métodos adotados na obtenção do resultado; percebemos que só a partir dela pode se manter uma identidade espírita.

Concluiremos ainda que o ensino espírita deve ser muito bem estruturado, caso contrário suas partes se desintegram, por isso o cuidado na divulgação. Como o estudo não foi desenvolvido a partir da base que sustenta o espiritismo os "Pilares": o filosófico, o científico e, o religioso, segue os mesmos princípios das religiões que deturpam a Bíblia como um todo e o Evangelho para, com seus conceitos místicos, sustentarem as instituições políticas-econômicas que se tornaram. Como seria possível esperar que ocorresse o milagre do estabelecimento de uma identidade para o espiritismo? É importante, portanto, lembrarmos, novamente, que identidade significa o conjunto de características que dão a diferença entre duas ou mais coisas.

Se os espíritas repetem o que os outros ensinam com pouquíssimas diferenças, escondem seu desconhecimento, dando prioridade ao aspecto moral, independente do conhecimento, que leva a mudança pela razão. Não podemos esperar nada de diferente, apelam para a emoção. Tudo o que Kardec não pretendia.

Mas se o estudante partir firme para a filosofia, a ciência e o estudo das religiões comparadas a partir do Hinduísmo, isto é, muito antes de Moisés. Se partir dos 156 princípios que constituem a Doutrina dos Espíritos tudo será diferente. Os princípios da Doutrina Espírita como quaisquer outros princípios são permanentes; não existem princípios mutáveis de acordo com o entendimento de cada um. Princípio é princípio ou entenda-se como postulado básico e formam-se teorias a partir deles ou destroe-se a Doutrina. Foi o desconhecimento da doutrina que impossibilitou a construção da identidade espírita. Por isso os espíritas não conseguem justificar cientificamente a existência de Deus. Tem dificuldade em justificar cientificamente o funcionamento do mediunismo. Não conseguem explicar como os fluidos têm como trajetória natural o deslocamento da energia ou da matéria conforme o caso do nível mais elevado para o inferior, e o espírito segue seu curso de forma contrária do inferior para mais elevado.

Se o espiritismo estivesse de acordo com o que se imagina que Kardec pretendia tudo seria diferente. O espiritismo estaria mais sólido. E sua identidade determinada. Tudo em função do estudo. Kardec escreveu: "mudando a ciência mude-se o espiritismo" ele não temia a mudança da filosofia muito provavelmente temia os

desinformados que sem saber doutrina e ciência não difundiriam com exatidão o espiritismo, que era a parte que competia aos seus seguidores.

A nosso ver a idéia do tema para discussão no congresso não foi só interessante, mas muito importante para tomada de consciência dos espíritas que militam na área de ensino. O espiritismo ou marca sua identidade ou... desaparece em termos de representatividade, ao longo do tempo.

Contribuição espírita aos presidiários

Arnaldo Victor Carneiro

“Padres, Médiuns, Pastores, Pais e Mães de Santo e até adoradores de Satanás freqüentam presídios para converter às palavras do Senhor às ovelhas desgarradas. A Crença na ajuda divina é para muitos presos a derradeira esperança de Conforto Espiritual, única forma de ajudá-los a estabelecer alguma ordem no caos de suas vidas”.

A pregação dos pastores protestantes, que oferecem o caminho do céu pelo conhecimento da bíblia e de uma divisão clara entre o bem e o mal obtém mais sucesso que os padres Católicos.”(Estação Carandiru – Drauzio Varella)”.

O lugar comum dos trabalhos realizados nos presídios é a discussão da bíblia e do evangelho de acordo com uma visão mística e dogmática, inclusive os Espíritas que levam somente a visão religiosa, reforçando assim o sobrenatural e a idéia de que o cidadão deve orar, pedir ajuda e esperar pela recompensa, se for ouvido (Merecimento). Isso pouco contribui para o desenvolvimento das faculdades do Espírito principalmente discernimento, consciência, razão e inteligência. O espírito é a sua mente, suas decisões e ações estão embasadas no conteúdo das suas faculdades e o objetivo principal da encarnação é o desenvolvimento destas faculdades.

Por outro lado a falta de trabalho regular e edificante deixa o presidiário no ócio estimulando as discussões sobre amenidades do mundo do crime, aprimorando algumas técnicas de trabalho e disseminando novas idéias num verdadeiro intercambio cultural para o mal. Que conteúdo, valores, estará ele acrescentando a sua mente? Isto tornará sua mente mais adequada para no exercício do livre arbítrio e cumprir o que Jesus proclamou “amai ao próximo como a ti mesmo e a Deus sobre todas as coisas”?

Discutiremos o caminho da laborterapia, da educação funcional e educação espírita no seu triplice aspecto (Filosofia, Ciência e Religião) como contribuição principal para o estabelecimento de uma nova ordem mental e de conduta para estes presidiários, dando lhes condições para o desenvolvimento e melhor utilização da faculdade discernimento na formulação de seus pensamentos.

Propormos a educação através da discussão da doutrina espírita não só no aspecto religioso, mas principalmente no filosófico, científico.

A mente, composta de faculdades especializadas em determinadas funções tal qual os órgãos do corpo físico denso acrescenta constantemente a ela, a partir da crítica para a tomada de decisões e da formulação do pensamento, matéria quintessenciada. A isto chamamos desenvolvimento. É finalidade do trabalho do orientador e educador

espírita criar condições para que o educando desenvolva estas faculdades, altere o conteúdo mental e compreenda o sentido do padrão vibratório, a influência dos espíritos em nosso dia a dia e as afinidades que geram inspirações e obsessões.

Como deve atuar um Centro Espírita para ajudar a solucionar o problema da violência?

Sônia Maria R. S. de Oliveira

Atualmente convivemos com a violência e o medo a toda hora. Sabemos de fatos distantes e até próximos a nós e nos perguntamos: o que fazer? Qual o caminho para que a violência diminua e até desapareça do mundo?

Ora, a violência é falta de respeito ao próximo, é falta de educação.

O que faz a sociedade e as pessoas para se defenderem da violência gerada em nosso meio?

Toda ação requer uma reação e então a sociedade crê que se cercando de um policiamento ostensivo, de prisões com penas longas para os infratores, de cadeias com segurança máxima, etc estará diminuindo a possibilidade de ser atacada e poderá viver com maior segurança. As pessoas, por sua vez, armam-se cada vez mais, usando trancas e grades em casa, sistema de alarme, carro blindado para se protegerem. Mudaram seus hábitos, não saindo mais à noite, com medo da violência que nos ronda, principalmente nas grandes capitais. Mas, é a própria sociedade, através da mídia, dos brinquedos, dos filmes, da televisão que fomenta a violência.

Não se prega o Bem. Não se mostra a benevolência. Não se exorta a humildade e as virtudes. Aquele que sai sempre vitorioso é o que humilha, o que mata, o que não escolhe os meios para atingir seu objetivo.

Muitas propostas e esforços até são feitos pelos governos e organizações assistenciais. O lema deles é que se conseguirem dar educação (escola para todos) lazer (tirando o menor das ruas e proporcionando atividades recreativas, jogos de futebol, vôlei, pintura, dança, etc) mantendo-os ocupados, irão resolver o problema da violência.

Todas essas propostas são materiais que não irão modificar as pessoas por dentro, no seu íntimo. São paliativos.

Quando nos deparamos com problemas relativos à pessoa humana, não podemos nos ater somente às interferências externas, mas sim, muito, mas muito mais com as dificuldades internas de cada um.

E quanto aos espíritos? Eles, também, vivem no meio da violência. Não podem se isolar e nem são imunizados contra ela. Vivem o mesmos dramas dos não espíritos. Envolvem-se, passando, por exemplo, a comentar um caso violento que souberam, não somente uma vez, mas várias vezes, criando um clima sempre tenso em torno de si, com péssimas vibrações.

Se realmente os espíritas entendessem o Evangelho deixado por Cristo, não aquele Evangelho "água com açúcar", mas procurassem viver um pouco dos ensinamentos de Jesus, como:

"Não vos preocupeis com o dia de amanhã, ao dia de hoje bastam os problemas de hoje..."

"Olhai os lírios do campo... vede os pássaros..."

"Buscai o reino de Deus e tudo vos será acrescentado"

"Amai ao próximo como a ti mesmo"

Se realmente as pessoas entendessem o Evangelho, com o verdadeiro significado das mensagens e não como uma estorinha para crianças, ninguém iria fazer mal a seu próximo.

Evangelho é Estudo.

Por exemplo, só a palavra "amor" o que é? "É um sentimento profundo, ditado pelas leis da natureza, promovido pela atuação da faculdade sensibilidade".

Quem aprende a amar, ama primeiro a si mesmo, para depois dedicar afeição a alguém. Esse amor quer ver o outro crescer, ser feliz, mesmo que para isso o outro venha a sofrer. Amar é não esperar nada em troca. O amor é incondicional. Dá-se ao outro, e só se dá o que se tem. Ninguém dá o que não tem. Se digo que o Evangelho é estudo, é porque o Espiritismo que se baseia no Evangelho deveria explicar mais os ensinamentos de Jesus, apoiando-se na Filosofia e na Ciência. Dessa forma o estudo seria mais estruturado, mais profundo, mais lógico, racional e penetraria no âmago das pessoas; pois só assim haveria mudança.

Tudo que se vê, ouve, que se estuda superficialmente não toca nossa alma e conseqüentemente não implicará em mudança de comportamento. A mudança ocorre de dentro para fora e não ao contrário.

O Espiritismo não prega mudança de comportamento?

Então, nós espíritas, entendamos que se precisa haver mudança, é necessário que se comece essa mudança por nós mesmos. Nas pequenas coisas do dia-a-dia, não tenha inveja, fique satisfeito com o sucesso dos outros; amanhã será você que estará bem e alguém irá compartilhar da sua alegria, do seu sucesso. Não tenha raiva. No trânsito, por exemplo, levou uma fechada de algum motorista desestruturado emocionalmente, deixe-o passar, talvez ele esteja com alguém doente e tenha pressa, foi despedido do emprego e está desesperado ou somente esteja indo ver o filho que o está esperando na rua. Não julgue. Seja sempre alegre e sorridente. O sorriso contagia e faz bem aos músculos da face. Não fale mal das pessoas. Não leve para frente o que você soube a respeito de alguém, que irá desaboná-lo ou inferiorizá-lo. Essa pessoa muitas vezes é digna de pena, não teve esclarecimentos necessários durante sua estada aqui na terra.

Esses pensamentos negativos quaisquer que sejam (por exemplo: o dólar não pára de subir, não sei o que poderá acontecer; os políticos são sempre e todos corruptos, nunca isso vai melhorar), criam um campo vibratório ruim, onde essa pessoa com essa vibração, só poderá sintonizar espíritos desencarnados nessa mesma faixa vibratória, quer dizer, espíritos inferiores. Esses espíritos inferiores atrairão para seu campo vibratório negativo, espíritos encarnados também inferiores, com maus instintos, com maus pensamentos.

O espírita e não espírita invejoso, maledicente, impaciente, raivoso só irá atrair para perto de si, espíritos desencarnados e também os encarnados que estiverem em sintonia com seus pensamentos.

Será que o ladrão, o seqüestrador quando tiver que escolher sua presa, não será atraído para um indivíduo que esteja na mesma sintonia dele? Seus afins desencarnados o induzirão para isso.

Por isso é que quando temos conhecimento do processo, do modo que as coisas aconteceram, fica mais fácil ocorrerem às mudanças. E aí entra o papel do Centro Espírita.

O Centro Espírita tem em suas mãos, centenas de pessoas que vão em busca de consolo, orientação, diretrizes para suas vidas.

Para poder ajudar de maneira mais ampla e eficiente, os Centros deverão começar pelos seus dirigentes. Como já disse anteriormente só pode "dar" quem tem. Os dirigentes deverão instruir-se, reciclarem-se, pois agora, há cursos onde o aspecto abordado do Espiritismo não é só o religioso e sim o filosófico e científico, simultaneamente.

Quando a lógica e a razão nos são mostradas em determinado assunto, fica mais fácil o entendimento e aceitação desse assunto, que com o tempo proporcionará uma mudança de comportamento, ajudada pela faculdade força de vontade.

Os dirigentes precisam conhecer, por exemplo, a diferença entre Doutrina Espírita e Filosofia Espírita. Entender para si e transmitir, por exemplo, que os espíritos que chamamos de mentores, ou que nos dão alguma comunicação, nada mais são que espíritos de homens que estiveram aqui no planeta terra e que talvez não tenham um conhecimento muito diferente do nosso. Não é porque morreram que viraram sábios. Os que foram aqui na Terra continuarão a ser na erraticidade. Nem tudo que nos dizem é o melhor e o mais correto. Para esse julgamento é preciso ter conhecimento e discernimento. Enfim, a maneira de se sair desse Espiritismo místico, "milagreiro" será somente através do estudo sério e contínuo.

E a nossa proposição é que os Centros comecem uma reciclagem com seus dirigentes, para que esses possam passar conhecimentos mais bem estruturados, para que os frutos sejam sentidos, em mudanças de comportamento.

O mundo só será melhor quando as pessoas forem melhores. Não adianta leis, polícia, etc, nada disso irá nos proteger. A proteção, a felicidade será encontrada quando as pessoas entenderem o BEM. Quando eu souber respeitar o meu próximo, lembrando que não devo fazer a ele, o que não gostaria que me fizesse.

E é só através do estudo, do conhecimento, desenvolvendo a. minha faculdade Inteligência, que poderei melhorar a minha Moral.

Assim, a violência e o medo, algum dia, serão extirpados da face da terra. E para que isso ocorra o mais rápido possível, o Centro Espírita, por intermédio de seus dirigentes precisa pensar que a "única missão do Espírito" é desenvolver-se em inteligência e moral para se tornar imagem e semelhança de Deus. A maior caridade, pois, que se pode praticar com alguém é instruí-lo, ensiná-lo, dar-lhe oportunidade de crescer em cultura. Com isso, melhores empregos, maiores possibilidades de convívio social, maior progresso financeiro, maior autoconfiança, maior respeito ao próximo e menos violência. Daí a importância do Centro Espírita começar a valorizar a área de ensino bem mais do que atualmente faz.

União das Sociedades Espíritas: utopia, fantasia, diretrizes equivocadas ou falta de política objetiva?

Wladimir Sanchez

Considerações históricas.

Segundo as raras fontes de informações disponíveis ficamos sabendo que os primeiros exemplares da edição inicial de "O Livro dos Espíritos", publicada em Paris, França, em fevereiro de 1857, chegaram ao Brasil, entre 1870 e 1875, trazidos por estudantes baianos que cursavam a Sorbonne, em Paris e retornaram para Salvador onde residiam. Pouco tempo depois, outros estudantes, domiciliados em Recife, no Rio de Janeiro e em São Paulo, já no início do século, aumentaram esse contingente. Assim, a incursão do Espiritismo kardequiano no Brasil ocorreu na classe social mais privilegiada, tanto no ponto de vista financeiro como intelectual. Foram aqueles que dispunham de recursos financeiros suficientes para estudar numa Sorbonne, em Paris, de nível cultural acentuado para compreender os novos conceitos que rompiam com as bases culturais até então vigentes na Europa, que se tornaram os precursores do Espiritismo kardequiano, no Brasil. Evidentemente, como poucos brasileiros falavam, escreviam e liam francês, a propagação inicial do ensino do Espiritismo foi muito lenta, ficando restrita a elite social brasileira, que era fundamentalmente católica.

Os estudantes brasileiros que viviam em Paris, entre 1857 e 1869, tiveram oportunidade de freqüentar sessões que ocorriam em diversos Centros Espíritas, de participarem dos trabalhos e de desenvolverem-se como médiuns, das mais diversas modalidades. Ao retornarem ao Brasil, deram continuidade ao trabalho que desenvolviam, mas para evitar oposições familiares de tradições essencialmente religiosas e ataques fulminantes da Igreja Católica Apostólica Romana que os agrediria como herejes, anticristãos, e mandaria destruir qualquer edificação identificada como Centro Espirita, esses pioneiros classificaram o Espiritismo como religião.

A Constituição Federal Brasileira, a partir de 1920, consagra como direito fundamental a liberdade de religião, prescrevendo que o Brasil é um país laico. Significa que o Estado deve se preocupar em proporcionar aos seus cidadãos um clima de perfeita compreensão religiosa, proscrevendo a intolerância e o fanatismo. Deve existir uma divisão muito acentuada entre o Estado e a Igreja (religiões em geral), não podendo existir no país nenhuma religião oficial, devendo, porém, o Estado prestar proteção e garantia ao livre exercício de todas as religiões. Assim, face a Constituição Federal do Brasil, o Estado tem o dever de proteger o pluralismo religioso dentro do seu território, criar condições materiais para um bem exercício sem problemas dos atos religiosos das distintas religiões, vela pela pureza do princípio de igualdade religiosa, mas deve se manter a margem do ato religioso, sem incorporá-lo a sua ideologia.

Ao pensarmos em Filosofia logo verificamos que existem diversas definições procurando mostrar qual seu objetivo e campo de atuação. Vamos ficar com a idéia original, de Tales de Mileto, considerado seu fundador em essência, e que, embora modificada ligeiramente, no decorrer do tempo, nos ensina que: Filosofia é um estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente a compreensão da realidade, no sentido de apreende-la na sua totalidade, quer pela busca da realidade capaz de abranger todas as outras, o Ser quer pela definição do instrumento capaz de apreender a realidade, o pensamento, tornando-se o homem tema inevitável de

consideração. Ao longo da sua história, em razão da preeminência que cada filósofo dê a qualquer um dos inúmeros temas que caem dentro desse espectro abrangido pela definição anterior, o pensamento filosófico vem se cristalizando em sistemas, cada um deles uma nova definição da Filosofia.

Alguns tópicos merecem nossa atenção, na definição de Filosofia, mas dois deles precisam ficar bem claros na mente do leitor; a saber: 1) Filosofia é um estudo, isto é, um aprendizado que sofre processo de análise crítica fundamentada nos preceitos da lógica para dar potencialidade imediata ou futura na resolução de problemas novos; 2) um estudo que se caracteriza pela intenção de ampliar incessantemente algo que já existe. Em outras palavras, a Filosofia não cria nada, simplesmente amplia incessantemente o conhecimento humano sobre temas já existentes, ao contrário da ciência que sempre busca criar coisas novas.

Religião, que na sua verdadeira acepção, deriva do latim *religione*, é a crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, consideradas(s) como criadora(s) do Universo, e que como tal deve(m) ser adorada(s) e obedecida(s). A manifestação dessa crença se dá por meio de preceitos, regras de procedimentos, dogmas e rituais próprios que envolvem, em geral, preceitos éticos e morais. Por sua vez, a palavra crença implica numa convicção íntima, adotada com fé, independentemente de ser ou não racionada, enquanto que a palavra sobrenatural nos indica tudo aquilo que está acima da Natureza, ou seja, acima das forças ativas que estabelecem e conservam tudo o que existe no Universo. Dois tópicos também devem ser notados na definição acima: 1) religião é uma crença, ou seja, um ato de convicção íntima, adotado com fé, independentemente de ser ou não lógico, racionado; 2) a religião se assenta na existência de forças sobrenaturais, acima daquelas que regem a existência e conservação de tudo o que existe no Universo. Significa acreditar que, Deus, considerado inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas, criou dois tipos de forças: uma para ser conhecida e manuseada pelo homem, que rege tudo o que existe no Universo, inclusive o homem, chamada natural e outra, para uso exclusivo de Deus, inacessível ao homem, considerada sobrenatural.

A Doutrina Espírita, ditada a Kardec por uma plêiade de Espíritos sábios, entre 1855 e 1857, consiste de princípios que se assentam num tripé formado pela Ciência, Filosofia e Religião, não sendo, entretanto, nenhum deles, isoladamente.

O Espiritismo Brasileiro.

Como vimos, os primeiros livros de Kardec chegaram ao Brasil, a partir de 1870 – 1875, época em que se iniciou o culto dos conceitos genuinamente espíritas, primeiro veladamente em residências de famílias que pertenciam à alta sociedade baiana, pernambucana, carioca e paulista. Assim, antes do Espiritismo, já existia, bem sedimentado no Brasil o culto de diversas religiões, predominantemente do catolicismo, do protestantismo, e posteriormente de mais de uma centena delas. Desta forma, o espírita brasileiro, antes de conhecer a Doutrina dos Espíritos, já tinha uma formação religiosa bem definida, que lhe era ensinada desde a mais tenra idade, por meio das orações, das pregações, dos rituais. E, isso acontecia tanto nas altas classes sociais como na mais baixa, caracterizada pelos descendentes de escravos, libertos pela Lei Áurea, promulgada pela Princesa Isabel em 13 de maio de 1888.

Com o passar do tempo, as sessões espíritas foram saindo dos grandes casarões da nobreza brasileira e ganhando a casa humilde do povo que procurou conciliar o novo procedimento espírita da “Casa Grande” com aquele praticado na “Casa Pequena”. Desta forma, foi se criando, ao longo do tempo ritos, porque o povo estava acostumado

com os rituais, desde os mais primitivos aos mais suntuosos. O ritual é arma indispensável de convencimento de povo ignorante que se impressiona com aquilo que pode ver e perceber, como roupas especiais, cores, cheiros, colares, gestos, imagens, etc. Assim, ao longo do tempo, em muitos Centros, o Espiritismo se mesclou aos conceitos da Umbanda, das Religiões Orientais, do Catolicismo, do Protestantismo, das diferentes seitas cristãs, etc. Basta visitar Centros Espíritas, grandes e pequenos, da capital de São Paulo e do interior do Estado, para se notar, nos trabalhos desenvolvidos, fatos relacionados a:

- 1) Uso de roupas especiais, brancas ou coloridas; chamar a atenção e diferenciar hierarquias, de maneira semelhante como se observa pela História, os rituais que ocorriam no Egito, na Mesopotâmia, na Índia, na Grécia...;
- 2) Abstinência de carne, nos dias das sessões;
- 3) Desprezo pelo ensino ou pela frequência a cursos básicos doutrinários, sob a alegação de que o Guia Espiritual do Centro é um Espírito sábio, que tudo conhece, que dá as diretrizes corretas e que estas devem ser consideradas dogmáticas;
- 4) Distribuição de preces impressas que servem de proteção contra “espíritos obsessores, encostos ou espíritos do mal”;
- 5) Realização de casamentos, batizados e crismas “espíritas”;
- 6) Promessas feitas a Espíritos das falanges do bem para conseguirem favores especiais, curas de doenças, bem materiais;
- 7) Médiuns, falando com sotaques estrangeiros ou de caboclos, assumindo posições das mais diversas formas, fumando cigarro de palha, cachimbo, charuto, consumindo bebidas alcoólicas;
- 8) Oferendas materiais, colocadas em cemitérios, encruzilhadas, rios, mar, árvores, cachoeiras;
- 9) Médiuns de mãos dadas, entoando cânticos e usando defumadores;
- 10) Proibição de cruzarem as pernas ou os braços sob alegação de cortar a corrente espiritual;
- 11) Assistência obrigada a ficar na penumbra, de olhos fechados;
- 12) Obrigação de receber passes magnéticos e espirituais antes do início da sessão propriamente dita.

Deixamos de citar um outro tanto de procedimentos considerados “diretriz do guia do centro”, implantados e seguidos rigorosamente, com justificativas mais absurdas, para serem aceitas só pela fé, em decorrência do pouco tempo que dispomos para fazê-lo, neste tempo de apresentação.

No Estado de São Paulo, o Espiritismo começou a ser organizado pela Federação Espírita. Dissensões internas levaram os opositores a criarem a Sinagoga Espírita Nova Jerusalém, a União Federativa Espírita Paulista, Liga Espírita do Estado de São Paulo e posteriormente a USE, União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

A União das Sociedades Espíritas de São Paulo – USE-SP

A USE foi fundada em 05 de junho de 1947, durante a realização do I Congresso Espírita Estadual, com a concordância das quatro sociedades indicadas atrás, para unificar o movimento espírita paulista, já então, muito fragmentado, por interesses vários.

Assim, no nascedouro, a USE-SP deveria ser o resultado da União de todos os Centros Espíritas, cabendo-lhe deliberar sobre o destino do chamado “movimento

espírita". Assim é que, seu objetivo fundamental se assenta na necessidade de: 1) unir direcional e organizadamente as sociedades espíritas no Estado de São Paulo; 2) difundir o Espiritismo no seu tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso; 3) realizar trabalhos que por sua natureza não possam ser realizados isoladamente, pelas sociedades espíritas que lhe dão sustentação.

O atual Estatuto Social da USE foi aprovado pelo Conselho Deliberativo Estadual (CDE), em 12 de julho de 1992, com emendas aprovadas em Assembléia Geral, dotada de 12 de março de 1995, e especifica que, para cumprir com seus objetivos acima relacionados cabe a USE, entre outras, as atividades seguintes:

- 1) Coordenar as atividades do movimento espírita do Estado de São Paulo e representa-lo;
- 2) Promover a união das sociedades espíritas sediadas no território do Estado, propiciando-lhes a troca de experiência e oferecendo-lhes orientação e cooperação com vistas ao atendimento de seus objetivos;
- 3) Incentivar, orientar, organizar a realização de curso para o ensino metódico da doutrina, com base nas obras da codificação kardequiana;
- 4) Promover a realização de reuniões de sociedades espíritas, visando proporcionar as referidas sociedades condições para que promovam ou aprimorem, entre outras, as atividades seguintes:
 - a) de estudo e de divulgação da Doutrina Espírita no seu tríplice aspecto;
 - b) de assistência espiritual e de serviço assistencial espírita;
 - c) de atendimento fraterno a todos que procuram as sociedades espíritas para orientação e esclarecimento.
 - d) de estudo e exercício da mediunidade à luz da Doutrina Espírita;
 - e) de confraternização e de intercâmbio de informações, entre os frequentadores;
 - f) de orientação jurídico-administrativo.

Por outro lado, o artigo 7º, referente às Sociedades Unidas, especifica, que são direitos delas, entre outros, receber orientação e assessoria da USE para o desenvolvimento de suas atividades.

Levando-se em conta que os objetivos para o qual foi criada estão bem definidos e claros, pergunta-se: por que a USE, nos seus 46 anos de existência não consegue unir o movimento espírita do Estado de São Paulo?

A resposta é bem mais simples do que se pode pensar, a primeira vista. A USE-SP se constitui apenas em 10 diretores executivos que fundamentalmente trabalham nos seus Centros Espíritas de origem, associados as Distritais, Municipais e Intermunicipais, com pouco tempo disponível para exercer as funções pertinentes aos cargos que ocupam. Além dos 10 diretores executivos a USE-SP possui alguns Departamentos, como a Orientação Doutrinária, o Evangelização da Infância, o Mocidade, o Serviço Assistencial Espírita, o Educação Espírita, o Comunicação, o Orientação Administrativa e Jurídica, o Relações Públicas, o Livro Espírita, o Artes, o Finanças, a maioria deles contando efetivamente com a participação isolada do titular do cargo.

Se 1300 sociedades espíritas, da capital e do interior do Estado de São Paulo, como especifica o artigo 7º do Estatuto Social precisam receber orientação e assessoria para o desenvolvimento de todas as suas atividades, porque são direitos estatutários que entram como contrapartida para darem sustentação a USE-SP, então como fazê-lo? Apesar do esforço isolado e pessoal de alguns dirigentes como o atual Vice-Presidente, o Diretor de Patrimônio e o Terceiro Secretário, procurando por meio da Operação Quo Vadis, chegar aos centros carentes, ministrando-lhes cursos e seminários itinerantes, embora essa função não lhes corresponda estatutariamente, nada mais se consegue

fazer, para cumprir com as obrigações estatutárias de atendimento às Sociedades Unidas, relatadas nos itens 1, 2, 3 e 4, enunciados atrás.

Política de união das sociedades espíritas.

Para se compreender bem o que estamos expondo é preciso que se atente para o significado correto dos conceitos que vamos usar, a seguir:

Política significa, no nosso caso, conjunto de objetivos que sustentam determinado programa de ação de uma instituição assentado em regras claras e condicionam a sua execução.

União é a junção de todos os elementos pertencentes a conjuntos diferentes que guardam entre si relações de semelhança para torna-los harmônicos no sentido de vibrarem a uma só freqüência, ou seja, de se compatibilizarem e seguirem direção comum.

Desta forma, observa-se que o estabelecimento de uma política de união das sociedades espíritas do Estado de São Paulo diz respeito apenas a elencar um conjunto de objetivos assentados em regras claras, que depois de compatibilizados sejam aceitos de comum acordo pelas diferentes instituições que congregam o chamado movimento espírita e que se constituirão em linha comum de procedimento, tornando-o harmônico e consistente. Assim sendo, a união nada tem a ver com somar adesões de sociedades espíritas para obter quantidades, como se isso representasse poder. Não se deve esquecer nunca que quantidade e qualidade são dois conceitos distintos.

Mas, qual política seguir? Quais programas de ação instituir ou implementar, para serem compatibilizados por todas as sociedades espíritas do Estatuto de São Paulo? A resposta a esses questionamentos foi dada por Kardec e encontra-se no livro "Obras Póstumas", 6ª edição IDE, tradução de Salvador Gentile, página 335, Dos Cismas, cujos fragmentos do texto, de interesse, transcrevemos a seguir:

- 1) "Para se assegurar da unidade no futuro, uma condição indispensável, é que todas as partes do conjunto da Doutrina sejam determinadas com precisão e clareza, sem nada deixar no vago".
- 2) "Poderão, pois, se formar, ao lado da Doutrina, seitas que não lhe adotem os princípios, ou todos os princípios, mas não na Doutrina pela interpretação do texto".
- 3) "Não embarcemos a Doutrina com princípios que sejam considerados quimeras e a fariam rejeitar pelos homens positivos".
- 4) "Exclusivamente apoiada sobre as leis da Natureza, não pode mais variar do que essas leis, mas se uma nova lei é descoberta, deve a ela ligar-se; não deve fechar a porta a nenhum progresso, sob pena de se suicidar: assimilando todas as idéias reconhecidas justas, de qualquer ordem que sejam, físicas ou metafísicas, não será jamais ultrapassada, e aí está uma das principais garantias da sua perpetuidade".
- 5) "O programa da Doutrina não será, pois, invariável, senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, não os admitirá, como sempre fez, senão o título de hipóteses, até a sua confirmação. Se lhe for demonstrado que está em erro sobre um ponto, modificar-se-á nesse ponto".
- 6) "O princípio progressivo que a Doutrina insere vem em seu código; será a salvaguarda de sua perpetuidade, e a sua unidade será mantida precisamente porque ela não repousa sobre o princípio da imobilidade. A imobilidade, em lugar de ser uma força, se torna uma causa de fraqueza e de ruína, para quem não segue o movimento geral".

Observa-se do que foi transcrito acima que a **grande preocupação de Kardec** em relação à política do Espiritismo sempre foi com a **preservação da Doutrina**. Mas, é assustador tomar conhecimento que a grande maioria dos dirigentes das sociedades espíritas brasileiras não consegue ainda separar, em suas mentes, e nas posições que adotam o que é **Doutrina Espírita** e o que é **Filosofia Espírita**.

Doutrina é um conjunto de princípios que servem de base a um sistema assentado em regras, preceitos e normas. Por sua vez, **princípio** é uma proposição que se põe no início de uma dedução e que não é deduzida de nenhuma outra dentro do sistema considerado, sendo admitida, provisoriamente, como inquestionável. A Doutrina Espírita, para ser inquestionada, teve seus princípios ditados à Kardec por uma plêiade de Espíritos Sábios por meio da mediunidade de efeitos físicos, posteriormente corrigidos por ela, que só então deu autorização a ele para publicá-la em 18 de março de 1857, como primeira edição de "O Livro dos Espíritos". A Filosofia Espírita foi criada diretamente por Kardec e consiste na ampliação dos princípios doutrinários, publicados nos livros que se seguiram a primeira edição de "O Livro dos Espíritos", de 18 de março de 1857.

Os Espíritos são considerados os seres inteligentes do Universo, uma das forças da natureza, cujo único objetivo é desenvolverem-se em inteligência e moral para se tornarem semelhantes ao Criador. Inteligência é uma das faculdades que formam a mente do Espírito e que lhe permite resolver problemas novos a cada instante. E, para desenvolver a inteligência é preciso estudar, estudar, estudar...

Kardec procura transmitir a informação de que "fora da caridade não há salvação". Mas, qual a maior caridade que se pode prestar a uma individualidade que precisa se desenvolver em inteligência e moral? É o ensino. Ensinar a estudar. Esta é a única maneira de "ensinar a pescar e não dar o peixe pronto para saciar uma fome que é transitória".

Como pensar em estabelecer política de união de sociedades espíritas se o ensino da Doutrina praticamente inexistente? Quantos sabem que a Doutrina Espírita se assenta em 156 princípios considerados imutáveis? A política de união das sociedades espíritas antes de deslanchar precisa partir de um ponto comum que é a reformulação do ensino do Espiritismo. As sociedades espíritas precisam começar a compreender que o futuro do Espiritismo no Brasil depende fundamentalmente do correto ensino dele para a infância, mocidade, juventude que serão os dirigentes Espíritas do futuro, e não apenas na manutenção de creches, de asilos, de assistência aos menos dotados, que são atividades nobres, sem sombra de dúvida, mas comum a todas as religiões e sociedades de filantropia e assistência, por serem inerentes ao comportamento moral do homem (Espírito encarnado).

Basta recorrer, uma vez mais, ao livro "Obras Póstumas", para se perceber a grande preocupação de Kardec com o futuro do Espiritismo, no texto que transcrevemos da página 330 com grifos nossos: - "Um curso regular de Espiritismo seria professado com o objetivo de desenvolver os princípios da ciência e de propagar o gosto pelos estudos sérios. Esse curso teria a vantagem de fundar a unidade de princípios, de fazer adeptos esclarecidos capazes de difundir as idéias espíritas, e desenvolver um grande número de médiuns. Eu olho esse curso como podendo exercer uma influencia capital sobre o futuro do Espiritismo, e sobre suas conseqüências".

E, para concluir, transcrevemos ainda o pensamento do mestre Kardec, que consta da página 350, saber:

"A Doutrina tem princípios que, em razão do fato de estarem fundados sobre o código da Natureza, e não sobre abstrações metafísicas, tendem a se tornar, e serão certamente um dia, os da universalidade dos homens; todos o aceitarão, porque serão

verdades palpáveis e demonstradas, como aceitaram a teoria do movimento da Terra; mas pretender que o Espiritismo será, por toda a parte organizado da mesma maneira; que os espíritos do mundo inteiro se sujeitarão a um regime uniforme, a um mesmo modo de proceder; que deverão esperar a luz de um ponto físico para o qual deverão fixar os seus olhares, seria uma utopia tão absurda quanto pretender que todos os povos da Terra não formarão um dia senão uma única nação, governada por um único chefe, regida pelo mesmo código de leis, e sujeita aos mesmos usos. Se há leis gerais que podem ser comuns a todos os povos, essas leis serão sempre, nos detalhes da aplicação e da forma, apropriadas aos costumes, aos caracteres de cada um”.

XII Congresso em números

Marcaram presença no XII Congresso Estadual de Espiritismo 563 participantes, sendo 409 entre congressistas incluindo expositores e convidados, e 154, voluntários e Comissão Organizadora.

Além do Estado de São Paulo, representado por 59 cidades, outros nove estados estiveram também representados: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Bahia, Amazonas, Paraíba e Goiás.

Registramos ainda a presença de quatro companheiros da cidade de Asunción, capital do Paraguai.

Cidades participantes: Adamantina, Americana, Araçatuba, Araras, Assis, Asunción (Paraguai) Arraial do Cabo, Avaré, Barra Mansa (RJ) Birigui, Belo Horizonte (MG) Bebedouro, Brasília (DF) Campinas (78 participantes) Campos de Goitacazes (RJ) Cosmópolis, Curitiba (PR) Franca, Goiânia (GO) Guarulhos, Guará, Indaiatuba, Itanhaém, Itapira, Itu, Ituverava, Jarinu, Jundiá, Leme, Limeira, Lins, Mesquita (RJ) Mogi Guaçu, Nova Iguaçu (RJ) Osasco, Osvaldo Cruz, Ourinhos, Parapuã, Paulínia, Pedreira, Piracicaba, Pitangueiras, Porto Alegre (RGS) Pouso Alegre (MG) Praia Grande, Resende (RJ) Ribeirão Preto (49 congressistas) Rincão, Rio Claro, Rio de Janeiro, Salto de Pirapora, Salvador (BA) Santa Bárbara D'Oeste, Santo André, Santos, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, São Carlos, São Gonçalo do Sapucaí (MG) São Joaquim da Barra, São Miguel Arcanjo, São José dos Campos, São José do Rio Preto, São Paulo (74 congressistas) Sorocaba, Sumaré, Taboão da Serra, Tupã, Uberaba (MG) e Valinhos.

Agradecimentos

A Comissão Organizadora do XII Congresso Estadual de Espiritismo agradece a todos que direta ou indiretamente, colaboraram para a realização e o brilhantismo do Congresso. Editora EME de Capivari, que ofereceu obras a preços promocionais para ajudar na captação de recursos para o evento e imprimiu o programa do Congresso. Carlos Baccelli de Uberaba, cedeu à USE São Paulo, a primeira edição de seu livro No mundo da mediunidade, cuja venda reverteu para as despesas do conclave. Distribuidora Candeia da Catanduva que patrocinou cinco outdoors expostos em Campinas e também doou as pastas aos congressistas.

Contamos ainda com a colaboração de MP Construções e Empreendimentos Ltda, Instituto de Pesquisa e Ensino da Cultura Espírita (IPECE)

Agradecemos também a imprensa espírita que fez toda cobertura desse XII Congresso Estadual de Espiritismo: Rede Boa Nova de Rádio, Rádio Brasil de Santa Bárbara d'Oeste, jornais Alavanca, O Arauto, Verdade e Luz, O Clarim, Dirigente Espírita, O Semeador, Jornal Espírita e Novos Horizontes, que foi o informativo do XII Congresso Estadual de Espiritismo, organizado pela sua Assessoria de Imprensa, sob a coordenação de Rubens Toledo e Aparecido Orlando com circulação diária sobre fatos, notícias e informações aos congressistas, TV Fênix e Lucas Yassumura, mestre de cerimônias.

Até Guarulhos

Guarulhos será sede do XIII Congresso Estadual de Espiritismo.

Ao final da manhã do domingo, dia 20 de abril de 2003, o Conselho Deliberativo Estadual (CDE) reunido recebeu e aprovou a indicação de Guarulhos como sede do XIII Congresso Estadual de Espiritismo, com realização prevista para 2006. As datas não foram decididas já que este assunto deverá fazer parte das deliberações da Comissão Organizadora a ser ainda formada.

Guarulhos fica na Grande São Paulo, distante vinte e cinco quilômetros da Praça da Sé, marco zero da capital paulista. É provida de excelente malha rodoviária, com as rodovias Presidente Dutra, Fernão Dias e Ayrton Senna, além de contar com o Aeroporto Internacional de São Paulo.

Mais de cinquenta centros espíritas estão ligados à USE Intermunicipal de Guarulhos, objetivando a unificação do movimento espírita local, e que tem seu vínculo com a USE Regional São Paulo, a qual foi a formalizadora da indicação para o próximo Congresso, nas pessoas de Raimundo Nonato Porto e Suzete Amorim, 1º e 2º vice-presidentes, respectivamente.

Guarulhos, também é a casa da Rede Boa Nova de Rádio, da Fundação Espírita André Luiz, que divulga a Doutrina Espírita pela Rádio Boa Nova, 1450 AM na Grande São Paulo e 1080 AM na região de Sorocaba, além do satélite analógico, de alcance nacional e da Internet, acompanhada em todo o mundo.

Na reunião do Conselho Deliberativo Estadual (CDE) realizada em 13 de junho de 2004, na sede da USE São Paulo, à rua Dr Gabriel Piza, 433, Santana, Guarulhos apresentou uma proposta para alterar a data do XIII Congresso Estadual de Espiritismo, transferindo-o para 2007. Após avaliação de vários aspectos e manifestações de diversos membros do CDE, a proposta foi aprovada ficando, portanto definida sua realização no ano de 2007.

Considerações finais

Apesar da complexidade de se registrar os anais de um congresso, esse XII Congresso Estadual de Espiritismo, realizado em Campinas no período de 17 a 20 de abril de 2003 deveria estar terminado por volta de setembro do mesmo ano.

Porém, vários empecilhos aconteceram que dificultaram o prazo a princípio planejado. A maior parte dos textos dos expositores estava gravada em disquetes no computador da USE Campinas, que foi invadido por um vírus, uma semana antes do início do congresso. Todo o material foi perdido.

Quando recebemos as pastas de cada módulo, verificamos que não tínhamos material para trabalhar ou redigir. Em vista do sucedido, começamos a contatar os expositores via e-mail, correio ou telefone, explicando o problema e pedindo por gentileza, que enviassem os textos novamente. Como sabemos, todos nós temos agenda lotada, compromissos, pouco tempo, e esse material demorou a chegar até nós.

Como teríamos que seguir a seqüência do programa, só poderíamos começar o trabalho, quando todos os módulos estivessem completos. E isso só se tornou possível em meados de abril de 2004.

Apesar de toda a nossa insistência não conseguimos recuperar alguns sub temas.

1) A organização do Movimento Espírita no Brasil e no mundo; uma visão abrangente, por Nestor João Massotti. 2) A questão da ética nas comunicações e A divulgação da Doutrina Espírita através do Rádio e da TV por Luís Signates. 3) O jornal na divulgação espírita: linhas editoriais em questão por Ivan René Franzolim. 4) A questão atual do novo pensamento da Ação Social (O Terceiro Setor) por Adilson J. J. Pereira. 5) Educação: novos paradigmas educacionais por Cristina Mattioli e Marcos Kairala.

Mas, se esses expositores desejarem, estaremos à disposição para receber os textos digitados ou em disquete, e poderemos fazer um apêndice.

Outro esclarecimento que achamos por bem registrar refere-se às bibliografias citadas nos textos. Grande parte delas vieram incompletas. Quanto aos livros espíritas, usamos para completar os dados, os que temos em nossa biblioteca ou recorremos às bibliotecas dos Centros Espíritas de Piracicaba. Livros não espíritas contatamos editoras e bibliotecas universitárias. Alguns títulos encontramos, alguns não. Razão pela qual eles foram registrados constando apenas o autor e o título. Adotamos para as bibliografias as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Coordenação e digitação – Zildéa Aldrovandi Marques
e-mail zildea@ig.com.br

Revisão – Eduardo Carvalho Monteiro
e-mail edumonteiro@nw.com.br

Assessoria de informática – Paulo Estêvão de Paula
e-mail scriptor@merconet.com.br